

plural

revista de ciências sociais

USP

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM SOCIOLOGIA

v.23 n° 2 | ISSN 2176-8099 | segundo semestre de 2016

revistas.usp.br/plural



plural

REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM SOCIOLOGIA DA USP

23

Departamento de Sociologia
Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

Plural

Revista de Ciências Sociais

Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Marco Antonio Zago

Vice-Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Diretor: Profª.Dra.Maria Arminda do Nascimento Arruda

Vice-Diretor: Prof. Dr. Paulo Martins

Departamento de Sociologia

Chefe: Prof. Dr. Ruy Gomes Braga Neto

Coordenador do Programa de Pós-Graduação: Prof. Dr. Marcos César Alvarez

Equipe Editorial - Revista Plural v. 23, n. 11

Comissão Editorial

Alvaro A. Comin, Fernando Antônio Pinheiro, Ricardo Mariano (editor responsável)

Comissão Executiva

Anouch Neves de Oliveira Kurkdjian, César de Lima Niemietz, Eduardo Gutierrez Cornelius, Ivo Paulino Soares, Natália Bittencourt Otto, Pedro Paulo Martins Serra, Rodrigo Correia do Amaral, Romulo Lelis Lima, Ugo Urbano Casares Rivetti

Conselho Científico

Aldo Duran Gil, Ana Paula Cavalcanti Simioni, Andrea Braga Moruzzi, Anete Brito Leal Ivo, Angélica De Sena, Daisy Moreira Cunha, Dominique Vidal, Edson Silva de Farias, Evelina Dagnino, Flavio Wiik, Heloísa André Pontes, Iram Jácome Rodrigues, Jordão Horta Nunes, Marcelo Kunrath Silva, Marcelo Ridenti, Maria José Rezende, Maria Lívia de Tommasi, Martha Celia Ramírez-Gálvez, Mirlei Fachini Vicente Pereira, Myriam Raquel Mitjavila, Roberto Vecchi, Sergio Costa, Simone Meucci

Equipe Técnica

Diagramação: Diagrama Editorial

Revisão de texto: Comissão Executiva da *Plural*

Capa: Enoá, "Sem título" (2013)

Trabalhos e contato: www.cargocollective.com/enoa

Financiamento: CAPES

Os conceitos e ideias emitidos nos textos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores, não implicando obrigatoriamente a concordância nem da Equipe Editorial nem do Conselho Científico

Endereço para correspondência: Depto. de Sociologia - FFLCH/USP Av. Prof. Luciano Gualberto, 315, CEP. 05508-900 - São Paulo - SP - Brasil

E-mail: plural@usp.br

Site: <http://www.revistas.usp.br/plural>

Facebook: www.facebook.com/pages/Revista-Plural/293342497360416

Publicação eletrônica semestral referente ao 2º semestre de 2016. Plural. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, vol. 23, n. 11, 2016 (publicado em dezembro de 2016)

ISSN: 2176-8099

1. Sociologia 2. Ciências Sociais

SUMÁRIO



Dossiê **“Mobilidades Turísticas”**

O turismo num mundo de mobilidades 5
Bianca Freire-Medeiros e Patricia de Santana Pinho

Os primórdios do turismo em Macau e Cantão no século XIX:
Do território de fronteira ao lugar urbano 17
Frédéric Vidal

“*Gringo panic*”: estrangeiros predadores, eventos esportivos globais e
prostituição no Rio de Janeiro. 33
Gregory Mitchell
Tradução de Tiago de Aquino Tamborino

Turismo em favelas: notas etnográficas sobre um debate em curso 65
Camila Moraes

Em busca das mobilidades turísticas 94
Thiago Allis

Entrevista

Teorizações indisciplinadas: (i)mobilidade como metáfora, conceito e método. . . . 118
Entrevista com Mimi Sheller
Realizada por Patricia de Santana Pinho e Bianca Freire-Medeiros
Traduzida por Natália Otto e Eduardo Gutierrez

Resenha

Uma resenha de *Mobilidades da elite* 126
João Freitas

Resenha

- Black Spectral Lives Matter 134
Tori Omega Arthur

Tradução

- In Memoriam: John Urry (1946-2016)* 138
Bianca Freire-Medeiros
- Globalizando o olhar do turista 142
John Urry
Tradução de Natália Otto

Resenha

- Caminhos para a pesquisa sociológica 156
Ana Carolina Trevisan Camilo Ferreira, Allan Herison Ferreira, Roberta de Oliveira Soares

Artigos

- A Megaigreja Hillsong no Brasil: a constituição de um
campo religioso transnacional entre o Brasil e a Austrália 162
Cristina Rocha
- Confiança e complexidade social em Niklas Luhmann 182
Rodrigo Mota

Lista de pareceristas *ad hoc*

- Lista de pareceristas *ad hoc* do volume 23 198

O turismo num mundo de mobilidades

Tourism in a world of mobilities

Bianca Freire-Medeiros e Patricia de Santana Pinho

Das aventuras dos turistas sexuais, culturais e “de massa” às desventuras dos refugiados e trabalhadores migrantes, nosso planeta é palco de um número crescente de deslocamentos humanos. Motivadas por guerras e conflitos, mais de 60 milhões de pessoas cruzaram largas distâncias em 2015, o que representa um aumento de quase 10% em relação a 2014¹. Paralelamente, as mobilidades turísticas alcançam um crescimento inédito e configuram em média 12,5% do PIB das nações, variando de 2,2% para Angola a 61,1% para as Maldivas². Se os números não qualificam a experiência dos deslocamentos, eles nos ajudam a pensar quão globalizados são os seus impactos e no quanto essas formas avessas de mobilidades de corpos produzem consequências umas para as outras, bem como para as mobilidades de mercadorias, imagens, objetos, conceitos e discursos³.

Embora as motivações, assim como as condições de segurança e conforto desses deslocamentos, possam ser radicalmente distintas, as viagens das pessoas e das coisas, das imagens e das ideias estão sempre, de maneira direta ou indireta, interligadas em sistemas cada vez mais complexos e interdependentes. Cruzando verticalmente esses sistemas estão as novas tecnologias de comunicação e transporte⁴, que alteram não apenas as concepções de proximidade e distância, mas também reconfiguram os arranjos afetivos e familiares enquanto provocam interessantes alterações nas relações entre os espaços doméstico e público⁵. Os movimentos voluntários, isto é, não mandatórios, configuram-se como objeto de desejo e como característica do sujeito cosmopolita, confirmando, portanto, o status de direito do cidadão. Os movimentos involuntários, por sua vez, atuam no sentido contrário, já que resultam da precarização da cidadania, criando sujeitos

1 Ver o relatório anual *Global Trends* (<http://www.unhcr.org/576408cd7>), cujas estatísticas são produzidas a partir de dados dos governos, do próprio ACNUR (agência da ONU para refugiados) e de seus parceiros.

2 Dados da Organização Mundial de Turismo, citados em: (Aramberri, 2009, p. 367-376).

3 Os artigos e resenhas reunidos neste dossiê oferecem, em conjunto, uma vasta bibliografia sobre o tema das mobilidades em suas várias acepções e formas. As organizadoras optaram por indicar, nestas notas introdutórias, apenas referências que complementam o que aqui se encontra disponibilizado pelos autores.

4 Para uma apreciação dos impactos e usos das tecnologias de comunicação na América Latina, ver a coletânea publicada recentemente por Araya e Vera (2016).

5 Ver, entre outros: Wiley, S.; Sutko, M.; Moreno Becerra, T. (2010); Madianou e Miller (2012).

que navegam, quando não tragicamente naufragam, em busca de um estado que os proteja.

Se, por um lado, os temas da migração e dos exílios há muito habitam as agendas dos sociólogos brasileiros⁶, por outro, chega a ser constrangedor o silêncio em relação ao tema das mobilidades turísticas. Ao leitor interessado em verificar a pertinência dessa afirmativa, uma busca na plataforma Scielo, em sua versão em português, não permitirá dúvida: os periódicos sob as rubricas “Humanidades” e “Ciências Sociais”, salvo raríssimas exceções, têm sistematicamente ignorado o fenômeno do turismo. O presente dossiê, a contrapelo, reúne e disponibiliza reflexões que lidam com os desafios empírico-conceituais das mobilidades e imobilidades a partir dos trânsitos turísticos, dedicando-lhes a atenção epistemológica necessária.

Distanciando-nos de fórmulas prontas de investigação, buscamos disseminar alguns conhecimentos teóricos e protocolos metodológicos que poderão ser de utilidade para pesquisadores e estudiosos do vasto campo das Ciências Sociais sobre várias modalidades turísticas. Afinal, como bem sabemos, há um número cada vez maior de “maneiras” de se fazer turismo, o que tem gerado uma propagação de qualificativos no mercado e nas análises das viagens contemporâneas. Neste dossiê, o leitor encontrará em foco alguns destes subtipos, desde os turismos cultural (Vidal) e sexual⁷ (Mitchell), passando pelos “favela tours⁸” – com seu contraponto, o “turismo de base comunitária” – (Moraes), pelas mobilidades das elites (Freitas) e pelo “turismo sombrio” (Arthur)⁹, chegando à indagação sobre a própria pertinência de falarmos em “pós-turismo” (Allis) num mundo atravessado por mobilidades tão interconectadas. A despeito dessa pluralidade de referentes empíricos, o interesse pela dimensão urbana do fenômeno turístico, i.e. pela maneira como as cidades e seus espaços definem práticas específicas de

6 A coletânea organizada por Angelina Peralva e Vera da Silva Telles (2015) é exemplo recente – e muito bem realizado, vale dizer – do que os cientistas sociais brasileiros vêm produzindo sobre o tema das economias migratórias.

7 O artigo de Mitchell traz inúmeras referências recentes que analisam o turismo sexual no Brasil. A essa lista, as organizadoras acrescentam o livro de Williams (2013) e sugerem, para os interessados no tema analisado a partir de outros lugares da América Latina e Caribe, os trabalhos de Kempadoo (2004) e Cabezas (2009).

8 Para um balanço da literatura sobre o turismo em favela, ver: Freire-Medeiros e Moraes (2015).

9 O chamado *dark tourism* tem muitas vertentes, mas define-se de um modo geral como turismo em lugares marcados por histórias de morte, terror e tragédia. A rubrica inclui, portanto, desde a visita ao local onde tenha morrido ou esteja enterrada determinada celebridade, até tours organizados a locais de trauma coletivo e genocídio, como os campos de concentração na Alemanha e Polônia ou os porões de castelos que pontuam o litoral de Ghana, onde africanos escravizados ficavam aprisionados até o momento de embarque para as Américas. Sobre o turismo sombrio, ver: Lennon e Foley (2000) e White & Frew (2013). Já para uma análise sobre o turismo em locais marcados por guerras e revoluções na América Latina, ver: Baab (2010).

turismo ao mesmo tempo em que são por elas reconfigurados¹⁰, imprime unidade ao conjunto dos textos – artigos, resenhas e entrevista – que compõem o dossiê.

A compreensão das (i) mobilidades turísticas em seu caráter sistêmico, multidimensional e globalizado depende do trânsito de ideias entre sociólogos, antropólogos, economistas, geógrafos e outros tantos que estejam dispostos a pensar o turismo como fenômeno social. Ademais, como argumenta Mimi Sheller, em entrevista feita com exclusividade para os leitores de Revista Plural, “as coisas mais interessantes estão acontecendo nas ‘fronteiras’ das disciplinas, onde elas se encontram com questões que se expandem em novas formas de pesquisa, oriundas de outros lugares”. Apesar de recorrentemente vinculada a departamentos de Sociologia ao longo de sua carreira, Sheller sempre frequentou essas “zonas de contato” de onde emergem possibilidades inéditas de teorização. Este é por certo o caso do Paradigma das Novas Mobilidades (PNM), cujos primeiros contornos ela definiu em companhia de John Urry (Cf. SHELLER & URRY 2002). Fundador do *Centre for Mobilities Research* da Universidade de Lancaster, Urry marca presença neste dossiê não apenas como referência bibliográfica da maior parte dos artigos, mas em outra dupla condição: como autor do breve, porém brilhante, ensaio “Globalizando o Olhar do Turista”, traduzido por Natália Otto e pela primeira vez disponível em português nesta edição de Plural; e como inspiração de um pequeno texto de homenagem póstuma que faz coro às centenas de notas publicadas em diferentes esquinas do mundo acadêmico desde seu falecimento em março deste ano.

Ainda que seja considerado o maior nome do que se poderia chamar de Sociologia do Turismo, a grandeza da contribuição de Urry se recusa a ser contida por esquadrias disciplinares. Se não fosse a incorporação criticamente seletiva, porém nada preconceituosa, que fazia de formulações conceituais as mais diversas, inclusive aquelas das ciências duras, dificilmente Urry teria chegado a formular o argumento da obsolescência da própria ideia de “sociedade”. Tal argumento, inspirado em grande medida na teoria dos sistemas complexos, encontra sua formulação inaugural em *Sociology Beyond Societies: Mobilities for the Twenty-first Century* (2000), obra de título provocativo que reorienta a bússola da investigação sociológica em direção ao “mobilities turn”. Esse novo norte nos afasta de uma concepção sedentária de sociedade e nos leva ao encontro de sistemas simultaneamente

10 Levantamento recentemente realizado na base bibliográfica do UrbanData-Brasil: Banco de dados sobre o Brasil Urbano permite afirmar que tem sido crescente o interesse de pesquisadores de várias áreas do conhecimento sobre o turismo que se dá no contexto urbano brasileiro. Para uma apreciação crítica dessa literatura, ver: Zerbinatti e Michelino (2016).

econômicos, físicos, tecnológicos, políticos, culturais e sociais cujas propriedades emergentes estão cada vez mais conectadas.

Se interconexão e interdependência são elementos centrais no PNM, faz todo sentido o que nos dizem Urry e Sheller: não é possível estudar exclusivamente o turismo, ou as migrações forçadas, ou qualquer forma de mobilidade sem procurarmos entender de que maneiras estas se interconectam com outras formas de mobilidade, seja de pessoas, de coisas ou de ideias. Nesse sentido, a noção de mobilidade proposta pelos autores identificados com o PNM, como discutido em detalhes no artigo de Thiago Allis, engloba as ideias de mudança de status socioeconômico, fluxo, circulação, migração, acessibilidade e transporte, sem com elas se confundir. Dessa definição inclusiva deriva o entendimento prático de que é necessário analisar como as diversas formas de mobilidade — inclusive a que diz respeito aos trânsitos das variadas formas de conhecimento e suas fronteiras — são impactadas e impactam a realidade mais ampla.

Atentas à questão da geopolítica do conhecimento, isto é, à centralidade do lugar para a produção, circulação e validação das ideias, convidamos contribuições de autores nacionais e estrangeiros que ocupam uma gama variada de identidades sociais e, portanto, posições distintas de enunciação. A começar pelas próprias organizadoras: pesquisadoras brasileiras cujos olhares têm se construído a partir de mobilidades geográficas e trânsitos por áreas do conhecimento. Os autores aqui reunidos, por sua vez, encontram-se em momentos distintos de suas trajetórias acadêmicas e estão afiliados a diferentes campos disciplinares (ver nota ao final desta apresentação). Apesar dessa diversidade, todos compartilham da preocupação em utilizar teorias “estrangeiras” e/ou paradigmas estabelecidos de forma crítica e seletiva. Até que ponto, ou a que preço, pode o PNM, por exemplo, viajar para além do Rico Norte? O artigo de Allis nos mostra que alguns argumentos centrais desse paradigma, como a ocorrência da “de-diferenciação” crescente entre o turismo e o universo mais amplo de mobilidades cotidianas, se aplicam bem aos contextos específicos das grandes cidades brasileiras. Moraes faz uso de conceitos caros ao PNM, como o de “olhar do turista” e da noção de que os lugares são “consumidos”, colocando-os sob o teste empírico do turismo em favelas cariocas. A resenha de João Freitas, por sua vez, não nos deixa esquecer que o PNM nos será tão útil quanto crítica for a apropriação que dele fizermos. De maneira geral, é possível dizer, portanto, que os artigos aqui contidos mostram que não cabe uma “importação” indiscriminada de teorias, mas sim uma seleção crítica daquilo que se mostra proveitoso para as análises que pretendemos realizar, quer estejamos falando de metrópoles brasileiras (como o fazem Allis, Mitchell e

Moraes), de cidades históricas do Sul dos Estados Unidos (foco do livro de Tiya Miles resenhado por Tori Arthur para este dossiê) ou das capitais de colônias do Império Português, para as quais se volta o interesse de Vidal.

Como já mencionado, os autores variam também quanto às suas áreas de formação, já que temos aqui pesquisadores oriundos da sociologia, da história, do turismo e dos chamados “estudos de área”, tais como os estudos latino-americanos e caribenhos que, apesar de originalmente instituídos nos Estados Unidos para auxiliar políticas intervencionistas, transformaram-se, em grande medida, em áreas de conhecimento que priorizam questões de interesse para essas próprias regiões e para seus povos. A interdisciplinaridade desse dossiê não se resume, contudo, à formação acadêmica variada dos nossos autores, estando presente, também, no interior das próprias análises. Dentre outras razões, isso se deve ao que já assinalamos, mas que vale sublinhar: o turismo, bem como as mobilidades em geral, por se tratarem de fenômenos amplos e interconectados, demandam análises que se valem das contribuições de variados campos do saber.

À interdisciplinaridade nas escolhas teóricas das análises aqui incluídas soma-se a multiplicidade das escolhas metodológicas e das fontes de pesquisa. Analisando uma gama de documentos históricos, incluindo guias turísticos, notícias de jornais e narrativas de viajantes, Frédéric Vidal examina os processos pelos quais se constroem *práticas turísticas* e se transformam cidades em *lugares turísticos*. A transformação na paisagem física e social de Macau e Cantão ao longo do século XIX é recuperada a partir de documentos que mostram como as experiências estéticas e afetivas dos viajantes se atrelam a novos usos dos espaços urbanos. Os significados que passam a ser atribuídos a tais espaços e os dividem em binários como rurais e urbanos, atrasados e modernos, fortalecem identidades nacionais e regionais que irão, por sua vez, sustentar as fantasias do turista do Ocidente em busca do exotismo oriental. Se as pesquisas sobre as práticas turísticas passadas enfrentam desafios inerentes às investigações históricas, estudar as práticas turísticas contemporâneas, por sua vez, também exige lidar com vários obstáculos. A resenha da coletânea *Elite Mobilities*, assinada por João Freitas, resalta os desafios metodológicos que enfrentarão os que escolherem pesquisar o mundo de “sigilos”, “segredos” e “ausências” próprio das elites globais atuais. Se é indisputável a intensidade dos fluxos de capitais, de recursos e de corpos entre os poderosos, isso não quer dizer que o acesso ao vasto conjunto de informações sobre esses fluxos se coloque facilmente ao dispor dos pesquisadores.

Como os artigos de Camila Moraes e Gregory Mitchell ilustram, pesquisas etnográficas sobre turismo e mobilidades podem combinar as técnicas conven-

cionais de entrevistas e observação participante com modos mais inovadores de se fazer pesquisa de campo, onde o papel do pesquisador se confunde com o de ativista ou mesmo de palestrante diante daqueles a quem se deseja entrevistar. É importante ressaltar que esse novo *modus operandi* não se restringe, certamente, ao universo do turismo, como também não tem a finalidade meramente estratégica de se ganhar acesso à comunidade observada. Atuar como ativista e/ou palestrante no decorrer do processo de pesquisa revela, muitas vezes, a intenção de se construir investigações mais reflexivas e dialógicas, que possam ser de utilidade também para os pesquisados e não apenas para os pesquisadores.

Outro aspecto importante nas pesquisas sobre mobilidades de modo geral, porém ainda mais especificamente sobre o turismo, é a própria efemeridade do viajante, o que gera desafios específicos para a pesquisa etnográfica. Como fazer uma imersão de longa duração na vida do “outro” quando a sua presença é fugaz e quando é, muitas vezes, o “outro” que visita o lugar do pesquisador? Moraes e Mitchell compartilham com os leitores algumas alternativas utilizadas para lidar com essas dificuldades. Além de atuarem como mediadores e tradutores — entre gringos e trabalhadoras do sexo, no caso de Mitchell, e entre moradores da favela e representantes governamentais, no caso de Moraes — eles nos mostram também que nem sempre é possível fazer entrevistas de controle, pois já não se pode reencontrar os mesmos sujeitos, e que algumas lacunas ficarão sem ser preenchidas. Se essa incompletude normalmente define a natureza dos métodos qualitativos, ela torna-se ainda mais acentuada nas pesquisas sobre turismo.

As análises dos discursos e representações também têm ganhado importância crescente e se baseiam no reconhecimento da mobilidade das próprias imagens e de como essas transitam dentro e fora do universo do turismo. Vale ressaltar ainda que não existe de fato um único discurso turístico, delimitado e desconectado de outras molduras discursivas. As representações que circulam no turismo são produzidas necessariamente em conjunto com as representações produzidas e veiculadas em diferentes suportes e produtos, como filmes, revistas, escritos ficcionais, videoclipes musicais, campanhas publicitárias¹¹, dentre outros. As representações dos lugares turísticos, como, por exemplo, a favela globalizada ou a Cantão colonial, não circulam apenas através do material promocional das agências de turismo ou das narrativas de viajantes, mas participam de uma economia mais geral dos símbolos e representações. Com o advento da Internet e a popularização

11 Para uma valiosa análise das interlocuções entre mobilidade de imagens e discurso publicitário, ver: Nogueira (2015).

dos meios digitais de compartilhamento, como nos lembra John Urry no ensaio que compõe este dossiê, os próprios turistas tornam-se cada vez mais produtores e veiculadores das representações e dos discursos turísticos¹². Do internauta que se gaba da sua virilidade no Rio de Janeiro ou em Bangkok em *chats* específicos de turismo sexual, ao viajante engajado, que posta suas fotos da favela “autêntica” nas redes sociais, os turistas participam cada vez mais da produção de imagens, contribuindo assim para conferir significados específicos a lugares distintos.

Os moradores dos destinos turísticos também participam dessa economia de símbolos. Por mais desiguais que possam ser os contextos em que se dão os encontros, “anfitriões” não são apenas objetos do olhar do turista. Além de “retornarem o olhar” e construírem suas próprias interpretações sobre quem são esses que os visitam, os moradores também representam as localidades onde vivem, muitas vezes se apropriando estrategicamente de conceitos veiculados por turistas, acadêmicos e agentes governamentais e não-governamentais. Nesse sentido, alguns dos artigos aqui incluídos enfatizam o protagonismo dos moradores nos processos turísticos, tendo, porém, o cuidado de não romantizar o alcance da sua agência. O artigo de Mitchell sobre o pânico moral formado em torno de potenciais turistas sexuais durante a Copa do Mundo, por exemplo, mostra como o gringo, com sua identidade masculina, branca e estrangeira, é visto por vários atores sociais. Mais do que isso, o turista (sexual ou não) é *tratado* em sintonia com o modo em que é *retratado*.

Representações “nativas” e “estrangeiras” não são necessariamente excluídas e podem, muitas vezes, se reforçar mutuamente. No Rio de Janeiro Olímpico, como argumenta Allis, moradores e turistas voltam suas câmeras fotográficas para os mesmos atrativos, enquanto a imagem do “gringo predador” é formada, ironicamente, a partir da convergência de olhares sobre o turista criados por setores via de regra divergentes, nesse caso evangélicos e feministas, como demonstra Mitchell. A sensibilidade etnográfica de Moraes recupera os processos pelos quais os vários atores sociais, incluindo moradores de favelas, empreendedores locais, representantes governamentais e acadêmicos disputam os significados de se fazer turismo na favela. Por meio desses diálogos, moradores se apropriam, também

12 Na terceira edição do seu livro clássico, *The Tourist Gaze*, rebatizado como *The Tourist Gaze 3.0* (cuja autoria Urry generosamente compartilha com Jonas Larsen), o tema do uso crescente dos meios digitais no turismo é ainda mais aprofundado. Essa edição, publicada em 2011, além de ampliada e atualizada, inclui uma análise mais atenta dos vínculos entre o olhar do turista como seres carnavais (e, portanto, não apenas portadores de um olhar abstrato) e as suas performances identitárias.

de forma crítica e seletiva, de termos que podem servir para o empoderamento das suas comunidades.

Sujeitos predominantemente marginalizados, como os moradores da favela e as trabalhadoras do sexo, são vistos aqui lutando também pelo direito à cidade: pelo direito de habitar, trabalhar, ou simplesmente circular, atividades que se tornaram ainda mais difíceis no contexto de mobilidades seletivas da Copa do Mundo de 2014 e dos preparativos para os Jogos Olímpicos de 2016. Esses megaeventos esportivos mostraram o quanto as mobilidades internacionais foram favorecidas em detrimento das mobilidades locais. No caso do Rio de Janeiro, o acirramento da desigualdade do acesso à cidade ficou tão explícito que se tornou alvo de crítica até mesmo de políticos conservadores e comprometidos com a manutenção do *status quo*. Beneficiando-se do consenso em torno do Rio ter se tornado “um canteiro de obras” por conta das Olimpíadas e se baseando no slogan hipócrita de que “chegou a hora de cuidar das pessoas”, Marcelo Crivella acaba de se eleger prefeito da segunda maior cidade brasileira. Este é um exemplo importante de como o turismo – e os usos e abusos das suas representações – influenciam os processos políticos e permeiam a vida diária dos não-turistas. Os impactos do turismo não se limitam, portanto, ao turismo em si.

À interconexão entre os elementos explicitamente turísticos e a realidade mais ampla soma-se a interseção dos eixos identitários de raça, gênero, sexualidade, classe e nação. Os trânsitos turísticos são realizados por corpos com diferentes idades, etnias e capacidades físicas e, a depender desses marcadores sociais, haverá menos ou mais interrupções – checkpoints, revistas, interrogatórios – a ser enfrentadas. A estrutura de serviços que possibilita estes trânsitos, por sua vez, é dependente da (i)mobilidade de outros tantos corpos cujas características identitárias, via de regra, servem de resguardo para o mercado turístico posicioná-los no sopé da hierarquia. As análises reunidas nesse dossiê mostram as conexões íntimas entre os processos turísticos e a construção de identidades sexuais, raciais, nacionais e de gênero, não nos deixando esquecer de como essas se produzem mutuamente, seja por oposição ou sobreposição. Trata-se de conexões geo-historicamente definidas: não por acaso, as representações turísticas sobre identidades, práticas e lugares do passado refletem as disputas sobre os significados desses mesmos elementos no presente. É o que nos mostra a resenha de Tori Omega Arthur para *Tales from the Haunted South: Dark Tourism and Memories of Slavery from the Civil War Era*, livro que analisa uma das variantes do turismo sombrio: as visitas às fazendas no sul dos Estados Unidos, as chamadas *plantations*, bem como algumas de suas áreas urbanas, que são hoje representadas como sendo

habitadas por fantasmas da época da escravidão. A autora, Tiya Miles, examina os processos de memória, e portanto também de esquecimento, de aspectos da escravidão, mostrando que há uma continuidade na prática de aniquilamento das vidas negras: se, no passado, corpos negros eram reduzidos à geração de lucro para os seus “donos” brancos, os espectros dessas mesmas vidas são, no contexto contemporâneo do turismo sombrio, mais uma vez utilizados para favorecer economicamente aos empreendedores brancos, que faturam em cima do frisson de turistas, predominantemente brancos, que se regozijam em uma versão “lúdica” da história da escravidão. Este tipo de turismo sombrio oferece uma interface importante com o chamado turismo de raízes, ou o turismo conduzido por membros de comunidades diaspóricas em busca dos antepassados, da terra-mãe, bem como dos seus pares situados em outras partes do mundo¹³. Para leitores brasileiros, há na resenha e no livro informações valiosas para estudos comparativos da memória da escravidão nas Américas e de como versões distintas dessa memória podem contribuir para negar ou confirmar o valor de vidas negras no presente.

Ao incluímos no dossiê uma variedade de formas de se fazer turismo, o nosso objetivo não é criar uma tipologia conceitual ou uma taxonomia. Buscamos, em vez, reiterar as interfaces entre as representações relativas a cada subtipo de turismo e as construções das identidades culturais e dos significados atribuídos aos lugares e aos sujeitos, quer sejam hóspedes ou anfitriões. Além disso, uma classificação conceitual estrita não seria possível nem desejável também pelo fato de que essas formas supostamente distintas de se fazer turismo, em grande medida, convergem entre si. Muitas vezes, turistas “alternativos” e turistas “de massa” lançam mão de lentes que os fazem enxergar o mundo de forma mais parecida do que os seus portadores gostariam de admitir. A justaposição, ainda que parcial, entre o mochileiro que deseja virar nativo entre os condenados da terra e o *voyeurista* que se fascina com a pobreza alheia é um exemplo emblemático dessas convergências.

O estudo das mobilidades, turísticas ou não, requer, portanto, criatividade conceitual. Tipologias e modelos devem ser utilizados para iluminar e jamais aprisionar a realidade. Em vez de trabalharmos confinados às fronteiras disciplinares, vale a pena seguir a sugestão de Sheller de que sejamos mais indisciplinados! Lembremos que a “indisciplina” não nos é estranha nem estrangeira e não precisa se remeter, tampouco, ao clichê da bagunça dos vira-latas. A interdisciplinaridade, muitas vezes veiculada como uma novidade dos estudos culturais pós-modernos, tem uma longa trajetória no pensamento social latino-americano. Talvez tenha

13 Sobre o turismo de raízes, ver: Pinho (2008, 2015a, 2015b).

perdido a capacidade de transitar no tempo, isto é, de uma época para outra, em função do crescimento da mobilidade espacial e geopoliticamente determinada da sobrevalorização das barreiras disciplinares. Atravessando limites teóricos, metodológicos e nacionais, o dossiê “Mobilidades Turísticas” da Revista Plural busca contribuir para a concepção de um mundo com menos muros, checkpoints e fronteiras. Um mundo de mobilidades mais voluntárias e menos hierarquizadas.

SOBRE AS ORGANIZADORAS E OS AUTORES

Bianca Freire-Medeiros, carioca e socióloga de formação, teve sua trajetória redirecionada para o campo da cultura visual a partir de seu doutorado em História e Teoria da Arte e da Arquitetura realizado na Universidade de Binghamton (EUA). Trabalhando nas interfaces entre sociologia urbana, estudos do consumo e mobilidades turísticas, Freire-Medeiros tem privilegiado o exame das imagens que fazem do espaço urbano e da alteridade cultural seu foco de representação.

Baiana de Salvador, Patricia de Santana Pinho fez doutorado em Ciências Sociais na Unicamp, na área de “Cultura e Política”, e começou a trabalhar nos Estados Unidos em 2002. Desde então, Pinho esteve sempre afiliada a departamentos interdisciplinares de estudos étnicos (afro-americano e latino) e de área (latino-americano e caribenho)¹⁴.

O historiador francês Frédéric Vidal trabalha há vários anos na Escola de Sociologia e Políticas Públicas do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), onde desenvolve pesquisas sobre turismo e história comparada dos mundos urbanos contemporâneos.

Doutor em *Performance Studies* (Northwestern University) e autor de trabalhos sobre turismo gay no Rio de Janeiro e em Salvador, o norte-americano Gregory Mitchell é professor afiliado aos programas interdisciplinares de Estudos das Mulheres, Gênero e Sexualidade e de Antropologia/Sociologia do Williams College.

A carioca Camila Moraes, turismóloga de formação e professora do Departamento de Turismo e Patrimônio da UniRio, é Mestre em Ciências Sociais (PPCIS/ UERJ) e atualmente cursa doutorado no Programa de Pós-Graduação em História,

¹⁴ As pesquisas de Freire-Medeiros e Pinho sobre, respectivamente, o turismo em favelas e o turismo de raízes de afro-americanos na Bahia possuem vários pontos em comum: o questionamento das assimetrias que atravessam os processos e práticas globais de representação; o interesse por *quais* imagens de Brasil circulam pelo mundo, *por quem* e *para quem* são produzidas; e o exame crítico dos posicionamentos dos atores sociais brasileiros frente aos olhares “gringos” ao longo da nossa história.

Política e Bens Culturais (PPHPBC) do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da FGV/Rio.

O paulistano Thiago Allis, professor do Curso de Lazer e Turismo (EACH-USP), também é Bacharel em Turismo (USP), tendo seguido sua formação intelectual no Mestrado em Integração da América Latina (USP) e no Doutorado em Arquitetura e Urbanismo.

João Freitas nasceu e reside em São Gonçalo, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Desde sua graduação em Turismo na Universidade Federal Fluminense (UFF), tem buscado interlocuções com as Ciências Sociais e a História. Esse interesse interdisciplinar o levou ao Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC) da FGV, onde atualmente desenvolve sua tese de doutorado sobre as mobilidades transnacionais da ideia de “smart cities”.

Nascida nos sul dos Estados Unidos, Tori Arthur tem doutorado em Estudos Culturais Americanos. Atualmente trabalha como professora visitante no Programa de Estudos Étnicos na Lawrence University, em Wisconsin. Sua pesquisa examina os movimentos transnacionais de corpos, principalmente corpos negros, por meio de migrações e turismo, voltando-se não apenas para os impactos gerados por esses fluxos na literatura, mídia e cultura popular, mas também para o efeito que as representações provocam nos próprios deslocamentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAYA, Catalina; VERA, Franco. *El mundo en mi mano: La revolución de los datos móviles*. Santiago: Fundación País Digital, 2016.
- BABB, Florence. *The Tourism Encounter: Fashioning Latin American Nations and Histories*. Stanford: Stanford University Press, 2010.
- BIRCHNELL, Thomas; CALETRÍO, Javier. *Elite Mobilities*. Londres e Nova York: Routledge, 2014.
- CABEZAS, Amalia. *Economies of Desire: Sex and Tourism in Cuba and the Dominican Republic*. Philadelphia: Temple University Press, 2009.
- FOLEY, Malcolm; LENNON, John. *Dark Tourism: The Attraction of Death and Disaster*. Londres: Continuum, 2000.
- FREIRE-MEDEIROS, Bianca; MORAES, Camila. A favela como atração turística. In: ANSARAH, Marília; PANOSSO, Alexandre (Org.). *Produtos turísticos e novos segmentos de mercado: planejamento, criação e comercialização*. Baueri: Manole, 2015, p. 366-378.
- FREW, Elspeth; WHITE, Leanne. *Dark Tourism and Place Identity: Managing and Interpreting Dark Places*. Londres e Nova York: Routledge, 2013.

- GLOBAL TRENDS. Disponível em <http://www.unhcr.org/576408cd7>. Acesso em 2 de novembro de 2016.
- KEMPADOO, Kamala. *Sexing the Caribbean: Gender, Race and Sexual Labor*. Londres e Nova York: Routledge, 2004.
- LARSEN, Jonas; URRY, John. *The Tourist Gaze 3.0*. Londres: Sage Publications, 2011.
- MADIANOU, Mirca; MILLER, Daniel. *Migration and New Media: Transnational Families and Polymedia*. Londres: Routledge, 2012.
- MICHELINO, Martha; ZERBINATTI, Luiza. “Turismo urbano: Reflexões a partir do UrbanData-Brasil: Banco de dados sobre o Brasil Urbano”. Poster apresentado no *Encontro Nacional do Centro de Estudos Regionais e Urbanos (CERU)*, Universidade de São Paulo, 2016.
- MILES, Tyia. *Tales from the Haunted South: Dark Tourism and Memories of Slavery from the Civil War Era*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2015.
- MORENO BECERRA, Tabita; SUTKO, Daniel; WILEY, Stephen. A Conceptual Model of Social Space. *The Communication Review*, vol. 13, p. 340-372, 2010.
- NOGUEIRA, Maria Alice. *Mobilidade em potência e discurso publicitário na sociedade contemporânea globalizada: Brasil, 1982-2014*. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) - Fundação Getúlio Vargas, 2015.
- PERALVA, Angelina; TELLES, Vera (orgs). *Ilegalismos na Globalização: Migrações, trabalho, mercados*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2015.
- PINHO, Patricia de Santana. ‘The Way We Were’: African American Roots Tourism in Bahia and the Temporal Mapping of Heritage. *Carnets du Lahic* v. 11, Special Edition “Afro-Patrimoines: Culture Afro-Brésilienne et Dynamiques Patrimoniales” organized by Stefania Capone and Mariana Ramos de Moraes, November 2015, p. 218-237, 2015a.
- _____. “Bahia is a Closer Africa.” In: ARAÚJO, Ana (org.). *African Heritage and Memories of Slavery in Brazil and the South Atlantic World*. Amherst, NY: Cambria Press, 2015b, p. 253-284.
- _____. African-American Roots Tourism in Brazil. *Latin American Perspectives*, n. 160, vol. 35, p. 70-86, 2008.
- WILLIAMS, Erica L. *Ambiguous Entanglements: Sex Tourism in Bahia*. Chicago: University of Illinois Press, 2013.

Recebido para publicação em: 14/11/2016. Aceito para publicação em: 01/12/2016

Os primórdios do turismo em Macau e Cantão no século XIX: Do território de fronteira ao lugar urbano

*The beginnings of tourism in Macau and Canton in the XIXth century:
From a border territory to an urban place*

Frédéric Vidal^a

Resumo Este texto tem por objetivo apresentar uma reflexão geral sobre os primórdios do processo de transformação de Macau e Cantão em lugares turísticos. Trata-se de um estudo exploratório conduzido a partir da análise de relatos de viajantes ocidentais em Macau e Cantão, entre as décadas de 1830 e de 1870. Observa-se como o uso lúdico ou turístico do espaço urbano contribuiu para a transformação global da percepção dessas cidades que, através dessas práticas, aparecem menos fragmentadas e segregadas. Os primeiros guias turísticos de Cantão e Macau vêm reforçar a ideia de transformação das representações desses territórios de fronteira, que eram até então vistos como uma simples zona de contatos e intercâmbios comerciais entre a China e o Ocidente, em lugares urbanos, inseridos em um circuito turístico internacional e em vias de adquirir dimensão cosmopolita.

Palavras-chave Práticas turísticas, espaço urbano, sociabilidade, Macau, Cantão

Abstract *This text aims to present a broad reflection on the beginnings of Macao and Canton transformation process into tourist places. This exploratory study is conducted through an analysis of Western travelers' accounts in Macau and Canton, between the 1830s and the 1870s. We can observe how recreational or tourist use of urban space contributes to the overall transformation of the perception of these cities that appear, in this context, less fragmented and segregated. The first tour guides on Canton and Macau emphasize the transformation of the representation of these border territories, which were until then seen as a simple zone of contacts and trade exchanges between China and the West. Macau and Canton are then described as urban places, inserted in an international tourist circuit and that have acquired a cosmopolitan dimension.*

Keywords *Tourist practices, urban space, sociability, Macao, Canton*

a Professor auxiliar convidado na Escola de Sociologia e Políticas Públicas do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa. Membro do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA)

INTRODUÇÃO¹

Desde o século XVII, Macau e Cantão têm ocupado uma posição singular – e quase exclusiva – nas relações comerciais e políticas, muitas vezes conflituais, entre o Ocidente e a China (Hsü, 1983). Nos meados do século XIX, alguns relatos e correspondências de viajantes europeus e americanos no sul da China descrevem essas cidades como lugares de recreação cujos valores culturais ou estéticos já são reconhecidos. Segundo esses relatos, esses lugares podem ser potencialmente desfrutados por qualquer pessoa curiosa, à procura de novos prazeres e sensações. A transformação na percepção e descrição de Macau e Cantão pode ser entendida como o resultado de uma lenta evolução das experiências dos viajantes. Esta evolução manifesta-se tanto nas descrições dos lugares visitados e percorridos (as representações) como nas próprias vivências dos viajantes (as práticas).

A historiografia do turismo deu pouca atenção à grande diversidade das práticas turísticas, ou seja, nas maneiras de ser turista (SPODE, 2010). O turista raramente foi visto como um ator social cujas escolhas e experiências poderiam ter influenciado a evolução do fenômeno turístico na sua globalidade. Neste ponto de vista, os historiadores ficaram muitas vezes reféns das categorias de pensamento e percepção que emergiram com a difusão das práticas turísticas durante a primeira metade do século XIX. A partir da década de 1830, na Europa, a palavra “turista” designa um indivíduo singular, com uma fama duvidosa. A palavra é associada à ideia de ausência de personalidade ou de gosto pessoal. O turista é descrito antes de mais nada como um mau viajante (URBAIN, 2002). Do ponto de vista dos contemporâneos, o turismo ganha rapidamente um interesse econômico – a expressão “indústria do turismo” surge no final do século XIX – ou educativo, mas é geralmente entendido como um fenômeno cultural e econômico global que parece encontrar na massificação dos anos 1950 e 1960 o seu termo natural.

Falar de “práticas turísticas” (no plural) pressupõe um outro tipo de abordagem. No seu livro sobre os primórdios do fenômeno turístico na Europa do final do século XIX, Catherine Bertho-Lavenir (1999) argumenta que a “invenção” das “práticas turísticas” foi um processo de longa-duração (cerca de um século), associando a transformação das representações e percepções do ambiente (natural ou urbano) e as mutações culturais e técnicas. Este estudo interliga duas dimensões

1 Este estudo foi previamente apresentado no *III Colóquio Internacional Interdisciplinar Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, em França e em Portugal* (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2015). Agradeço aos organizadores do colóquio a autorização para publicação na Revista Plural. As traduções para o português dos textos citados são de minha autoria.

essenciais da história do turismo: por um lado, a dimensão cultural, afetiva ou sensorial (as percepções) e, por outro lado, a dimensão social e material (os usos dos lugares). Convido a pensar a história das práticas turísticas nos cruzamentos entre essas dimensões, estando atento, por um lado, à maneira como os atores sociais descrevem ou narram as suas experiências, mas também, por outro, aos usos do espaço que podem estar na origem de uma transformação física do território, nomeadamente em contexto urbano.

No estudo que aqui apresento, “viagem” e “turismo” não designam categorias estanques, mas sim um conjunto de práticas, atitudes, posições, experiências, mais ou menos individualizadas ou estandardizadas, e que conhecem no período em estudo profundas evoluções, num contexto global da difusão de um turismo internacional, materializado pela publicação de guias turísticos sobre a China durante a segunda metade do século XIX. A partir do caso de Macau e Cantão, interessa-me sobretudo analisar a relação entre turismo e cidade (COCKS, 2001). Esta relação pode ser analisada a partir das mudanças físicas ou materiais que afetaram os espaços urbanos ou em via de urbanização – construção de estradas, hotéis, casinos, *promenades* (calçadas) – mas também a partir da transformação dos usos ou práticas, o que podemos chamar o grau de “urbanidade” – as sociabilidades, as práticas da *promenade*, a visita, os lazeres, a vida cultural (STOCK & LUCAS, 2012).

Não pretendo, todavia, evidenciar a transformação global de territórios que, com o desenvolvimento progressivo e sempre limitado do turismo, teriam conhecido uma forma de “ocidentalização”. Proponho aqui apresentar sumariamente relatos de situações ou práticas que emergem e são inteligíveis num contexto local. São dinâmicas sociais ou pequenos eventos que podem ter uma importância ou consequências limitadas mas que, considerados numa longa duração, ilustram o papel da viagem e do turismo na transformação da percepção e dos usos do espaço urbano. Ou seja, o turismo é aqui considerado como um modo de habitar a cidade – isto é, relacionar-se socialmente e afetivamente com os lugares urbanos – que se torna cada vez mais comum na época em estudo e que não se limita a situações claramente identificadas como turísticas (LUSSAULT, 2007).

Este texto tem um carácter exploratório. Os relatos evocados aqui referem-se a contextos sociais e culturais complexos e instáveis, num momento histórico particularmente conturbado para a China e o mundo urbano chinês (HENRIOT, 1996). A escolha de um arco temporal relativamente alargado faz correr o risco da aproximação entre situações e práticas com significados bastante díspares. No entanto, é este confronto entre experiências e representações relativamente

distantes no tempo que deixa emergir a transformação das percepções e dos usos dos lugares percorridos ou visitados pelos viajantes e turistas.

A REPARTIÇÃO DAS FUNÇÕES: TRABALHO E PRAZERES (1820–1830)

Como ponto de partida deste estudo, escolhi uma notícia publicada em abril de 1836 no *Canton Register*, primeiro periódico de língua inglesa difundido na China. Trata-se da carta de um leitor que elogia as qualidades e a doçura da vida em Macau, convidando os “amigos” comerciantes e homens de negócios de Cantão a gozar um pequeno período de “férias das suas incessantes obrigações profissionais”.

O negócio tem de ser cuidado, senão o negócio não cuida de nós: um antigo e excelente adágio. No entanto, não pode ser inaceitável para os nossos amigos no Cantão ficarem a conhecer as circunstâncias que podem conduzir a umas pequenas férias dos seus incessantes passatempos, assim como o belíssimo ar de Macau, e atrevo-me a ter esperança que o Senhor permita que a informação seja transmitida nas vossas colunas (*The Canton Register*, 19 April 1836).²

Depois deste convite geral, essa carta faz uma descrição detalhada dos últimos eventos sociais em Macau, nomeadamente uma representação de teatro. Este retrato da vida social de Macau nos anos 1830 pode ser considerado como mais um testemunho da imagem da Macau oitocentista como “cidade de todos os prazeres” (OLIVEIRA, 2000, p. 432). A partir de 1827, os números do *Canton Register* evocam com grande regularidade as corridas de cavalos, regatas e outros eventos sociais organizados em Macau. Nos anos que antecederam a primeira Guerra do Ópio (1839-1842), a imprensa de língua inglesa acompanhou a difusão de uma sociabilidade de recreação, que se desdobrou em encontros, salões, serões culturais e de jogo, frequentados pelas comunidades britânica e americana (PUGA, 2007; VAN DYKE, 2012).

Mas o que chama a atenção nesta carta de abril de 1836 é também a ideia de promoção de Macau enquanto lugar de descanso, lazeres e entretenimento. O cosmopolitismo do velho porto português é potencializado pelo clima de convívio entre “convidados” e “anfitriões” que faz esquecer os episódios de tensão que marcaram a vida de Macau e as relações luso-britânicas no início do século.

2 “Business must be attended to, or business will not attend to us: an old and excellent adage. I may not, however, be unacceptable to our friends in Canton to be made acquainted with circumstances which may induce a little holiday from their unceasing avocations, in addition to the fine air of Macao, and I venture to hope you will permit the information to come through your columns”.

À chegada das senhoras, oficiais militares e outros senhores portugueses estavam presentes para conduzi-las às suas cadeiras entre os vários atos. Foi servido chá a toda a comitiva e, numa palavra, a generosa atenção dos nossos portugueses para conosco, estrangeiros, foi muito gratificante; tanto militares como civis pareciam muito desejosos por contribuir para a diversão de todos; e é uma enorme vantagem que vivamos sob os auspícios de um governador tão estimado como Sua Excelência Bernardo José de Souza Soares de Andrea, a quem somos, é claro, muito gratos pela promoção da real e amigável relação entre os nativos de Portugal e da Grã-Bretanha, que quanto mais cultivada for, mais felizes seremos... (*The Canton Register*, 19 April 1836).³

Esta atmosfera nova, provavelmente bastante idealizada, é aqui claramente utilizada como argumento de valorização e de promoção de Macau para os comerciantes ocidentais residentes em Cantão. Existe uma repartição original do tempo e das funções entre as duas cidades então frequentadas pelos ocidentais: o trabalho e o comércio nas “feitorias” de Cantão, as férias e o descanso em Macau.

Nesses territórios, as práticas de lazer vêm intrometer-se numa longa história de contatos e intercâmbios, muitas vezes conflituais, sobretudo no século XIX, entre o mundo chinês e os estrangeiros ocidentais. Falar de “estrangeiro” ou de “ocidental” é no entanto bastante impreciso: os estatutos e as funções (comerciante, missionário, membros das grandes companhias comerciais), as condições de nacionalidade ou de gênero determinam muitas vezes a forma da presença na cidade, os usos, os direitos, as obrigações e proibições. Entre 1757 e a primeira Guerra do Ópio, Cantão foi o único porto chinês aberto aos comerciantes estrangeiros (Hsü, 1983, p. 139-167; VAN DYKE, 2012). Fora das muralhas da cidade, desenvolveu-se um espaço comercial – as *factories* – onde residia durante parte do ano uma comunidade de comerciantes colocados sob o controle da administração chinesa. As atividades comerciais, mas também a vida cotidiana dos ocidentais em Cantão, eram reguladas por um código bastante estrito que procurava limitar os contatos entre estrangeiros e chineses ao estrito mínimo requerido pelos intercâmbios comerciais. No início do século XIX, era assim proibido aos estrangeiros perma-

3 “On the arrival of the ladies, military officers and other Portuguese gentlemen were in attendance to conduct them to their chairs between the several acts. Tea was handed round to all the company; and, in a word, the Kind attention of our Portuguese to us foreigners was most gratifying; both military and civilians seemed most desirous to contribute to the amusement of all; and it is a most valuable advantage that we live under the auspices of such an esteemed governor as His Excellency Bernardo Jose de Souza Soares de Andrea, to whom we are, of course, so much indebted for the promotion of that real and friendly intercourse between the natives of Portugal and Great Britain, which the more it is cultivated the happier we shall be...”.

necer em Cantão fora da época comercial, circular fora das feitorias, comprar livros chineses ou aprender a língua chinesa. Igualmente, as mulheres ocidentais não podiam permanecer em Cantão (EDWARDS, 1977).

Até 1842, esses estrangeiros eram colocados à margem da comunidade urbana: espacialmente – fora das muralhas – mas também social ou culturalmente. No entanto, os testemunhos sobre a vida cotidiana em Cantão durante as primeiras décadas do século XIX, não são todos idênticos. Se alguns evocam o clima de tensão com as autoridades chinesas, outros falam também do exotismo e da doçura das estadias no sul da China. A diferença de experiências e as conjunturas políticas podem justificar essas variações nas percepções (MORSE, 1966). Mas à medida que o “*Canton system*” cresceu, a própria organização dos espaços nas feitorias transformou-se. Ao lado dos armazéns e das habitações sumárias, surgem algumas ruas bastantes animadas com bares e restaurantes (DOWNS, 2014).

A evolução do papel de Macau no sistema urbano do sul da China inscreve-se neste contexto social, político e jurídico. Durante as primeiras décadas do século XIX, esta intensa atividade comercial em Cantão tem consequências na vida cotidiana de Macau, onde a maior parte dessas regras não se aplica. A diferença de tratamento é particularmente visível através da presença das mulheres estrangeiras na sociedade macaense, como enfatizado no artigo do *Canton Register* de 1836.

LIMITES E FRONTEIRAS EM CIDADES FRAGMENTADAS (1830–1840)

Nos anos que antecederam a primeira Guerra do Ópio e a chegada do governador João Ferreira do Amaral, Macau era de fato frequentemente descrita pelos ocidentais como um espaço fragmentado e segregado, onde as condições de vida e de higiene delimitam fronteiras sociais rígidas entre as populações (OLIVEIRA, 2000). Essa percepção corresponde a um modelo comum a muitas cidades da Ásia que se desenvolveram na época contemporânea num contexto colonial (BICKERS, 1998; HENRIOT E ZU’AN, 2002). A presença de visitantes ou de viajantes nesses espaços vem sublinhar e reforçar essas tensões espaciais, mas pode também reconfigurá-las.

Dois jornais de viagem são particularmente úteis para reconstituir as representações do espaço urbano em Macau e Cantão no segundo quarto do século XIX. O primeiro é o diário escrito por Harriette Low, uma jovem americana de Salem (Massachusetts) que fez uma longa estadia em Macau, entre 1829 e 1834⁴. Embarcou para a China para fazer companhia à sua tia Abigail Knapp Low, que se

4 Aqui, utilizo a versão do jornal de Harriette Low editada por Nan P. Hodges e Arthur W. Hummel (2002).

estabeleceu em Macau enquanto o seu marido, William Henry Low, era responsável pelos negócios da companhia Russell & Co. em Cantão. O diário de Harriett Low é um documento cativante e, como já vários autores o assinalaram, uma fonte riquíssima para a história social e cultural em Macau nos anos que antecedem a primeira Guerra do Ópio e que marcam o apogeu do “*Canton system*” (PUGA, 2008; LAMAS, 2006). No seu diário, Harriett Low descreve longamente a sua vida cotidiana ritmada pelas práticas religiosas, as pequenas festas, os encontros sociais, as leituras e conversas, etc. Queixa-se do tédio da sociedade macaense: uma sociedade tipicamente colonial, fechada sobre si mesma. No momento da sua chegada a Macau, a jovem Harriett Low não esconde o seu desejo de procurar prazeres e divertimentos, em primeiro lugar no espaço privado das pequenas comunidades dos americanos.

Macau vista do mar é linda, com alguns pontos muito românticos. Chegamos lá cerca das dez horas, pegamos nas cadeiras sedan e fomos para nossa casa, de cuja aparência gostamos muito. As ruas de Macau são estreitas e irregulares, mas temos um jardim no qual prevejo muito regozijo [30 de setembro de 1829] (HODGES E HUMMEL, 2002, p. 63).⁵

Nas páginas do seu diário, Harriett Low transmite a imagem de uma sociedade profundamente dividida em função das nacionalidades e das afinidades linguísticas (portugueses e anglófonos) mas também das religiões (católicos e protestantes). Nos primeiros meses da sua estadia, as interações com o mundo chinês são quase inexistentes ou limitam-se a algumas apreciações gerais sobre o povo chinês. O diário de Harriett Low parece fazer eco às representações pictóricas de Macau, comuns no século XVIII e início do século XIX. Como o analisou Patrick Conner, a península estreita de Macau é então geralmente representada como um enclave dentro de um território chinês cuja representação pictórica se reduz a umas sombras ameaçadoras em segundo-plano (CONNER, 2009). Essas representações veiculadas por textos e imagens correspondem em grande parte a um modo de percepção geral da China no mundo ocidental, caracterizada por um ponto de vista holístico onde uma simples observação ou descrição transmite uma ideia geral sobre a China e o povo chinês, considerados no seu conjunto (SPENCE, 1998).

5 “Macao from the sea looks beautiful, with some most romantic spots. We arrived there about ten o'clock, took sedan chairs and went to our house, which we liked the looks of very much. The streets of Macao are narrow and irregular, but we have a garden in which I anticipate much pleasure [September 30, 1829].”

Mas o diário de Harriett Low registra fatos mais concretos, pequenos acontecimentos e incidentes, descritos com tanto mais pormenores quanto eles venham romper com a monotonia da vida cotidiana. Mais uma vez, é através dos relatos diretos desses “fatos” e “eventos” que podemos entrever o que muda com a difusão de práticas que podemos associar a uma visão lúdica da cidade e dos espaços urbanos. Em vários momentos do seu diário, Harriette Low relata por exemplo passeios no Campo, um trilho que leva até à colina do Convento da Guia, no limite da cidade portuguesa.

Fomos ao Campo, um lugar lindo. O Campo fica a alguma distância fora da cidade, entre duas colinas altas, com o mar a bater-lhe de lado. Subi uma das colinas, que é muito elevada, e ao olhar em volta, encontrei a minha companhia a uma grande distância mais abaixo. Eles não tinham acompanhado os meus passos precipitados, mas não me arrependi. Era um local perfeito e eu vou lá voltar [27 de outubro de 1829] (HODGES & HUMMEL, 2002, p. 75).⁶

Ao longo desses relatos, a jovem americana realça a importância de ver e de desfrutar da paisagem. A repetição, na prática e no texto, do passeio redefine os limites do espaço urbano, aqui definido como espaço de convívio. Esse trilho é cada vez mais frequentado e torna-se um lugar de encontro entre membros da comunidade anglófona.

Fui até o Campo. Parei para falar com a Sra Daniell – estava sentada na sua cadeira com os filhos brincando à sua volta. O atraente papá participava inteiramente nas suas cabriolas inocentes. Foi a imagem mais bonita que alguma vez vi [12 de setembro de 1832] (HODGES & HUMMEL, 2002, p. 438).⁷

Uma parte do Campo serve de terreno de *cricket* para a comunidade inglesa (LAMAS, 2006, p. 35). Mas esta zona da cidade tornou-se também um espaço privilegiado de contato com a população chinesa que frequentava esse lugar. Esta

6 “We went to the Campo, a beautiful place. The Campo is out of the town some way, is between two high hills, and the sea washing up on side. I ascended one of the hills, which is very high, and on looking round, found my party at great distance below. They had not followed my rash steps, but I was not sorry. It was a perfect spot and I shall try it again [October 27, 1829].” Citado também por Lamas (2006, p. 34-35).

7 “Went out to the Campo. Stopped to speak to Mrs. Daniell – she was sitting in her chair with her children playing round her. The handsome papa was entering fully into their innocent gambols. It was prettier than any picture I ever saw [September 12, 1832].” Citado também por Lamas (2006, p. 34-35).

dimensão é, por exemplo, visível num episódio onde Harriett Low comenta os hábitos das mulheres chinesas, ficando admirada pelo tamanho dos seus sapatos. “Parece incrível que possam usar tais coisas, mas eu vi-os assim tão pequenos no Campo [02 de novembro de 1833]” (HODGES & HUMMEL, 2002, p. 649).⁸

Esses relatos dão a imagem de um lugar mais acolhedor, onde os intercâmbios entre populações de diferentes origens sociais ou culturais são limitados, estritamente enquadrados, mas tornados possíveis pela intermediação do uso recreativo do espaço.

O segundo texto que transmite a ideia de fragmentação do espaço urbano é da autoria de um jornalista português, Carlos José Caldeira, que chegou ao Cantão em novembro de 1850, depois de algumas semanas passadas em Macau (CALDEIRA, 1997). Estamos num período particularmente tenso das relações entre ocidentais e chineses, entre as duas Guerras do Ópio. Carlos José Caldeira não entrou na cidade de Cantão. Ele ficou sobretudo nos subúrbios, nomeadamente na zona das feitorias, descritas como um enclave europeu, no meio do mundo chinês.

As dez horas da noite ancoramos em frente das feitorias europeias em Cantão, no meio de uma multidão de embarcações que atulhavam o rio (...). Era original e curioso o espectáculo de ver estes milhares de embarcações todas iluminadas, e cheias de gente fazendo confusa vozearia na estranha língua chinesa (CALDEIRA, 1997, p. 108).

No relato desta visita, a cidade chinesa é descrita como um amontoado misterioso, rodeado de muralhas e que pode rapidamente tornar-se ameaçador para os europeus. O próprio carácter “urbano” – ou seja “civilizado” – da cidade chinesa é às vezes refutado. Carlos José Caldeira insiste no contraste entre os mundos urbanos chinês e europeu, separados por uma fronteira física – a muralha que cerca a cidade velha de Cantão – mas também por uma oposição de morfologia, padrões e usos. Na margem do rio, onde os europeus construíram habitações “há um bonito jardim ou passeio público no gosto inglês, bem entretido, e que tem no centro uma capela protestante, pequena, mas de elegante estilo” (CALDEIRA, 1997, p. 108). O contraste entre espaços europeus e chineses corresponde também a uma oposição entre ruas nomeadas e sítios sem nome. Durante a sua estadia em Cantão, Carlos José Figueira está particularmente interessado em duas ruas.

8 “It seems incredible that they can wear such things, but I have seen them as small upon the Campo [November 2, 1833].”

As ruas Old China Street e New China Street atraem logo a atenção do viajante. São as únicas de regular largura que se encontram neste subúrbio de Cantão, ornadas de lojas onde se vêem todos os milagres da indústria, da paciência e do gênio chinês. Enquanto aqui estive nem um só dia deixei de as visitar, e sempre achava novo pasto à minha curiosidade, e novas tentações em dano da minha minguada bolsa. Fora destas ruas tudo o mais é um labirinto de imundas e estreitíssimas ruas, ou antes corredores tapados em parte com esteiras, peçados de uma multidão de população, de homem carregados, e de cadeirinhas de condução, que fazem verdadeiramente incômodo e perigoso passear por elas um estrangeiro (CALDEIRA, 1997, p. 109).

Old China Street e New China Street são ruas afamadas do Cantão da primeira metade do século XIX. Nessa altura, essas ruas, cuja atividade estava essencialmente ligada à presença dos ocidentais, foram objeto de inúmeras representações em pinturas e desenhos, na tradição do “chinese export art” (CONNER, 2009, p. 78-83). Eram representadas e utilizadas como lugares de sociabilidade e de recreação (DOWNS, 2014). Esses espaços correspondiam a um ponto de equilíbrio feliz entre duas concepções da vida urbana. De um lado, os visitantes desfrutavam do aspeto exótico e “tipicamente” chinês dessas ruas, do outro, apreciam a proximidade morfológica e funcional como uma ideia “ocidental” do mundo urbano.

NOVOS VIAJANTES E NOVOS OLHARES SOBRE MACAU E CANTÃO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

A partir dos anos 1850, os propósitos das viagens no sul da China começam a mudar (CHANG, 2010). Os objetivos comerciais, políticos ou informativos deixam de ser o principal motivo reivindicado pelos viajantes. *The Canton Chinese, or the American's Sojourn in the Celestial Empire* publicado em 1849 pelo americano Osmond Tiffany Jr. marca uma inflexão nos relatos e nas posições assumidas pelos viajantes ocidentais. Num curto prefácio, este comerciante de Baltimore explicita as suas intenções: proporcionar uma observação direta e real da cidade. A viagem não tem nenhum propósito, a não ser visitar e conhecer Cantão e o povo cantonês. Com o seu relato, Osmond Tiffany Jr. quer partilhar uma simples experiência.

Este livro não foi escrito como uma história dos chineses, ou como um ensaio elaborado sobre essa grande nação (...). Ansioso por estudar, tanto quanto pudesse, o aspecto, as maneiras, os costumes, os hábitos e as hierarquias da vida chinesa, decidi entrar em contato real com as pessoas, em vez de permanecer nas *hongs*

e obter toda a informação nos inúmeros livros que tinham sido escritos sobre os Celestiais. Com este espírito, dia após dia, vagueei pelas ruas, entrei em todo o tipo de lojas, passei muito tempo no rio densamente povoado e travei conhecimento, tanto quanto me foi possível, com os vários tipos de habitantes (TIFFANY JR., 1849, p. vii).⁹

No final do século XIX, a China integra pouco a pouco os circuitos turísticos internacionais. Assistimos à publicação dos primeiros guias em língua inglesa, que se focam essencialmente em Cantão, Hong Kong (fundada em 1842) e Pequim¹⁰. Esses primeiros guias difundem dois tipos de discurso. Primeiro, Cantão é geralmente apresentada como a cidade chinesa típica, diferente de Hong Kong e Xangai. Segundo, esses guias identificam e localizam, de uma maneira precisa, com mapas e itinerários, os espaços e os lugares que devem ser considerados como turísticos. No caso de Cantão, essa “cidade turística” não corresponde à cidade velha de Cantão mas, principalmente, às zonas mais periféricas frequentadas pelos ocidentais. No início dos anos 1860, depois da destruição das feitorias, os ocidentais instalam-se um pouco mais a oeste, na ilha de Shameen. As concessões britânicas e francesas de Shameen vão rapidamente tornar-se uma das principais atrações turísticas de Cantão, a par da cidade nova, fora das muralhas, onde se concentram alguns templos tradicionais mas também a Catedral, edificada com a ajuda pessoal do imperador francês Napoleão III e inspirada na Basílica Sainte Clotilde de Paris. A “cidade turística” – a dos guias em papel – constrói-se à margem ou em oposição à “cidade do cotidiano”: duas cidades que teriam a sua própria geografia, territorialidade e história. No caso de Cantão, essa distinção corresponde a uma oposição entre “cidade chinesa” e “cidade ocidental”.

Os guias do Dr. Kerr, várias vezes reeditados nas últimas décadas do século XIX, oferecem no entanto uma imagem mais complexa da cidade. Esses guias são os primeiros a dar uma descrição completa da cidade, incluída a cidade velha (KERR, 1884). Dr. Kerr tem um conhecimento íntimo de Cantão e da China, como o atesta o uso dos caracteres chineses para descrever os lugares e os modos de vida que os turistas estão convidados a descobrir. Esses guias são também relativamente

9 “This book has not been written as a history of the Chinese, or as an elaborate essay on that great nation [...]. Desirous of studying, as far as lay in my power, the aspect, manners, customs, habits, and ranks of Chinese life, I determined to come in actual contact with the people, instead of remaining in the hongks and obtaining all my information from the numerous books which had been written on the Celestials. In this spirit, day after day, I went about the streets, into all kinds of shops, passed much time on the densely peopled river, and made acquaintance, as far as lay in my power, with the various ranks of the inhabitants”.

10 Ver: Dennys (1866), Hall (1877), Eastlake (1883), Kerr (1884) e Hurley (1903).

modernos na sua concepção: indicam itinerários precisos para dois dias de visita, com as pausas para as refeições. Uns anos mais tarde, o plano de Cantão publicado no guia de Hurler (1903) indica a posição das muralhas, o subúrbio da cidade (a ilha de Shameen) e a cidade nova com a sua Catedral. Os itinerários dos passeios sugeridos por esse guia reforçam esta separação entre, de um lado, uma centralidade geográfica e histórica e, do outro, a centralidade turística. Esses itinerários começam na zona ocidental e não penetram na cidade antiga, convidando o turista a privilegiar a descoberta das zonas periféricas.

A análise de relatos de viagem vem enriquecer e complexificar essa ideia de segmentação desses mundos urbanos. O último relato que vou evocar é sobre Cantão, uns anos mais tarde, em 1877. Trata-se da correspondência de Mrs. Gray, uma inglesa de Liverpool que viajou durante 18 meses na China e fez uma longa estadia de 14 meses em Cantão, durante a qual se correspondeu com a mãe (GRAY, 1880). Neste caso, temos claramente em mão o relato de uma viagem de natureza turística. Vários indícios vão neste sentido. Antes de chegar a Cantão, Mrs. Gray atravessou o Atlântico e faz um longo périplo pelos Estados Unidos – Nova Iorque, Niagara Falls, Chicago, Salt Lake City, San Francisco, etc. – percorrendo a maior parte dos sítios já selecionados e inventariados nos guias turísticos americanos (SCHAFFER, 2001). Por outro lado, a palavra turista aparece na correspondência. Mrs. Gray qualifica de “turista” um europeu de passagem por Cantão que vai visitar a cidade na companhia de Henry Gray, o marido de Mrs. Gray (GRAY, 1880, p. 235)¹¹. O turista é sempre o outro, mas Mrs. Gray vivia claramente num mundo onde o turismo já era assimilado a um modo comum de viajar.

Mas o que é interessante na correspondência de Mrs. Gray é a transformação que se opera na relação com o outro (os chineses). Esta transformação é particularmente visível em três situações: quando Mrs. Gray assiste a festas ou cerimônias religiosas; na experimentação, desejada ou forçada, de novos pratos e produtos alimentares; na circulação na rua e no espaço público. Nessas três situações, a relação – às vezes o confronto, tão importantes são as diferenças – entre o olhar ou a sensibilidade do viajante (Mrs. Gray) e os estilos de vida da comunidade local (chinesa) é facilitada ou mediada pela prática turística.

A noção de “exotismo” está obviamente sempre presente nesta correspondência. As particularidades dos hábitos alimentares ou do espaço público são vistas

11 John Henry Gray foi um dos primeiros especialistas ocidentais da história do direito e dos costumes chineses. Publicou, nomeadamente: *China: A History of the Laws, Manners, and Customs of the People* (1878).

com empatia mesmo quando colidem com os modos de estar ou as percepções “ocidentais”.

Nesta cidade pratica-se a mais maravilhosa economia de espaço (...). Mesmo nas ruas estreitas há barracas em todos os cantos e recantos disponíveis, e é difícil para as nossas cadeiras passarem. Exige uma boa dose de gestão, e uma grande quantidade de ruído por parte dos carregadores de cadeiras, quando duas cadeiras se encontram e têm de passar uma pela outra (GRAY, 1880, p. 37).¹²

Mrs. Gray não se afasta muito da “cidade dos guias”. A sua descrição da “beautiful French cathedral” (GRAY, 1880, p. 235) atesta a prevalência do olhar ocidental sobre a cidade. No entanto, ela pode questionar a funcionalidade da rua como via de comunicação sem negar a própria “urbanidade” deste espaço.

CONCLUSÕES

Neste estudo exploratório, propus abordar a história do turismo em Macau e Cantão, analisando situações e práticas plasmadas pelo contexto social e cultural local. Nas últimas décadas do século XIX, a figura do turista torna-se uma presença mais habitual nas ruas de Cantão e Macau. As correspondências e os relatos de viagem, redigidos a partir do final dos anos 1850 dão conta da transformação das intenções e das experiências dos viajantes. No meio dos comentários gerais sobre os pequenos acontecimentos da vida cotidiana e as heranças da presença ocidental, surgem relatos mais detalhados das emoções ou entusiasmos suscitados pelas excursões e os contatos com um mundo chinês, às vezes idealizado. A partir dos anos 1870, alguns visitantes, tal como Mrs. Gray, assumem mais diretamente um “olhar turístico” e situam claramente a sua experiência de viagem na continuidade das práticas turísticas que se difundiram na Europa e na América do Norte desde o final dos anos 1830.

Ao longo do século XIX, as descrições de Macau e Cantão impregnam-se pouco a pouco de uma visão lúdica e turística da cidade moderna, seguindo um modelo já amplamente difundido no mundo ocidental contemporâneo. No entanto, este processo não pode ser lido como o simples resultado da difusão linear de um modelo de vida urbana correspondente às aspirações da burguesa das cidades

12 “There is the most marvellous economy of space practised in this city [...]. Even in the narrow streets there are stalls in all available nooks and corners, and it is difficult for our chairs to get along. It requires a good deal of management, and a great deal of noise on the part of the chair coolies, when two chairs meet and have to pass each other”.

européias e da Nova Inglaterra. As vivências e situações locais narradas pelos viajantes permitem entrever processos mais complexos, onde as práticas de lazer e de turismo surgem como a forma mais comum de configuração e reconfiguração de um mundo urbano colonial fragmentado.

Através da difusão dessas práticas e usos turísticos é o próprio caráter urbano dessas cidades que é reconhecido. No entanto, a distinção entre a “cidade turística” e a “cidade do cotidiano” continua a ser herdeira de uma longa história das formas de ocupação do espaço e das relações conflituais entre os mundos ocidental e chinês.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTHO LAVENIR, Catherine. *La Roue et le stylo. Comment nous sommes devenus touristes*. Paris: Odile Jacob, 1999.
- BICKERS, Robert. *Shanghaianders: The Formation and Identity of the British Settler Community in Shanghai 1843-1937. Past and Present*, 159, p. 161-211, 1998.
- CALDEIRA, Carlos José. *Macau em 1850. Crónica de Viagem*. Lisboa: Quetzal Editores, 1997.
- CHANG, Elizabeth H. (Org.) *British Travel Writing from China, 1798-1901*, 5 vols. London: Pickering & Chatto, 2010.
- COCKS, Catherine. *Doing the Town. The rise of urban Tourism in the United States, 1850-1915*. Berkeley: University of California Press, 2001.
- CONNER, Patrick. *The Hong of Canton. Western merchants in south China 1700-1900, as seen in Chinese export paintings*. London: English Art Books, 2009.
- DENNYS, N. B. “Notes for Tourists in the North of China” (1866). In: CHANG, Elizabeth H. *British Travel Writing from China, 1798-1901*. Vol. 3. London: Pickering & Chatto, 2010, p. 1-50.
- DIKOTTER, Frank. *Exotic Commodities. Modern Objects and Everyday Life in China*. New York: Columbia University Press, 2006.
- DOWNES, Jacques M. *The Golden Ghetto. The American Commercial Community and the Shaping of American China Policy - 1784-1844*. Hong Kong: Hong Kong University Press, 2014.
- EASTLAKE, F. Warrington. *A guide to Hongkong: with a short account of Canton & Macao, and embracing many chapters of interest relating to the Far East*. Hong Kong: W. Brewer Bookseller, 1883.
- EDWARDS, Randle. “The Old Canton System of Foreign Trade”. In: LI, Victor H., *Law and Politics in China's Foreign Trade*. Seattle: University of Washington Press, 1977, 360-378.
- GRAY, MRS. *Fourteen months in Canton*. London: Macmillan and Co., 1880.

- HALL, E. Hepple. *The Picturesque Tourist. A Handy Guide Round the World. For the Use of All Travellers Between Europe, America, Australia. India. China and Japan*. New York: American New Company, 1877.
- HENRIOT, Christian. Cities and Urban Societies in China in the Nineteenth and Twentieth Centuries: A Review Essay in Western Literature. *Newsletter for Modern Chinese History*, 21, p. 151-175, 1996.
- HENRIOT, Christian e ZU'AN, Zheng. “Les Divisions de la ville à Shanghai (XIXe – XXe siècles)”. In : TOPALOV, Christian (Dir.) *Les divisions de la ville*. Paris : UNESCO/MSH, p. 157-189, 2002.
- HODGES, Nan P. & HUMMEL, Arthur W. (Org.) *Lights and Shadows of a Macao Life. The Journal of Harriett Low, Travelling Spinster*. Woodinville: History Bank, 2 vols., 2002.
- HSÜ, Immanuel C. Y. *The Rise of Modern China*. New York: Oxford University Press, 1983.
- HURLEY, R. C. *The Tourist's Guide to Canton, the West River and Macao*. Hong Kong: Hong Kong Printing Press, 1903.
- KERR, John Glasgow. *The Canton guide compiled by Dr. Kerr*. Hong Kong: Kelly & Walsh/Canton: A.S. Watson & Co., 1884.
- LAMAS, Rosmarie W. N. *Everything in Style. Harriett Low's Macau*. Hong Kong: Hong Kong University Press, 2006.
- LUSSAULT, Michel. “Le tourisme, un genre commun”. In: DUHAMEL, Philippe; KNAFOU, Rémy. *Mondes urbains du tourisme*. Paris: Belin, 2007, p. 241-245.
- MORSE, H. B. *The Chronicle of The East India Company Trading to China, 1865-1834*. Taipei: Ch'eng-Wen Publishing Company, 1966.
- OLIVEIRA, João Carlos. “Sociedade e Cultura”. In: MARQUES, A. H. de Oliveira. *História dos Portugueses no Extremo Oriente – 3º Volume – Macau e Timor no Antigo Regime à Republica*. Lisboa: Fundação Oriente, 2000.
- PUGA, Rogério Miguel. Macau e Timor em 1829 – o diário e os desenhos inéditos de Lucy Cleveland. *Revista da Fundação Oriente*, 18, p. 3-33, 2007.
- _____. Interpreting Macau through the Journals of Harriett Low and Rebecca Chase Kinsman. *Journal of Sino-Western Cultural Studies*, 1, p. 156-167, 2008.
- SCHAFFER, Marguerite S. *See America First. Tourism and National Identity, 1880-1940*. Washington and London: Smithsonian Institution Press, 2001.
- SPENCE, Jonathan D. *The Chan's Great Continent. China in Western Minds*. New York: Norton & Company, 1998.
- SPODE, Hasso. La recherche historique sur le tourisme. Vers une nouvelle approche. *Mondes du Tourisme*, 2, p. 4-18, 2010.

- STOCK, Mathis e LUCAS, Léopold. La Double Révolution Urbaine du Tourisme. *Espaces et Sociétés*, 3, 151, p. 15-30, 2012.
- THE CANTON REGISTER, vol. 19, nº16, Tuesday, April 19th 1836.
- TIFFANY JR., Osmond. *The Canton Chinese or the American's Sojourn in The Celestial Empire*. Boston & Cambridge: James Munroe and Company, 1849.
- URBAIN, Jean-Didier. *L'Idiot du voyage. Histoires de touristes*. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 2002.
- VAN DYKE, Paul A. (Org.) *Americans and Macao: Trade, Smuggling and Diplomacy on the South China Coast*. Hong Kong: Hong Kong University Press, 2012.

Recebido para publicação em: 02/11/2016. Aceito para publicação em: 19/11/2016.

“*Gringo panic*”: estrangeiros predadores, eventos esportivos globais e prostituição no Rio de Janeiro

“Gringo panic”: predatory foreigners, global sports events and prostitution in Rio de Janeiro

Gregory Mitchell^a

Tradução de Tiago de Aquino Tamborino^b

Resumo Durante a preparação para a Copa do Mundo de 2014, setores da mídia, ONGs e o Estado contribuíram para criar um pânico crescente sobre a prostituição. Incurções policiais violentas em locais lícitos de comércio sexual aumentaram e a polícia convidou a imprensa para transmitir o fechamento do local de turismo sexual de maior visibilidade no dia da abertura da Copa. Na verdade, a prostituição não aumentou no Rio de Janeiro e não houve casos confirmados de tráfico sexual associados ao evento na cidade. A “limpeza” das zonas de prostituição foi uma apropriação das terras com o objetivo de promover a limpeza social e a “renovação urbana” em Copacabana (Rio de Janeiro). Este artigo analisa como atores estatais e não-estatais construíram imagens de “gringos” – frequentemente como invasores predatórios –, criando um pânico moral para promover suas próprias agendas. Baseando-se em trabalho de campo etnográfico realizado com profissionais do sexo e clientes antes, durante e depois da Copa, a pesquisa analisa as fantasias projetadas sobre os “gringos” por vários atores – profissionais do sexo, setores da mídia, cristãos evangélicos e feministas, entre outros. Argumenta-se que os clientes “gringos” durante a Copa podem ser entendidos como turistas sexuais atípicos, que possuem uma agência limitada e que vivenciaram diferenças importantes no capital social e na competência cultural. A crença nas ideias preconcebidas sobre a masculinidade do “gringo” gerou consequências sociais imprevistas, incluindo a marginalização ainda maior das mulheres vulneráveis que trabalham na economia sexual do Rio.

Palavras-chave gringos; prostituição; Copa do Mundo; pânicos sexuais.

Abstract *In the run-up to the 2014 World Cup, sectors of the media, NGOs, and the state contributed to a growing panic about prostitution. Violent police raids on legal*

^a Professor de estudos sobre mulheres, gênero e sexualidade na Williams College, Estados Unidos.

^b Mestre pelo Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira - Fundação Oswaldo Cruz.

commercial sex venues increased and police invited the media to broadcast them closing the most visible sexual tourist venue on the opening day of the Cup. In truth, prostitution did not increase in Rio de Janeiro and there were no proven instances of sex trafficking linked to the event in that city. The “clean-up” of red light districts was a land grab aimed at social cleansing and “urban renewal” in Copacabana (Rio de Janeiro). This paper examines how state and non-state actors constructed images of gringos – often as predatory interlopers – to create a moral panic in order to further their own agendas. Drawing on ethnographic fieldwork conducted among sex workers and clients before, during and after the Cup, this research examines the fantasies projected onto gringos by various constituents – sex workers, media sectors, evangelical Christians, feminists, and others. It argues that gringo clients during the Cup are best understood as atypical sex tourists with diminished agency who experienced key differences in social capital and cultural competency. The reliance on misinformed ideas of gringo masculinity has unintended social consequences, including the further marginalization of vulnerable women working in Rio’s sexual economy.

Keywords *gringos; prostitution; World Cup; sexual panics.*

INTRODUÇÃO: PARA INGLÊS VER¹

A polícia militar chegou ao Balcony Bar em Copacabana na manhã do dia da cerimônia de abertura da Copa do Mundo de 2014. Com a PMRJ vieram as câmeras do jornal *O Globo*. O Balcony Bar era considerado um bar e restaurante infame da orla, onde “gringos” podiam encontrar prostitutas, antes de levá-las para fazer programas em outros locais. Contudo, a prostituição não é ilegal no Brasil e, sendo assim, as prostitutas que trabalham naquela área têm o direito de frequentar qualquer bar ou estabelecimento que elas queiram, desde que não perturbem a paz. Em dias de semana, poderíamos encontrar algumas dezenas de mulheres trabalhando no local e, nos finais de semana, era possível encontrar 100 ou mais mulheres na parte interna, no pátio ou em pé, na parte de fora do Balcony. O Balcony era um estabelecimento familiar durante o dia, porém por volta das 22h as prostitutas começavam a chegar. O Bar lucrava com a prostituição apenas indiretamente, ao vender comida e bebida para os clientes. Infelizmente, o Balcony estava localizado em frente à área onde foi realizada a *FIFA Fan Fest* na praia de

¹ Este artigo é baseado no trabalho apoiado pela *National Science Foundation*, registro número 1450870. Quaisquer opiniões, resultados e conclusões ou recomendações aqui são de responsabilidade do autor e não refletem necessariamente as opiniões da *Nacional Science Foundation*.

Copacabana e, portanto, na área do Rio mais visada pelos jornalistas durante a Copa do Mundo. O Balcony e suas centenas de clientes e prostitutas estavam no coração das festividades da Copa. O Balcony e as mulheres que vendem serviços sexuais estavam entusiasmados com essa localização, imaginando que isso seria ótimo para os negócios. Eles estavam enganados.

No primeiro dia da Copa, a polícia fechou o Balcony Bar, pendurando na porta um cartaz que dizia que todas as atividades econômicas daquele estabelecimento tinham sido suspensas, pois ali havia o “incentivo à exploração sexual de vulneráveis” (é importante ressaltar que nunca houve qualquer acusação formal ou condenação. Diante de infinitas e onerosas batalhas jurídicas, o proprietário finalmente parou de lutar). Naquela noite, fui com alguns colegas para observar o que poderia acontecer quando as mulheres fossem trabalhar, mas encontramos o bar fechado. Os clientes foram lá também. As pessoas começaram a cantar alegremente – “Abre! Abre! Abre!”. Eles sorriam e permaneciam próximos ao Balcony Bar. Alguém colou no emblema policial um adesivo que dizia: “*FUCK FIFA*” (FODA–SE A FIFA). Naquela noite, cerca de 200 garotas de programa e 200 clientes festejaram na Praça do Lido, que fica ao lado do Balcony Bar. As prostitutas² mantiveram-se perto o bastante do bar para usar o sinal de *Wi-Fi*. Ambulantes aproveitaram a oportunidade para vender bebidas e lanches.

Naquela noite, percebi que havia três garotas que permaneciam entre os carros, nas proximidades do evento, e me parecia que elas eram claramente menores de idade. Essa era a grande ironia da incursão policial. Até então, nunca havia tido garotas menores de idade no Balcony. Meus colegas e eu estivemos lá centenas de noites fazendo trabalho de campo, e nunca presenciamos um único caso de menor trabalhando no local³. Em raras ocasiões poderia haver adolescentes trabalhando nas redondezas, nas ruas, na praia, porém não no Balcony. Em 2012, *O Globo* fez uma reportagem onde duas menores de idade (de 16 e 17 anos), que falsificaram identidades, estavam trabalhando no local. De forma sensacionalista, *O Globo* fez

2 No Brasil, as prostitutas dos movimentos dos direitos das prostitutas (incluindo grupos como Davida) preferem o termo prostituta à “profissional do sexo”. No entanto, profissional do sexo também pode se referir a uma gama mais ampla de profissionais dentro de uma economia sexual. Portanto, eu tendo a usar o termo prostituta, a menos que me refira a esta categoria de forma mais ampla.

3 Sou grato aos meus colegas do Observatório da Prostituição, especialmente Ana Paula da Silva, Julie Ruvolo, Yaa Saarpong, Lucas Dias, Gonçalo Zúquete, Laura Murray, Soraya Simões, Flavio Lenz e Amanda de Lisio. Também devo agradecer a João Sodré por suas contribuições para a minha compreensão das situações políticas, econômicas e jurídicas. Sou especialmente grato a Thaddeus Blanchette. Embora Blanchette não apareça como coautor deste artigo, os leitores devem estar cientes de que ele estava ativamente envolvido em quase todas as observações de campo descritas e contribuiu muito para a minha compreensão sobre o assunto.

parecer que o Balcony Bar era um antro de prostituição infantil e que precisava ser fechado imediatamente. Dois anos mais tarde, na manhã do dia da cerimônia de abertura da Copa do Mundo, *O Globo* estava lá para filmar a incursão final que fechou o local. Na verdade, os gerentes estavam sempre atentos para manter tais garotas fora do local – e assim também faziam as mulheres que trabalhavam lá, não por instinto maternal, mas por interesse capitalista. Elas esbravejavam raivosamente para as meninas, gritando que elas fossem “se foder” em outro local que não fosse aquele ponto privado em frente à praia. Agora, algumas horas após o fechamento do Balcony, aquelas adolescentes podiam trabalhar no mercado sexual da Praça do Lido onde mulheres de todas as idades estavam trabalhando.

Durante a Copa, percebi que em todas as noites havia quase sempre três ou quatro adolescentes trabalhando na rua entre os foliões na Praça do Lido. Elas geralmente não se posicionavam na área central, mas sim entre os carros estacionados, pois lá ficavam menos visíveis. As mulheres mais velhas, ao contrário disso, optavam pela máxima visibilidade na área principal da praça. Outros pesquisadores perceberam o mesmo e pudemos registrar que havia sempre alguns homens estrangeiros que iam conversar e logo em seguida saíam do local com aquelas adolescentes, presumivelmente para fazer programas. Para ser claro, seria uma interpretação grosseira desses dados, dizer que a Copa do Mundo causou um aumento significativo da prostituição de menores no Rio de Janeiro. Entretanto, o fechamento do Balcony Bar, de um hotel e eventualmente de alguns outros clubes conhecidos por facilitar a prostituição naquela área, certamente coincidiu com o aparecimento ou a realocação de um pequeno grupo de adolescentes que começaram a se prostituir naquela área. Não havia essa possibilidade antes do fechamento do bar. É importante salientar que as garotas em questão não eram pré-adolescentes. Outras pesquisas são necessárias para concluir se essa prostituição de menores de idade foi uma redistribuição laboral que simplesmente fez com que garotas que já trabalhavam em outros locais do Rio ficassem mais visíveis, mas o que fica claro é que, se o comércio sexual tivesse sido legalmente permitido no Balcony Bar, teria sido muito difícil para as garotas trabalharem naquela área da orla, com fácil acesso aos turistas da Copa do Mundo.

O comércio sexual também se estendeu por alguns quarteirões e se reconcentrou em um local parecido com o Balcony, chamado Mab's, e que efetivamente se tornou o novo Balcony Bar. Existem inúmeros locais nas ruas paralelas a partir da Praça do Lido que continuaram a prosperar e tiveram a sorte de não estar muito próximos ao *FIFA Fan Fest*. A polícia estava por toda orla naquela noite, “mantendo a paz” caso alguém fosse roubado ou causasse alguma confusão. Mais

de 50 policiais estavam próximos à Praça do Lido, onde as prostitutas trabalhavam, perto do Balcony Bar, que se encontrava fechado. Alguns destes policiais estavam apenas a alguns metros das meninas menores de idade descritas anteriormente e até mesmo trocavam olhares com elas. Eu, pessoalmente, observei turistas sexuais perguntarem a esses policiais por informações sobre o comércio sexual nas redondezas e ouvi a polícia indicar o Barbarella, um local que (como descrevo abaixo) também esteve sujeito a incursões policiais antes da Copa do Mundo. Apesar de tudo, a polícia fechou o Balcony por encorajar a exploração sexual, ainda naquela manhã. A polícia não tinha mais nenhum interesse naquelas mulheres ou meninas que vendiam sexo diante dos seus olhos. A exploração sexual não importava. *O Globo* e suas câmeras que estiveram ao seu lado naquela manhã não estavam mais entre eles.



Figura 1. Polícia com *O Globo* invadindo o Balcony. Crédito da foto: Julie Ruvolo.

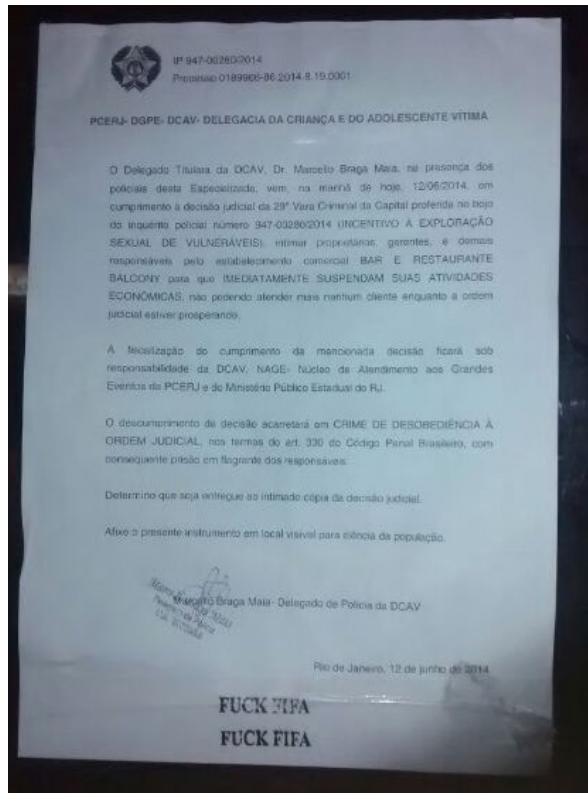


Figura 2. Polícia ordena o fechamento do Balcony Bar. Clientes colaram o adesivo FUCK FIFA logo depois. Fonte: Observatório da Prostituição.



Figura 3. Clientes descobrem que o Balcony Bar está fechado e começam a protestar. Fonte: Observatório da Prostituição.



Figura 4. Clientes, vendedores ambulantes e outros fãs da Copa do Mundo rapidamente lotaram a Praça do Lido, ao lado do Balcony Bar. Fonte: Observatório da Prostituição.

“GRINGO PANIC”

Na preparação para a Copa do Mundo de 2014, houve muita preocupação com a exploração sexual, especialmente com o “tráfico sexual”. Grande parte dessa preocupação veio de fora do Brasil, graças aos religiosos, feministas e organizações governamentais dos Estados Unidos e da Europa, que estavam excessivamente ansiosos com o evento. Essa retórica foi avidamente adotada pelas autoridades e ativistas brasileiros. A definição de “exploração sexual” ou de “tráfico sexual” nunca ficou clara, pois existem várias e conflitantes definições governamentais. Facilitar a locomoção de uma prostituta em um táxi pode ser tráfico. Emprestar dinheiro a um membro de uma família que seja profissional do sexo para ajudar com uma viagem ou deslocamento pode constituir tráfico. Crianças ou idosos que “vivem às custas” de uma prostituta, morando em sua casa ou sendo seus dependentes, podem ser considerados como “traficantes” ou “cafetões” (BLANCHETTE & SILVA, 2017.) A definição de tráfico sexual na legislação brasileira é bastante arbitrária. Grupos feministas antiprostituição tais como a Coalizão Contra o Tráfico de Mulheres (CATW) e *Femen* (incluindo a sua filial brasileira), assim como organizações cristãs, como o Exodus Cry e o Exército da Salvação, insistem que não se pode consentir com

a venda do sexo (FARLEY, 2004; JEFFRIES, 2007; MICKELWAIT, 2015). Desse ponto de vista, todo tipo de prostituição é exploração e todo tipo de prostituição é forçado ou coagido. Assim, essas organizações frequentemente tomam todas as profissionais do sexo como “vítimas do tráfico” quando citam estatísticas ou quando participam de entrevistas na mídia. Elas comumente confundem pessoas “em risco” de exploração (por exemplo, adolescentes que saíram de casa) com pessoas “exploradas” (MICKELWAIT, 2015; WEITZER, 2011; VANCE, 2011). Isso leva à inflação estatística do tráfico sexual. Por exemplo, a Aliança Global Contra o Tráfico de Mulheres (Global Alliance Against Traffic in Women - GAATW) – uma organização feminista que claramente faz distinção entre o trabalho sexual consensual e o tráfico – observa que grupos antiprostituição alegam que de 150.000 a 200.000 meninas e mulheres seriam traficadas do México para o Texas para o evento esportivo *Super Bowl*. Se isto fosse verdade, seria o suficiente para que cada homem, mulher e criança no estádio tivessem sua própria prostituta mexicana (GAATW, 2011, p.23). Apesar desses números frequentemente serem refutados como ridículos, o medo que eles provocam é real. Por causa desse pânico, o dinheiro jorra vindo dos governos, dos paroquianos das igrejas, das celebridades de *Hollywood* e de outros doadores. No Brasil, grupos evangélicos internacionais, tais como o *Exodus Cry*, revelaram-se uma força poderosa e lucrativa. O *Exodus Cry* proclamou:

Enquanto o mundo do desporto começa a atentar-se para o Brasil por causa da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, uma equipe do *Exodus Cry* se prepara para carregar uma tocha de luz, vida e liberdade para essa nação repleta de tráfico humano e de exploração sexual. No *Exodus Cry*, acreditamos que a oração é a fundação de cada movimento de Deus em favor dos mais vulneráveis... Com belas praias e uma crescente indústria do sexo, estima-se que cerca de 250.000 crianças, geralmente abaixo dos 14 anos de idade, são presas do apetite de turistas sexuais pedófilos vindos dos EUA e da Europa (EXODUS CRY, 2013).

O Vaticano anunciou que haveria uma campanha contra o tráfico sexual e a Copa do Mundo chamada “Jogo da Vida” (OFFICIAL VATICAN NETWORK, 2013). Esta campanha envolveu um esforço coordenado com outros grupos, incluindo o governo brasileiro, que começou a publicar anúncios em ônibus e nos aviões que chegavam ao Brasil. Com o título de “Não desvie o olhar”, alertava para as pessoas ficarem atentas à exploração sexual de crianças e para denunciarem os casos à polícia. Os anúncios foram exibidos em vinte cidades que participaram da Copa

do Mundo do Brasil e estrelaram os astros do futebol brasileiro Kaká e Juninho Pernambucano.

Embora organizações religiosas estrangeiras e organizações feministas tenham contribuído para o pânico, um pouco da promoção deste medo veio do próprio Brasil. Por exemplo, a novela *Salve Jorge* (2012-2013), exibida imediatamente antes da Copa do Mundo de 2014, contou a história de uma mulher brasileira de 18 anos, mãe solteira e batalhadora do Complexo do Alemão (uma localidade composta por 15 favelas na Zona Norte do Rio de Janeiro), que aceita uma oferta de trabalho numa casa noturna em Istambul e acaba sendo traficada e vendida para um grupo de homens por 3.500 dólares. A novela se utilizou dos elementos mais espalhafatosos do melodrama e de uma boa dose de estereótipos racistas sobre turcos morenos e sexualmente ameaçadores, dizendo para as brasileiras terem cuidado com os estrangeiros e suas promessas.

Anteriormente ao *Balcony*, o maior bar da orla para o turismo sexual era a discoteca *Help!*, a qual o governo fechou em 2009 e depois demorou anos para demolir e construir o Museu da Imagem e do Som. A notícia foi manchete do jornal britânico *The Guardian*, que dizia: “Fechamento da casa noturna no Rio deixa prostitutas desamparadas (*Helpless*): Local notório cederá lugar a um museu na limpeza da cidade antes da Copa do Mundo, preocupando cerca de 2.000 prostitutas” (PHILLIPS, 2009). Este foi um dos maiores exemplos de grilagem de terras que buscou transformar a parte mais visível da economia sexual do Rio em uma maravilha brilhante e moderna da pátria. No momento em que escrevo este artigo, em 2016 – dois anos após a Copa do Mundo – o Museu da Imagem e do Som se encontra com as obras atrasadas, acima do orçamento e ainda não está aberto ao público.

Pouco antes da Copa do Mundo, *O Globo* publicou uma reportagem especial sobre a vinda dos gringos e a exploração sexual, afirmando:

Daqui a menos de 50 dias começa a Copa do Mundo, e 600 mil estrangeiros deverão desembarcar no país e se somar aos três milhões de brasileiros que, segundo o Ministério do Turismo, se deslocarão entre as 12 cidades-sede durante o evento. O campeonato vai aquecer a economia e mudar a rotina do país, mas também deve deixar crianças e adolescentes brasileiros ainda mais vulneráveis à exploração sexual. Em diversas cidades do Brasil, já há sinais da ação de aliciadores de menores - pessoas dispostas a montar pequenos exércitos capazes de saciar a demanda por sexo (BENEVIDES ET AL., 2014).

Mais prejudicial do que o discurso, no entanto, foram as incursões policiais. Em 2012, a polícia brasileira invadiu doze estabelecimentos, que funcionavam legalmente, com a alegação de que aqueles locais seriam responsáveis por “encorajar a prostituição”. No Brasil, a prostituição é lícita, mas praticamente tudo o que a rodeia não é. Bordéis operam em uma zona lícita, porém cinzenta, onde as profissionais do sexo e os cafetões invariavelmente pagam a polícia para que a discrição seja mantida. Muitos destes locais não estão escondidos e funcionam em plena vista, fazendo propagandas chamativas com placas, panfletos, camisetas e outros apetrechos. Contudo, a polícia visitou o Centaurus, na elegante Ipanema, uma das mais caras e exclusivas termas da cidade e um ponto de encontro para políticos de alto escalão e de celebridades como Justin Bieber, que foi fotografado enquanto deixava o Centaurus em 2013. Aproximadamente 100 agentes trabalharam para fechar temporariamente o Centaurus e invadiram onze locais parecidos, incluindo o *Luomo*, *Café Sensoo*, *La Cicciolina*, *Barbarella*, *Don Juan*, *Nightclub Calabria* e outros destinos populares entre turistas sexuais e moradores. O mandado justificava as incursões com a seguinte sentença:

[...] não podemos esquecer que há uma certa tolerância e indiferença em relação aos bordéis, mas, na maior parte dos casos, estes estabelecimentos são usados não apenas com o propósito de exploração sexual e encontros sexuais, mas também para a exploração sexual de adolescentes, lavagem de dinheiro de grupos mafiosos, tráfico de drogas, porte de arma de fogo, corrupção policial, entre outros” (BORGES, 2012).

Embora tenha havido uma grande pressão naquela época, todos os locais reabriram e continuaram com seus negócios como de costume. A polícia os deixou em paz e nada mais aconteceu. A opinião geral, mas sem fundamento, dos funcionários e das profissionais do sexo é que a polícia decidiu que era mais lucrativo voltar para o antigo sistema de pagamento e de policiamento.

Em sua propagação de pânico moral sobre os gringos predadores sexuais, o governo brasileiro alegou que houve um crescimento de 30% nos casos de exploração de crianças e adolescentes na África do Sul durante a Copa do Mundo de 2010 (VERDELIO, 2014). Enquanto alguns grupos haviam previsto tal aumento na África do Sul, na verdade, aquele país não teve casos confirmados de tráfico de adultos ou crianças relacionados à Copa do Mundo. Em artigo intitulado “A crise da Copa que nunca existiu”, a jornalista sul-africana Kashiefa Ajam relatou: “40.000: são os casos de tráfico humano previstos na Copa do Mundo. Zero: é o número de

casos reais que foram reportados” (AJAM, 2013). Apesar de não haver nenhuma evidência real de um problema, ainda assim, estimulado pelo Vaticano e pelos cristãos evangélicos, o governo brasileiro investiu em campanhas de conscientização antitráfico e financiou o lançamento da campanha em 19 países da África e da Europa, a fim de educar os gringos de todos os lugares.



Figura 5. Um cartaz pendurado ao lado do Balcony Bar aconselhando o público a denunciar a exploração sexual de crianças. Fonte: Observatório da Prostituição.

MÉTODOS

Em 2014, eu participei da fundação do Observatório da Prostituição, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/IFCS). A equipe do Observatório que trabalhou na Copa do Mundo era composta por estudiosos do Brasil, Portugal, Canadá e Estados Unidos, assim como por colaboradores da Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA), um jornalista e documentarista independente e o Davida, uma organização que promove a cidadania e os direitos das profissionais do sexo. Embora os membros

da equipe fossem etnicamente diversificados e com idades variando entre o início dos vinte ao final dos quarenta anos, nós geralmente nos assemelhávamos às pessoas que frequentavam esses lugares. Na verdade, as pesquisadoras frequentemente eram confundidas com profissionais do sexo e os pesquisadores com clientes. Por ser um gringo branco em torno dos trinta anos (com sotaque estadunidense), as profissionais do sexo quase sempre esperavam que eu fosse um potencial cliente até o momento em que eu explicava o projeto de pesquisa. Os clientes também frequentemente me tratavam de maneira conspiratória como se eu fosse um turista sexual parceiro (por exemplo, fazendo gestos ou comentários sexuais sobre as mulheres). Os quatro pesquisadores do sexo masculino tiveram acesso à área interna do bordel que fora negado às pesquisadoras; sendo assim, nós frequentemente dividíamos nossos territórios geograficamente. Do mesmo modo, alguns pesquisadores se identificavam com diferentes lugares e, por isso, às vezes nos despachávamos segundo essa conformidade. Focamos-nos no Rio de Janeiro, pois essa é a cidade brasileira mais frequentada por turistas e porque nós recrutamos membros da Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA), da Universidade da Cidadania/UFRJ e da Rede Brasileira de Prostitutas. Assim, o Rio de Janeiro apresentava características próprias, nem sempre presentes em outras cidades hospedeiras. No entanto, nós compartilhamos informações com pesquisadores independentes que trabalharam durante a Copa nas cidades de Fortaleza e Campinas. O trabalho etnográfico (incluindo a observação dos participantes e entrevistas formais e informais) foi o nosso método principal, embora a equipe também tenha feito uma breve pesquisa qualitativa sociológica que informava nosso trabalho⁴.

4 Em 2012, dois membros do Observatório concluíram um mapeamento extensivo dos vários pontos de prostituição no Rio de Janeiro, fruto de 8 anos de investigações etnográficas e sociológicas. Esse mapeamento nos permitiu identificar os principais pontos de prostituição frequentados por brasileiros e estrangeiros na cidade. Nesse mesmo ano, outras e outros pesquisadores que colaboram com o Observatório estiveram nesses pontos, em vários momentos do ciclo sazonal da atividade, que tem muitas variações ao longo do ano. Em 2013, essa ronda periódica de visitas foi intensificada, concentrando-se nos 20 pontos de comércio sexual mais frequentados por turistas estrangeiros, na Vila Mimosa, e nos 20 pontos mais movimentados da área central da cidade do Rio de Janeiro. Entre novembro de 2013 e maio de 2014, visitamos esses lugares pelo menos uma vez por mês, geralmente nas primeiras semanas do mês (quase sempre após o pagamento dos salários), para conseguir uma contagem média de número e tipo de trabalhadoras e clientes ativos nesses locais. Durante esse período, fizemos entrevistas com as prostitutas, gerentes, seguranças e outros trabalhadores desses pontos sobre seus planos e perspectivas para a Copa do Mundo. No total, estimamos que, durante a Copa do Mundo, a equipe realizou mais de 2.000 horas de pesquisa etnográfica baseada em observação participante, nas áreas onde o sexo é comercializado no Rio de Janeiro. Nos últimos dias do evento e nas semanas imediatamente posteriores, fizemos 116 entrevistas formais (com questionário) com trabalhadoras sexuais que estiveram ativas durante o evento, perguntando sobre suas expectativas e experiências. Com todas as mulheres entrevistadas, compartilhamos informações sobre nossos objetivos como grupo de pesquisa e esclarecemos seus direitos como participantes da investigação. Em parceria com

Embora tivéssemos interesses próprios e projetos de pesquisa separados, concordamos em compartilhar os dados e coordenar nossos esforços, porque sabíamos que precisaríamos de pesquisadores presentes em diversos lugares, antes, durante e após os 32 dias da Copa do Mundo, caso quiséssemos compreender a verdade sobre a prostituição e a Copa. Esta variedade de locais incluiu dezenas de lugares em Copacabana, outras dezenas de locais de classe média e baixa no Centro, assim como na Vila Mimosa, uma área pobre não muito longe do Maracanã onde até 1.000 mulheres trabalham. Isso significa que havia pesquisadores em espaços internos e externos que serviam a diversas classes sociais, monitorando o comércio, contando o número de prostitutas e clientes, determinando a nacionalidade das profissionais do sexo e dos clientes e conversando com as prostitutas, funcionários e clientes. Em particular, para verificar se a migração estava acontecendo, nós precisávamos conhecer a história profissional das mulheres, se elas vinham de outras áreas do Brasil ou do exterior, se elas geralmente trabalhavam no comércio sexual ou se estavam vendendo sexo especialmente por causa da Copa. Outros pesquisadores e eu elaboramos esses achados em diferentes publicações (BLANCHETTE; MITCHELL; MURRAY, 2015; MITCHELL, 2016a, MITCHELL, 2016b).

O mais importante para os fins deste artigo é que encontramos evidências irrefutáveis de que a prostituição não cresceu significativamente durante a Copa no Rio. As profissionais do sexo, muitas das quais pensaram que ficariam ricas, ficaram muito desapontadas. Diversos locais permaneceram fechados nos dias dos jogos, pois os negócios estavam muito ruins. A movimentação na Vila Mimosa caiu 30-50% apesar do fato de que se encontrava próxima ao estádio. Os negócios aumentaram em Copacabana, mas isso foi apenas uma recentralização do trabalho, pois as mulheres abandonaram a Vila Mimosa e o Centro para caçar gringos na Zona Sul. Apesar das centenas de horas de trabalho de campo nas dezenas de maiores e menores locais de comércio sexual e por meio de uma variedade de

Davida, produzimos e distribuimos uma versão *pocket* do jornal “O Beijo da Rua”: o “Beijinho da rua” com informações sobre direitos e saúde para prostitutas e seus clientes, em português e em inglês. Reuniões de trabalho semanais aconteceram ao longo dos meses de maio, junho e julho, para coordenar as equipes, compartilhar dados e percepções, ajustar os parâmetros da pesquisa e definir estratégias de diálogo com agentes públicos e a mídia. A Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (ABIA), parceira da pesquisa, gentilmente cedeu sua sede institucional para funcionar como “quartel-general” da pesquisa. Este artigo apresenta os achados e *insights* preliminares que resultaram desse esforço de investigação. A Copa do Mundo foi considerada “ruim” pela maioria das trabalhadoras do sexo que ouvimos no Rio de Janeiro. Apesar da presença de um número significativo de turistas (nacionais e estrangeiros) na cidade, houve um declínio no comércio sexual durante os 32 dias do evento. Dos 83 pontos de prostituição pesquisados, apenas 17 locais registraram aumento de atividade e em 6 outros pontos o fluxo de clientes foi normal. Em contraste, nos demais 60 pontos – inclusive na Vila Mimosa (onde trabalham cerca de 1.000 mulheres) – a queda estimada no movimento de clientes variou de 30% a 50%, entre 12 de junho e 13 julho.

tipos e classes de lugares, nenhum dos nossos pesquisadores pode documentar um único caso que causasse alerta para um possível caso de tráfico sexual. De fato, nem o Governo pôde fazer isso, o que não surpreende, pois os representantes governamentais não estavam presentes nesses lugares. Assim como no caso da África do Sul, defensores da antiprostituição persistiam em confundir o trabalho sexual com o tráfico após a Copa, produzindo estatísticas imprecisas e assumindo que qualquer caso de prostituição forçada ou de alcoviteiros (o que não é tráfico) coincidindo com a Copa, era por causa da Copa (veja, por exemplo, VERDADE GOSPEL, 2014). Apesar de fazer alegações sobre a exploração, eles não podiam produzir casos reais.

Em suma, criou-se um tremendo pânico acerca da exploração sexual antes da Copa. Isso permitiu aos cristãos evangélicos, aos ativistas antiprostituição e à polícia realizarem expedições de incursão e limpeza social nas “zonas de luz vermelha”, o que auxiliou na gentrificação desses locais. Como descrevo em outro artigo, essas incursões forçaram as mulheres a trabalharem em outros lugares, incluindo áreas perigosas a céu aberto e, além disso, algumas incursões chamaram a atenção dos grupos de direitos humanos internacionais, pois houve espancamento, roubo e estupro coletivo das mulheres provocados por policiais (ver MITCHELL, 2016b). Isso aconteceu às custas das profissionais do sexo e, na verdade, encorajou o desenvolvimento da prostituição de menores e da exploração sexual que, com todo esse esforço, estavam supostamente tentando combater. O que se segue é uma análise de como ideias mal concebidas sobre os gringos contribuíram para o desenvolvimento desta situação. O meu argumento é que a Copa do Mundo não atraiu gringos predatórios, como se imaginava em meio ao pânico, mas na verdade trouxe, inusitadamente, gringos ingênuos que foram vistos pelas prostitutas como presas fáceis. No entanto, as “reformas” em Copacabana, justificadas durante essa época do “pânico”, criaram as condições para que o comércio sexual no Rio de Janeiro se tornasse mais – e não menos – vulnerável e marginalizado. Destaco ainda que os verdadeiros perigos para estas mulheres não vieram dos gringos, mas da polícia.

GRINGOS BONS

Enquanto permanecia na Praça do Lido, diretamente ao lado do Balcony Bar, que fora interditado, entre centenas de profissionais do sexo e clientes, percebi dois iranianos que aparentavam ter 40 anos. Os dois homens pareciam a versão persa de O Gordo e o Magro (Laurel e Hardy, na versão original): um era baixo, gordo e efusivo e o outro era alto, magro e tímido. Foi fácil deduzir que eram iranianos, pois

usavam roupas combinando, incluindo camisas estampadas com a palavra “IRÃ”. Sob suas camisas do Irã, eles usavam camisetas de alças brancas que eram visíveis por causa do seu contorno com nervuras e também usavam meias 3/4 pretas com bandeiras iranianas. Poucos centímetros dos joelhos peludos eram visíveis entre as meias e seus *shorts* cáqui, que estava escondido por suas enormes pochetes repletas de dinheiro, mapas, guias e eletrônicos. Os dois usavam relógios quase idênticos, os quais também eram enormes e pareciam ser muito caros para serem usados na noite de Copacabana. Parecia impossível para mim que esses gringos estivessem em posse de todos os seus pertences na manhã seguinte.

O Gordo e o Magro tentaram negociar com uma prostituta brasileira. Ela era branca com cabelos negros, talvez tivesse 30 anos, usava um vestido curto que quase não cobria sua bunda. O Gordo conversava, perguntando o valor do programa. Ela queria 300 reais, mas ele ofereceu 200. Ele fazia um grande esforço para falar inglês e eles tinham certa dificuldade em compreender os sotaques. Ele sacou seu *iPhone* e o utilizou para escrever o número 200. Ele apontou para o número enfaticamente. Depois disse:

– Para nós dois.

– Os dois juntos? Perguntou. – Juntos? Ela parecia confusa com esta demanda.

– Não! Ele disse, parecendo enojado. – Primeiro eu. Depois ele.

O gordo sorriu satisfeito com seu plano. Ela olhou para O Gordo e depois para O Magro. O Magro olhou timidamente, baixando o olhar e dando de ombros.

A mulher olhou, novamente, para O Gordo, revirou os olhos e depois foi embora. Ela se aproximou de outro gringo. Este era mais novo, em torno dos 30 anos, musculoso e bonito. Mas este fortão não tinha muito dinheiro. Os valores das mulheres eram mais altos do que ele esperava, então ele queria apenas um boquete, esperando que isto fosse barato. Ela lançou-lhe um olhar de desprezo, chocada com a possibilidade de perder tempo de trabalho fazendo um boquete barato. Eles começaram a se afastar juntos; contudo, ela parecia inclinada o suficiente a concordar com o que seria ao menos um pouco de dinheiro rápido. O Gordo e O Magro assistiram ela sair com o fortão. Eles ficaram lá por um momento, uma pequena área de espaço vazio os cercava. Lá estavam eles, sozinhos e incapazes de ficar com alguém mesmo numa multidão de prostitutas. O Gordo bufou, recusando-se a olhar para O Magro e parecia aborrecido o suficiente para conversar com outra mulher.

Duas mulheres jovens e brancas, aparentando ter 20 anos, se aproximaram deles. Elas tinham cabelos loiros escuros no estilo das garotas da Zona Sul (e das mulheres que querem se parecer com as garotas da Zona Sul). Elas pareciam ser amigas e se conhecer bem. Para mim estava claro que uma delas era uma travesti, pois eu interajo com travestis e mulheres transgênero quase todos os dias. Acho que ela “passaria” facilmente para muitas pessoas não familiarizadas com as nuances da performatividade de gênero entre as travestis brasileiras (que é uma subjetividade de gênero diferente das mulheres transgênero) e eu acho que os iranianos não haviam percebido. Eles mal olharam para as mulheres e O Gordo começou com a barganha, digitando números na calculadora do celular.

A mulher cisgênero manteve O Magro ocupado enquanto a travesti censurava O Gordo por suas tentativas irreais de negociação. As mulheres trocavam olhares e sussurravam em português entre si criticando aqueles gringos pão duros, enquanto a travesti lutava para comunicar seu descontentamento em inglês para O Gordo.

– *Where you stay?* (Onde você ficar?) – Ela perguntou, sem ao menos se preocupar em paquerar ou seduzir.

O Gordo se animou. Ele entendeu algo!

– *Barra! We stay Barra da Tijuca! Very nice Hotel!* (Barra! Nós ficar Barra da Tijuca! Hotel muito legal!) – O Gordo preconizou.

Olhares mais significativos entre as prostitutas. Um aceno com a cabeça da mulher cisgênero. A travesti concordou com o preço digitado no telefone: 200 reais.

– *200 for her. 200 for me* (200 pra ela. 200 pra mim) – ela explicou.

– *200 total!* (200 total!) – Disse O Gordo.

– No! (Não) – A travesti disse vagarosamente, pacientemente, como se estivesse conversando com uma criança. – *200 for her. 200 for me. One hour.* (200 pra ela. 200 pra mim. Uma hora).

– *OK!* – Concordou O Gordo.

– *We take taxi now to Barra. We go to hotel with you* (Nós pegamos táxi agora pra Barra. Nós vamos para hotel com vocês) – ela explicou, arrastando-o para o meio-fio para chamar um táxi. Seu enorme relógio refletia sob as luzes da rua.

– *First you pay. You pay us now.* (Primeiro você paga. Você nos paga agora).

O Magro caminhou nervosamente logo atrás d’O Gordo, que parecia estar muito excitado com a sacanagem que estava prestes a acontecer, agora que a discussão financeira havia terminado. Eu me perguntava o que aconteceria quando

eles chegassem no bairro rico, em seu hotel chique e tentassem levar as mulheres para os seus quartos. Imaginei os recepcionistas tentando explicar para O Gordo que sua amiga travesti não poderia acompanhá-lo e que eles teriam que encontrar um motel para consumir tal objetivo. As mulheres, é claro, já sabiam. Mas até lá elas já teriam recebido seu dinheiro ou pediriam mais dinheiro. O Gordo não perguntou quando sua hora começaria. A Barra ficava longe, a cerca de quarenta minutos. É claro que se eles chegassem ao hotel e eles não quisessem pagar, as mulheres poderiam fazer um escândalo. O antropólogo Don Kulick (1996) entrevistou extensivamente prostitutas travestis sobre suas táticas para extrair dinheiro adicional dos seus clientes fazendo um escândalo em público para chamar a atenção para a relação sexual dos homens com elas. Eu daria tudo para estar no saguão para assistir a essa performance.

Ou talvez os iranianos conseguissem passar com as mulheres pela recepção e levá-las aos seus quartos. Pergunto-me o que aconteceria quando eles percebessem que uma das mulheres era uma travesti. Ficaria o Gordo surpreso? Nervoso? Excitado? Ou talvez ele fosse mais experiente do que eu imaginara e já soubesse de tudo. Fico imaginando se os homens seriam tão descuidados com seus objetos de valor no quarto do hotel como foram com seus objetos de valor que carregavam pelas ruas. E imagino quantos outros jeitinhos as mulheres reservavam para aquela noite. Escrevi um lembrete para procurar pelas mulheres na noite seguinte e perguntar-lhes como foi, mas nunca mais as vi novamente. Espero que elas tenham abandonado a cena do comércio sexual porque a noite teve um final muito feliz e não devido a um final ruim, mas nunca descobri o que houve. Essa é a natureza da etnografia.

O Gordo e O Magro eram turistas típicos que compravam sexo de várias maneiras durante a Copa do Mundo. Tal como a descrição etnográfica acima – retirada das minhas notas de campo – ilustra, eles não tinham experiência com a economia sexual. Na verdade, eram muito ingênuos. Eles não conheciam os preços apropriados, careciam de qualquer facilidade linguística com o português e tinham dificuldades em compreender as mulheres quando elas tentavam falar em inglês. Eles não compreendiam como a mecânica de um programa funcionava ou quais detalhes eles deveriam ter negociado: Quanto tempo dura? Onde os programas são realizados? Quais ações estão incluídas? Preservativos serão utilizados e, caso positivo, quem deveria fornecê-los? Quando deveriam pagar? Quanto deveriam pagar, baseados nesses fatores? Na verdade, os iranianos eram pobres turistas sexuais que eram tímidos para se aproximar e negociar com várias mulheres. Eles, finalmente, conseguiram uma prostituta para cada, mas apenas porque as mulheres

estavam trabalhando juntas. Eles quase praticaram sexo a três, mas pareceu que isso teria acontecido por causa do constrangimento causado pela negociação e não porque eles de fato queriam compartilhar uma mulher ou ter um vínculo homosocial ou homoerótico. Eles só conseguiram uma prostituta para cada um porque as mulheres estavam trabalhando juntas e decidiram formar uma dupla.

Na verdade, os membros do Observatório e eu vimos esse padrão se repetir. Turistas sexuais na Copa do Mundo não vieram especificamente para comprar programas. Muitos deles vieram para observar o ambiente excitante, mas não queriam pagar. As mulheres reclamavam que os gringos queriam conversar, talvez pagar-lhes uma bebida e que todos queriam tirar *selfies* para postar no *Facebook*, mas eles não queriam pagar. Eram gringos maus. Eles desperdiçavam o tempo das mulheres e as afastavam de clientes que estavam dispostos a pagar. Sem sombra de dúvida, os gringos durante a Copa do Mundo pagaram preços superfaturados pelos programas. Turistas sexuais que frequentemente vêm para o Brasil sabem o quanto custa o programa em um determinado local e com uma determinada mulher. Já os gringos desavisados que vieram para a Copa foram facilmente explorados.

Assim como os iranianos, vi muitos casos de gringos ficando confusos e perguntando se eles poderiam compartilhar uma mulher. Na verdade, imediatamente após os iranianos saírem, eu escutei dois homens italianos, que tinham por volta de vinte e poucos anos, se aproximarem de uma jovem mulher morena, que estava no final da adolescência ou no início dos vinte anos, e pedirem-na para fazer sexo com os dois. Deste modo eles esperavam por um desconto. Eles falaram em italiano, mas ela respondeu em português, dizendo que estava muito cansada para fazer tal programa. Era mais provável que essa recusa era sua maneira de evitar uma situação potencialmente perigosa. Os homens continuaram pedindo e ela se ofereceu para encontrar uma segunda mulher, mas eles realmente queriam o sexo a três com um desconto. Assim como aconteceu com os iranianos, a primeira mulher foi embora e uma dupla de mulheres que estavam trabalhando juntas apareceu imediatamente e socializaram com eles, de modo que cada um pudesse ter uma mulher. Mas, novamente, eles não queriam pagar o dobro.

Os italianos pensavam que eram negociadores astutos. Eles fingiam que iam embora, mas retornavam para negociar novamente. Depois eles repetiam essa tática de ir embora, mas ficavam olhando pelos ombros para ver se as mulheres iriam se arrepender e chamá-los de volta em vez de perder o programa. Não foi um ato muito convincente. As mulheres apenas os deixavam ir embora. Certamente, qualquer um com experiência saberia que nenhuma prostituta daria um desconto de 50% no primeiro programa da noite e certamente não na noite de abertura da

Copa, quando elas ainda esperam fazer uma pequena fortuna. No final de uma noite não muito movimentada, as prostitutas com certeza poderiam fazer isso e algumas ainda iriam fazer programas gratuitos pela oportunidade de pernoitar com algum cliente e evitar uma longa viagem ou uma corrida de taxi cara na volta para a Zona Norte, onde muitas residem (taxistas sabem disso e frequentemente aparecem no final da noite oferecendo corridas gratuitas em troca de sexo). Os italianos finalmente pararam de andar e, olhando tristemente para as mulheres que eles desejavam, pegaram suas carteiras. Eles se aproximaram, sussurrando, e começaram a contar o dinheiro para ver se tinham reais suficientes para atingir o preço das mulheres. A última vez que os vi, eles estavam caminhando vagarosamente de volta para as mulheres com suas carteiras vazias oferecendo todo o dinheiro que tinham por um programa. As mulheres sorriram. Estes eram gringos bons.

De acordo com o antropólogo Thaddeus Gregory Blanchette (2012), as mulheres possuem várias nomenclaturas para descrever os gringos. Seus conhecimentos sobre os gringos são diferentes da imagem do gringo utilizada pelo governo e até mesmo pela mídia. Elas falam sobre gringos bons. De acordo com Blanchette (2012, p.75), “para as prostitutas de Copacabana, ‘gringo bom’ é aquele recém-chegado, que fala pouco ou nenhum português e paga os programas sem pechinchar”. Assim as mulheres coletivamente me explicaram na pesquisa de campo: gringos bons pagam bem, muito mais do que os brasileiros. Um gringo bom usa preservativo, é educado, não tenta fazer sexo anal ou outras atividades que não foram negociadas anteriormente, e goza rápido. Gringos bons podem se tornar clientes regulares e frequentemente ficam por períodos longos para que a mulher possa fazer vários programas com ele durante sua estadia. Às vezes um gringo bom a pede em namoro ou apresenta oportunidades de imigração. Muitas prostitutas reportaram para Blanchette e da Silva que, caso encontrassem um gringo bom, elas tentariam engravidar de modo a influenciar no processo de imigração ou para receber pensões mensais (BLANCHETTE; SILVA, 2005). Esse também é um fenômeno estudado extensivamente pela cientista social brasileira Renata Melo Rosa (1999), cujas pesquisas mostram que o amor e o apego emocional estimulam migrações transnacionais de mulheres brasileiras de formas tão complicadas que confundem as fronteiras de constructos, tais como o “turismo sexual”. Por outro lado, essa estratégia de engravidar também pode terminar de forma trágica para as mulheres que carregam os filhos dos gringos, certamente.

As prostitutas também falam depreciativamente dos gringos aos quais elas se referem com a gíria “fariseus”, um termo que reflete o histórico evangélico

cristão de muitas delas. Fariseus são gringos que se sentem moralmente superiores quando estão comprando um programa. Os gringos que desperdiçaram o tempo das mulheres oferecendo bebidas, querendo conversar e tirar *selfies* para o *Facebook*, mas não compraram um programa, pois achavam que eles não “precisavam” pagar pelo sexo, eram fariseus. Como uma prostituta explicou para Blanchette no campus do Observatório,

Fariseu é aquele gringo que se acha melhor que a gente. Ele fala português e sabe agir como brasileiro. Nem fode, nem sai de cima: ele gosta de ter a garota em torno de sua mesa, fazendo *mis en scène*, fazendo-o se sentir o máximo, mas na hora do programa, não quer pagar” (BLANCHETTE, 2012, p.73).

As mulheres que entrevistei também falaram muitas vezes sobre os “gringos latinos”:

– Existem gringos e existem gringos latinos – explicou Priscilla. – Gringos são bons. Eles são bem melhores do que os brasileiros! Mas gringos latinos são horríveis [...] os gringos latinos nunca querem pagar. Ele não tem dinheiro, mas acha que deveria ter sexo de qualquer maneira! Ridículo!

Quando perguntei quem entre os gringos latinos eram os piores, ela rapidamente apontou duas nacionalidades:

– Os chilenos! – Disse ela, revirando os olhos. – Esses carinhas sempre mordendo nossos tornozelos! Eles querem xoxota, xoxota, xoxota, mas eles não têm dinheiro! Oh, e os argentinos, é claro. – As mulheres sempre reclamavam sobre transar com argentinos, mas isso também refletia as rivalidades sociopolíticas e do futebol.

Também havia muitas caravanas desses dois países no Rio de Janeiro.

– Eles vêm aqui e pensam que a xoxota vai custar 20 reais! – Ela riu. – Pega isso e vai no Centro, vai num *fast foda* (tipo de bordel) onde custa um real por minuto. Por um programa de uma hora? Eu espero que você venha para as ruas de Copacabana e me traga 250, 300. Às vezes eu ganho 400. Certa vez minha amiga ganhou 500 de um gringo.

Grupos de amigos ficavam com cerca de seis ou sete homens numa van ou carro, dormindo no veículo estacionado. Esses grandes grupos de gringos latinos foram uma irritação para a polícia brasileira e para outros empresários, não apenas para as prostitutas. Em uma entrevista que conduzi com um agente do FBI dos EUA que estava trabalhando com a polícia militar e a polícia civil no Brasil, em relação aos problemas de segurança na Copa do Mundo, ele explicou que a polícia estava sempre lidando com o mau comportamento dos grupos de gringos chilenos que faziam festas nas ruas, ficavam bêbados, arranjavam brigas e geralmente causavam problemas.

Existem turistas sexuais especialistas que participam de fórum de discussões na internet, onde deixam resenhas e informações sobre bordeis e mulheres. Eles referem-se a si mesmo como *mongers* (traficantes/vendedores), que vem do termo *whoremonger* (devasso), e debatem sobre os melhores pontos de turismo sexual no Brasil (e às vezes sobre outros países, dependendo se eles são especialistas no Brasil ou se são generalistas e compram sexo em outros países e regiões). Eles se orgulham por nunca pagar mais do que o necessário e por pagarem o mais barato possível. As mulheres não gostam de tais gringos, os acham irritantes ou decepcionantes, mas os respeitam, pois são essencialmente gringos que agem como brasileiros.

Existe uma disjunção entre a imagem que o governo passa sobre os gringos, rotulando-os como predadores, e a percepção das prostitutas sobre os gringos. O governo sempre está preocupado com os gringos turistas sexuais que podem explorar mulheres e crianças, mas enfatizar a natureza predatória dos gringos turistas sexuais durante os grandes eventos baseia-se em estereótipos do fã de futebol hipermasculino, sexualmente agressivo e imoral, associando ideias sexistas sobre homens com premissas de que os fãs de esportes serão mais suscetíveis a prejudicar as mulheres e crianças. Não existe, de fato, nenhuma evidência de que um fã de esporte seria mais suscetível a explorar alguém sexualmente do que um gringo que não gosta de esportes. Na verdade, faria mais sentido que o gringo visitando um evento esportivo estivesse mais interessado no futebol e encontrasse sexo apenas incidentalmente. Não é tão provável ele sair da sua rotina para encontrar algum local oculto, um bordel clandestino, com meninas menores de idade. Ele não tem conhecimento o suficiente para acessar as áreas mais obscuras de uma economia clandestina. Caso compre sexo, é mais provável que ele o obtenha no local mais turístico possível, ou seja, na área próxima ao Balcony, onde seria menos provável haver crianças prostitutas... pelo menos até o governo o interditar.

Na verdade, muitos gringos fãs de esporte com os quais conversei eram fariseus. Às vezes eles poderiam ser convencidos por uma prostituta agressiva a comprar um programa, mas eles não tinham planejado essa eventualidade. Eles eram o que Blanchette e da Silva (2005) se referiram como “turistas sexuais acidentais”. Muitos destes gringos esperavam sair com uma mulher brasileira, mas se essa oportunidade não aparecesse num bar ou nos aplicativos de relacionamento como o *Tinder* eles iriam se contentar, no fim da sua viagem, com uma prostituta. Também houve alguns gringos que elevaram os níveis da tendência fariseu, direcionando-a para excitantes modos de espectador, como um pequeno grupo de fãs de futebol ingleses que colocou cadeiras dobráveis e um isopor com cervejas na calçada da praça para assistir ao comércio sexual como se aquilo fosse um *show*. Eles não compraram programas, mas ficavam fazendo comentários e irritando as mulheres.

Estudando a economia sexual do Rio de Janeiro antes, durante e depois da Copa do Mundo, ficou claro que os fãs de esporte que vieram ao Rio durante esse megaevento, sendo fariseus ou gringos bons, eram neófitos. Longe de serem homens predatórios que explorariam as mulheres, os turistas sexuais durante a Copa do Mundo eram apreciados pelas mulheres como os alvos mais fáceis que encontraram ao longo dos anos. Outra mulher, Pâmela, explicou, enquanto olhávamos da nossa mesa para a multidão de homens que começavam a aparecer nos arredores da praça:

– Nossa! Olhem para todos esses gringos! – Ela riu e levantou o braço, apontando para eles. – Está chovendo na minha horta! Vem aqui! Estou pronta! – Ela disse, cantarolando como se eles fossem franguinhos correndo desatentamente e que precisassem ser encurralados. Enquanto cantarolava, ela colocou uma perna na cadeira, formando um ângulo reto com os joelhos, e ventilou a virilha com sua mão, como se estivesse atraindo todos aqueles “pequenos franguinhos” em direção a sua vagina.

Blanchette (2015, p.171) afirma que “gringos, como estranhos, também contêm algo do que Lévi-Strauss rotulou como significante flutuante, no qual eles representam um valor indeterminado de significação”. O gringo pode ser mercurial e pode mudar com o tempo, até mesmo adotando algumas características da cultura do hóspede. Assim, gringos bons podem se tornar “*mongers*” e começar a tratar as prostitutas brasileiras como os homens brasileiros o fazem. Blanchette segue elaborando como o gringo se desenvolveu com o passar do tempo até o seu estado atual, como se fosse uma tela em branco na qual os indivíduos podem projetar o

que eles quiserem de acordo com suas próprias ideologias. No caso da Copa do Mundo (e também das Olimpíadas), o gringo é meramente um bicho papão, porém é um bicho papão útil, pois permite que o governo, os cristãos evangélicos e grupos católicos, as feministas antiprostituição e outros decretem suas próprias agendas sob a fachada de um pânico moral. As significações projetadas na ideia do gringo revelam mais sobre as obsessões sexuais daqueles que fazem a projeção do que sobre a atual realidade da economia sexual. Existem certamente alguns gringos que pagariam por sexo com meninas menores de idade (e de qualquer idade), mas a maioria esmagadora das prostitutas viam os gringos da Copa do Mundo como presas e não como predadores. Isso era verdade não apenas na área ao ar livre perto do Balcony Bar em frente à FIFA *Fan Fest* – onde se pode esperar encontrar turistas sexuais acidentais tropeçando para fora da partida e se interessando pela festa na rua sem perceber que ali é o coração da prostituição de Copacabana – mas também dentro dos bordéis.

GRINGOS NA CERCA

Thaddeus Blanchette e eu nos sentamos em uma terma em Copacabana, usando roupões brancos e chinelos, bebericando caipirinhas e tomando notas. Essa era nossa tarefa do Observatório, pois apenas homens são permitidos nas termas e a maior parte dos pesquisadores da nossa equipe são mulheres. Termas são casas de banho com prostituição heterossexual no estilo dos bordéis. Uma sauna é a versão gay da terma (ver MITCHELL, 2016c). Numa sauna pode haver garotos de programa (significando que trabalhadores sexuais estão disponíveis) ou não (significando que os clientes podem fazer sexo uns com os outros, de graça), mas uma terma sempre envolve a prostituição. O cliente usa uma pulseira e ao sair, paga uma taxa de entrada, aluguel do quarto, qualquer comida ou bebida que tenha consumido e o custo de um programa. Programas em um local de alto nível como este geralmente custam 300 reais, incluindo o quarto e a taxa de entrada. A casa pode ficar com até a metade deste valor. As mulheres acham isso aceitável, pois mesmo que elas consigam o mesmo valor ou até mesmo um pouco menos do que poderiam fazer na rua, aqui elas têm privacidade e também a segurança para lidar com a polícia, clientes ou outros elementos perigosos.

Esta terma em particular possui vários andares, o que é típico. Há uma sauna a vapor e uma sauna seca que somente os clientes utilizam. Existe um andar repleto de cabines, que estão disponíveis para alugar e fazer programas. Também há uma sala retangular com um bar completo em sua extremidade. Há assentos e pequenas mesas ao longo da periferia e há um DJ tocando *club music*. Este andar é reservado

para dançar, mas, neste momento, apenas algumas mulheres se encontram nele. Quase todas as quarenta mulheres desta terma da Zona Sul são brancas e loiras, com cabelos tingidos (geralmente) e quimicamente alisados. Elas estão sozinhas, espalhadas nesse espaço, fazendo uma pequena dança que consiste em balançar a bunda. As mulheres vestem uma saia muito curta que sobe quando elas fazem isso, então, a maior parte da dança também envolve puxar a saia para baixo a cada segundo. Nos bancos há homens sentados e vestidos com roupões, conversando entre si e às vezes com as mulheres que se aproximam, paqueram com eles e, talvez, deixam o cliente pagar uma bebida (geralmente uma bebida não alcoólica, pois as mulheres invariavelmente mencionam que muitas não desejam as calorias e nem os problemas de saúde que uma noite bebendo sem parar pode ocasionar).

Duas mulheres se juntam a nossa mesa. Elas estão muito interessadas na pesquisa do Observatório e estão interessadas em aprender mais sobre o grupo de direitos das prostitutas, o Davida, que mencionamos. Elas nos aconselham a não falar muito alto sobre este assunto, pois o gerente daquela terma não gostaria que elas conversassem com organizações de profissionais do sexo. Algumas termas deram boas-vindas ao grupo Davida, mas esta não. Vimos um grupo de jovens gringos dos EUA entrarem no bar e se sentarem na frente de nossa mesa. Eles se sentam em uma linha perfeita, como quatro pássaros empoleirados numa cerca, suas mãos cuidadosamente apoiadas no colo. Todos concordamos que eles pareciam estar completamente apavorados, o que é uma graça.

Esses homens parecem ser recém-saídos da faculdade, com talvez 23 ou 24 anos. São todos brancos e bem cuidados, barbeados e com os cabelos arrumados. Eles puxam e arrumam seus roupões nervosamente, rindo sem jeito e sussurrando nos ouvidos uns dos outros enquanto assistiam as garotas na pista de dança. É como em um baile do ensino médio em um ginásio: meninos tímidos se escondendo na parede, com medo de convidar uma garota para dançar. De repente, um velho homem negro que parece ter quase setenta anos sobe na pista de dança e começa a dançar habilmente um pouco de samba com as mulheres. Ele é tão bom que o bar inteiro olha para ele, extasiado. Uma mulher sorri com alegria, abandona sua dancinha e começa a realmente se mostrar. Eles alternam para algum outro tipo de dança de salão e o homem a faz girar. Durante vários momentos as pessoas aplaudem e se exaltam. Bárbara, uma das garotas que estava sentada conosco explica que ele é um cliente regular. Ele é um expatriado afro-americano e todas as mulheres o amam. Para elas, pouco importa se ele é velho ou se ele é negro. Ele é um gringo bom – charmoso, generoso, respeitador e um bom dançarino também.

Após eles terminarem, os dois dançarinos foram sentar-se em um banco. Ninguém quer seguir esse ato. Nós continuamos a observar os meninos brancos. Uma das mulheres se aproxima e se senta, sussurrando no ouvido de um deles. Ele é o que primeiro entrou na sala e escolheu seus lugares e parece ser mais corajoso que seus amigos – pelo menos corajoso o suficiente para conversar com a prostituta. Após um minuto, ela faz uma careta e se afasta. Bárbara vai falar com essa prostituta para saber o que houve. Ela retorna e relata o ocorrido:

– Eles dizem que estão aqui apenas para olhar. Eles são apenas curiosos. Eles não querem programa. – Todos riem disso.

Depois de aproximadamente dez minutos, muitas outras mulheres chegam e logo ficam sabendo que os meninos gringos “só querem olhar”. O jogo começa. As mulheres começam a torturar os meninos, fazendo a dança que faz a saia subir na cara deles, mordiscando suas orelhas e brincando com os cintos de corda dos seus roupões. Elas os provocam e se divertem às custas deles. O gringo líder é o primeiro a “subir”, como dizem as mulheres, ou seguir com destino ao andar superior para um programa.

Uma vez que ele se foi, os outros garotos nem se mexem para preencher o espaço que ficou vazio. De algum modo, eles parecem se comprimir como se estivessem se amontoando para se protegerem. Outra mulher se aproxima e se senta onde o líder estava. Ela começa a agir no próximo cara. Ele tem ombros largos como um jogador de futebol americano. Percebo que ele tem um anel de casamento. Ele até brinca com ele, como se fosse algum tipo de expressão freudiana muito óbvia de culpa. Menciono para meus companheiros de mesa que ele parece ser tão jovem que não poderia estar casado há muito tempo. A mulher continua a mexer com ele. O garoto de ombros largos continua a enrubescer, continua a balançar a cabeça, continua recusando e continua afastando as mãos dela para longe dele. Porém, após cinco minutos, ela está puxando-o pelo braço, rebocando-o pelo salão como um pequeno rebocador arrastando um navio pesado. Para cima seguem, em direção à sua cabine.

O terceiro é ruivo e sardento. A própria Bárbara abandona nosso banco e o pega. Ela despenteia seus cabelos e sussurra em seu ouvido. Seja o que for que ela disse, funcionou, pois logo ele sai de mãos dadas com ela. Ele murmura algum tipo de pedido de desculpas para seu amigo, o qual acaba de abandonar no banco. Viro-me para o meu colega e digo “5... 4... 3...” mas nem chego a terminar. Uma mulher – uma das poucas que têm cabelos negros – vai em direção ao banco. Ela

não diz uma palavra. Ela sequer o olha nos olhos. Simplesmente passa por ele sem parar, deslizando sua mão na dele enquanto caminha, e o leva para cima.

Algumas horas depois, meu colega e eu deixamos a terma e retornamos aos arredores do Balcony Bar, que estava fechado, para fazer algumas entrevistas com as mulheres que estavam trabalhando lá e para ver como andavam os negócios naquela noite. De repente, vejo quatro figuras se aproximando. Eles estão rindo e se abraçando, gritando, pulando e falando um com o outro. Surpreso, bato no ombro do meu colega – Olha! – É tudo o que consigo dizer. Nós observamos enquanto nossos quatro pequenos pássaros da cerca passam por nós como um trovão, extáticos. Podemos ouvir fragmentos da história enquanto eles se regalam falando de suas proezas durante o programa, mas agora sem medo e com bravata. Não temos como não imaginar como a versão das prostitutas se compararia com a deles, mas como as prostitutas sempre dizem, os detalhes dos programas ficam “entre quatro paredes, querido”.

Apesar do fato de que nem a prostituição, nem o tráfico sexual, aumentaram significativamente durante a Copa do Mundo, a mídia dos EUA continuava a propagar notícias sensacionalistas tal como o *Huffington Post*, que declarou: “Crianças vendidas para sexo na Copa do Mundo por poucos dólares, pacotes de cigarros” (GOLDBERG, 2014). Enquanto isso, o *Human Trafficking Search* (um projeto da peculiarmente sombria Fundação OLP) declarou que,

no ano anterior à Copa do Mundo da FIFA, garotas de áreas pobres do Brasil começaram a desaparecer. Muitas das jovens mulheres foram sequestradas das favelas do Brasil por traficantes sexuais e foram levadas para as cidades onde aconteceria a Copa do Mundo da FIFA e seriam usadas para servirem aos trabalhadores que construíam os estádios de futebol (LILLIE, 2014).

Como evidência, eles utilizam uma história de um tabloide britânico que se refere a textos sem fontes, rumores infundados de segunda (ou possivelmente de terceira) mão de que a máfia russa estava traficando garotas para o Brasil e também trazendo escravas sexuais da África para o Brasil. Isto é curioso porque nossa equipe de cientistas sociais conduziu visitas regulares a dezenas dos locais estabelecidos, inclusive o que é frequentado pelos atuais operários no Rio de Janeiro e encontramos poucas mulheres que viajaram de qualquer lugar fora do Rio para a Copa e apenas uma que não era brasileira: uma peruana trabalhando numa terma de classe média, que disse que ela ganhava menos dinheiro trabalhando em Lima do que durante a Copa.

Enquanto certamente há prostituição infantil no Brasil e a exploração sexual existe, as fantasias criadas pelos evangélicos e pelos grupos antiprostituição parece revelar muito mais sobre a vida íntima dos salvadores do que sobre as experiências das prostitutas diante da Copa do Mundo. O grupo evangélico *Exodus Cry* primeiramente declarou ter parceria com mais de 500 igrejas brasileiras durante a Copa e disse que eles “alcançaram 1.972 homens, mulheres e crianças exploradas”. Entretanto, não fica claro o que “alcançar” significa. Eles também “treinaram mais de 1.539 voluntários internacionais em sensibilização e intervenção”. Fica ainda menos claro exatamente em que estes trabalhadores e sensibilizadores estavam intervindo, dado que havia quase salvadores o suficiente para cada um ter a sua própria pessoa explorada para “alcançar” (EXODUS CRY, 2014). O *Exodus Cry* também postou uma citação inspirada sobre a falta de vítimas do tráfico sexual dizendo: “A pergunta que devemos nos fazer é a seguinte: Se os homens que os compram para o sexo podem encontrá-los para o sexo, por que não podemos?”. Acho que esses evangélicos responderam sua própria pergunta.

CONCLUSÃO

Os gringos têm um lugar especial na cultura carioca. Turismo é a alma da economia carioca e os gringos são uma constante presença para qualquer um que more no Centro ou na Zona Sul. Os cariocas podem achar os gringos exasperados, tolos, ofensivos, ingênuos, cosmopolitas ou mesmo desejáveis sexualmente. No entanto, as construções cariocas sobre o gringo não são as que dominaram a cobertura da mídia da Copa do Mundo, nem são aquelas que o governo tinha em mente quando começou a projetar campanhas publicitárias para o público. O Vaticano certamente não mostrou qualquer familiaridade com os sentimentos matizados do carioca em relação aos gringos quando utilizou a sua considerável influência para começar a assustar os brasileiros. Quando a filial brasileira do grupo feminista internacional *Femen* chegou e tomou o aeroporto no Rio de Janeiro, encenando protestos nus para chamar a atenção para a “exploração sexual” do turismo sexual, elas não estavam usando o entendimento das profissionais do sexo cariocas sobre os gringos, e sim uma posição ideologicamente forjada por feministas radicais internacionais. E quando grupos evangélicos dos Estados Unidos vieram a centenas de igrejas brasileiras para mostrar filmes horripilantes sobre o “tráfico sexual” em um esforço para “sensibilizar” sobre os milhares de gringos predadores que estariam supostamente chegando para levar as filhas do Brasil, eles não estavam usando as complexas compreensões do carioca sobre os gringos.

Em vez disso, todos esses grupos projetam suas próprias fantasias, medos e preconceitos sobre a ideia do gringo. Fazendo assim, eles criam uma narrativa mitológica sobre o Brasil presumindo que as mulheres brasileiras são vulneráveis e que já estariam se tornando vítimas de homens estrangeiros e predatórios. Isso torna impossível qualquer ideia de agenciamento para mulheres brasileiras que vendem sexo, pois promove uma ideologia de moralizar forças neocoloniais que colocam todas as prostitutas na categoria de vítimas do tráfico. Ao fazê-lo, rejeita-se a autonomia do Brasil enquanto país onde a prostituição não é crime e se rende à visão de estrangeiros de um Brasil atrasado, incompetente e incapaz de proteger seus próprios cidadãos. Na verdade, as prostitutas do Rio acharam que os gringos que vieram durante a Copa e compraram sexo eram especialmente “gringos bons” que estavam suscetíveis ao jeitinho das prostitutas, que pagam o que é solicitado, que são educados e generosos e que não criam problemas. Longe de trazer homens grosseiros ou *hooligans* violentos, a Copa do Mundo trouxe (de acordo com a preocupação das prostitutas) talvez muitos fariseus que não queriam comprar sexo, mas os gringos que compraram eram os melhores tipos de gringo possíveis.

O período reacionário que descrevi – o qual podemos chamar de O Grande Pânico sobre os Gringos de 2014 – pode parecer relativamente banal. Quem se importa se estes gringos privilegiados estão sendo incompreendidos ou difamados? Meu propósito aqui não é instilar simpatia pelos gringos. Nem tenho como propósito criar algum tipo de “direitos dos homens” alegando que grupos de feministas radicais difamaram os gringos com seus estereótipos equivocados de *hooligans* ou da “*lad culture*”⁵. Em vez disso, o que é importante compreender é que o pânico sobre a presença dos gringos em 2014 foi um pânico moral. Como a antropóloga feminista Gayle Rubin (1984) argumentou em seu ensaio canônico, *Thinking Sex* (“Pensando o sexo”), durante períodos de pânico moral em que forças conservadoras acreditam que a sexualidade é fundamentalmente pecaminosa, é possível que se aprovelem alterações legislativas e se adotem outras ações que têm consequências a longo prazo, por restringir a liberdade e as escolhas sexuais dos “outros”, especialmente aqueles que já se encontram nas margens sexuais da sociedade (RUBIN, 1984; conferir também LANCASTER, 2011). O pânico sobre os gringos também pode gerar esses tipos de consequências.

5 O termo “hooligans” é utilizado para descrever fãs de futebol barulhentos que têm mau comportamento, envolvendo-se em brigas e consumindo álcool em excesso. Já a expressão britânica “lad culture” é usada para descrever e justificar, de forma condescendente, o mau comportamento dos homens.

Além do fechamento do Balcony Bar, a polícia também conduziu uma grande operação em um prédio onde dezenas de mulheres moravam e vendiam sexo em Niterói, semanas antes da Copa do Mundo. Durante esta incursão, eles bateram nas mulheres, roubaram todos os seus pertences e seu dinheiro e escolheram algumas mulheres para agredir sexualmente. Os membros do Observatório se encontraram e trabalharam com as mulheres para provir assistência. Quando uma destas mulheres denunciou esse crime, ela foi sequestrada, torturada com lâminas de barbear, e mostraram-lhe fotos dos seus filhos enquanto os sequestradores ameaçavam matá-la e a seus filhos⁶.

Os evangélicos e os grupos feministas antiprostituição não iriam perdoar tal operação, mas os seus medos e suas contribuições para criar o pânico sobre os gringos os fizeram cúmplices dessa ação. Aderir a uma ideologia de pânico em relação ao gringo permite que forças antiprostituição construam o gringo para justificar seu próprio moralismo imperial. Isto permite que campanhas de limpeza social e incursões de bordéis aconteçam nas chamadas zonas da luz vermelha. O pânico dirigido aos gringos possibilitou a apropriação de terras, a gentrificação de áreas em Copacabana e o abuso de mulheres que vendem sexo. Eliminaram-se os direitos dessas mulheres de ter proteção e segurança e se restringiram suas habilidades de livre locomoção em sua própria cidade. Na verdade, é uma ironia sinistra o fato de que as mitologias dos movimentos antitráfico acabariam por limitar a liberdade das mulheres. Fomentar esse pânico moral por causa dos grandes eventos esportivos do Rio teve como efeito a retirada dessas mulheres da cena sexual, a fim de limpar a cidade para que ela pudesse renascer sem pecados.

E, para finalizar, o local onde se encontrava o Balcony Bar reabriu tendo um novo proprietário e ainda em tempo para as Olimpíadas de 2016. Agora é um restaurante caro da orla, sofisticado e bem iluminado, sem uma puta sequer. E o nome desse restaurante chique? Imaculada. *Concebida sem pecado, realmente...*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AJAM, Kashiefa. Trafficking of people, the Cup crisis that never was. *IOL News*, 17 de julho de 2010. Disponível em: <http://bit.ly/108XioE>. Acesso em: 26 de março de 2013.
- BENEVIDES, Carolina; LAVOR, Thays; ONOFRE, Renato; PINTO Anselmo. Aliciadores já atuam em cidades da Copa do Mundo. *O Globo*, 27 de abril de 2014. Disponível em: <http://>

6 Para uma análise completa deste caso, ver BLANCHETTE; MITCHELL; MURRAY, 2015; conferir, também, MITCHELL, 2016b.

- oglobo.globo.com/brasil/aliciadores-ja-atuam-em-cidades-da-copa-do-mundo-12310760#ixzz3dik5oJDN. Acesso em: 26 de maio de 2016.
- BLANCHETTE, Thaddeus Gregory. “‘Fariseus’ e ‘gringos bons’: masculinidade e turismo sexual em Copacabana”. In: ASSIS, Gláucia de Oliveira; OLIVAR, José Miguel Nieto; PISCITELLI, Adriana (org.). *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Pagu, Núcleo de Estudos de Gênero: Campinas, 2012, p. 57-102.
- . “‘Almost a Brazilian’: Gringos, Immigration and Irregularity in Brazil.” In: ACARAZO, Diego; WIESBROCK, Anja (org.). *Global Migration: Old Assumptions, New Dynamics*. Santa Barbara, Praeger: 2015, p.167-194.
- BLANCHETTE, Thaddeus Gregory; SILVA, Ana Paula. “Nossa Senhora da Help: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana”. *Cadernos Pagu*, n. 25, p. 249-280, 2005.
- . “Sympathy for the devil: Pimps, agents and third parties involved in the sale of sex in Rio de Janeiro.” In: *Third Party Sex Work and “Pimps” in the Age of Anti-Trafficking*. Springer, (forthcoming) 2017.
- BLANCHETTE, Thaddeus Gregory; MITCHELL, Gregory; MURRAY, Laura. Discretionary Policing, or the Lesser Part of Valor: Prostitution, Law Enforcement, and Unregulated Regulation in Rio de Janeiro’s Sexual Economy. *Criminal Justice and Law Enforcement*, v. 7. No prelo.
- BORGES, Waleska. 2012. Três pessoas são presas na Zona Sul acusadas de incentivar a prostituição. *O Globo*, 15 de junho de 2012. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/tres-pessoas-sao-presas-na-zona-sul-acusadas-de-incentivar-prostituicao-5213176>. Acesso em: 26 de maio de 2016.
- EXODUS CRY. “ALL EYES ON BRAZIL”, 2013. Disponível em: <http://exoduscry.com/blog/all-eyes-on-brazil/>. Acesso em: 26 de março de 2013.
- . “Liberdade”, 2014. Disponível em: <http://exoduscry.com/liberdade/>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2016.
- . “Exodus Cry”, Facebook, 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/exoduscry>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2016.
- FARLEY, Melissa. “Bad for the body, bad for the heart”: Prostitution harms women even if legalized or decriminalized. *Violence Against Women*, v. 10, n. 10, p. 1087–1125, 2004.
- GLOBAL ALLIANCE AGAINST TRAFFIC IN WOMEN. *What’s the Cost of a Rumor?: A Guide to Sorting out the Myths and the Facts About Sporting Events and Trafficking*. Bangkok, 2011. Disponível em: <http://www.gaatw.org/publications/WhatstheCostofaRumour.11.15.2011.pdf>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2016.
- GOLDBERG, Eleanor. Children Sold For Sex At World Cup For Few Dollars, Pack Of Cigarettes. *Huffington Post*, 12 de junho de 2014. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com>.

- com/2014/06/12/world-cup-child-prostitution_n_5474716.html. Acesso em: 19 de fevereiro de 2016.
- JEFFREYS, Sheila. *The Idea of Prostitution*. Melbourne, Spinifex: 1997.
- KULICK, Don. Causing a Commotion: Public Scandal as Resistance Among Brazilian Transgendered Prostitutes. *Anthropology Today*, v. 12, n. 6, p. 3-7, 1996.
- LANCASTER, Roger. *Sex Panic and the Punitive State*. University of California Press, Berkeley: 2011.
- LILLIE, Michelle 2014. Sex Trafficking at the FIFA World Cup in Brazil. *Human Trafficking Search*, 14 de julho de 2014. Disponível em: <http://humantraffickingsearch.net/wp/sex-trafficking-at-the-fifa-world-cup-in-brazil/>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2016.
- MICKELWAIT, Laila. Myth vs Fact: 6 Common Myths about Prostitution and the Law. *Exodus Cry*, 24 de março de 2015. Disponível em: <http://exoduscry.com/blog/general/myth-vs-fact-6-common-myths-about-prostitution-and-the-law/>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2016.
- MITCHELL, Gregory. “40,000 Missing Girls: Fallacious Spectacle, Unruly Sexual Politics, and Police Violence in Rio de Janeiro”. *Brasiliana: Journal of Brazilian Studies*, 2016a. No prelo.
- _____. Evangelical Ecstasy Meets Feminist Fury: Sex Trafficking, Moral Panics, and Homonationalism during Global Sporting Events. *GLQ*, v. 22, n. 3, p 325-358, 2016b.
- _____. *Tourist Attractions: Performing Race & Masculinity in Brazil’s Sexual Economy*. Chicago: University of Chicago Press, 2016c.
- OFFICIAL VATICAN NETWORK. Play for Life: Campaign against human trafficking in view of the World Cup, 20 de novembro de 2013. Disponível em: <http://www.news.va/en/news/american-brazil-play-for-life-campaign-against-human>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2016.
- PHILLIPS, Tom. Rio nightclub closure leaves prostitutes Helpless. *The Guardian*, 17 de agosto de 2009. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2009/aug/17/rio-help-nightclub-closure>. Acesso em: 26 de maio de 2016.
- ROSA, Renata. *Vivendo um conto de fadas: Ensaio sobre cor e “fantasia” entre mulheres cariocas e homens estrangeiros*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Sociologia, Rio de Janeiro, 1999.
- RUBIN, Gayle. “Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality.” In: VANCE, Carole (org.). *Pleasure and Danger*. Nova Iorque: Routledge, 1984.
- _____. States of Contradiction: Twelve Ways to Do Nothing about Trafficking While Pretending To. *Social Research: An International Quarterly*, v. 78, n. 3, p. 993-948, 2011.

- VERDADE GOSPEL. ONG alerta para explosão da exploração sexual em sedes de Copa. *Verdade Gospel*, 24 de março de 2014. Disponível em: <http://www.verdadegospel.com/ong-alerta-para-explosao-da-exploracao-sexual-em-sedes-de-copa/>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2016.
- VERDÉLIO, Andreia. Campanha contra exploração sexual durante a Copa é lançada em Brasília. *Agência Brasil*, 2014. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2014-03/campanha-contr-exploracao-sexual-em-grandes-eventos-e-lancada-no>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2016.
- WEITZER, Ron. “Sex Trafficking and the Sex Industry: The Need for Evidence-Based Theory and Legislation”. *Journal of Criminal Law and Criminology*, v. 101, n. 4, p. 1337-1370, 2011.

Recebido para publicação em: 25/08/2016. Aceito para publicação em: 01/10/2016.

Turismo em favelas: notas etnográficas sobre um debate em curso

Favela Tourism: ethnographic notes on an ongoing debate

Camila Moraes^a

Resumo As favelas do Rio de Janeiro têm sido alvo de intensa visitação turística desde os anos 2000. Se antes esse turismo se concentrava na Rocinha, paradigmática favela turística, hoje expande-se para outras favelas da cidade, e tal expansão vem acompanhada da ampliação do debate sobre esse tipo específico de turismo. Neste artigo, analiso três eventos de disputa em torno do tema “turismo em favelas”, ocorridos entre 2014 e 2015: a série de debates “Fala Vidigal!”; o I Congresso de Turismo de Base Comunitária da Rocinha; e o Grupo de Trabalho (GT) sobre Turismo em Favelas na Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro. Os três eventos se apresentaram como interessantes cenários para observação participante e análise dos discursos sobre turismo em favela, tanto por parte da academia, como também por parte de empreendedores externos, empreendedores locais, moradores de favelas e órgãos públicos.

Palavras-chave Turismo; Favelas; Discursos; Rio de Janeiro

Abstract *Favelas of Rio de Janeiro have been intensely visited by tourists since the 2000s. If at first, favela tourism was concentrated in Rocinha, the paradigmatic tourist favela, today it expands to other favelas of the city, and this expansion is followed by a broadening debate about this type of tourism. I examine three events that occurred between 2014 and 2015, and where the meanings of this type of tourism are disputed: the series of debates “Speak up Vidigal!”; the I Congress of Community Tourism in Rocinha; the Favela Tourism Working Group in the City Council of Rio de Janeiro. These three events present themselves as an interesting setting for participant observation and discourse analysis on favela tourism by the academy, as well as by foreign entrepreneurs, local entrepreneurs, favela residents and public agencies.*

Keywords *Tourism; Favela; Discourse; Rio de Janeiro.*

a Professora Assistente do Departamento de Turismo e Patrimônio (UNIRIO), doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (CPDOC/FGV-RJ) e coordenadora do Observatório do Turismo em Favelas (UNIRIO).

INTRODUÇÃO

Em alguns lugares vocês vão ouvir chamar de favela; outros, de morro; em outros, comunidade; em outros lugares vai ser complexo; mas em todos os lugares o morador é o protagonista de tudo que a gente está falando (Fala de guia local no I Congresso de Turismo de Base Comunitária da Rocinha, 2015).

Na virada do milênio assistimos ao surgimento de um novo atrativo turístico na cidade do Rio de Janeiro: as favelas. De acordo com Freire-Medeiros (2009, 2013), as visitas às favelas do Rio de Janeiro não são exatamente uma novidade, pois existem registros de viajantes circulando nessas áreas desde os anos 1940. No entanto, o fenômeno analisado pela pesquisadora nos anos 2000 se refere à transformação da favela em marca e mercadoria, através do fenômeno por ela denominado *travelling favela* (favela viajante), que ilustra como a favela viaja através de imagens e objetos que se autodenominam como representativos ou oriundos da própria favela.

Nesse contexto, as favelas passam a ser consideradas como marca e mercadoria, de modo que algumas delas foram transformadas em atração turística e incorporadas entre as coisas para ver no Rio de Janeiro, seja por iniciativas internas e / ou externas. No que diz respeito ao caso do Rio de Janeiro, é possível identificar um papel fundamental das políticas públicas na mobilização turística das favelas e na expansão do turismo nessas áreas entre 2009 e 2016. Nas favelas mais visitadas, as políticas públicas têm promovido e apoiado a expansão para fins de desenvolvimento social e vêm sendo apresentadas também como um resultado de novos projetos de segurança pública (FRENZEL ET AL., 2015). Se até 2008 a Rocinha era a principal favela turística, a partir de 2009 ela começa a compartilhar a atenção dos turistas com Santa Marta, Complexo do Alemão e Vidigal, entre outras, principalmente por causa das políticas públicas implementadas nessas áreas.

É importante notar ainda que, a partir de 2009, o Rio de Janeiro se torna uma “cidade-sede” de megaeventos como a Copa do Mundo da FIFA de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. Para Soares Gonçalves (2013), nesse contexto de megaeventos, a inserção das favelas na cidade parece estar “mais do que nunca condicionada às suas novas configurações de áreas pacificadas, patrimonializadas para o turismo” (SOARES GONÇALVES, 2013, p.33). E nesta conjuntura, espaços de reflexão e debates sobre turismo ganham destaque em favelas da cidade: a série de debates Fala Vidigal!; o I Congresso de Turismo de Base Comunitária da Rocinha; e o Grupo de

Trabalho sobre Turismo em Favelas, realizado na Câmara dos Vereadores. Os três momentos selecionados ocorreram como resultado da expansão do turismo em favelas no contexto dos megaeventos na cidade. O Fala Vidigal! ocorreu às vésperas da Copa do Mundo. O Congresso da Rocinha e o Grupo de Trabalho, por sua vez, ocorreram em 2015, período entre a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, sendo assim bastante propício para reflexões sobre 2014 e as preparações para 2016.

Neste sentido, busco analisar aqui a resposta dos moradores a essa movimentação das favelas em direção ao sistema turístico internacional. Pois, assim como Freire-Medeiros (2009) já identificava em sua pesquisa, os moradores não estão alheios a este processo, e suas opiniões sobre o turismo em favelas não são exatamente polarizadas entre contrários ou favoráveis, correspondendo antes a um contínuo, com várias gradações possíveis, que varia de acordo com as relações ou encontros turísticos performados nas diversas favelas. Deste modo, o que analiso neste artigo é a apropriação pelos moradores da linguagem dominante nos assuntos sobre turismo, especialmente entre pesquisadores e Estado, em resposta à elaboração ou reelaboração das favelas turísticas no contexto dos megaeventos na cidade do Rio de Janeiro.

Para isso, este artigo foi elaborado com base em observação participante realizada nos debates apontados. A observação se deu durante pesquisa de doutorado, quando estreitei laços com moradores de favelas atuantes no turismo, além de contato travado com outros pesquisadores e profissionais da área. Foi através dessas redes que cheguei aos debates aqui analisados, sendo ainda convidada para palestrar em um deles, como será visto mais à frente.

Diante do exposto, este artigo prossegue organizado em três seções, cada uma delas dedicada à apresentação e ao exame de cada um dos eventos citados. Por fim, concluo que o turismo em favelas passou a ser percebido como importante fenômeno sociopolítico, investigado e interpretado por diversos setores da sociedade, em especial pelos moradores das próprias favelas, interessados em pensar, elaborar e se apropriar de linguagens, compreender as extensões, os limites e o futuro deste fenômeno.

“FALA VIDIGAL!”: TURISMO E GENTRIFICAÇÃO EM DEBATE

Considerando que cada favela é uma favela, cada experiência de turismo em favela terá suas características e peculiaridades. O Vidigal está localizado na Zona Sul do Rio de Janeiro, entre os bairros Leblon e São Conrado e sobre o Morro Dois Irmãos. Exemplo de luta contra o histórico processo de remoções ocorrido nos anos 70 (SOARES GONÇALVES, 2013; MACCANN, 2014), o Vidigal também é reconhe-

cido pela sua classe artística de pintores, escultores, atores e cantores, que habita as casas e apartamentos na parte baixa do morro (COUTINHO, 2006). Ao chegar ao Vidigal, o visitante se depara com prédios e casarões, e subindo a encosta, avista a favela. Assim como outras áreas do Rio, teve períodos marcados pela violência e pelo tráfico de drogas. Em janeiro de 2012, o Vidigal recebeu uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), o que é, segundo alguns grupos de moradores, umas das razões para o crescimento do turismo no local.



Figura 1. Vidigal. Fonte: Foto de Jeff Belmonte.

Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=44010>

O turismo no Vidigal se caracteriza pela rápida expansão interna, com a abertura de inúmeros albergues, bares e restaurantes, a “descoberta”¹ da Trilha do Morro Dois Irmãos pelos turistas, bem como por sua entrada no circuito da noite carioca, sendo eleito local favorito para as mais recentes festas da moda na cidade. Merece destaque ainda o fato de o Vidigal não ter sido “descoberto” e/ou “invadido” apenas por turistas: a circulação dos moradores de outras áreas da

1 Chamo aqui de “descoberta”, pois se trata na verdade de um caminho utilizado por trabalhadores que atuam no Programa Mutirão de Reflorestamento da Prefeitura do Rio de Janeiro realizado na região de mata no entorno do Vidigal, desde os anos 1980. Com a implantação da UPP, turistas e visitantes passaram a frequentar esta que se tornou uma das principais trilhas do Rio de Janeiro em 2014, e está contemplada entre os roteiros indicados para os Jogos Olímpicos Rio 2016. Ver: <https://www.rio2016.com/noticias/que-tal-uma-trilha-no-vidigal-passaporte-verde-leva-turistas-a-comunidade>. Acesso em: 19 de outubro de 2016.

cidade nos bares, restaurantes, festas e trilha são bem frequentes, podendo ainda superar em alguns momentos a presença de turistas estrangeiros.

Todos esses fluxos de pessoas e capitais, com novos investidores e novos negócios sendo abertos, mobilizaram o Fórum Intersectorial do Vidigal, que reúne pessoas e organizações ligadas a trabalhos sociais e prestação de serviços nessa favela. Nesse contexto, o Albergue da Comunidade, que reúne moradores interessados em alugar quartos ou casas para turistas; a ONG Comunidades Catalisadoras, que reúne pesquisadores e busca o empoderamento e a comunicação através de um centro de estudos sobre favelas; e a Associação de Moradores organizaram, entre março e junho de 2014, a série de debates Fala Vidigal!.

Os debates aconteceram às terças-feiras à noite na praça e no anfiteatro na entrada do Vidigal, que é um local de passagem para os moradores. Os debates foram filmados e relatados pela equipe da ONG Comunidades Catalisadoras e os conteúdos foram disponibilizados na internet². Os debates contaram com um impressionante público de fotógrafos, jornalistas, pesquisadores e moradores, que variaram entre cerca de 120 e 250 pessoas a cada noite.

No dia 18 de março de 2014, ocorreu o primeiro debate dedicado à “Especulação Imobiliária e o aumento dos preços no Vidigal”. Na mesa, lideranças comunitárias, moradores, pesquisadores e empreendedores locais falaram sobre o surgimento das favelas como alternativa de habitação na cidade; o histórico de lutas do Vidigal contra as remoções; apresentaram o fenômeno global da gentrificação, como esta aparece na mídia muitas vezes colocada como benéfica e traduzida como revitalização; e os movimentos de resistência pelo mundo, a exemplo do *Occupy Wall Street*³.

Esse primeiro debate tinha como objetivo, portanto, apresentar o que é a gentrificação. Fenômeno largamente debatido e teorizado na academia, identificado pela primeira vez nos anos 1960 na Rua Glass, em Londres, quando a expressão *gentrification* foi utilizada em comparação a um hábito próprio da *gentry*, a classe média-alta inglesa das áreas rurais que, além de sua residência no campo, mantinha uma residência na cidade. As primeiras descrições que utilizaram o termo *gentrification* destacavam, fundamentalmente, a revalorização experimentada por uma classe-média alta britânica em alguns bairros da capital. Van Weesep (1994) resume

2 Ver: <http://rioonwatch.org.br/?s=fala+vidigal>. Acesso em: 19 de outubro de 2016.

3 O movimento global dos “ocupas”, como o *Occupy Wall Street*, se caracterizou pelos acampamentos de estudantes e trabalhadores em áreas públicas em cidade de todo o mundo. Iniciado no segundo semestre de 2011, teve como uma de suas principais bandeiras a crítica à desigualdade econômica (PESCHANSKI, 2012).

a gentrificação como “uma expressão espacial de uma profunda mudança social” e destaca que a maioria das descrições e análises publicadas ao longo dos anos mostra como a gentrificação é um processo diversificado que pode transformar total ou parcialmente uma área; é protagonizado por uma série de agentes e suas causas e efeitos são complexos e difíceis de determinar (VAN WEESEP, 1994).

Nos anos 1970, a gentrificação passa a ser um fenômeno comum nos países industrializados ao longo da chamada era pós-industrial, com o declínio do modelo socioeconômico industrial tradicional. Caracteriza-se, em geral, pela ocupação dos centros das cidades por uma parcela da classe média, provocando a saída dos habitantes da classe baixa, que viviam no local (BATALLER, 2012). Nesse sentido, o fenômeno percebido por alguns pesquisadores e moradores no Vidigal se assemelharia à gentrificação. Isto porque, para estes, a saída de antigos moradores para a entrada dos novos moradores de classe média ou estrangeiros, que chegam à favela fazendo “boas” propostas de compra dos imóveis locais, seria um “sintoma do processo de gentrificação”. Este cenário provoca uma reflexão acerca do futuro do Vidigal, em especial, se essas mudanças e movimentos seriam de fato capazes de transformar ou até acabar com a favela. Por um lado, em diversos momentos, ouvi de moradores do Vidigal e de outras favelas referências à “remoção branca” como um sinônimo da gentrificação ou, em última análise, o resultado final deste processo que culminaria numa silenciosa remoção da favela. Por outro lado, há também moradores que consideram que este movimento de saída e entrada de antigos e novos moradores sempre ocorreu, e que esse momento de expressiva compra e ocupação de imóveis por classe média ou estrangeiros já não é mais crescente e tão assustador.

Após o primeiro debate, houve mais três encontros. O segundo ocorreu no dia 8 de abril de 2014 e abordou o tema “Que Vidigal você quer no futuro?”. Os organizadores exibiram um vídeo⁴ com depoimentos de moradores sobre o Vidigal e as recentes mudanças, além do depoimento de um estrangeiro, um dos novos moradores, e do fundador do Grupo de Teatro Nós do Morro⁵.

No dia 6 de maio de 2014, o terceiro debate abordou o tema “Os novos empreendedores: o que os novos empresários pretendem para a comunidade?”. Nessa noite, a mesa foi composta por um representante do Albergue Mirante do Arvrão

4 Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=bdlrpTsIlIE>. Acesso em: 19 de outubro de 2016.

5 Guti Fraga, Fred Pinheiro, Fernando Mello da Costa e Luiz Paulo Corrêa e Castro, protagonizaram a história do Nós do Morro, que começa a partir da amizade entre os quatro e da interação com as pessoas da favela nos bares locais. As peças do grupo teatral abordam a história e o dia-a-dia da favela (COUTINHO, 2006).

e um representante da Escola de Arte e Tecnologia, projeto social do artista plástico Vik Muniz. Segundo a organização do debate, outros novos empreendedores foram convidados, mas somente os dois citados confirmaram presença e compareceram. Na mesa, os dois representantes compartilharam a preocupação de seus estabelecimentos não estarem sendo plenamente bem-vindos na comunidade e se disponibilizaram a participar do debate para esclarecer quaisquer dúvidas. Ambos, o albergue e o projeto social, têm suas sedes no Arvrão, parte alta do Vidigal, de onde tem-se as melhores vistas da favela e da cidade, e também por onde se acessa a badalada trilha do Morro dos Irmãos. O local é o cenário das principais mudanças no morro, provocadas pela abertura de novos albergues, bares e quiosques, que vem alterando a paisagem da parte alta do Vidigal. As duas iniciativas tiveram grande repercussão dentro e fora da favela. O albergue chama a atenção por ser considerado uma hospedagem luxuosa em meio à favela, com quartos que não deixam a desejar se comparados aos melhores hotéis da cidade. E o projeto social do artista plástico promete muita inovação com uso de um método experimental de educação, que combina arte e tecnologia, desenvolvido pelo *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), respeitada instituição americana de ensino e pesquisa na área tecnológica.



Figura 2. A árvore símbolo do Arvrão com o Vidigal e a cidade ao fundo. Fonte: Foto da autora.

No dia 3 de junho de 2014, aconteceu o quarto e último encontro intitulado “O poder público tem a palavra: o que o poder público pretende para o Vidigal?”. Estavam presentes um representante da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), que se apresentou como “um programa que visa garantir o direito de vida dos cidadãos em colaboração com a comunidade local”, no Vidigal desde 2012; a UPP Social, que se apresentou como um “programa que tem o objetivo de através do diálogo integrar áreas da cidade que historicamente estavam apartadas pela violência”; o Posto de Orientação Urbanístico e Social (POUSO), dedicado ao planejamento, licenciamento e fiscalização das construções na cidade; a Light, que vem atuando nas favelas com renovação da rede e instalação de novos medidores; e a Guarda Municipal, que explicou sua atuação no ordenamento público e sinalização das vias conforme requisitado pela comunidade.

A novidade trazida por estes debates no Vidigal foi reunir lideranças locais, pesquisadores, os novos empreendedores da favela, o poder público e os moradores com o objetivo de discutir a gentrificação no Vidigal, como esta vem sendo percebida pelos moradores e as formas para se contornar ou resistir a este processo. E não apenas: ao longo dos debates, representantes de movimentos sociais, representantes de outras favelas e ONGs se colocaram sobre o tema da gentrificação em outras favelas. Um morador da Babilônia e representante do grupo Favela Não se Cala⁶ falou sobre como o mesmo processo se dava em sua favela, e o relacionou ao “turismo de realidade”, forma como o turismo em favela muitas vezes é tratado (JAGUARIBE E HETHERINGTON, 2004; FREIRE-MEDEIROS, 2007). Assim como o Vidigal, a Babilônia é outra favela da Zona Sul do Rio de Janeiro, localizada no bairro do Leme próximo a Copacabana, centro turístico da cidade. Nesta favela proliferam hospedagens, assim como são também comuns os roteiros que levam turistas para o Parque Natural Municipal da Paisagem Carioca acessado pela parte alta da favela com trilhas e belos mirantes.

Durante a fala do morador da Babilônia, manifestações contrárias ao turismo faziam eco na plateia e pessoas gritavam palavras de ordem, como por exemplo, “aqui não é zoológico!”, fazendo referência à expressão “safari de pobres” utilizada pelas mídias e setores da classe média nas críticas ao turismo em favelas no Rio de Janeiro (FREIRE-MEDEIROS, 2009). Para concluir sua fala sobre turismo e gentrificação, o morador fez uma crítica às recentes políticas públicas na favela e chamou a atenção para o caso do Teleférico do Alemão. Parte das obras do Programa de

6 Movimento que busca articular favelas, baixadas e periferias do Brasil para enfrentar os desafios comuns da atual conjuntura do sistema.

Aceleração do Crescimento (PAC) no Complexo de favelas do Alemão, Zona Norte do Rio de Janeiro, a impressionante obra de mobilidade e urbanismo é muitas vezes criticada pelos moradores do complexo de favelas, que não percebem a real utilidade do teleférico para o morador, mas sim para o turista, que tem a possibilidade de sobrevoar as favelas do complexo sem sair das gôndolas do teleférico, sendo apelidado de obra pra “gringo ver”, ou seja, uma política pública de melhoria da favela para turistas e visitantes e não necessariamente para o morador.

Presente em todos os debates, a representante da Organização Mulheres do Vidigal sempre relatava algumas situações que vinham acontecendo na favela em que o morador se sente prejudicado em detrimento de pessoas identificadas como “de fora” ou “do asfalto”. Primeiro, ela citou o exemplo de algumas mulheres do Vidigal à procura de empregos em hotéis e albergues do morro, e explicou que os homens ainda conseguem emprego na favela nas obras, mas as mulheres dificilmente têm empregos nos albergues e nos hotéis. Segundo a ativista, os donos dos empreendimentos dizem que “elas não têm experiências para atuar no hotel, a não ser na limpeza”. A jovem argumentou ainda que hoje no Vidigal “tem emprego para gente de fora da favela na favela, mas não tem emprego para quem é da favela na favela, assim como não tem mais lazer para quem é da favela, na favela”.

Esse foi outro ponto recorrente nos debates: para os moradores, suas festas são hoje proibidas, não há mais baile *funk*, nem roda de samba, apenas as festas dos albergues, que são voltadas para os turistas e para uma classe média alta carioca. A falta de lazer para moradores se apresenta como parte da gentrificação, que seria agravada com as compras de casas nas favelas, para instalação de novos projetos e abertura de novos albergues, bares e restaurantes. Para os moradores “cada casa vendida no Vidigal é uma ou duas famílias a menos de nascidos e criados no morro”.

A presença de estrangeiros e da classe média como “novos moradores” ou “novos empreendedores” do Vidigal apareceu frequentemente nos debates, mas dividiu a plateia. Para alguns, os estrangeiros muitas vezes vistos como os responsáveis pela gentrificação, são muito bem vindos na favela e sempre foram desde os anos 1970 e 1980, indicando que tal presença não é exatamente uma novidade, mas que antes não se falava em gentrificação. Para outros, não são apenas os estrangeiros que provocam a gentrificação, mas também pessoas de classe média que não conseguem mais bancar os altos preços em bairros da zona sul do Rio de Janeiro.

O tema da habitação foi revisitado em todas as noites do Fala Vidigal. Em um dos debates, um representante da Associação de Moradores fez um apelo aos moradores para pensarem antes de venderem as casas, que parecem valer muito, mas com o mesmo dinheiro, às vezes não compram outra casa no Vidigal e nem

mesmo perto, e como consequência, terão que mudar seu modo de vida e seus hábitos, indo para uma outra área da cidade, ou até mesmo fora da cidade. Muitos moradores especulam que a venda de casas na parte alta do Vidigal é um sinal de que aquela área vai virar um condomínio, ou seja, uma área à parte da favela, um “condomínio fechado”.

Os moradores questionaram muitas vezes o crescimento desordenado e a atuação da prefeitura que “não faz valer a lei”, ou melhor, que, na prática, “o que vale para uns não vale para outros”, referindo-se em especial às novas construções na favela. Para os antigos moradores, os novos residentes ou empreendedores da favela conseguem construir rápido e sem impedimentos, enquanto que as obras e construções dos antigos são sempre taxadas como irregulares ou em áreas de risco.

Outro importante aspecto nos debates foram as recentes políticas públicas nas favelas, em especial a UPP. Para os moradores, a UPP foi apresentada pelo Governo do Estado como uma solução de segurança pública e etapa inaugural de uma nova vida nas favelas com “novos programas sociais”, “tranquilidade e segurança”, “sem o domínio do tráfico de drogas”. No entanto, o que encontraram, nas palavras de lideranças comunitárias foram: “policiais malformados, sem preparação psicológica, sem preparação física e com salários baixos e os moradores continuam aguardando o governo, que nunca aparece”.

O último debate foi encerrado com uma fala que reforçou que as recentes políticas públicas no Vidigal são percebidas como uma das causas da gentrificação, pois preparariam terreno para a entrada da classe média ou dos estrangeiros na favela. Neste sentido, a percepção dos moradores está em consonância com a literatura: segundo Battler (2012), a movimentação de pessoas é uma das causas da gentrificação, pois vem acompanhada por investimentos e melhorias nas habitações e em seu entorno, incrementando muitas vezes a oferta de equipamentos e serviços. Tais melhorias agregam valor a estas áreas e seus imóveis. “Em conjunto, o fenômeno proporciona uma maior estima das áreas renovadas e, inclusive, uma recuperação do valor simbólico dos centros urbanos” (BATALLER, 2012, p.10).

Em resumo, os debates no Vidigal partiram do tema gentrificação e abordaram uma série de questões recentes na favela. Nos debates foram ouvidos moradores, pesquisadores, representantes de ONGs, os novos empreendedores e, por último, o poder público. A fala sobre o processo de gentrificação, que se inicia no discurso acadêmico, é apropriada e ganha respaldo nas falas dos moradores, que percebem como causa ou efeito da gentrificação o processo de “turistificação” das favelas que, de acordo com Vasconcelos (2005), consiste no reordenamento ou na readequação espacial em função do interesse turístico, sendo o resultado de uma interação

entre territórios, fluxos de capitais e pessoas que influencia as diferentes esferas da organização socioespacial. Nesse sentido, ambos os processos – gentrificação e turistificação – geram como consequências na favela problemas como os novos empreendimentos que não empregam os moradores, as festas que os excluem, enquanto que as tradicionais festas da favela, como bailes *funk* e sambas, encontram uma série de barreiras para as suas organizações.

I CONGRESSO DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA DA ROCINHA

A Rocinha é a paradigmática favela turística do Rio de Janeiro. Vendida no mercado turístico como “a maior favela da América Latina”, está localizada, assim como o Vidigal, entre Leblon e São Conrado, os bairros mais caros da cidade. Vem atraindo grande número de turistas, na sua maioria estrangeiros, nos mais diversos roteiros organizados por diferentes atores, desde 1992. Tal fenômeno tem despertado o interesse de pesquisadores e moradores, bem como do Estado, que em 2006 reconheceu a Rocinha como atrativo turístico oficial da cidade através de projeto de lei de autoria da Vereadora Lilian Sá (FREIRE-MEDEIROS, 2009, 2013).



Figura 3. Rocinha. Fonte: Foto de Chensiyuan.

Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=34324347>

Freire-Medeiros chama a atenção para as posições assimétricas ocupadas pelos atores sociais envolvidos no turismo na Rocinha e aponta que o turismo em favela ainda é um segmento que envolve poucos moradores e de forma muito espe-

cífica, sem efetiva distribuição de lucros, e com pouco diálogo com as instituições representativas da localidade (FREIRE-MEDEIROS, 2009; 2013).

[...] o fato é que os passeios não oferecem à Rocinha a chance de usufruir em pé de igualdade os benefícios econômicos gerados com o turismo. Os turistas gastam pouco durante a visita e, como não há nenhum tipo de distribuição de lucros, os capitais suscitados pelo turismo são reinvestidos apenas minoritariamente na favela e sempre pela via da caridade (FREIRE-MEDEIROS, 2009, p. 77).

São essas assimetrias encontradas na Rocinha que motivaram e mobilizaram a organização do I Congresso de Turismo de Base Comunitária na Rocinha. Resultado de uma pareceria entre o Fórum de Turismo da Rocinha, organização para debate sobre o turismo no local; Programa Rio + Social, programa da Prefeitura do Rio de Janeiro que visa contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas de amparo social de favelas que receberam uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP); e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), que também atua nas favelas com UPP auxiliando na implantação de novos negócios na favela ou na regularização e melhoria de negócios já existentes. Neste congresso, esses três atores se uniram com o objetivo de discutir o turismo em favelas e aproximar pesquisadores, profissionais do setor, empreendedores, estudantes e gestores públicos. O evento se deu entre os dias 14 e 15 de abril de 2015 na Biblioteca Parque da Rocinha e contou com 135 participantes.

A escolha pela temática “Turismo de Base Comunitária” se dá de forma similar à escolha do tema gentrificação para os debates no Vidigal. O conceito “turismo de base comunitária” nasce na academia, e também é apropriado por atores locais nas favelas que reivindicam o protagonismo dos moradores no turismo.

Segundo Bursztyn et al. (2009), o turismo de base comunitária é uma modalidade do turismo sustentável cujo foco principal é o bem-estar e a geração de benefícios para a comunidade receptora. Nos anos 2000, essa modalidade se expande no Brasil, em especial em comunidades afastadas dos centros urbanos. Um dos mais famosos e bem-sucedidos casos é a experiência citada por Cruz (2009) na Prainha do Canto Verde, comunidade de pescadores artesanais, localizada no município de Beberibe, no Ceará, que enfrentava dificuldades de sobrevivência apenas com a pesca artesanal e a pressão de agentes imobiliários. Em 1992, um executivo suíço, René Schärer, envolve-se com a comunidade e decide prepará-la “para o desenvolvimento de um turismo com base comunitária. A partir do uso de técnicas de planejamento participativo, a comunidade é estimulada a pensar criticamente o uso de seu território e o desenvolvimento do turismo” (CRUZ, 2009, p. 107).

A autora indica que a comunidade conseguiu impedir a entrada de especuladores imobiliários, e a pesca continuou sendo a principal atividade econômica; o turismo tornou-se uma atividade complementar que gera renda para dinamizar a economia local e fortalecer os laços sociais. A comunidade conseguiu assumir um papel central no turismo local, e tal papel foi conquistado com a organização da comunidade na resistência à uma “invasão iminente” ou a um “impacto prejudicial” à comunidade (CRUZ, 2009, p.108). Trago este caso, pois esse cenário se assemelha ao cenário em debate no Congresso na Rocinha, que traz o tema turismo de base comunitária para o contexto urbano das favelas.

A primeira mesa do evento tratou do tema Turismo e Comunidades e contou com a presença dos palestrantes Jorge Luiz Barbosa, que apresentou um breve histórico das Favelas no Rio de Janeiro, e Rafael Fortunato, que apresentou seu projeto de extensão Rede Brasilidade Solidária e sua atuação no Morro do Borel na Zona Norte do Rio. O pesquisador explicou que o Borel foi uma das primeiras favelas do Rio e a primeira a ter uma associação de moradores. Nos encontros na favela para filmagem do vídeo Borel tour: tradição e vivências num morro carioca (2014) os moradores apontaram que a ideia é garantir com o turismo que essa história não seja esquecida.

Em seguida foi exibido o documentário *Em Busca de Um Lugar Comum* (2012). Tomando por base as pesquisas realizadas por Bianca Freire-Medeiros na Rocinha, o documentário nos leva em diferentes roteiros, realizados por diversas agências e guias na favela, com especial enfoque nos discursos dos guias e nas respostas dos turistas.

Na parte da tarde foi organizada uma mesa com professores e pesquisadores da área do turismo, da qual fiz parte junto com Teresa Mendonça e Cleber Castro. Mendonça abriu a mesa falando do Turismo de Base Comunitária e sua importância no empoderamento das comunidades locais, em especial sobre a possibilidade de construção de um próprio “selo”, da própria imagem que se quer pôr em circulação no turismo. Castro falou da experiência de cartografia social⁷ da UERJ, parte do projeto de extensão Rede Brasilidade Solidária no município de Teresópolis (RJ), e a experiência com os mapeamentos participativos visando a produção de novas territorialidades associadas ao turismo. E eu abordei os novos roteiros de turismo de base comunitária em favelas cariocas, destacando como as favelas estão come-

7 As cartografias sociais são uma modalidade de cartografia em que as próprias comunidades e agentes sociais constroem os mapeamentos, com base em suas interpretações e percepções (CASTRO & FORTUNATO, 2014).

çando a se especializar, explorando as suas particularidades e elaborando novos produtos, como por exemplo o ecoturismo em favelas.

No segundo dia de evento, a primeira mesa reuniu o jornalista André Balocco, idealizador do *Guia das Comunidades*⁸ do Jornal O Dia, empreendedores e guias locais de algumas favelas. A primeira a falar foi a representante do Santa Marta, que recupera como o turismo nesta favela foi promovido e incentivado pelo Governo do Estado. De acordo com Freire-Medeiros, Vilarouca e Menezes (2012), esta favela surge como atração turística a partir de uma política pública em parceria entre os governos federal, estadual e municipal no projeto Rio Top Tour, inaugurado no Santa Marta em 2010. Este projeto nasce com objetivo de criar roteiros turísticos em favelas onde há UPP instaladas, estimulando a visitação turística. Segundo Barbosa (2015), atores externos também se interessaram por essa nova fronteira aberta no mercado turístico de favelas. Agências de turismo já especializadas em passeios turísticos em favelas, com atuação na Rocinha, passaram a atuar também no Santa Marta, e sua forma de guiar turistas foi alvo de críticas entre os moradores, que se organizaram em um Comitê de Turismo do Santa Marta.

Em seguida, a palavra foi passada para o representante do Fórum de Turismo da Rocinha que, junto com o Presidente da Associação de Moradores do Laboriaux e o representante da ONG Favela Verde, falam do projeto de Ecoturismo de Base Comunitária que está sendo elaborado pela Associação de Moradores do Laboriaux em parceria com a ONG Favela Verde.



Figura 4. Foto aérea da Rocinha apontando a localização do Laboriaux. Fonte: Acervo de Favela Verde.

8 Caderno especial do Jornal O Dia que traz dicas de para onde ir, o que visitar, onde comer em favelas do Rio de Janeiro.

O Laboriaux é um dos sub-bairros da Rocinha e está localizado na parte mais alta da favela, em meio à Mata Atlântica do Parque Nacional da Tijuca. Desde 2014, a ONG Favela Verde, atua em parceria com o Associação de Moradores e o PNT buscando “a sustentabilidade urbana das favelas adjacentes a áreas naturais protegidas, visando a convivência entre os sistemas naturais e urbanos” (Favela Verde⁹). Desta colaboração nasceu o projeto de Ecoturismo de Base Comunitária, que vem sendo construído e pensado pelos moradores para benefício dos moradores, e em resposta ao turismo comercializado por diversas agências na Rocinha, que segundo os moradores “não deixam nada”.

Por fim, o guia local que trabalha com turismo na região da Penha inicia sua fala destacando que o “Rio de Janeiro não vive só para as Olimpíadas ou para Copa do Mundo, porque tudo isso vai passar, o que fica é o legado”. Único representante na mesa da Zona Norte do Rio, nova fronteira de expansão do turismo em favelas, especialmente após a instalação da UPP no Complexo do Alemão, fala sobre o CONTUR, Rede de Conexão de Turismo em Favelas. Fundada em 2014, reúne empreendedores e guias locais de turismo, com o objetivo de união e colaboração entre estes atores, para a expansão do turismo em favelas para além da Zona Sul, e para além das já consagradas favelas turísticas como Rocinha e Santa Marta. Para isso, o grupo se formou com representantes de diversas áreas da cidade. Na presidência do CONTUR à época estava um guia do Complexo do Alemão e na vice-presidência um empreendedor local da Rocinha. Em parceria com o SEBRAE e com a Secretaria de Turismo do Rio de Janeiro, foi organizado o Guia das Comunidades, que apresenta algumas das favelas, os principais atrativos, bares, restaurantes, e guias e condutores para contato nessas áreas. Esta mesa apresentou e representou a expansão do turismo em favelas, suas novas articulações e redes formadas em torno desse turismo no CONTUR, além de apresentar uma preocupação com o legado do turismo nesses territórios.

É importante explicar que, quando se fala de legado, convencionou-se que se trata de algo que se deixa para alguém e para o futuro, no caso das favelas, o que fica do turismo em favelas para os moradores e para o território. O termo legado populariza-se ainda nos documentos oficiais, em especial no Dossiê de candidatura do Rio de Janeiro à cidade-sede dos Jogos Olímpicos de 2016 (2009), onde o legado dos jogos é um elemento central da proposta que reúne o Parque Olímpico, a revitalização da Zona Portuária, melhorias na mobilidade urbana da cidade, melhorias na segurança pública, além de inserção social.

9 Ver: <http://www.favelaverde.net/>. Acesso em: 19 de outubro de 2016.

No livro *Legados de Mega-Eventos Esportivos* (2008), Lamartine da Costa et al. acreditam que foram construídos e reunidos novos significados para os legados de megaeventos que transitam “entre sonhos e realidades, projetos estruturantes necessários, projetos utópicos, limites, diferenças, convergências, contradições, experiências diversas ocorridas em vários países”. Os organizadores concordam ainda que megaeventos esportivos estruturam possibilidades para uma cidade, são importantes catalisadores de melhorias da qualidade de vida e podem auxiliar no processo de regeneração de uma cidade nas áreas de habitação, transporte, segurança, educação, entre outras (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2008).

Nas falas dessa manhã foi possível observar como os empreendedores das favelas estão se apropriando do discurso sobre legado no contexto dos megaeventos, e na parte da tarde, na mesa com representantes do poder público, veremos como o debate da manhã preparou os ânimos e os discursos para cobrar ações do Estado nas favelas, especialmente quando se trata do turismo. Mediada pelo assessor especial da presidência do Instituto Pereira Passos (IPP), com participação de representantes da Secretaria Estadual e Municipal de Turismo do Rio de Janeiro, a mesa abriu defendendo a importância das favelas para o Rio de Janeiro. O mediador argumentou que há favelas em várias cidades do mundo, mas no Rio de Janeiro, essas assumem uma configuração de grande relevância, não só pela sua grandeza, mas pela importância política, social e cultural na conformação da cidade, da sua cultura, e da maneira de ser do carioca.

Passada a palavra para Claudio Poty, representante da Secretaria Estadual, este inicia explicando que veio ao congresso para demonstrar o apoio da Secretaria ao “turismo em comunidade” e entender as demandas e o foco deste movimento. Sobre turismo comunitário, explica que é uma tendência mundial que demanda planejamento e este deve vir dos moradores da favela para a secretaria. Explicou que o CADASTUR, cadastro de profissionais de turismo no MTur, é realizado na Secretaria Estadual e destacou que os albergues, bares e restaurantes são nichos interessantes a serem desenvolvidos nas comunidades, e que se cadastrados terão acesso a divulgação e incentivos. Por fim, falou da Agência Estadual de Fomento (AGERIO), que já deu financiamento para abertura de cama e café em favelas, um nicho que considera importante e necessário para as Olimpíadas. Para concluir, Claudio fala da necessidade de quartos para as olimpíadas, e afirma que “os turistas vão querer conhecer as comunidades”, e completa “o safari não foi legal, mas aconteceu, já passou o momento deste tipo de turismo, agora é a hora de vocês se unirem para o turismo passar a ser feito por vocês”.

Em seguida, Philipe Campello, representante da Secretaria Municipal de Turismo, inicia sua fala apresentando o site do Centro de Pesquisa e Estudos do Turismo¹⁰ para divulgar a situação do turismo na cidade. Campello recupera também o surgimento do turismo em favelas durante a Eco 92, e explica que “para não usar safari, falará em turismo contemplativo que é menos agressivo”. E explica a importância de se avançar deste modelo de turismo contemplativo para o turismo de experiência, e que os primeiros passos para isso já foram dados com a parceria com o SEBRAE, que faz os diagnósticos e identifica novos produtos nas favelas, “coloca um novo outro produto na prateleira”. E reforçou que a intenção é trabalhar na promoção dos “produtos certos”, e que quem vai definir estes produtos são os moradores, como foi feito na publicação do *Guia das Comunidades*. Philipe encerra sua fala colocando a Secretaria à disposição e defendeu que “o Rio só é Rio porque na nossa história tem uma coisa chamada comunidade”.

Encerradas as falas da mesa, o mediador abriu para as perguntas e foi neste momento que se deu um dos mais importantes debates do Congresso. Empreendedores e guias locais fizeram várias colocações, sobretudo a respeito das pesquisas e dados coletados nas favelas, que, segundo eles, não retornam para os moradores. Reforçaram, ainda, a necessidade de a gestão do turismo em favelas ser feita de forma participativa, envolvendo a população local. Os empreendedores e guias destacaram que tentaram discutir os impactos negativos em âmbito local, em espaços como o Fórum de Turismo da Rocinha e o Comitê de Turismo do Santa Marta, mas que não houve um acompanhamento destes impactos pelo governo que tem sido um dos principais estimuladores do turismo nas favelas. E explicam que eles (moradores) conviviam com os turistas levados por agente externos que não respeitavam os moradores, as histórias e as memórias das favelas.

A colocação sobre pesquisadores e guias externos traz um aspecto comum: pessoas de fora que se aproveitam, ou “exploram” a favela, seja acadêmica ou financeiramente, sem deixar “um legado” para os moradores. Além disso, os moradores se sentem excluídos dos processos decisórios, em especial sobre as políticas públicas implementadas sem debates locais. A fala de uma empreendedora local resume bem este sentimento: “estou cansada de ser objeto. Eu sou protagonista!”. Por fim, o grupo na plateia demandou um setor nas Secretarias Estadual e Municipal de Turismo voltado para território de favela e com financiamento público para os projetos de inclusão.

10 Ver: <http://www.favelaverde.net/>. Acesso em: 19 de outubro de 2016.

GRUPO DE TRABALHO SOBRE TURISMO EM FAVELAS NA CÂMARA DOS VEREADORES DO RIO DE JANEIRO

Logo após o I Congresso de Turismo de Base Comunitária na Rocinha, foi noticiado em um jornal do Rio de Janeiro que um projeto de lei estava em tramitação na Câmara de Vereadores visando a “proibição de realização de quaisquer formas de turismo degradantes nas comunidades carentes da cidade do Rio de Janeiro” (LUPARELLI, 2015a). A notícia repercutiu entre os guias locais das favelas e na mídia. A rádio CBN organizou então um debate¹¹ entre o vereador, autor do projeto, e um guia local do Santa Marta. Ao final do debate, o guia convidou o vereador para uma visita a favela.

Segundo relato do Vereador, na visita ao Santa Marta, ele percebeu que nem todos os passeios nas favelas exploram a pobreza e os moradores, em especial, as visitas organizadas pelos guias locais. O vereador convidou então os guias locais de Santa Marta para uma reunião na Câmara Municipal e expandiu o convite para outros guias locais de outras favelas. O convite chegou até mim por conta da minha participação no Congresso da Rocinha.

Em maio de 2015, aconteceu a reunião ampliada com o Vereador em que estiveram presentes guias do Alemão, Tabajaras, Cabritos, Santa Marta, São Carlos, Vidigal, além de pesquisadores, representantes de ONGs e agente do Rio + Social. No início da reunião, o vereador apresentou seus assessores, compôs a mesa com representantes da Secretaria de Turismo e distribuiu o texto impresso do projeto de lei que, segundo ele, não chegou a ser protocolado. Em seguida, exibiu o vídeo “Pobre”¹², da Produtora Porta dos Fundos, que ironiza o turismo em favelas.

O vereador explicou que nunca teve a intenção de proibir o turismo na favela, mas sim “a espetacularização da pobreza”. A palavra passou então para o subsecretário especial de turismo, que falou do trabalho da prefeitura junto aos empreendedores e, em parceria com o SEBRAE para desenvolver e divulgar novos produtos nessas áreas, que um dos resultados desta parceria foi publicação do *Guia das Comunidades* e o *Guia de Albergues*, que incluiu também os de favela. “O turismo em favelas tem tudo para dar certo”, argumentou, desde que sejam discutidos seus benefícios e os prejuízos, e as decisões sejam subsidiadas por um levantamento técnico.

O vereador propõe, então, montar um grupo de trabalho para construir um novo projeto de lei que beneficie os guias locais e passa a palavra para a plenária.

11 Ver: http://www.clipnaweb.com.br/clipping/conteudo_v2.asp?reg=405751&midia=rd&empres a=camara&pala vra=Celio%20Lupparelli. Acesso em: 19 de outubro de 2016.

12 Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=8NILQp2xmZ8>. Acesso em: 19 de outubro de 2016.

Segue-se uma série de falas sobre o turismo em favelas, com sugestões para os debates no grupo de trabalho e possíveis alterações no projeto de lei. No processo, o CONTUR reforça seu papel de rede que articula e conecta os profissionais locais do turismo em favelas com seus principais colaboradores, entre os quais ganhou destaque o SEBRAE.

O grupo apontou que o foco central deveria ser a defesa do turismo como elemento de inclusão social, e, para isso, seria preciso debater o fomento aos comércios locais; melhorias de transporte nas favelas e para as favelas; a segurança pública; o turismo noturno; as dificuldades para organizar festas e eventos; a conscientização e estabelecimento de parcerias entre agências/operadoras e guias locais para realização de “um turismo consciente, eficiente e gerador de renda para a favela”. Defenderam, ainda, uma maior participação dos representantes do turismo em favelas em eventos oficiais, para que possam divulgar seus trabalhos e estabelecer as parcerias necessárias ao desenvolvimento da atividade. Encerrada a reunião, ficou-se de instituir o grupo de trabalho e marcar a próxima reunião.

Na reunião de junho, estavam presentes a equipe do vereador, representantes de diversas favelas e da Secretaria Municipal de Turismo, que levou duas leis a serem consideradas: a Portaria Nº 27, de 30 janeiro de 2014, que regulamenta a profissão de guia, e a Lei Geral do Turismo nº 11.771/08, que dispõe sobre a Política Nacional de Turismo, define as atribuições do Governo Federal no planejamento, desenvolvimento e estímulo ao setor turístico. Os principais apontamentos foram sobre a profissão e atuação do guia de turismo, destacando que nas legislações aparecem as figuras de monitor e condutor, que em áreas delimitadas podem atuar sem ter registro profissional.

Este ponto gerou um caloroso debate. Para os guias locais, a possibilidade de monitor ou condutor em zona delimitada é interessante. Primeiro porque, em vários dos registros de negócios nas favelas, os comércios ou empreendedores estão categorizados em Área de Especial Interesse Social (AEIS). Segundo porque defender o “condutor em área delimitada” significa abrir a possibilidade de o morador atuar enquanto está se formando para ser guia.

Por outro lado, o representante da Secretaria de Turismo e a agente do Rio + Social apontaram seus receios com o uso dessa classificação para autorizar os condutores. Para o representante da Secretaria de Turismo, esta regulamentação afastaria a favela do mercado e das grandes operadoras, o que poderia ser ruim em uma baixa temporada, quando as grandes operadoras teriam condições materiais de manter um fluxo de turistas para as favelas. Já para a agente do Rio + Social, o uso da categoria “de especial interesse social” poderia reforçar a segregação quando

o que se deseja é integrar a favela à cidade. Ambos destacam que os representantes ali presentes “têm que resolver se querem ser cidade ou Área de Especial Interesse Social”. O representante da Secretaria de Turismo ponderou se uma ideia não seria um projeto similar ao Rio Top Tour, implementado em 2010 no Santa Marta, cujo objetivo era incentivar o turismo em favelas pacificadas.

Vale refletir em torno do debate sobre o uso ou não da categoria Área de Especial Interesse Social (AEIS), criada em 1987 com a promulgação do Plano de Regularização de Áreas de Especial Interesse Social (AEIS). Tal plano permite a atuação de forma mais efetiva e integrada sobre os chamados espaços informais, e funciona como medida para a regularização dessas áreas nas esferas urbanística e administrativa, bem como para garantir a disponibilização dessas áreas para fins habitacionais destinados a população de baixa renda (IPEA/INFURB, 1998 apud GROSTEIN, 2001).

No Plano Diretor¹³ em vigor na cidade do Rio de Janeiro, encontramos a categoria Área de Especial Interesse permanentes ou transitórias. Estas áreas são

espaços da cidade perfeitamente delimitados sobrepostos em uma ou mais Zonas ou Subzonas, que serão submetidos a regime urbanístico específico, relativo a implementação de políticas públicas de desenvolvimento urbano e formas de controle (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 2011, p.32).

As Áreas de Especial Interesse podem ser ainda de Interesse Urbanístico (AEIU), quando “destinadas a projetos específicos de estruturação ou reestruturação, renovação e revitalização urbana”; ou Área de Especial Interesse Social (AEIS) aquela destinada a Programas Habitacionais de Interesse Social,

destinados prioritariamente a famílias de renda igual ou inferior a seis salários mínimos, de promoção pública ou a ela vinculada, admitindo-se usos de caráter local complementares ao residencial, tais como comércio, equipamentos comunitários de educação e saúde e áreas de esporte e lazer (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 2011, p.32).

As Áreas de Especial Interesse Social por sua vez se dividem em:

13 “[...] instrumento legal que propõe uma política de desenvolvimento urbano e orienta o processo de planejamento do Município” (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 2011, p.32). Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/smu/exibeconteudo?id=2879239>. Acesso em: 19 de outubro de 2016.

a) AEIS 1, caracterizada por: 1. áreas ocupadas por favelas e loteamentos irregulares; 2. conjuntos habitacionais de promoção pública de interesse social e em estado de degradação; b) AEIS 2, caracterizada por: 1. imóveis não edificados, não utilizados e subutilizados em áreas infraestruturadas; III. área de Especial Interesse Ambiental - AEIA é aquela destinada à criação de Unidade de Conservação ou à Área de Proteção do Ambiente Cultural, visando à proteção do meio ambiente natural e cultural; IV. área de Especial Interesse Turístico - AEIT é aquela com potencial turístico e para qual se façam necessários controle de usos e atividades, investimentos e intervenções visando ao desenvolvimento da atividade turística; V. área de Especial Interesse Funcional - AEIF é aquela caracterizada por atividades de prestação de serviços e de interesse público que exija regime urbanístico específico; VI. área de Especial Interesse Agrícola - AEIG é aquela destinada à manutenção da atividade agropecuária, podendo abranger as áreas com vocação agrícola e outras impróprias à urbanização ou necessárias à manutenção do equilíbrio ambiental, recuperáveis para o uso agrícola; VII. área de Especial Interesse Cultural - AEIC é aquela destinada a afetação dos Sítios Culturais, definidos no art. 140 desta Lei Complementar, por conservar referências ao modo de vida e cultura carioca, necessária à reprodução e perpetuação dessas manifestações culturais (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 2011, p. 32-33).

As duas últimas reuniões começaram a se encaminhar para a elaboração de um novo projeto de lei que propõe a criação da modalidade turística denominada Turismo em Favelas, definida para efeitos do projeto de lei como a realização de visitas guiadas aos ativos turísticos das favelas cariocas (LUPARELLI, 2015). O projeto classifica as favelas onde há atividades turísticas como Áreas de Especial Interesse Turístico (AEIT) e inclui essas áreas no planejamento turístico oficial da cidade do Rio de Janeiro. A intenção seria garantir um planejamento participativo com os profissionais das cadeias produtivas locais, guias locais, a Rede de Conexão de Turismo em Favelas (CONTUR), os fóruns de turismo locais e a Comissão Permanente de Turismo da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Dentre as ações de planejamento turístico nas favelas foram citadas na lei:

- I – criação de roteiros históricos, culturais, gastronômicos e ecológicos, reunindo os principais ativos turísticos locais;
- II – ampliação da divulgação nacional e internacional do Turismo em Favelas através da Secretaria Especial de Turismo e da Riotur;

- III – fomento a atividades de educação ambiental e de valorização histórica e cultural locais;
- IV – realização de diagnóstico aprofundado dos serviços, recursos e atrativos turísticos das localidades e disponibilização em meio digital e impresso através das publicações do Rio Guia Oficial;
- V – promoção da capacitação dos agentes de informações da Cidade em relação ao segmento e *workshops* para o mercado operador turístico;
- VI – promover parcerias entre agências e operadoras de turismo e os guias locais que realizam o turismo de base comunitária;
- VII – criação de fórum permanente de pesquisa sobre Turismo em Favelas, com a participação de departamentos de instituições de pesquisas voltadas para o estudo das favelas cariocas;
- VIII – criação da semana de comemoração do Turismo em Favelas, a ser realizada na semana do dia 29 de maio, tornando-se este o dia do Turismo em Favelas, constando do Calendário Oficial de Eventos da Cidade do Rio de Janeiro, com fomento a atividades comemorativas e promotoras da modalidade (LUPARELLI, 2015b, p.1).

Por fim, o projeto de lei destaca que a Secretaria Especial de Turismo e a Riotur “criarão instrumentos de estímulo à realização de turismo de base comunitária” (LUPARELLI, 2015b, p.3), o que atende as demandas do CONTUR e de representantes do turismo em favelas, conforme apresentado nos debates do I Congresso de Turismo de Base Comunitária da Rocinha.

O Projeto de Lei ainda se encontra em tramitação na Câmara dos Vereadores e, se aprovado, se somará a outras duas leis que já abordaram o tema turismo em favelas. A primeira, como vimos, foi a Lei Municipal nº 4.405/2006, de autoria da Vereadora Lilian Sá, que “dispõe sobre a inclusão do Bairro da Rocinha no Guia Oficial e no Roteiro Turístico e Cultural do Município do Rio de Janeiro”; e a segunda, a Lei Municipal nº 5.310/2011, de autoria do Vereador Jorginho da SOS, que “dispõe sobre a inclusão do Complexo do Alemão no Guia Oficial e no Roteiro Turístico e Cultural do Município do Rio de Janeiro”.

Diferente das leis citadas anteriormente, que focam uma na Rocinha e outra no Complexo do Alemão, o projeto de Luparelli cita um ampliado grupo de favelas turísticas, o que demonstra um reconhecimento da expansão da atividade. É importante destacar que o grupo de trabalho mobilizou cerca de 20 representantes de diversas favelas da cidade, entre elas, Rocinha, primeiro caso no Rio desde 1992; Prazeres; Pereira da Silva; Tavares Bastos; Babilônia e Chapéu Mangueira, que

representaram a primeira fronteira de expansão do turismo em favelas entre 2000 e 2008; Pavão, Pavãozinho e Cantagalo; Santa Marta; Complexo do Alemão; Complexo da Penha; Vidigal; Tabajaras e Cabritos; Borel; Formiga; Salgueiro; Turano; Mangueira; São Carlos e Vila Kennedy, que completaram a segunda fronteira de expansão do turismo em favelas desde 2009 até os dias de hoje, já no contexto dos megaeventos.

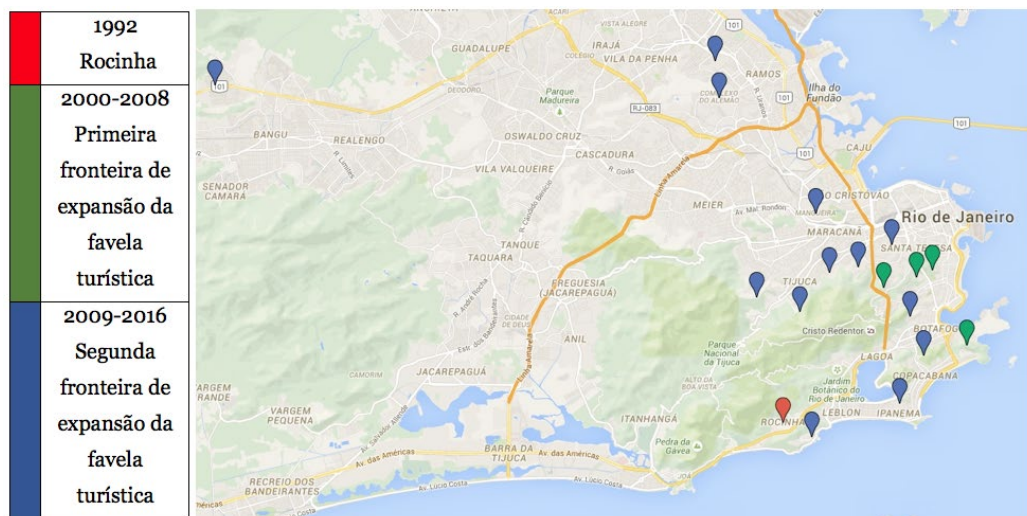


Figura 5. Mapa da expansão das fronteiras do turismo em favela. Fonte: Mapa da Autora

Ao longo dos debates, foi possível, portanto, acompanhar o crescimento e amadurecimento do CONTUR em termos de organização interna e externa, bem como compreender também a expansão das novas fronteiras do turismo em favelas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo em favelas se expandiu nos últimos anos, como também se ampliaram os espaços para reflexão sobre este fenômeno na favela e fora dessas, como vimos nos debates realizados no Vidigal, na Rocinha e na Câmara dos Vereadores. Ao longo desses debates uma série de temas podem ser destacados para reflexão como, por exemplo, o papel ativo de pesquisadores em campo nas favelas, a exemplo dos pesquisadores que mobilizaram o debate Fala Vidigal!, ou eu mesma como palestrante em um dos debates apresentados; ou ainda o debate sobre empreendedorismo e turismo em favelas, temas estes que ainda merecem atenção em futuras publicações. Nesse artigo, no entanto, optei por focalizar os moradores, bem como os seus discursos sobre turismo nas favelas em diferentes debates e contextos. Para isso é importante localizarmos e refletirmos sobre o momento histórico e a espacialidade de cada um dos eventos aqui relatados.

Os debates no Vidigal foram realizados na rua, ou melhor, na praça localizada na entrada do Vidigal, ainda no primeiro semestre de 2014, pouco tempo após as chamadas “Jornadas de Junho” de 2013, quando as ruas foram tomadas por manifestações marcadas pela contestação aos megaeventos (HARVEY ET AL., 2013). Neste sentido, a série de debates não estava alheia aos acontecimentos e movimentos de contestação na cidade, no Brasil e no mundo.

Já o Congresso realizado no início de 2015 saiu da praça e foi para a Biblioteca Parque na Rocinha, um espaço do Governo do Estado. Ali se deu um evento mais institucional, organizado por um coletivo local (Fórum de Turismo da Rocinha), agentes governamentais (Rio + Social) e empresariais (SEBRAE). É importante destacar que, diferente da série de debates no Vidigal, apesar de realizado em um espaço público, o congresso não atraiu moradores da favela: os poucos que participaram eram todos empreendedores locais na área do turismo. Além disso, o congresso foi também marcado pela reflexão e problematização, olhando o passado do que foi a Copa da FIFA no Brasil para planejar um futuro para além das Olimpíadas de 2016.

O Grupo de Trabalho sobre Turismo em Favelas na Câmara de Vereadores se apresentou como um encaminhamento final do Congresso da Rocinha. Isso porque os mesmos atores presentes no congresso se reuniram ao longo do GT na Câmara para a elaboração de um novo projeto de lei sobre turismo em favelas.

Em *Futuro Passado* (2006), o historiador Reinhart Koselleck nos traz uma importante contribuição para pensar diferenças cruciais entre os debates em tela. Para Koselleck, passado, presente e futuro podem se alterar de acordo com o grupo social e época em questão, modificando-se, assim, o modo como são percebidos e projetados, bem como as relações entre eles. Para isso, o historiador elabora dois conceitos: “espaço de experiência” e “horizonte de expectativas”. A *experiência* seria o passado diretamente vinculado ao presente, aquele em que os acontecimentos são lembrados, ou as experiências coletivas, que são transmitidas através de gerações e/ou instituições. Já as *expectativas* estão relacionadas ao futuro e correspondem a um universo de antecipações, ou seja, é tudo aquilo que em um determinado presente se vislumbra como possibilidade de futuro. Assim, tanto o passado como o futuro são relativos a um presente e a um grupo social, as experiências no passado variam de acordo com o grupo social e de acordo com o presente em questão, assim como o futuro e as expectativas em relação a estes também vão variar de acordo com presente e o grupo social (KOSELLECK, 2006, p.308-310).

John Urry, em seu livro *What is the Future?* (2016), elabora seis métodos de antecipação de futuros: podemos antecipar futuros a partir do aprendizado com o

passado pessoal e coletivo; através de estudos sobre futuros que falharam; através das distopias, utopias, extrapolações e ainda da construção de cenários. Para Urry, decorreria daí a possibilidade de vislumbrar três tipos de futuros: o provável, o possível e o preferível. As reflexões de Koselleck e Urry trazem criativas formas de análise e comparação entre os debates no Vidigal em 2014 e na Rocinha e na Câmara dos Vereadores no ano seguinte.

No Vidigal de 2014 era possível identificar um “espaço de experiência” relacionado às lutas do Vidigal contra a remoção nos anos 1970, assim como o conhecimento sobre outros processos de gentrificação divulgados pelos pesquisadores, além dos já mencionados movimentos nas ruas em 2013 e 2014. Diante disso, os debates se deram com muitos discursos inflamados de grupos organizados e preocupados com o futuro da favela, que naquele momento tinham um “horizonte de expectativa” elaborado com base não apenas no espaço de experiência citado, mas também na informação sobre os processos de gentrificação e a observação empírica das transformações na paisagem arquitetônica e social da favela, com novos albergues surgindo, novos moradores e novos investidores chegando a cada semana. Apesar de este não ser o futuro preferível, era visto pelos moradores como o futuro provável a ser combatido e debatido com toda a força.

Já em 2015, nos debates na Rocinha e na Câmara dos Vereadores, temos um espaço de experiência e um horizonte de expectativas bastante diferentes daqueles presentes no Vidigal. Para o grupo de empreendedores e guias locais, o que aparece como possibilidade de futuro nos debates são “os legados”, que passam a ser acionados para cobrar as promessas do Estado, que se engajou na mobilização da expansão das fronteiras da favela turística. Não surpreende, assim, a ausência do tema gentrificação. Como dito no início deste artigo, meu objetivo aqui não foi apresentar as polarizações em torno do tema turismo em favelas. Os atores sociais envolvidos estão todos problematizando e refletindo sobre turismo de acordo com suas experiências pessoais e ou coletivas. Passados, presentes e futuros são elaborados e projetados com base na realidade de cada grupo social. O fundamental é perceber que os moradores das favelas estão debatendo e respondendo a este fenômeno, se apropriando das linguagens com as quais se identificam de acordo com seu “espaço de experiência” e “universo de expectativa”. Como já dizia Freire-Medeiros:

Favelado, guia, gringo não são apenas identidades que os atores sociais trazem para a favela turística, mas identidades que são construídas *por meio* da favela turística. Essas identidades são construídas, observadas e julgadas, não apenas

exibidas. Todos têm uma opinião sobre as atitudes dos demais, ainda que sejam opiniões contraditórias e baseadas em suposições (FREIRE-MEDEIROS, 2009, p. 150, grifos meus).

No Vidigal, os debates atraíram basicamente dois grupos de moradores; o primeiro, formado pelos “antigos” moradores, oriundos de famílias que já estão no Vidigal há muitos anos, que também podem ser chamados de “nascidos e criados”, pois nasceram e foram criados no Vidigal. Este grupo se divide em dois subgrupos que denomino aqui de “não-organizados” em ONGs, coletivos ou associação de moradores; o subgrupo dos “organizados”, que reúne os moradores organizados em ONGs, coletivos ou associações, e que, neste caso, não falam apenas por si só, mas também em nome desses grupos que representam; e o segundo grupo, composto pelos novos moradores de classe média, brasileiros ou estrangeiros. Esses dois grupos foram recorrentes na plateia de todos os debates, como falas muito marcadas por estas novas relações de identidade no Vidigal.

Já o Congresso na Rocinha e o GT na Câmara dos Vereadores atraíram os empreendedores e guias locais; e assim como no Vidigal, nestes espaços foi possível notar outra produção de identidades a partir da favela turística, a de empreendedores e guias locais e a de empreendedores e guias de fora. Ao fim ao cabo, como diria nosso guia local da Penha, o que está por trás de todo este debate sempre é o morador, que morador é este e que posição ele ocupa é sempre uma questão central. Novos e antigos moradores, organizados ou não organizados em coletivos ou associações, empreendedores e guias locais, todos têm feito o exercício de problematizar sobre o turismo, e tanto o debate sobre gentrificação quanto sobre turismo de base comunitária foram organizados porque a favela turística estava sendo interpretada e questionada, porque relações de identidade estavam sendo formuladas e reformuladas.

E, assim como a favela turística define ou redefine novas identidades nas favelas, novas sintaxes, gramáticas e vocabulários serão acionados na reelaboração dessas identidades. Os moradores, em especial aqueles organizados em coletivos, estão afiados em relação aos vocabulários acionados e como estes são capazes de traduzir processos e demandas identificados pelos moradores. Como vimos, no caso da apropriação do vocabulário sobre gentrificação, que respalda a concepção de novos e antigos moradores, assim como o turismo de base comunitária respalda a elaboração da figura do guia de fora e do guia local, da grande operadora do turismo de massa, e da operadora local do turismo de experiência. Assim como, no contexto dos megaeventos, coletivos organizados se apropriaram

do vocabulário do Estado, como por exemplo, o termo legado, presente em todas as narrativas oficiais de megaeventos, e usam o termo para questionar e cobrar as ações prometidas pelo Estado nas favelas.

Por fim, os eventos analisados mostram como diferentes grupos são mobilizados por diferentes temáticas que movimentaram as favelas entre 2014 e 2015, acionando redes e camadas de debates distintas, porém todas capazes de mobilizar e movimentar a favela. Estes debates movimentaram pessoas pelas favelas e movimentaram favelas que até então não estavam tão mobilizadas pelo turismo ou questões correlatas.

Em última análise, os debates mostram como o turismo na favela se apresenta como objeto de interesse público. Conforme previsto por Jafar Jafari (2005), o turismo passa a ser percebido, ao menos nas favelas, como um poderoso fenômeno sociopolítico, investigado e interpretado por uma série de atores sociais, entre eles, acadêmicos, comunidades, gestores públicos, empreendedores e movimentos sociais organizados, interessados em compreender seus efeitos, seus limites e refletir sobre o futuro da atividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Gabriel Ferreira. A Favela Santa Marta e seus guias de turismo: identidade, mobilização e conflito. *Revista Iberoamericana de Turismo*, v. 5, p. 169-179, 2015.
- BATALLER, Maria Alba Sargatal. O estudo da gentrificação. *Revista Continentes (UFRRJ)*, ano 1, n. 1, p. 09-37, 2012.
- BERESFORD, Mike. “Que tal uma trilha no Vidigal? Passeio oferece visão alternativa da cidade dos Jogos Olímpicos”. Disponível em: <https://www.rio2016.com/noticias/que-tal-uma-trilha-no-vidigal-passaporte-verde-leva-turistas-a-comunidade>. Acesso em: 19 de outubro de 2015.
- BARTHOLO, Roberto; BURSZTYN, Ivan; DELAMARO, Maurício César. “Turismo para quem? Sobre caminhos de desenvolvimento e alternativas para o turismo no Brasil”. In: BARTHOLO, Roberto; BURSZTYN, Ivan; SANSOLO, Davis Gruber (Org.). *Turismo de Base Comunitária: Diversidade de Olhares e Experiências Brasileiras*. 1ed. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, v. 1, 2009 p. 76-91.”
- CASTRO, Cleber; FORTUNATO, Rafael. Redes populares de turismo e mapeamento participativo: o caso da Rede Brasilidade Solidária em Teresópolis-RJ. *Revista Continente*, v. 5, p. 150-161, 2014.
- COUTINHO, Marina Henriques. O uso da abordagem dialógica do teatro em comunidades na experiência do grupo Nós do Morro, da favela do Vidigal, no Rio de Janeiro.

- Interações: Cultura e Comunidade (Faculdade Católica de Uberlândia)*, v. 1, p. 108-124, 2006.
- CRUZ, Rita de Cássia Ariza. “Turismo, produção do espaço e desenvolvimento desigual: para pensar a realidade brasileira” In: BARTHOLO, Ricardo.; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan. (Org.). *Turismo de Base Comunitária: Diversidade de Olhares e Experiências Brasileiras*. 1ed. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, v. 1, 2009. p. 92-107.
- DA COSTA, LAMARTINE ET AL. (Org.) *Legados de Megaeventos Esportivos*. Ministérios dos Esportes: Brasília, 2008.
- FALA VIDIGAL! Os Moradores Refletem Sobre a Gentrificação. Residents Reflect on Gentrification. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bdlrpTsIlIE>. Acessado em 19 de outubro de 2015.
- Favela Verde. Disponível em: <http://www.favelaverde.net/>. Acessado em 19 de outubro de 2015.
- FREIRE-MEDEIROS, Bianca. A favela que se vê e que se vende: reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 22, n. 65, p. 61-72, Oct. 2007.
- . *Gringo na Laje*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- . *Touring Poverty*. Nova Iorque: Routledge, 2013.
- FREIRE-MEDEIROS, Bianca; VILAROUCA, Marcio Grijó; MENEZES, Palloma. “Gringos no Santa Marta: quem são, o que pensam e como avaliam a experiência turística na favela”. In: PENALVA SANTOS, Angela; MARAFON, Glaucio; JOSEFINA, Maria; SANT’ANNA, Gabriel (Org.). *Rio de Janeiro: Um território em mutação*. Rio de Janeiro: Gramma Livraria e Editora, 2012, v. 1, p. 183-205.
- FRENZEL, Fabian, KOENS, Ko., STEINBRINK, Malte, & ROGERSON, Christian M. Slum Tourism State of the Art. *Tourism Review International*, v. 18 n.2, p. 237–252, 2015.
- GROSTEIN, Marta Dora. MetrÓpole e expansão urbana: a persistência de processos ‘insustentáveis’. *São Paulo em Perspectiva*. v. 15, n. 1, p. 13-19, Jan. 2001.
- HARVEY, David (et al.) *Cidades Rebeldes*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- JAGUARIBE, Beatriz; HETHERINGTON, Kevin. “Favela tours: indistinct and mapless representations of the real in Rio de Janeiro”. In: SHELLER, Mimi, URRY, John. (Org.). *Tourism Mobilities. Places to play, places in play*. Nova Iorque: Routledge, 2004, p. 155-166.
- JAFARI, Jafar. El turismo como disciplina científica: the scientification of tourism. *Política y Sociedad*, vol. 42, n. 1. p.39-56, 2005.
- KOSELLECK, Reinhart. “‘Espaço de experiência’ e ‘Horizonte de expectativa’: duas categorias históricas”. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio/Contratempo, 2006.

- LUPARELLI, Celso. *Projeto de Lei que dispõe sobre proibição de realização de quaisquer formas de turismo degradantes nas comunidades carentes da cidade do Rio de Janeiro*. Câmara dos Vereadores. Rio de Janeiro. 2015a.
- _____. *Projeto de Lei que cria modalidade turística denominada Turismo em Favelas na Cidade do Rio de Janeiro e dá outras providências*. Câmara dos Vereadores. Rio de Janeiro. 2015b.
- _____. *Projeto de lei quer proibir visitas guiadas às favelas do Rio. Debate entre o vereador Célio Lupparelli e Thiago Firmino, guia turístico da favela Santa Marta*. Disponível em: http://www.clipnaweb.com.br/clipping/conteudo_v2.asp?reg=405751&midia=rd&empresa=camara&palavra=Celio%20Lupparelli. Acesso em: 19 de outubro de 2015.
- MACCANN, Bryan. *Hard Times in the Marvelous City: From Dictatorship to Democracy in the Favelas of Rio de Janeiro*. Durham: Duke University Press, 2014.
- PESCHANSKI, João Alexandre (et al.). *Occupy*. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2012.
- POBRE. Porta dos Fundos. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8NLLQp2xmZ8>. Acesso em: 19 de outubro de 2015.
- PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. *Lei Complementar N.111 de 2011 - Plano Diretor do Município do Rio de Janeiro, aprovado pela Lei Complementar*. Rio de Janeiro, 2011.
- _____. *Plano diretor* Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/smu/exibeconteudo?id=2879239> Acessado em 19 de outubro de 2015.
- RIO CEPETUR. Disponível em: <http://www.riocepetur.com.br/site/o-cepetur/>. Acesso em: 19 de outubro de 2015.
- SOARES GONÇALVES, Rafael. *Favelas do Rio de Janeiro: história e direito*. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2013.
- URRY, John. *What is the future?* Cambridge: Polity, 2016.
- VAN WEESSE, Jan. Gentrification as a research frontier. *Progress in Human Geography*. Vol. 18, p. 74-83, 1994.
- VASCONCELOS, Daniel Arthur Lisboa. Turistificação do Espaço e Exclusão Social: a revitalização do bairro de Jaraguá, Maceió-AL, Brasil. *Revista Turismo em Análise*. São Paulo, v. 16, n.1, p. 47-67, 2005.

Em busca das mobilidades turísticas

In search of tourism mobilities

Thiago Allis^a

Resumo As formas de mobilidade associadas ao turismo contemporâneo são ilustrativas de uma “vida social móvel”, definida cada vez mais pela lógica da “hipermobilidade” – não raro glamourizada e quase sempre excludente – em diversas escalas, com efeitos variados e implicações nos campos ambientais, fisiológicos, psicológicos, emocionais, atitudinais, identitários, sociais e teórico-metodológicos. Nestes termos, este ensaio pretende identificar, organizar e analisar algumas contribuições teóricas que permitam leituras sobre expressões e perspectivas das mobilidades turísticas no bojo de um “paradigma das novas mobilidades”. Discute-se uma suposta tendência de “de-diferenciação” da atividade, em que o ordinário (cotidiano) e o extraordinário (turismo) se confundem. De maneira ilustrativa, trata-se de aspectos das mobilidades turísticas no contexto brasileiro, em face de transformações socioeconômicas e seu rebatimento na dinâmica do turismo.

Palavras-chave paradigma das novas mobilidades; turismo; Brasil

Abstract *Mobilities associated to contemporary tourism illustrate a “mobile social life”, increasingly determined by “hypermobility” – often glamorized and almost always excluding – in diverse scales, with varied effects and implications on environmental, physiological, psychological, emotional, attitudinal, identitarian, social and theoretical-methodological domains. In this context, this paper aims to identify, bring together and analyze theoretical contributions that enhance readings on expressions and perspectives of tourism mobilities in a context of a “new mobilities paradigm”. Even though it is yet under debate, it has been discussed a trend of “de-differentiation” of tourism, in which the ordinary (everyday life) and extraordinary (tourism) are merged. In an illustrative way, it has been discussed tourism mobilities aspects in the Brazilian context, vis-à-vis socioeconomic transformations and its impacts on tourism.*

Keywords *new mobilities paradigm, tourism, Brazil*

a Universidade de São Paulo – Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Email: thiagoallis@usp.br

O FIM DO TURISMO OU O COTIDIANO TURISTIFICADO?

Em maio de 2016, o grupo *Estopô Balaio* levou grupos de visitantes, pela Linha 12-Safira, da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM), até o bairro Jardim Romano, no limite leste de São Paulo. “A Cidade dos Rios Invisíveis”¹, um “espetáculo itinerante”, desloca o “olhar do viajante” das obviedades do miolo da metrópole para uma das esquinas esquecidas da cidade – apenas seletivamente lembrada, e rapidamente esquecida, durante as cheias do Rio Tietê. Numa das várias cenas conduzidas pela trupe pelas ruas do bairro, uma das atrizes, interpretando uma das moradoras a receber o grupo de visitantes em sua casa, se espanta: “E não é que o Jardim Romano virou ponto turístico?”.

Apesar do estranhamento vivido pelos visitantes (e também anfitriões), a viagem de trem (com duração de cerca de uma hora, nos limites municipais de São Paulo), as fotos furtivas ou escancaradas, o pequeno comércio provido aos forasteiros, os atores a desempenhar função de “guias”, nada desta complexa expressão de mobilidade (de corpos, de olhares, de ideias, de dinheiro, de imagens) se enquadra nos entendimentos oficiais e tecnicamente mais aceitos do que seja turismo. Se isso não é turismo, que movimentos são estes, que escapam à regra dos conceitos disciplinares tradicionais?

Esta cena ilustra aspectos de uma discussão que vem emergindo: a ideia de que estaríamos diante do “fim do turismo”, uma vez que a “de-diferenciação” entre o familiar (cotidiano) e o estranho (turístico) seria capaz de plasmar, numa única realidade, o mundo do turismo e as demais esferas da vida contemporânea. No limite, é dizer que “podemos ser turistas ‘na porta das nossas casas’², e às vezes até mesmo sem cruzá-la!” (GALE, 2008: 5).

Significaria assumir que o “turismo deixa de se diferenciar das demais formas de produção e consumo e as pessoas acabam sendo, ao final, turistas, independentemente de estarem em movimento ou numa emulação de mobilidade (GALE, 2008: 4). Disso fica claro uma relativização do tempo e espaço (distância) como elementos caracterizadores e historicamente constituídos acerca da prática e teoria turística. A estética, as performances, as práticas, o consumo e a rotina turística, de alguma maneira, estariam se diluindo no cotidiano, a despeito do grau de estranhamento na raiz das motivações das atividades desempenhadas. Nos termos de Bauman (1998: 113), “já não há ‘para frente’ e ‘para trás’; o que conta é exatamente a habilidade de se mover e não ficar parado”.

1 O espetáculo está inspirado na obra “As Cidades Invisíveis”, de Ítalo Calvino, e mescla crítica política, memória social e várias linguagens artísticas em movimento.

2 Para mais discussões sobre este aspecto, consultar Allis (2014) e Maitland (2010).

Por outro lado, em contraposição à imagem dos turistas estereotipados – com suas atividades e locais óbvios – surgem, cada vez mais, iniciativas de guias, *blogs*, programas “não turísticos”, tentando levar os visitantes das cidades e regiões (normalmente excessivamente turísticas) a experiências *off the track* ou *slow travel*. Não raro, os movimentos e comportamentos (atitudinais e espaciais) repetem, com muita semelhança, os hábitos dos turistas de quem quer se afastar espacial e simbolicamente. Quem são, então, estes que se deslocam “sem serem turistas”? Fazem o quê e onde?

Por sua vez, especialmente em países que têm aparecido com mais visibilidade nas trocas globais (BRICS, países populosos do Sudeste Asiático, América Latina e mesmo da África), as “ansiedades por mobilidade” (LINDQUIST, 2008) continuam a gerar volumosas massas de entusiasmados turistas tido como convencionais (viagens apressadas, consumistas, desconectadas dos lugares visitados, etc.), ao mesmo tempo em que os *gaps* sociais intra-nacionais seguem alarmantes. E não por isso, no bojo das nações emergentes, a sanha turística também seja desprezível, com notáveis diferenças de escalas em comparação ao desenvolvimento turístico que se observou ao longo do século XX (basicamente europeus e norte-americanos viajando internamente e alimentando robustos fluxos turísticos globais em específicos pontos do antigo mundo colonial). Imagine-se, agora, a entrada maciça de chineses, brasileiros, russos, mexicanos, coreanos ou, ainda, indonésios, malaios, indianos, dentre outros, nas rotas – antigas ou novas – de turismo global e também doméstico.

Em poucos anos, a China assumiu a liderança no ranking do turismo global, tanto como destino, quanto como origem de volumes imensos de turistas. Ademais, com uma população de 1,35 bilhão de pessoas, é de se imaginar que fluxos domésticos signifiquem um fenômeno colossal: apenas no feriado do Ano Novo Chinês, de 2016, ocorreu a “maior migração anual do mundo”, com um total de 2,4 bilhões de viagem em apenas 40 dias (DUARTE, 2016).



Figura 1. Sala de embarque do aeroporto de Nanjing (China): massas de novos (e curiosos!) viajantes nos fluxos globais de mobilidade. Foto: Thiago Allis (Dezembro, 2009).

De um lado, o turismo deslumbra parcelas de novos “turistas” – reais ou metafóricos –, que alimentam mercados globais de viagens, com impactos econômicos principalmente para companhias aéreas, cadeias hoteleiras e operadoras de viagens transnacionais, assustando, por vezes, comunidades de grandes ou pequenas cidades. Em outro sentido, as imobilidades continuam a ser a sina de outras tantas partes de populações relegadas ao peso e à fixidez do lugar, “vagabundos” que são em sua trajetória social e espacial (BAUMAN, 1998).

Diante destes questionamentos e reflexões, nuances das mobilidades contemporâneas ensinam e parecem explicar, direta ou indiretamente, muito do fenômeno turístico, mas nem sempre suas especificidades são levadas em conta – quase sempre porque o turismo é estudado de maneira limitada, com maiores atenções a suas vertentes econômicas ou operacionais.

Gale (2008) argumenta que “[...] para que se possa entender o significado e a significância do turismo no mundo contemporâneo, de alguma forma é necessário suspender as várias regras que governam a maneira através da qual falamos sobre

isso”. Neste sentido, o “mobility turn” – que será abordado mais adiante – “nos proporciona uma oportunidade de fazer isso; e já não era sem tempo” (GALE, 2008: 11).

Em suma, é preciso “transcender a dicotomia entre pesquisa em transporte e pesquisa social, agregando as relações sociais às viagens e conectando diferentes formas de transporte com diferentes padrões de experiência social”, que inclui contribuições de várias áreas do conhecimento (antropologia, estudos culturais, geografia, estudos migratórios, transporte, turismo e sociologia) (SHELLER, URRY, 2004: 208).

MOBILIDADES COMO CHAVE DE LEITURA DA CONTEMPORANEIDADE

Publicado há 10 anos, *The new mobilities paradigm* (SHELLER, URRY, 2006) representa uma pedra angular nos estudos de mobilidade por seu esforço em transcender uma lógica estática presente nas ciências sociais. Os autores são contundentes: “mobilidades precisam ser estudadas na sua interdependência fluida e não apenas em esferas separadas (como dirigir, viajar virtualmente, escrever cartas, voar ou andar” (SHELLER, URRY, 2006: 212). Em alguma medida, este chamado ecoava o que Urry (2000: 2) questionara anteriormente: numa perspectiva de “sociologia para além das sociedades”, as mobilidades convertem-se na “principal agenda para sociologia” no século XXI.

Editado quase ao mesmo tempo, *Mobilities* (URRY, 2007) condensa um conjunto de temas e questões que orienta as discussões e a pesquisa em mobilidades. De maneira muito precisa, o autor se questiona sobre o porquê de as “pessoas viajarem fisicamente”, em que pesem “seus usos, prazeres e dores, bem como as ramificações físicas e sociais este movimento possui” (URRY, 2007: 5). É incontestável a significância do aporte sociológico à discussão de mobilidades, indicando que observações centradas em aspectos operacionais dos transportes, nem de longe, seriam capazes de captar as nuances de novo “estilo de vida móvel”.

A ascendência e difusão de elementos de um “novo paradigma de mobilidades” ganhou ainda um espaço editorial privilegiado em 2006, com a criação da revista *Mobilities* – editada por Mimi Sheller, Kevin Hannam e John Urry (falecido em 2016), que propõe o exame do “movimento em larga escala de pessoas, objetos, capital e informação ao redor do mundo, bem como processos mais locais de transporte, movimentos entre espaços públicos e privados e as viagens de objetos materiais do dia-a-dia (MOBILITIES, 2016)

Nos alicerces deste novo paradigma, está o reconhecimento de um “mobility turn”, caracterizado como “uma forma diferente de pensar as relações econômicas, sociais e políticas”. Este novo olhar estaria se “espalhando nas e através das ciên-

cias sociais, pondo em movimento análises que foram historicamente estáticas, fixas e preocupadas predominantemente com ‘estruturas sociais’ a-espaciais” (URRY, 2007: 6). Mais taxativamente, assume-se que “os fenômenos sociais mais importantes só serão satisfatoriamente analisados se eles forem colocados ‘em movimento’ (*mobilized*)” (URRY, 2007: 7).

Assim, na sua amplitude, um “novo paradigma de mobilidades” está composto de viagens e movimentos

- 1) De *Corpos* (pessoas a trabalho, lazer, prazer, desde os deslocamentos cotidianos até as viagens de exílio, que se faz uma vez na vida);
- 2) De *Objetos* entre produtores, consumidores e vendedores
- 3) *Imaginativos*, representadas por “imagens de lugares” na mídia impressa ou visual;
- 4) *Virtuais*, que transcendem a “distância geográfica e social”
- 5) *Comunicativos*, através de mecanismos que ligam as pessoas (mensagens, cartas, telefone, etc.) (URRY, 2000; 2007).

Mais recentemente, como alertou Creswell (2010a: 555), a emergência de novo paradigma conceitual em torno das mobilidades ilumina e indica importantes caminhos epistemológicos e disciplinares, mas tanto as mobilidades quanto seu estudo não são uma invenção recente – a exemplo da geografia dos transportes. Um dos aspectos centrais a particularizar este “novo paradigma de mobilidades” é a transcendência do movimento “mecânico” como grande enfoque – bastante caro nos tradicionais estudos e soluções de transportes –, para um olhar mais centrado na corporeidade dos movimentos. Com efeito, “a mobilidade humana é uma mobilidade *praticada*, sendo realizada e *experienciada* por meio do corpo” (CRESWELL, 2010: 20, grifos colocados).

De maneira contundente, implica reconhecer que “as mobilidades, tanto quanto metáfora, quanto como processo, estão no coração da vida social e, por isso, deveriam ser centrais numa análise sociológica” (URRY, 2007: 49). Urry (2000) assume que viajar parece ser algo “sempre necessário” na vida familiar, a lazer, pelas amizades, bem como para o trabalho ou por segurança. Ou seja, parte-se o princípio que a “corporeidade da viagem” ainda é – e não são incontestáveis os indícios que apontam para o contrário – uma característica fulcral das mobilidades contemporâneas.

Como fica claro – e isso vai interessar especialmente às discussões sobre mobilidade turística – é preciso reconhecer, observar, analisar, compreender

as práticas de mobilidade, uma constatação essencial para que se entenda, por exemplo, que tempos de deslocamento não implicam “tempo morto” (URRY, 2006).

Se, por um lado, alguns usam indistintamente o termo “mobilidade” para se referir a “transporte” ou “migração”, por outro, tem-se observado a construção de uma perspectiva crítica em mobilidades, levando a uma transformação metodológica e teórica para além de um “sedentarismo ontológico, epistemológico e metodológico” (CRESWELL, 2014: 719).

Conforme aponta Hall (2008), nesta perspectiva, é importante entender “o significado por detrás da miríade de mobilidades realizadas por *indivíduos*, não apenas por turistas”, daí derivando um entendimento mais abrangente de que o turismo é apenas “uma *forma de mobilidade temporária*, e, como tal, é aproximada e conceitualmente análoga em escopo e sentido a outras formas de movimento” (HALL, 2008: 15, grifos colocados).

E de que maneira este desafio deveria ser (e efetivamente está sendo) encarado quando se trata de mobilidades turísticas? Como não se perder num emaranhado semântico, substituindo simplesmente “turismo” por “mobilidade” ou, ainda, adjetivando as mobilidades (“mobilidades turísticas”) de maneira inconsequente e inócua, tanto teoricamente, quando nas suas aplicações?

MOBILIDADES TURÍSTICAS: UM NOVO CONCEITO?

Edensor (2007) chama de “mobilidades mundanas” as práticas e performances dos turistas que viajam e “carregam hábitos cotidianos e respostas nas suas bagagens”, já que, apesar de pretenderem, dificilmente conseguem “transcender o seu dia-a-dia” quando fora de casa (EDENSOR, 2007: 200). Assim, diferente da busca real pelo diferente (ou estranhamento), em geral, o turismo se dá pela reprodução das familiaridades, em lugares diferentes dos habituais, ainda que de maneira alegórica, lúdica – mas quase sempre seguras, naquilo que Bauman (1998) chama de “cotidiano domesticado”.

As reproduções em série de paisagens e programações turísticas mundo afora contribuem para corroborar esta opinião, o que não deixa de ser irônico sob a luz das teorias do lazer: se o turismo é uma das atividades praticadas por “livre escolha dos indivíduos”, durante uma “liberação periódica do trabalho” (DUMAZEDIER, 1999: 28), muito da autonomia dos turistas parece comprometida – tanto na escolha dos destinos, quando na liberdade de programação da viagem, que acaba por reproduzir uma lógica quase fabril (horários, compromissos, regras, etc.).

Ora, fazendo o exercício pelo seu contrário, poderíamos nos perguntar: se o ordinário se repete na distância dos destinos turísticos (ou seja, cumprindo os

requisitos normativos e operativos do que seja turismo), o extraordinário não poderia se fazer presente noutras escalas espaciais – por exemplo, nos domínios do “entorno espacial”?

Compreender as várias manifestações do turismo pelas lentes das mobilidades parece ser um desafio em curso (LARSEN, 2001; SHELLER, URRY, 2004; COLES *et al*, 2005; HALL, 2005; HANNAM *et al*, 2014; KUNZ, 2015), levando a discussões inclusive sobre os qualificativos que caracterizam o sujeito turista (MAITLAND, 2010; ALLIS, 2014).

Assim, as mobilidades turísticas merecem ser compreendidas em função de múltiplos referentes, extrapolando abordagens que sobrevalorizam questões operacionais dos transportes turísticos – que, se assumidas por outros vieses, podem trazer novas interpretações sobre o turismo contemporâneo. Com efeito, se “o turismo é um objeto de pesquisa fluido e dinâmico, as definições e conceitos continuam estáticas”, o que parece exigir olhares mais amplificados sobre diversas de suas nuances pouco exploradas (COLES *et al*, 2005: 31).

O entendimento que se faz de turismo, em geral, ancora-se em aspectos espaciais e implicam contrastes escalares, trazendo, portanto, algumas importantes conexões com as discussões sobre mobilidade. Uma das definições mais citadas e que embasam parte significativa das pesquisas realizadas em turismo emana da Organização Mundial do Turismo, que, em linhas gerais, entendem turismo como uma atividade realizada fora do entorno habitual dos viajantes, por mais de 24 horas e menos de 365 dias, com a perspectiva de retorno ao local de residência. Esta definição, bastante conveniente como métrica para análises econômicas, faz uma divisão muito clara, do ponto de vista espacial, de atividades de “lazer” e “turismo”. Ou seja, turismo é, em essência, a atividade realizada pelo forasteiro, que, por estar fora de casa, se utiliza de serviços de hospedagem, alimentação, transporte e disfruta de programações e atrativos. O morador da cidade (ou suas proximidades), ainda que realizando atividades muito semelhantes, não pode ser entendido como turista, senão um cidadão em seus momentos de lazer.

Talvez por isso, em geral, o reconhecimento das mobilidades em turismo sempre esteve associado ao estudo dos transportes, focando-se demasiadamente em aspectos operacionais (gestão de empresas, engenharia de transportes, impactos econômicos), que, obviamente, não são desprezíveis, mas talvez insuficientes para captar a riqueza e multiplicidade do fenômeno turístico – móvel na sua essência!

Mesmo quando não tratava de turismo na sua especificidade, URRY (2007) alertou para esta limitação: “O estudo do transporte se concentra, em geral, na mudança de natureza dos sistemas de transporte, acabando por produzir certo

determinismo tecnológico. Desta maneira, pouco se examinam os complexos processos sociais que fundamentam ou orquestram os usos destes mesmos transportes” (URRY, 2007: 19).

Poderíamos argumentar que os usos turísticos dos transportes são suficientemente complexos (nas suas várias expressões) para que justifiquemos a construção de um campo de análise específico – o das mobilidades turísticas. E a chave para esta análise vem do próprio J. Urry, quando discute os “prazeres” envolvidos nas mobilidades:

Os padrões de movimento envolvem uma relação face-a-face com outras *peessoas* (amigos, familiares, colegas de trabalho, colegas), com outros *lugares* (praias, cidades, vales de rios, montanhas, lagos) e com *eventos* (conferências, encontros, Olimpíadas, festivais, exposições). Esta proximidade face-a-face pressupõe uma forte obrigação de se viajar para que se possa, então, experienciar a pessoa, o lugar e o evento, estando na sua presença. (URRY, 2007: 37, grifos colocados).

Afinal, não seria essa uma definição muito apropriada para *turismo*?

Na sua vertente prática – ou seja, a operacionalização do movimento – os meios de transporte, por suposto, desempenham um papel central. Ainda assim, segundo o autor, há formas de estudá-los, levando-se em conta a complexidade que o fenômeno turístico encerra, uma vez que “diferentes formas de viajar envolvem diferentes *performances* corporais [...] (e) diferentes meios de transporte oferecem experiências, performances e usos específicos contrastantes” (URRY, 2007: 37).

Coles *et al* (2005) destacam a importância de se ampliarem as noções sobre as escalas espaciais para a erosão de “barreiras arbitrárias entre turismo e lazer, turismo e migração, turismo e trabalho”³. Mais do que ser “apenas” uma expressão das mobilidades contemporâneas (demandando serviços específicos e gerando paisagens mais ou menos reconhecíveis), o turismo coloca-se como um fenômeno complexo de “movimentação humana”. Assim,

Ele [o turismo] é apenas uma demonstração do potencial desta abordagem pós-disciplinar, mas isso também significa que, para [...] avançar em debates mais

3 Em trabalho apresentado no “Critical Hospitality Studies Symposium”, Allis e Spolon (2016) buscam convergir discussões sobre turismo, hospitalidade e situações de pós-conflito, a partir das contribuições de Causevic e Lynch (2011), propondo uma nova leitura entre as escalas espaço-temporal, o que permite uma aproximação efetiva de turismo e imigração (e refúgio) tanto na sua esfera teórica, quanto nas práticas de hospitalidade e turismo em grandes cidades.

amplios nas ciências sociais, os estudos em turismo devem ser capazes de formular uma abordagem coerente para entender o sentido por trás de uma gama de mobilidades (incluindo o turismo) realizada por indivíduos, não apenas turistas (COLES *et al.*, 2005: 38).

O que se argumenta é que, para além das definições clássicas de turismo e turista – ainda muito influentes no pensamento corrente – é urgente reconhecer que as expressões de turismo contemporâneo denotam aspectos de mobilidades mais elaborados do que o simples movimentar de corpos. Reconhecer isso é, em essência, abrir uma larga avenida para a compreensão do turismo sob as lentes de um “novo paradigma de mobilidades”. Efetivamente, ao se buscar reconhecer sentidos e práticas mobilidades turísticas, este é também um exercício que desenha novos paradigmas para o estudo do próprio turismo.

É essencial, portanto, reconhecer que, mais do que movimentar pessoas (turistas) entre polos geradores e destinos turísticos, o turismo implica formas de viagem que ensejam a movimentação (ou a imobilização) de ideias e modelos de sociedade, capitais, trabalhadores, rejeitos (inclusive poluição ambiental), quase sempre sem uma divisão clara entre um ou outro.

QUE MOBILIDADES TURÍSTICAS NO BRASIL?

Mesmo quando se fala em “fim do turismo” (GALE, 2008), muito do que se advoga tem relação com a decomposição da atividade em função de alguns parâmetros – normalmente, a banalização das viagens, trazendo a dinâmica das mobilidades turísticas para a rotina (e não mais como um evento extraordinário) e a degeneração decorrente do turismo de massa (espacial, ambiental, social, etc.). Sobre este último ponto, uma análise mais ponderada, dá conta de que, de maneira menos metafórica e mais concreta, pode-se tratar do “fim do turismo numa determinada localidade” (período de decadência após longa trajetória de crescimento turístico), “fim do crescimento exponencial e insustentável do turismo internacional” (decorrente de uma crise ambiental e consensos em torno do controle da atividade) e “fim do turismo num mundo sitiado pelo risco e pelas incertezas” (em função do crescimento dos medos e insegurança para os fluxos globais em face de ameaças terroristas, epidemias globais, etc.) (GALE, 2008: 6).

Contudo, ao observador que se dedica a entender como o turismo e todas suas nuances se colocam na vida contemporânea – especialmente dos “países emergentes”, onde o turismo estaria vivendo suas fases extensivas –, talvez resultem reflexões diferentes.

Nesta seção, serão agregados dados de fontes secundárias, para a compreensão geral do turismo doméstico no país, bem como elementos de observação direta no Rio de Janeiro, durante agosto de 2016, quando da realização dos Jogos Olímpicos.

TURISMO DAQUI PARA LÁ...

No Brasil, a atividade turística se desenvolveu, enquanto fenômeno social estruturado, em meados do século XX, e ainda assim restrito a algumas camadas sociais (classes médias abastadas de cidades grandes) e com restrito alcance (viagens rodoviárias a destinos próximos). Vide, por exemplo, a emergência das “águas virtuosas” (MARRAS, 2004) nas regiões serranas de Minas Gerais, mas também São Paulo, Rio Grande do Sul (BRAMBATTI, 2008; BRAMBATTI, ALLIS, 2010) e Santa Catarina, ensejando atividades turísticas clássicas – termalismo e cassinismo, como se observara décadas antes na Europa⁴.

Desde o final do século XX tem-se uma popularização de viagens, no modelo sol e praia, *pari passu* com transformações socioeconômicas que se processavam em um contexto de liberalismo econômico. Se, por um lado, o PRODETUR-NE (Programa de Desenvolvimento Turístico do Nordeste do Brasil), para ficar em um exemplo emblemático, objetivava a abertura de “polos turísticos” nas costas nordestinas ao turismo internacional (na perspectiva de geração de receitas externas), por outro, estas iniciativas também ancoraram a estruturação de fluxos turísticos internos muito potentes, que se sustentam até hoje como grande referência para o turismo doméstico⁵.

Pesquisas realizadas pelo Ministério do Turismo (MTur) reportam um aumento expressivo no volume de viagens domésticas (e também internacionais, em termos relativos). Em 2001, 36,7% dos domicílios brasileiros tinham ao menos um morador que realizara no mínimo uma viagem doméstica. Em 2005, este número subiu 37,3% até alcançar 44% em 2011. Os mesmos dados para as viagens internacionais foram ainda mais expressivos: saltaram de 2,9%, em 2006, para 4,3% em 2011. Considerando os domicílios com moradores que realizaram pelo menos uma viagem de qualquer tipo, o aumento foi de 43,4% em 2007, para 48,5% em 2011 (Tabela 1).

4 Para uma abordagem sobre aspectos históricos do turismo no Brasil, consultar Castro *et al* (2013).

5 Para uma leitura sobre o histórico de planejamento turístico no Brasil, com destaque para o PRODETUR, consultar Cruz (2000).

Tabela 1. Domicílios brasileiros onde ao menos um morador fez viagens⁶

Tipo de viagem	2001	2005	2007	2011
Viagens Domésticas	36,7%	37,3%	38,2%	44,0%
Viagens Rotineiras	n/d	n/d	7,9%	7,0%
Viagens Internacionais	n/d	n/d	2,7%	4,3%

Fonte: MTur (2007, 2009, 2012)

De um lado, este processo alimenta fluxos turísticos cada vez mais intensos pelo país, ainda que bastante concentrados em segmentos de “sol e praia”): Salvador, Fortaleza, Recife, Natal e Florianópolis estão entre as localidades mais visitadas por turistas brasileiros em 2011. Outro fenômeno bastante importante, noutra direção, é o turismo que se realiza nas proximidades das cidades de origem dos turistas – não raro na forma de “turismo de segunda residência”, como inicialmente estudado por Seabra (1979), Roque (1990) e Tulik (1995), tendo o litoral paulista como principal objeto de análise. Ainda que não seja possível comprovar, é de supor que a maior parte das viagens sejam de curta distância, já que, em 2011, 43% e 27,4% dos turistas domésticos viajaram de carro e ônibus, respectivamente. Estes dados demonstram, também, que, apesar do notório aumento das viagens aéreas⁷, este modal ainda representa uma fatia minoritária dos deslocamentos nacionais (MTUR, 2012).

A concentração de agências e operadoras de viagens nas duas principais cidades brasileiras – Rio de Janeiro e São Paulo – indica, por um lado, alguma distensão da geografia do turismo nacional. Mas, por outro, denota importante concentração comercial nos polos emissores, onde grandes empresas dominam porções importantes da cadeia produtiva da atividade.

6 Para melhor compreensão da tabela, reproduz-se a seguinte nota metodológica: “[...] [N]esta pesquisa [de 2011], foram incluídas também questões envolvendo a ocorrência de Viagens Internacionais e as Viagens Domésticas Rotineiras” (MTUR, 2009), sendo que estas são “caracterizadas como sendo de frequência diferenciada ao mesmo destino (mínimo de 10 vezes no ano)” (MTUR, 2012).

7 Entre 2005 e 2014, o aumento acumulado no número de passageiros transportados, apenas no mercado doméstico (voos dentro do país), foi de 148%, passando de 38,7 milhões para 95,9 milhões em 2014. Um dado que indica mais importante transformação é o número de embarques em função de grupos populacionais: em 2005, o setor registrava 21,1 passageiros pagos para cada 100 habitantes; já em 2014, este número subiu para 48,1 (ANAC, 2015).

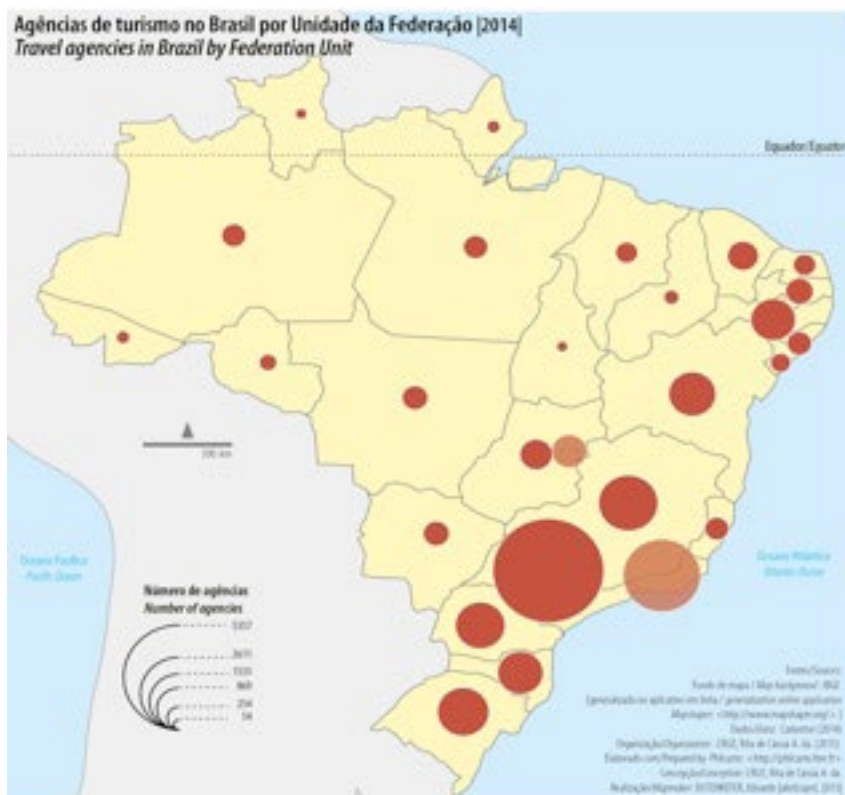


Figura 2. Concentração de agências de viagem no Brasil - 2014. Fonte: Cruz, 2016.

Com efeito, em 2011, das 190 milhões de viagens domésticas realizadas, cerca de 63 milhões tiveram origem nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais – facilitando a compreensão desta concentração de agências de viagem nestas três unidades da federação. Ao mesmo tempo, no caso do Sudeste, uma boa parte dessas viagens tiveram como *destino* o próprio estado de origem: por exemplo, quase 70% das viagens originadas em São Paulo tinham como destinos cidades paulistas. E algo muito semelhante se observa para o caso do Rio de Janeiro (cerca de 60%) (MTUR, 2012). Daí, portanto, seria possível supor que uma parcela significativa das viagens ocorra de maneira independente, inclusive levando em conta os meios de transporte, em geral, concentrados nos modais rodoviários.

Neste sentido, as expressões de turismo no Brasil de hoje parecem reproduzir, *mutatis mutandis*, fórmulas internacionalmente conhecidas, eminentemente a partir da Revolução Industrial na Inglaterra: fuga da cidade e busca por espaços de “lazer e prazer”, representando uma espécie de “democratização das viagens” (URRY, LARSEN, 2011:31).

Em alguma medida, a mobilidade turística explicitada pelo aumento das viagens domésticas (e também internacionais) alinha-se com transformações de ordem socioeconômica que apontam para alguma mobilidade social – ressalvadas

as interpretações mais entusiasmadas sobre a emergência das “novas classes médias”⁸ Ainda que tardiamente, a expansão deste modelo – potencializada pela difusão do automóvel e das viagens, ao longo do século XX – parece ganhar campo, no Brasil, particularmente no que se refere ao crescimento do setor aéreo nos últimos 20 anos. Com os devidos ajustes cronológicos, de escala e de expressão comercial, o turismo de massa brasileiro manifesta-se através de símbolos e práticas mais ou menos reconhecíveis noutras latitudes e tempos.

Nos termos de Sheller e Urry (2004: 03), os lugares, para além de serem espaço de experiências turísticas (*places to play*) foram colocados, eles mesmos, em movimento (*places in play*), em função do aumento das mobilidades contemporâneas. As relações de mobilidade que se desenrolam nestes espaços que recheiam catálogos de destinos turísticos são, portanto, caracterizadas não apenas pelos fluxos de pessoas, dinheiro, imagens, que passam *por* eles, mas também *sobre* eles – que Urry (2000; 2007) chamaria de “viagem imaginativa” (televisão, folhetos, guias e toda a parafernália comunicacional que instiga o ímpeto de se viajar). Assim, as vivências de mobilidade turística vão muito além dos momentos de deslocamento em si, estendendo-se também às expectativas (prévios) e memórias (posteriores) acerca das viagens.

Vide, por exemplo, o imaginário das viagens dos turistas brasileiros: por mais que São Paulo e Rio de Janeiro continuem sendo destinos mais expressivos para o turismo doméstico, “dentre os destinos turísticos ‘sonhados’ [...], a região Nordeste se apresenta em primeiro lugar, com 54,2% das citações, contendo, portanto, os destinos mais desejados pelos turistas brasileiros, em todas as regiões” (MTUR, 2012). De onde vêm estes desejos? Como se constroem estas narrativas? Por que o imaginário do “sol e praia” (atividades características, ainda que não exclusivas, dos destinos nordestinos) ainda exercem tanta atração – não apenas no Brasil, mas no mundo inteiro? Estas são perguntas que abordagens estatísticas dificilmente conseguem responder isoladamente, ainda que pesquisas sobre perfil e comportamento de turistas venha sendo conduzidas em muitas partes do mundo.

... E TURISMO POR AQUI

Olhar para os números de maneira desabrida pode levar a análises demasiado burocráticas – afinal, o crescimento do setor traz inequidades e sutilezas que

8 Há muito debate sobre os significados, nomenclaturas e características deste fenômeno, não cabendo aqui uma discussão exaustiva. Há, contudo, um ponto de concordância sobre o fato de que houve um aumento do poder de consumo de amplas parcelas da população brasileira nos últimos anos, ainda que isso não necessariamente signifique a constituição de novas classes sociais. Para mais detalhes, consultar Souza (2010) e Pochmann (2014).

abordagens quantitativas talvez escamoteiem. Por outro lado, uma abordagem “de perto e de dentro”, nos termos de Magnani (2012), poderia ajudar a compreender, com viés mais qualitativo, aspectos sutis das viagens, bem como as interações dos indivíduos com os espaços visitados, vividos e construídos coletivamente – não sem tensões, obviamente.

Se voltarmos à ideia da “de-diferenciação”, poderíamos explorar algumas nuances mais delicadas do fenômeno turístico, em que pesem expressões menos contundentes ou inequívocas de turismo – ao menos no que se refere às definições clássicas. Ou seja, ainda que as manifestações de fluxos turísticos sejam crescentes no Brasil, talvez outras expressões, menos óbvias e também pouco reconhecidas, mereçam alguma discussão – inclusive como subsídio para se repensarem as categorias de análise atinentes ao seu estudo.

A julgar pelos últimos 15 anos, o Brasil participa com maior proeminência nas trocas comerciais e decisões políticas globais, e transformações internas foram estimuladas, sendo, ao mesmo tempo, produtos de diferentes conjunções políticas, sociais e econômicas. No que tange ao turismo, pode-se destacar os esforços políticos em trazer para o país megaeventos esportivos – desde os Jogos Pan-Americanos, em 2007, até as Olimpíadas e Paraolimpíadas de Verão, em 2016. A euforia que se seguiu ao sucesso das candidaturas veio seguida de exigências de ordem prática, que cobraram intervenções urbanas orientadas para a realização dos jogos e, ainda, para todas as atividades associadas aos eventos – dentre as quais, o desejado turismo e as receitas esperadas.

Cidades são tratadas como palcos de espetáculos globais, mas uma boa parte das audiências (leia-se, consumidores) são locais. Este processo se dá no âmbito do já muito discutido e analisado “empresariamento urbano” e do *city marketing*, responsável por projetar imagens de cidades e ensinar usos e performances inspirados numa estética turística. Este é, ademais, um alinhamento em termos de políticas e ideário de gestão urbanos em curso há décadas nos EUA e países da Europa Ocidental, notadamente quando se viram diante dos efeitos da desindustrialização a partir das décadas de 1960.

O mais relevante a ser destacado aqui são as funções eminentemente de consumo que se projetam para as cidades, dado que suas economias reorientam-se para o setor terciário, em substituição ao secundário. Assim, cidades passam de espaços de produção industrial para locais de consumo, daí porque conjuntos de medidas que visem a atração de investimentos, visibilidade e consumidores – especialmente os “cidadãos solváveis” (VAINER, 2002). Assim foi com as principais capitais europeias e dos EUA, que passaram por importantes transformações

urbanísticas no último quartel do século XX, cujo ideário começa a migrar para outras partes do globo na passagem para o século XXI, particularmente com o propalado “modelo Barcelona” viajando pelos cadernos dos consultores urbanos internacionais⁹.

Nas muitas cidades brasileiras que desenvolvem grandes projetos urbanos (vinculados ou não à realização de megaeventos), talvez percebamos que, na sua essência, são moradores locais os principais públicos-alvo – ainda que, no discurso, o desenvolvimento do turismo esteja, em parte, na justificação política e social destas iniciativas. Estes projetos, em geral, valem-se da ideia de “revitalização” de áreas degradadas urbanística e socialmente, inclusive conduzindo a nefastos processos de gentrificação. Mas o embelezamento urbano, alinhado com a terciarização das economias urbanas, entra cada vez mais para as agendas urbanas – ao mesmo tempo que questões tão candentes, como acesso à terra, políticas educacionais e investimentos em saneamento básico sigam sendo desafios ainda sem solução¹⁰.

Tomemos o Rio de Janeiro como exemplo: desde que assumiu as primeiras políticas de empreendedorismo urbano na década de 1990 (COMPANS, 2005), a cidade segue um curso que, não sem contradições e assimetrias, reconfirma sua condição de “cidade-espetáculo”, culminando como palco atual dos Jogos Olímpicos de Verão. Entusiasmadas, hordas de visitantes – ainda sem sabermos exatamente suas origens geográficas exatas – inundaram os “hot spots” olímpicos cariocas, nomeadamente o Parque Olímpico e o Boulevard Olímpico – este, distribuído pelas áreas portuárias da cidade, em franco processo de reconversão com o controverso projeto “Porto Maravilha”.

Incursões de caráter etnográfico por estas regiões, durante as Olimpíadas, apresentam visitantes (turistas?) excitados como a ideia de fruïrem, com a empolgação de turistas, sua cidade, gozando de transporte público razoavelmente disponível, clima de festa e sensação de alguma segurança (produto de intensa vigilância especial para os dias do evento, garantida com a presença de efetivos da Força Nacional de Segurança).

“Tem BRT pra caraca”, comentava o morador, dentro de um dos novos ônibus bi-articulados em direção ao Parque Olímpico, surpreendido com a dispersão e

9 Para se entender como os grandes projetos urbanos migram dos países centrais para os mais periféricos, consultar Jajamovich (2013).

10 Para uma discussão detalhada sobre a natureza, as características, os tipos de grandes projetos urbanos e suas relações com turismo, consultar Allis (2015). Para maiores detalhes sobre o “modelo Barcelona”, consultar Monclús (2003) e Sánchez (2010).

alta frequência dos serviços de ônibus especiais, operando em vias segregadas e com veículos especiais. A possibilidade de ir da Zona Sul ou do Centro da cidade à Barra da Tijuca (Zona Oeste) sem carro – bastante limitada antes da implantação dessas linhas de ônibus especiais e o início da operação da Linha 2 do metrô – deslumbrava o morador que, claramente, apesar da familiaridade com algumas nuances de sua cidade, não tinha tido a oportunidade de fruí-las naqueles termos. Pergunta-se: não estaríamos diante de um “comportamento turístico”? Claro que a Barra da Tijuca e outras partes do Rio de Janeiro (Zona Sul, por exemplo) estão separadas por grande distância, mas são parcelas de uma mesma dinâmica urbana. O deslumbramento e a sensação, durante um megaevento, de ser um turista em sua própria cidade proporciona ao pesquisador elementos interessantes para se discutir o turismo noutras bases.

Da mesma forma, a empolgação dos usos que se davam no Porto Maravilha – então promovido como Boulevard Olímpico – também oferece algumas oportunidades de reflexão. Há décadas extinto das cidades brasileiras, os bondes – agora, chamados de VLT (Veículos Leves sobre Trilhos) – voltam a operar, muito pontualmente, em algumas cidades brasileiras, dentre as quais o Rio de Janeiro. A primeira linha de VLT a entrar em operação conecta o Aeroporto Santos Dumont à Rodoviária Novo Rio, cruzando a região central da cidade (com ampla oferta cultural) e o Porto Maravilha (onde hoje se encontram o Museu de Arte do Rio, o Museu do Amanhã, o terminal marítimo de passageiros, etc.).

Fosse numa cidade europeia, por exemplo, sua existência seria percebida como mais uma forma de transporte público. Contudo, aqui, dado o longo hiato de ausência deste meio de transporte, o VLT gerou curiosidade nas pessoas que visitavam a região. Não há dados precisos para se saber a origem das pessoas e buscar entender seus comportamentos em função da condição clássica de turista ou não. Ainda assim, o deslumbramento com a simples existência de um meio de transporte raro no país nos leva a refletir sobre a cidade contemporânea a partir da observação, em que pesem as interações espaciais que se desenrolam, à semelhança do que um dia fez Walter Benjamin ao vivenciar os bondes de Moscou: “a experiência histórico-universal da nova Rússia é mostrada em pequena escala por uma viagem de bonde” (BENJAMIN, 1987: 169).



Figura 3. Foto do VLT carioca: que turismo? - Avenida Rio Branco (Rio de Janeiro). Foto: Thiago Allis (Agosto, 2016).

No bojo destes grandes projetos urbanos, o design e as opções programáticas conduzem os muitos “usuários da cidade” (MARTINOTTI, 1993) a performances e experiências estetizadas, que, nem de longe, representam a dinâmica urbana ordinária. Em suma, como se observa no Porto Maravilha, a conjugação dos elementos está orientada para a constituição de um espetáculo dentro do espetáculo: a cidade, palco dos Jogos Olímpicos, também é preparada para performances individuais propriamente turísticas. Na região portuária – indicando espaços que ainda não tiveram suas obras concluídas – a implantação daquele que seria o maior *grafitti* do mundo, de autoria de um artista globalmente conhecido, fez uma sequência de paredes e empenas cegas converter-se em anteparo para incessantes registros de presença.

É óbvio que o simples fotografar não poderia ser entendido como condição *sine qua non* para definir as mobilidades turísticas – ainda que juntamente com “os meios de viagem coletiva e o desejo por viajar”, “as técnicas de reprodução fotográfica sejam centrais para a compreensão da modernidade ocidental” (URRY, LARSEN, 2011). De toda forma, a força simbólica desta prática, tão associada ao turismo, talvez seja um indicativo da natureza das relações que se estabelecem entre lugares visitados e seus visitantes. Mesmo sem informações precisas sobre

a natureza dos fluxos de visitantes a uma cidade, suas performances e corporeidades apontam para novas formas de compreensão do turismo contemporâneo. Como alertou Hall (2008), é preciso compreender as expressões de mobilidade não apenas de turistas, senão de indivíduos – que, em certos casos, desempenham atividades que podem ser reconhecidas como turísticas.

SEM CONCLUSÕES: COMO AVANÇAR?

A ideia de “mobilidades turísticas”, mesmo que presente na agenda de pesquisadores há algum tempo, ainda precisa ser objeto de reflexão específica e tratamento empírico adequado. E mais: já não importa, em realidade, o nome que se dê a este fenômeno – aqui, portanto, assumimos o desafio de derrubar “barreiras arbitrárias” entre as múltiplas manifestações da mobilidade contemporânea, como propõem Coles *et al* (2005). Com efeito, o simples dizer “turismo” já parece acionar um gatilho de estereótipos e ideias cristalizadas. Se a contemporaneidade não mais se define pelas “grandes narrativas”, como comentou J.-F. Lyotard, talvez a ideia e as práticas de turismo concebidas e difundidas no período industrial já não tenham futuro. Seria, então, o fim do turismo, onde cotidiano e não-cotidiano se fundem, de maneira que o turismo e os demais lazeres e mobilidades seriam tão inespecíficos que o estudo do turismo precisaria se refundar noutras bases, menos binárias e mais atentas às multiplicidades de situações, sensações e comportamentos.

Por este caminho, um passeio no Jardim Romano, quase de maneira subversiva, oportuniza um fazer turismo muito específico, conquanto gera situações de estranhamento e experiências a um conjunto de visitantes que quase nada sabem da vida de periferia das grandes cidades. Longe de assumir uma visão simplista – turismo como “zoológico humano”, como muito já se criticou o turismo em favelas, por exemplo – os fluxos movidos por curiosidade no espaço urbano requerem mais e melhor atenção nos estudos urbanos. É turismo? Talvez a pergunta de partida não devesse ser esta – conquanto recheado de um fetichismo epistemológico. Perguntemos: quanto de turismo há nas nossas mobilidades? E esta reflexão é especialmente relevante porque, em geral, pouco se discute que os grandes projetos urbanos são geradores de turismo – e em geral eles se concentram em perímetros centrais, não sem a concentração de muito investimento público e privado. Talvez, nas suas manifestações e riquezas diversas, a cidade possa ser atraente por si só, a despeito destas intervenções (por exemplo, por ocasião de megaeventos), quase sempre segregadoras – argumento que já discutimos anteriormente (ALLIS, 2012; ALLIS, VARGAS, 2015).

Por outro lado, quando olhamos para os grandes feixes de movimentos inter-regionais (basta voltar ao Nordeste brasileiro ou à Serra Gaúcha – mas também poderiam ser as costas mediterrâneas), somos instados a lembrar que o turismo, nas suas feições mais prosaicas, continua ativo e crescendo (ainda, que, no plano das projeções e utopias, tenda a se extinguir). Com efeito, o próprio Augé, ao referir-se à “mobilidade sobremoderna” escancara o “paradoxo de um mundo onde podemos teoricamente tudo fazer sem deslocarmo-nos e onde, no entanto, deslocamo-nos” (AUGÉ, 2010: 16).

Em certo sentido, as pesquisas sobre as mobilidades turísticas devem conjugar a (ainda presente) contingência da viagem – que coloca em proximidade pessoas, lugares e eventos – com as múltiplas e sempre crescentes possibilidades associadas às tecnologias da informação, como prática e também método – vide, por exemplo, os esforços de Shoal e Isaacson (2010) e Allis *et al* (2013) no Brasil.

Este desafio metodológico – que apenas inclui, mas não se resume a questões de tecnologia – será cada vez mais premente, porque os descritores do turismo contemporâneo são elementos móveis e fugazes: desde a hipermobilidade das pessoas, coisas até os deslocamentos dos próprios centros de sentido. Quiçá, desafiando Marc Augé, possamos – talvez precisemos – sermos todos etnólogos, viajando para fora de nós mesmos, importando menos o alcance e a duração das jornadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLIS, Thiago. “O turismo como mote para os grandes projetos urbanos: a versão paulistana”. In: Vargas, Heliana C.; Paiva, Ricardo A. (Org.) *Turismo, arquitetura e cidade*. Barueri: Manole: 2015, p. 85-109
- _____. “Viajantes, visitantes, turistas... Em busca de conceitos em um mundo urbano”. *Caderno Virtual de Turismo*. Edição especial: Hospitalidade e políticas públicas em turismo. Rio de Janeiro, v. 14, supl.1, s.23-s.38, nov. 2014.
- _____. “No caminho das mobilidades turísticas”. *Revista Rosa dos Ventos*, v. 5, n. 4, 663-668, 2013.
- _____. *Projetos urbanos e turismo em grandes cidades: o caso de São Paulo*. Tese (Doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- ALLIS, Thiago; SPOLON, Ana Paula G. “Mobilities and spaces of hope: Matching migration and tourism in São Paulo (Brazil)”. *Critical Hospitality Studies Symposium*, Napier University, Edimburgo, 2016.

- ALLIS, Thiago; VARGAS, Heliana C. “Turismo Urbano em São Paulo: reflexões teóricas e apontamentos empíricos”. *Turismo em Análise*, v. 26, 2015, p. 496-517.
- ALLIS, Thiago; FRATUCCI, Aguinaldo César; MORAES, Claudia C. A.; MORAES, Leonardo N.; SPOLON, Ana Paula G.; TELES, Reinaldo M. S. *A dinâmica territorial dos fluxos turísticos em espaços urbanos*. Conselho Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Projeto de Pesquisa Processo 486309/2013-4, 2014-2017.
- ANAC. *Anuário do transporte aéreo*. Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www.anac.gov.br/assuntos/dados-e-estatisticas/anuario-do-transporte-aereo>>. Acesso em: 05 ago. 2016.
- AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia da mobilidade*. Maceió: Edufal, Unesp, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRAMBATTI, Luiz Ernesto. *Racionalização, cultura e turismo em meio rural na Serra Gaúcha*. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- BRAMBATTI, Luiz Ernesto; ALLIS, Thiago. *Trens e turismo: a origem dos Veraneios Hampel e Desvio Blauth*. Caxias do Sul: Meridiano, 2010.
- BURNS, Peter M.; NOVELLI, Marina. *Tourism and mobilities: local-global connections*. Oxfordshire: CABI International, 2008
- CASTRO, Celso; GUIMARÃES, Valeria L.; MAGALHÃES, Aline M. (Orgs.). *História do turismo no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2013.
- CAUSEVIC, Senija; LYNCH, Paul Phoenix. Tourism: post-conflict tourism role. *Annals of Tourism Research*, v. 38, n. 3, 2011, p. 780-800.
- COHEN, Scott A; GÖSSLING, Stefan. “A darker side of hypermobility”. *Environment & Planning A*, v. 47, n. 8, 2015, p 1661-1679.
- COLES, Tim; HALL, Colin M.; DUVAL, David T. “Mobilizing tourism: a post-disciplinary critique”. *Tourism Recreation Research*, v. 30, n. 2, 2005, p. 31-41.
- COMPANS, Rose. *Empreendedorismo urbano: entre o discurso e a prática*. São Paulo: Edunesp, 2005.
- CRESWELL, Tim. “Towards a Politics of Mobility”, *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 28, 2010, p. 17-31.
- _____. “Mobilities I: catching up”. *Progress in Human Geography*, v. 35, n. 4, 2010a, p. 550-558.
- _____. “Mobilities II: Still”. *Progress in Human Geography*, v. 36, n. 5, 2012, p. 645-653.
- _____. “Mobilities III: Moving on”. *Progress in Human Geography*, v. 38, n. 5, 2014, p. 712-721.

- CRUZ, Rita de Cássia A. *Política de turismo e território*. São Paulo: Contexto, 2000.
- _____. “Operadoras turísticas e agenciamento de viagens: concentração/centralização de capital e produção do espaço. Uma análise para o caso brasileiro”. In: Lencioni, Sandra; Blanco, Jorge (Orgs.). *Argentina e Brasil: territórios em redefinição*. Rio de Janeiro: Consequência, 2016, p. 259-279.
- DUARTE, Luiza. “Período de férias na China é maior migração humana anual do mundo”. *Radio France Internacional*. 27 de janeiro de 2016, Disponível em: <<http://br.rfi.fr/mundo/20160127-periodo-de-ferias-na-china-e-maior-migracao-humana-anual-do-mundo>>. Acesso em: 4 ago. 2016
- DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, SESC: 1999.
- EDENSOR, Tim. “Mundane mobilities, performances and spaces of tourism”. *Social & Cultural Geography*, 2007, v. 8, n. 2, p. 199-215.
- GALE, Tim. “The end of tourism, or endings in tourism”. In: BURNS, Peter M.; NOVELLI, Marina. *Tourism and mobilities: local-global connections*. Oxfordshire: CABI International, 2008, p. 1-14.
- HALL, Colin M. “Of time and space and other things: laws of tourism and the geographies of contemporary mobilities”. In: BURNS, Peter M.; NOVELLI, Marina. *Tourism and mobilities: local-global connections*. Oxfordshire: CABI International, 2008, p. 15-32.
- _____. “Reconsidering the Geography of Tourism and Contemporary Mobility”. *Geographical Research*, 2005, v. 43, n. 2, p. 125-139
- HANNAM, Kevin; BUTLER, Gareth; PARIS, Cody Morris. “Developments and key issues in tourism mobilities”. *Annals of Tourism Research*, n. 44, 2014, p. 171-185.
- JAJAMOVICH, Guillermo. “Links between Barcelona and Buenos Aires: Puerto Madero as a controversial process of urban policy circulation”. In: RC 21 International Conference “Resourceful Cities”. Berlim: International Sociological Association, 2013.
- LARSEN, Jonas; URRY, John; AXHAUSEN, Kay W. “Networks and Tourism: Mobile Social Life”. *Annals of Tourism Research*, vol. 34, n. 1, 2007, p. 244-262.
- LINDQUIST, Johan A. *The anxieties of mobility: Migration and Tourism in the Indonesian Borderlands*. Honolulu: University of Hawa’i Press, 2008.
- MAGNANI, José Guilherme C. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.
- MAITLAND, Robert. “Everyday life as a creative experience in cities”. *International Journal of Culture, Tourism and Hospitality Research*, v. 4, n. 3, 2010, p. 176-185.
- MARRAS, Stelio. *A propósito de águas virtuosas: formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil*. Belo Horizonte: ANPOCS, UFMG, 2004.
- MINISTÉRIO DO TURISMO (MTUR). *Caracterização e Dimensionamento do Turismo Doméstico no Brasil: 2002 e 2006 – Relatório Executivo Sintético*. São Paulo:

- FIPE, 2007. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosefatos/demanda_turistica/domestica/downloads_domestica/turismo_domestico___2002_e_2006.pdf>. Acesso em: 3 de setembro de 2016.
- _____. *Caracterização e Dimensionamento do Turismo Doméstico no Brasil: 2007 – Relatório Executivo, Principais Resultados Seleccionados*. São Paulo: FIPE, 2009. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosefatos/demanda_turistica/domestica/downloads_domestica/Relatxrio_Executivo_Tur_Dom_2007.pdf>. Acesso em: 3 de setembro de 2016.
- _____. *Caracterização e Dimensionamento do Turismo Doméstico no Brasil: 2010-2011 – Relatório Executivo, Produto 6, Principais Resultados Seleccionados*. São Paulo: FIPE, 2012. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosefatos/demanda_turistica/domestica/downloads_domestica/Demanda_domestica_-_2012_-_Relatorio_Executivo_nov.pdf>. Acesso em: 3 de setembro de 2016.
- MONCLÚS, Francisco J. “The Barcelona model: an original formula? From “reconstruction” to strategic urban projects (1979-2004)”. *Planning Perspectives*.v.18, p.299-421, 2003.
- POCHMANN, Marcio. *O mito da grande classe média: capitalismo e estrutura social*.
- ROQUE, Mauren L. *Contribuição para o estudo da origem e do desenvolvimento da função balneária da Ilha de Santo Amaro antes do boom imobiliário*. Tese (Doutorado). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1990
- SÁNCHEZ, Fernanda. *A reinvenção das cidades para um mercado mundial*. 2. ed. Chapecó: Argos, 2010.
- SEABRA, Odette C. de Lima. *A muralha que cerca o mar: uma modalidade de uso do solo urbano*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1979.
- SHELLER, Mimi; URRY, John (orgs.). *Tourism mobilities: places to play, places in play*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2004.
- SHOVAL, Noam; ISAACSON, Michal. *Tourist Mobility and Advanced Tracking Technologies*. Londres e Nova York: Routledge, 2010.
- SOUZA, Jessé. *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- SOUZA E SILVA, Adriana; SHELLER, Mimi; *Mobility and Locative Media: Mobile Communication in Hybrid Spaces*. Londres e Nova York: Routledge, 2014.
- TULIK, Olga. *Residências secundárias: presença, dimensão e expressividade do fenômeno no Estado de São Paulo*. Tese (Livre-Docência). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995.
- URRY, John. *Mobilities*. Cambridge, Malden: Polity, 2007.

- _____. *Sociology beyond societies: mobilities for the twenty-first century*. Abindgon: Routledge, 2000.
- _____. "Traveling Times". *European Journal of Communication*, v. 21, n. 3, 2006, p. 357-372.
- URRY, John; LARSEN, Jonas. *The tourist gaze 3.0*. Londres: Sage, 2011.
- VAINER, Carlos B. Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. In: ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. *Cidade do pensamento único: desmanchando conceitos*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p.75-103.

Teorizações indisciplinadas: (i)mobilidade como metáfora, conceito e método

Entrevista com Mimi Sheller

Realizada por Patricia de Santana Pinho^a e Bianca Freire-Medeiros^b

Traduzida por Natália Otto^c e Eduardo Gutierrez^d

Mimi Sheller é diretora e fundadora do Center for Mobilities Research and Policy (mCenter) e professora de sociologia na Universidade de Drexel, na Filadélfia. Ela é graduada em História e Literatura pela Universidade de Harvard e possui mestrado e doutorado em Sociologia e Estudos Históricos pela New School for Social Research. Sheller é autora de vários livros sobre mobilidades, incluindo *Consuming the Caribbean* (ROUTLEDGE, 2003), *Citizenship from Below* (Duke University Press, 2012) e *Aluminum Dreams: Lightness, Speed and Modernity* (MIT Press, 2014). Ela co-editou, junto com John Urry, os livros *Mobile Technologies of the City* (ROUTLEDGE, 2006) e *Tourism Mobilities* (Routledge, 2004) e uma edição especial da revista *Environment and Planning A* sobre o tema “Materia- lidades e Mobilidades”.

Através das suas publicações e da sua participação na fundação de centros de estudos como o mCenter e do CeMoRe (Centre for Mobilities Research), que ela co-fundou com John Urry na Universidade de Lancaster, Sheller contribuiu de maneira muito importante para disseminar e consolidar o Paradigma das Novas Mobilidades. Ela é, ainda, fundadora e co-editora da revista *Mobilities* e editora associada da revista *Transfers: Interdisciplinary Journal of Mobility Studies*.

Esta entrevista foi realizada por e-mails trocados ao longo do mês de outubro de 2016. Sheller analisa, aqui, temas caros aos estudos do turismo e das mobilidades de um modo geral, tais como a interconexão e a interdependência entre os tipos distintos de deslocamentos humanos e a necessidade de se trabalhar para além do confinamento das fronteiras disciplinares.

a Professora no Departamento de Estudos Latino-Americanos e Latinos na Universidade da Califórnia, Santa Cruz.

b Professora do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo.

c Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo.

d Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo.

Revista Plural *Você faz parte de um departamento de Sociologia, mas ao longo da sua carreira você usou uma abordagem muito transdisciplinar para abordar diferentes tópicos: desde as ligações entre colonialismo e turismo no Caribe, até a cultura material da modernidade, ilustrada pelo alumínio. Em que medida o seu trabalho é tributário da chamada tradição sociológica, e como você lida metodologicamente com objetos que exigem abordagens tão distintas?*

Mimi Sheller Eu sempre fui uma pesquisadora muito interdisciplinar, mesmo no início do ensino médio, quando tive a oportunidade de cursar uma disciplina maravilhosa chamada História Latina – em que tive um professor de Latim e um de História antiga – que culminou em uma viagem memorável à Itália, onde visitei as grandes ruínas e museus de Roma, Florença, Pompeia, etc. Isso me inspirou a cursar um programa especial de graduação em Harvard que unia história e literatura, dentro do qual eu também me especializei em duas áreas: França e América. Então, nunca estudei sociologia durante a graduação; em vez disso, eu lia teóricos pós-estruturalistas franceses, bem como escritores anglo-americanos, absorvendo suas diferentes abordagens à escrita e à argumentação. Então, finalmente na pós-graduação, eu escolhi um programa chamado Estudos Históricos na New School for Social Research, que combinei com Sociologia, buscando estudar a grande tradição da sociologia histórica e comparada do Charles Tilly e de outros. Essa é a principal tradição sociológica com a qual eu me identifico, embora eu também seja influenciada pela sociologia da cultura e pela sociologia política, mas nunca me senti confortável na Associação Americana de Sociologia e, em vez disso, geralmente vou ao congresso da Associação Americana de Geógrafos, onde eu encontro muito mais intersecções com o meu trabalho.

Então, acho que sempre estive fadada a não me encaixar em apenas uma área! Eu tendo a acreditar que as coisas mais interessantes estão acontecendo nas fronteiras das disciplinas, onde elas se encontram com questões que se expandem em novas formas de pesquisa, oriundas de outros lugares. Além disso, o campo de Estudos Caribenhos, que sempre me inspirou, também une inúmeras disciplinas diferentes, mas todas focadas em um conjunto partilhado de questões sobre temas de interesse de pessoas que vivem ou que são originárias dessa região. Isso me levou também a ler muito sobre antropologia e a me interessar por literatura e arte caribenha. Então essa abordagem indisciplinada guiou meus interesses em direção a problemas amplos que se estendem por períodos históricos e lugares e que demandam metodologias variadas. Minha inclinação inicial era primeiramente em direção à pesquisa arquivística, incluindo tanto textos como imagens visuais; mas cada vez mais, como socióloga, eu também tinha que formular perguntas sobre o

munho contemporâneo, e isso me levou a usar outros métodos, como entrevistas, oficinas participativas e observação participante. Parte do que eu amo no campo de pesquisa sobre mobilidades é que ele me fornece um contexto significativo no qual eu posso fazer todas essas coisas.

Revista Plural *Você começou sua carreira acadêmica como especialista na região caribenha do século XIX, e hoje em dia você também é reconhecida mundialmente por suas contribuições ao Paradigma das Novas Mobilidades. Desde que publicou *Consuming the Caribbean*¹, em 2003, o que você vê como sendo as maiores mudanças e continuidades dentro dessa discussão, especialmente no que diz respeito: a) à sua própria perspectiva teórica; b) aos padrões globais de consumo; e c) às formas transnacionais de solidariedade (quer por meio do consumo ou não)?*

Mimi Sheller Quando publiquei *Consuming the Caribbean* em 2003, ele foi, na verdade, meu segundo livro, depois de eu ter publicado minha tese de doutorado sob o título *Democracy After Slavery*² (2000). Então aquela obra foi, em realidade, um projeto de pós-doutorado, uma oportunidade para eu ter muita liberdade e poder desenvolver uma abordagem abrangente, um pouco menos rígida da que um Doutorado exige. Assim, enquanto meu primeiro livro poderia se encaixar mais estritamente em uma “sociologia histórica e comparada”, nessa obra [*Consuming the Caribbean*] eu pude começar a desenvolver uma abordagem mais solta sobre “mobilidades” pela primeira vez. Tentei localizar o consumo da natureza, paisagens, mercadorias, comida, corpos e trabalho como parte de um sistema transatlântico de circulação através de um longo período de tempo. Foi dentro de tal projeto e através dele que, de certo modo, eu entrei em diálogo com o trabalho do John Urry em Lancaster, e nós começamos a desenvolver juntos os argumentos para o que se tornou “o paradigma das novas mobilidades”. Mas foi o meu trabalho sobre o Caribe e a *longue durée* de 500 anos que sempre guiaram minha insistência teórica nos problemas do poder, da desigualdade e da imobilidade como as condições chave para a construção histórica das mobilidades contemporâneas.

A maior mudança de como eu escrevi *Consuming the Caribbean*, comparado a como eu o escreveria hoje, é que eu daria muito mais ênfase atualmente à agência

1 SHELLER, Mimi. *Consuming the Caribbean: From Arawaks to Zombies*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2003.

2 SHELLER, Mimi. *Democracy After Slavery: Black Publics and Peasant Radicalism in Haiti and Jamaica*. Oxford e Londres: McMillan, 2000.

caribenha. Uma das críticas ao livro é que ele focaliza principalmente como o norte “consome” o Caribe, o que limita o papel de atores caribenhos (embora o livro também tenha abordado processos culturais como a “criolização” e a colonização reversa). Então, quando escrevi meu terceiro livro, *Citizenship from Below*³ (2012), eu destaquei muito mais os caribenhos como agentes e até incluí o capítulo “*Returning the Tourist Gaze*”, que pode até ser considerado uma espécie de pós-escrito de *Consuming the Caribbean*.

Em relação aos padrões globais, se eu tivesse mais tempo, gostaria de escrever uma nova edição de *Consuming the Caribbean* que teria capítulos sobre *offshoring*⁴, em todas as formas que o John Urry descreveu em seu livro: o *offshoring* do trabalho, da taxaço, do prazer, da energia, do lixo e da segurança. Todas elas são relevantes no Caribe hoje em dia. Na verdade, ele sempre me encorajou a escrever esse livro, mas acabou escrevendo primeiro! Acredito que aquele livro termina com uma nota importante sobre formas transnacionais de solidariedade que podem ser alcançadas por meio de uma luta contra a prática de *offshoring*, que ironicamente se dá por meio de uma prática de *onshoring* do controle político de todas essas atividades de volta às sociedades nacionais. Mas eu questiono se esse controle estatal poderia ser alcançado algum dia em Estados que são pequenas ilhas, e se não continua a existir ainda uma necessidade de modelos transnacionais de política democrática mais fortes.

Revista Plural Depois de cofundar o CeMoRe (Centre for Mobilities Research), na Universidade de Lancaster, com o John Urry, você se mudou de volta para os Estados Unidos e criou o Center for Mobilities Research & Policy (mCenter) na Universidade de Drexel. Pensando sobre a importância do lugar para a produção do conhecimento, quão diferente (ou semelhante) foi produzir academicamente sobre turismo estando nos Estados Unidos, em comparação a trabalhar no Reino Unido? Como a localização afetou as formas como o seu trabalho “viaja entre mundos”?

Mimi Sheller Nos Estados Unidos, eu me deparei com um ambiente acadêmico muito diferente do que existe no Reino Unido, e em alguns aspectos meu trabalho sobre mobilidades não viajou facilmente. O campo de pesquisa em mobilidades se estabeleceu muito mais na Europa, Austrália, Nova Zelândia, Canadá, e cada vez mais na Ásia e na América Latina, enquanto que, nos Estados Uni-

3 SHELLER, Mimi. *Citizenship from Below: Erotic Agency and Caribbean Freedom*. Durham: Duke University Press, 2012.

4 Ver: Urry, John. *Offshoring*. London: Polity, 2014.

dos, eu ainda me encontro constantemente tendo que explicar “do zero” o que eu estudo. Outras partes do mundo parecem partilhar certas tradições teóricas que são reconhecíveis através das fronteiras, ao passo que os Estados Unidos são muito ligados a uma ciência social positivista que eu considero muito restrita em escopo e em métodos. Lancaster sempre teve um departamento de sociologia incrivelmente interdisciplinar e sempre recebeu todos os tipos de visitantes de todas as regiões do mundo.

Nos Estados Unidos, a sociologia ainda está tentando se provar como uma disciplina “séria” e tende a resguardar seu território, acabando por parecer menos aberta a perspectivas externas e ao trabalho interdisciplinar. Em parte, isso se dá por pressões relacionadas ao financiamento, pelo qual as ciências sociais estadunidenses precisam competir com as ciências naturais, buscando financiamento da *National Science Foundation*, que demanda hipóteses testáveis, resultados replicáveis e trabalho empírico fortemente baseado em evidências. Também há uma grande ênfase, nos Estados Unidos, em pesquisas com aplicação prática, com resultados significativos de um ponto de vista pragmático, que possam ser justificados perante os financiadores. Isso torna mais difícil a aquisição de financiamento para trabalhos teóricos, críticos e exploratórios.

Por outro lado, essa pressão estadunidense por pragmatismo me tirou da minha zona de conforto e me colocou em colaborações com engenheiros, por exemplo, ou com projetos financiados por corporações. Engenheiros falam uma linguagem muito diferente, e pode ser difícil “traduzir” a ciência social para eles. Mas eu aproveitei essa oportunidade também para estudar como eles viajam, e para compreender os modos como as abordagens críticas dos estudos do turismo podem também ser aplicadas a projetos acadêmicos, como aqueles que foram financiados para ir ao Haiti após o terremoto de 2010. Então, transformei minha própria viagem de pesquisa em uma oportunidade para fazer uma observação participante autorreflexiva.

Revista Plural *Desde a morte repentina de John Urry no início deste ano, todos estamos nos perguntando sobre o futuro – um tópico do qual ele falava de modo brilhante – do PNM (Paradigma das Novas Mobilidades). O que você diria para aqueles que, como os leitores da Revista Plural, estão lutando para consolidar esse paradigma nos ambientes acadêmicos do Sul Global?*

Mimi Sheller Desde a perda de John, eu tenho sentido uma certa responsabilidade em manter vivo o paradigma das novas mobilidades. Na verdade, havíamos acabado de escrever um texto sobre seu impacto na última década, que foi publi-

cado na primeira edição da nova revista *Applied Mobilities*, e no qual nós reafirmamos a importância desse paradigma para o futuro. Acredito que o paradigma das novas mobilidades terá uma relevância crescente no futuro, em parte porque estamos diante de tantas crises relacionadas à mobilidade (mudanças climáticas, transporte automotor, energia, migração, refugiados, *offshoring*, lixo, urbanismo planetário, etc.).

Ao mesmo tempo, acredito que o paradigma das novas mobilidades está começando a causar impacto na sociologia como disciplina, então, nesse sentido, ele ainda está se infiltrando, digamos assim. A obra de John tem sido amplamente celebrada e comemorada após sua morte. De minha parte, editei uma seleção de seus artigos na revista *Theory, Culture and Society*; escrevi sobre teorias das mobilidades para a *International Sociology Association*; tenho um novo artigo a ser publicado na *Current Sociology*, que comecei a escrever com o John, sobre a relação entre a virada da mobilidade e a anterior virada espacial; e há alguns livros editados que serão publicados por influência dele.

No que diz respeito ao lugar desse paradigma no Sul Global, acho que há fortes redes de acadêmicos que precisam se manter em contato, mesmo sem ter o John, que foi um maravilhoso agregador de pessoas. Esse ano, sediaremos a conferência da *International Association for the History of Transport, Traffic and Mobility* (T²M, da qual sou presidente) na Cidade do México pela primeira vez, em parte para conseguir incluir mais intelectuais latino-americanos. Estou ciente dos muitos pesquisadores no Brasil, no Chile, na Colômbia e no México que se interessam pelo paradigma das novas mobilidades. Teremos a próxima conferência da T²M na Universidade de Lancaster, em 2017, para fortalecer nossos laços com o CeMoRe e com o *Institute for the Future*, e para continuar construindo as redes globais que John fundou.

Também estou vendo um interesse crescente no NMP em lugares como Cingapura, Hong Kong e China, bem como na Austrália e na Nova Zelândia, então eu espero que esse campo continue com seu crescimento global. Eu certamente pretendo continuar recebendo visitantes internacionais no *Center for Mobilities Research & Policy*, em Drexel. Pesquisadores das mobilidades também têm estabelecido diálogos com acadêmicos dos estudos das migrações, dos transportes, do planejamento urbano, de campos como arquitetura e design, e mesmo das artes criativas, áreas que convidam a novas formas de colaborações internacionais acerca de questões do futuro que são especialmente pertinentes ao Sul Global. Assim, vejo muitas oportunidades para uma maior extensão e adesão do PNM em novos locais, de novas formas.

Revista Plural *Por que é importante estudar o turismo internacional hoje, quando viagens internacionais cada vez mais tomam a forma de migrações forçadas, causadas pela fome, por guerras, por crises de refugiados e por desastres ambientais?*

Mimi Sheller Acredito que é importante estudar o turismo hoje em relação a outros tipos de viagens, inclusive as migrações forçadas e as remoções, porque há relações sutis entre todos os tipos de mobilidades humanas. O turismo é uma indústria enorme que mantém rotas de transporte, como as rotas aéreas; o desenvolvimento hoteleiro em áreas importantes, inclusive nas costas; a construção de portos para a indústria dos cruzeiros, etc. Ademais, o turismo ainda é um setor crucial de muitas economias ao redor do mundo. Assim, ele tem um papel geopolítico importante que está relacionado a questões de soberania nacional, territorialidade e segurança. O turismo é construído sobre legados militares, sobre históricos coloniais e sobre novas formas de “securitização” que já forçaram a remoção de pessoas no passado e continuam a fazê-lo hoje em dia. Em um sentido muito literal, vemos essa justaposição no Mediterrâneo hoje, onde “ilhas turísticas” se tornaram locais de chegada de refugiados.

Então, eu vejo os estudos do turismo e os estudos das migrações como um campo de estudos, e não como dois campos separados. Os dois estão intimamente relacionados a históricos de colonialismo, militarismo e neoliberalismo. Um ótimo exemplo é o livro *Securing Paradise*⁵, de Vernadette Vicuña Gonzalez, sobre militarismo e turismo no Havaí e nas Filipinas. Parcialmente inspirada por essa obra, estou trabalhando em um novo livro chamado *Island Futures: Mobility Justice and Caribbean Survival*, que incluirá um capítulo sobre a relação entre ocupações militares e turismo, reconstituindo os conflitos entre a demarcação de áreas para teste de armas e o desenvolvimento do turismo sustentável em ilhas como Vieques, em Porto Rico, e outras nas Marianas do Norte.

Revista Plural *O que mais você consideraria importante ressaltar para estudantes e pesquisadores do turismo e das mobilidades no Brasil?*

Mimi Sheller Acho que é crucial entender o turismo como uma parte de um conjunto maior de regimes de mobilidade construído sobre mobilidades desiguais e sobre a governança de diferentes mobilidades. E o turismo, juntamente com outras mobilidades, como o transporte cotidiano, a migração, a logística e o movi-

5 GONZALEZ, Vernadette Vicuña. *Securing Paradise: Tourism and Militarism in Hawai'i and the Philippines*. Durham: Duke University Press, 2013.

mento de bens, são todos parte da produção social do espaço e do local. Locais são feitos por mobilidades, e como John Urry e eu argumentamos em *Tourism Mobilities*⁶, os locais são, eles mesmos, móveis e estão sempre em interação, o que significa dizer que há um tipo de complexidade dinâmica na emergência de locais particulares, e isso está relacionado à estruturação do espaço-tempo no movimento e através dele. Para fazer uma analogia com as teorias da física, poderíamos dizer que o turismo aparece tanto como partícula (encontrado em lugares distintos, em casos particulares), quanto como onda (percorrendo regiões do mundo de formas similares simultaneamente); e há uma espécie de entrelaçamento quântico no qual a mesma coisa acontece, de uma vez só, em lugares múltiplos, e o que acontece em um local pode afetar um lugar do outro lado do mundo.

A teoria das mobilidades é uma forma importante de pensar não apenas sobre as mobilidades no contexto do turismo, mas também sobre a relação do turismo com outras formas de mobilidade e de estabilidade. Então, acredito que ela nos ajuda a romper com antigas formas de pensamento que estão presas por presunções e abordagens da nossa disciplina, levando-nos a enxergar, pela primeira vez, novas conexões, padrões e complexidades. Ela nos possibilita uma espécie de análise fractal que permite interligar diversas escalas, as quais vão desde uma análise interacionista sobre o comportamento dos “anfitriões” e dos “hóspedes” dentro de um *resort*, passando pelo significado do turismo em discursos nacionais, chegando até a relação entre turismo, geopolítica e urbanismo planetário.

Algumas das questões mais urgentes para os estudos do turismo e das mobilidades, acredito, tratam da relação entre viagens e mudanças climáticas, uso de recursos e regimes globais de circulação de água, energia e alimento. Na medida em que o planeta se torna mais quente, e a emissão de carbono chega a 400 partes por milhão pela primeira vez em 2016, como vamos compartilhar os recursos cada vez mais escassos do planeta, do qual todos dependemos para sobreviver? O turismo continuará consumindo recursos como água potável e energia em locais onde a população pode não ter acesso a eles? Pode o turismo se tornar uma maneira de aprender sobre outros lugares, estimulando o desenvolvimento sustentável em uma escala global? Podemos vislumbrar novas maneiras de viajar que nos ajudem a construir um mundo melhor?

6 SHELLER, Mimi & URRY, John. *Tourism Mobilities: Places to Play, Places in Play*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2004.

Uma resenha de *Mobilidades da elite*

A review of Elite mobilities

João Freitas^a

BIRTCHELL, Thomas; CALETRÍO, Javier (Ed.). *Elite mobilities*. Abingdon: Routledge, 2013. 270 p.

Elite Mobilities, editado por Thomas Birtchnell e Javier Caletério, é o primeiro livro da série *Changing Mobilities*, da editora *Routledge*. A série, organizada por Monika Büscher e Peter Adey, tem como objetivo explorar as transformações na sociedade, na política e nas experiências diárias provocadas pelas mudanças nas mobilidades, e como as pesquisas podem dar respostas a tais transformações. Thomas Birtchnell, atualmente, é professor da Universidade de Wollongong, Austrália, e Javier Caletério é pesquisador do Center for Mobilities Research (CeMoRe) da Universidade de Lancaster.

Ao longo do livro, a elite – à qual o título se refere – é também chamada de super-ricos, classe-alta, globais, entre outros nomes. Os editores, na introdução, optam pela tipologia de Eric Carlton (1996) e a chama de *os poucos*¹ (*the few*). Embora numericamente pequeno, sublinha-se o poder de influência desse grupo. As pesquisas com esses *poucos* costumam ser muito difíceis, como registram os editores:

Os *poucos* que compõem o tema deste livro não estão lá fora, esperando pacientemente por cientistas sociais se lembrarem de incluí-los em uma pesquisa por amostragem, testar o seu QI, ou pedir-lhes para preencher um questionário. Estes atores poderosos são pequenos em número, mas grande em termos de influência e seu poder se estende ao controle sobre os métodos de investigação utilizados sobre eles (p. 15, tradução do autor).

-
- a Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC) no Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) na Fundação Getúlio Vargas.
- 1 Opta-se por utilizar *poucos* (em itálico) para evidenciar a referência à tipologia de Eric Carlton e não gerar nenhum tipo de interpretação equivocada.

A despeito da dificuldade registrada, a maioria dos capítulos é construída a partir de pertinentes pesquisas empíricas. Além dos desafios inerentes aos *Mobile Methods* (BÜSCHER; URRY; WITCHGER, 2011), as mobilidades se mostram como um ponto de vista privilegiado para demonstrar como o poder desse grupo é exercido e expressado no mundo.

Trata-se não somente de discutir a questão da mobilidade, mas encará-la enquanto um paradigma, cotejando suas múltiplas dimensões e ingerência na sociabilidade contemporânea. *Elite mobilities* se detém a analisar a mobilidade de alguns poucos sem, no entanto, negligenciar os impactos disso na vida de muitos outros: o regime de intensa mobilidade de poucos pressupõe a imobilidade de muitos.

Embora seja difícil sintetizar a ideia central de um livro, escrito por 18 colaboradores, os editores apresentam alguns pontos que são fundamentais para a compreensão do objetivo do livro e sua relevância para as pesquisas em Ciências Sociais. Os cinco pontos elegidos pelos editores são: “mobilidade como de costume”; estratificação; superinclusão; segredos; resquícios. A presente resenha utilizará esses cinco pontos como referência e tentará agrupar os artigos que compõem o livro por afinidades em suas perspectivas, reconhecendo a impossibilidade de aprofundar individualmente os debates apresentados.

MOBILIDADE COMO DE COSTUME

Mobilidade como de costume (*mobility-as-usual*) se refere a maneira genérica que se encara a mobilidade, reduzindo-a ao transporte ou mobilidade corpórea (URRY, 2007). Mesmo nessa compreensão reducionista, mostra-se necessário refletir sobre as formas de locomoção da elite: estratificada, intensivamente global, altamente poluente e expansionista.

O capítulo 3, “Wealth Segmentation and the mobilities of the super-rich: a conceptual framework”, escrito por Jonathan V. Beaverstock e James R. Faulconbridge, explora a invisibilidade – jatinhos e helicópteros – e opulência – super iates e trens de luxo – dos meios de transporte dos multimilionários e bilionários. Os autores atentam para uma segmentação dentro dessa elite, evidenciando que há diferenças entre um milionário e Bill Gates, por exemplo, cuja fortuna é estimada em U\$ 61 bilhões. Para além da segmentação dos super-ricos, uma das principais contribuições deste capítulo é a reflexão acerca do quanto as mobilidades da elite são imbuídas de significados simbólicos e contribuem para a construção social do que seria o “normal”. Beaverstock e Faulconbridge reiteram Kaufmann *et al.* (2004) ao apontarem a mobilidade como uma forma de capital; no qual não só a

velocidade importa, mas a praticidade e flexibilidade em escolher rotas e gerenciar suas mobilidades de acordo com suas agendas.

No mesmo diapasão, Lucy Budd analisa no capítulo 5 – “Aeromobility elites: private business aviation and the global economy” – um segmento pequeno, porém valioso, da indústria do transporte aéreo: a aviação executiva. Novos discursos de conveniência, flexibilidade, velocidade, produtividade, conforto e *status* promoveram a aviação privativa como uma necessidade e alternativa racional em relação a formas mais convencionais de aeromobilidade.

Os editores do livro atentam a um ponto relevante: as infraestruturas são planejadas de acordo com a agenda dos *poucos* antes de considerar a necessidade da maioria da população. Há, nesse sentido, todo um aparato que envolve capital e poder político e que garante que essa elite se mova diferentemente que as demais pessoas.

ESTRATIFICAÇÃO

As mobilidades da elite se apresentam enquanto um valioso prisma de análise de uma minoria que, de outro modo, continuaria secreta e inacessível. O que o *mobilities turn* revela é uma outra dimensão de desigualdade social: a mobilidade de poucos depende da imobilidade de muitos. Mesmo considerando que a mobilidade não é exclusividade de poucos, a maneira conspícua que os *globals* – como Zygmunt Bauman cunhou – se movem física, virtual e simbolicamente reitera as diferenças. No entanto, a obra não se detém a discriminar quem é elite ou quem não é, mas, sim, busca identificar os diferentes tipos de mobilidades através de diferentes geografias.

Independentemente de quantas casas decimais a fortuna do indivíduo está avaliada e quão etéreos são os mundos que ocupa, ele continua se movendo de um ponto a outro. Aqueles cujas formas de mobilidade estão estrangidas à condição socioeconômica modesta testemunham os vestígios das mobilidades da elite: os jatos executivos na pista de pouso, carros luxuosos pelas ruas da cidade, os espaçosos trens de primeira classe, helicópteros aterrissando nos heliportos de arranha-céus, ou os super iates ancorados nos portos.

No capítulo 8, Matilde Córdoba Azcárate, Ana García de Fuentes e Juan Córdoba Ordóñez analisam o desenvolvimento do turismo de luxo em Yucatán, no México. O artigo “The uneven pragmatics of ‘affordable’ luxury tourism in inland Yucatán (Mexico)” explora a transformação de um meio de hospedagem decadente, Hacienda Temozón Sur, em um economicamente acessível hotel de luxo. Os autores apontam que essa transformação tende a escamotear uma realidade

de inequidade social e segregação espacial na península mexicana. Além disso, o estudo oferece a oportunidade de observar como o estilo e a arquitetura da elite – performados pelos novos empresários mexicanos – influenciam outras classes através de práticas sociais concretas e arranjos materiais.

Mike Featherstone é o autor do sexto capítulo do livro: “Super-rich lifestyles”. Certamente, é o capítulo que tem os objetivos mais ambiciosos: examinar a recente ascensão deste novo grupo de ricos e super-ricos e tentar lançar alguma luz sobre o seu *modus operandi*, examinando seus estilos de vida, espaços de convivência, atividades de consumo, ações de caridade, esforços para a manutenção da riqueza e padrões de investimento. Featherstone consegue cotejar todos esses pontos e oferece um mapa para entender um pouco melhor as realidades dessa elite.

O capítulo 10 – “‘This is not me’: Conspicuous consumption and the travel aspirations of the European middle class” – assinado por um dos editores do livro, Javier Caletrío, explora a mesma questão por outro viés. A partir de uma pesquisa realizada com 92 europeus no mediterrâneo espanhol, Caletrío tentou averiguar a ideia apresentada na obra centenária de Veblen (2005), de que a elite influencia nas aspirações e desejos da classe média. O objetivo era analisar a relação entre os ricos e a classe média, focando em como o consumo conspícuo molda as noções de normalidade e excesso nos padrões de viagem. Contrariando as hipóteses, Caletrío aponta que, para a maioria dos entrevistados, as aspirações de viagens de lazer são inspiradas menos pela reclusão da elite em *lounges* de primeira classe, ilhas privadas, mega iates e hotéis luxuosos e mais pelo ideal cosmopolita de um mundo de mobilidade democrática persuasivamente transmitido pela mídia global. A frase do título, *This is not me* (Isso não sou eu), é a resposta enfática de um dos três-terços dos entrevistados que não se sentem atraídos pelo estereótipo sedutor das viagens de lazer da elite.

SUPERINCLUSÃO

Os *poucos* são intercalados, emaranhados e superincluídos nos *commons*, movendo-se rapidamente para dentro e fora dos espaços públicos, privatizando e fazendo uso deles, ao invés de serem exteriores a eles (p. 3). Ao invés de sugerir que os *poucos* vivem à margem da sociedade, segregados, os editores afirmam que esse grupo está superincluído na sociedade, inclusive escolhendo estarem visíveis ou não.

Malene Freudendal-Pedersen tenta investigar em “Tracing the super-rich and their mobilities in a Scandinavian welfare state”, décimo primeiro capítulo do livro, a razão de os super-ricos e suas mobilidades estarem relativamente ausentes das

pesquisas dinamarquesas e do imaginário da população. Freudental-Pedersen destaca que os super-ricos na Dinamarca vivem em discretos, reclusos e globalizados círculos sociais. Não significa, no entanto, que esses estejam excluídos do resto da sociedade. Muito pelo contrário: eles ditam as regras desse jogo, se estão nessa situação é justamente por prezarem pelo anonimato e discrição. A pesquisa demonstra que os movimentos dos *poucos* forçam uma redefinição das práticas sociais, de modo a perpetuar suas mobilidades sem comprometer a sua facilidade, independentemente do sabor do sistema social ou do governo.

O capítulo 7, “The ease of mobility”, reitera tal perspectiva. Shamus Rahman Khan propõe uma reflexão acerca de uma transformação na cultura da elite devido a uma melhora em sua mobilidade física. A pesquisa de Khan é realizada dentro de escolas particulares – em suas palavras – privilegiadas. A facilidade da mobilidade, à que o título se refere, diz respeito a uma capacidade desenvolvida para navegar em uma gama diversificada de instituições sociais. O autor sugere que a elite deixou de ser esnobe para ser onívora, a analogia aponta que eles optam por traços culturais que lhe garantem maior permeabilidade em diversos grupos sociais em detrimento de traços culturais distintivos que fixavam seu lugar na sociedade.

Thomas Birtchnell, um dos editores, na companhia de Gil Viry e John Urry, dissertam sobre uma elite que se constitui a partir do que chamam de terceira revolução industrial. “Elite formation in the third industrial revolution” explora a corrida por patentes relacionadas a impressão 3D por um viés bastante peculiar e útil para os estudos no campo: a rede de relações que esses atores criam, mantém e alimentam. A pesquisa se fundamenta em criteriosas e sistemáticas análises das patentes, o que reitera o quanto as metodologias de pesquisas nessa área precisam ser inventivas, como apontam Lury e Wakeford (2012).

SIGILOS

As pesquisas sobre a elite pressupõem encarar o sigilo e as ausências como parte da episteme. *Elite mobilities* se esforça para trazer à tona os segredos dos *poucos* e iluminar as mobilidades sombrias de finanças, recursos e pessoas. Os editores afirmam que essas informações são incrivelmente vastas, porém não observáveis através dos instrumentos atuais.

No capítulo 2, “Elsewhere: Tracking the mobile lives of globals”, Anthony Elliot examina detalhadamente alguns aspectos da vida performática dos *globals*, em um cenário de recentes mudanças radicais para as economias, identidades e culturas nacionais. A partir de um estudo teórico e empírico de cinco anos, Elliott cria a figura do Mr. X, uma mistura entre dois dos seus setenta e cinco entrevistados,

cujas rotinas possibilitam refletir acerca dessa realidade. Elliot faz questão de extrapolar a compreensão acerca da mobilidade enquanto mero movimento corpóreo, compreendendo-a como um sistema complexo que envolve comunicação e redes.

John Urry, em “The super-rich and offshore worlds”, décimo segundo capítulo do livro, apresenta um outro olhar acerca da diluição das fronteiras e dos fluxos de dinheiro, pessoas, ideias, imagens, informações e objetos. Embora tais fluxos sejam comumente interpretados como econômica, política e culturalmente benéficos, Urry aponta alguns fluxos não desejados desse mundo globalizado:

[...] terroristas, riscos ambientais, mulheres traficadas, traficantes de drogas, criminosos internacionais, mão-de-obra terceirizada, negociantes de escravos, requerentes de asilo, especuladores imobiliários, trabalhadores contrabandeados, riscos financeiros e rendimentos não tributados (URRY, 2013, p. 227, tradução do autor).

São justamente sobre rendimentos não tributados e os paraísos fiscais que Urry se debruça neste artigo. *Offshoring*, como a evasão de impostos é chamada, envolve o movimento de recursos, práticas, pessoas e capitais de um território nacional para outro, porém escondendo-os com sigilosas jurisdições e movendo por rotas que são parcial ou completamente ocultas. Urry afirma que esses sigilos são consequência de um mundo sem fronteira: um mundo sem fronteiras que gesta novas fronteiras e novos sigilos. Novas fronteiras são regularmente criadas e vigiadas. Segundo ele, um mundo sem fronteiras é, paradoxalmente, um mundo de sigilos.

RESQUÍCIOS

Em uma perspectiva comparativa, os estudos sociais acerca da elite são poucos, enquanto aqueles sobre os membros das demais camadas socioeconômicas se multiplicam rapidamente. Retorna-se, então, ao problema da metodologia: como abordar tal grupo? Os editores apontam como a utilização dos métodos de pesquisa tradicionais estão fadados ao fracasso pelos mais diversos motivos: dificuldade em obter aprovação ética; as cartas e e-mails são sistematicamente ignorados; as perguntas são friamente analisadas e editadas; questionários consomem muito tempo; acesso aos espaços pode não ser conseguido; falta de espaço na agenda; informações censuradas durante a pesquisa; amostras muito pequenas para se construir generalizações; dificuldade em se garantir anonimato; custos de viagem para uma observações aproximada são altos demais.

Para ilustrar tais questões, os editores aludem ao filme *007 contra Goldfinger* (1964). A trama é construída em cima de várias mobilidades da elite, desde uma partida de golf em Buckinghamshire a uma perseguição de carro na Suíça. O herói interpretado por Sean Connery desvenda o secretíssimo esquema de contrabando de ouro do vilão, justamente a partir dos resquícios de sua vida móvel. A cena final se desenrola no jato particular do vilão, do qual ele é ejetado e voa para sua morte, enquanto o herói escapa com seu paraquedas. Sagazmente, os editores comentam: “Nós todos gostaríamos de conduzir nossas pesquisas assim, mas os comitês de ética, reitores, supervisores acadêmicos e gestores de risco dificilmente aprovariam” (p. 14). Mesmo sem saídas espetaculares de jatos particulares, as pesquisas sobre a elite demandam um senso investigativo digno do MI6: elas se apoiam nos detalhes, em questões transversais ao que seria o problema principal, mas que acabam dizendo muito sobre eles.

O movimento intenso dessa elite acaba por deixar resíduos, e os ditos métodos móveis focam justamente nisso. Os editores comparam os pesquisadores com os jornalistas que vasculham o lixo das celebridades para tentar desvendar seus segredos sujos.

ÚLTIMOS APONTAMENTOS

Os dois últimos capítulos do livro são poderosas análises da obra em si e também das pesquisas nessa área. Mimi Sheller assina o décimo-terceiro capítulo do livro: “Epilogue: the bodies, spaces and tempo of elite”. Além de revisitar alguns dos pontos levantados ao longo do livro e promover um debate com os demais autores, Sheller aponta algumas áreas que ainda carecem de pesquisas: 1) a esfera política, e as formas em que as mobilidades da elite se cruzam e interagem com regimes de mobilidade dos países; e 2) as mobilidades ilícitas das economias sombrias, o que ela propõe chamar de narcomobilidades. São dois tópicos bastante complexos e necessitam de maior atenção e coragem por parte dos cientistas sociais.

Por fim, Andrew Sayer é o autor do posfácio do livro, “Elite mobilities and critique”. Além de afirmar que é fundamental saber sobre os ricos e seus estilos de vida, mobilidades e gastos, Sayer defende uma abordagem mais crítica e que inclua, prioritariamente, investigar como os ricos conseguiram o seu dinheiro. O autor descreve – e, de certa maneira, desconstrói – algumas possibilidades para o enriquecimento astronômico. A primeira delas é o investimento. Por mais que a palavra evoque uma aura positiva, Sayer estabelece claras diferenças entre investidores e especuladores.

A segunda possibilidade desse enriquecimento seria o que ele chama de “o rico trabalhador” (*the working rich*). Seria ingenuidade imaginar que as fortunas são um simples reflexo de algum tipo alta produtividade e eficiência. Segundo o autor, *the working rich* é um tipo de eufemismo legitimador que as pesquisas nessa área deveriam desmascarar.

A terceira possibilidade seria o “*high net worth individuals*” (indivíduos de alto valor líquido, literalmente), termo usado por agências e segmentos financeiros para classificar os ricos com mais de um milhão de dólares. Sayer é bem crítico em relação ao uso do termo, pois, segundo ele, é descaradamente ideológico e os acadêmicos que se prezam só devem utilizá-lo em notas de repúdio.

Elite mobilities, ainda não publicado no Brasil, é uma obra necessária tanto para os estudos das mobilidades quanto para ajudar a preencher lacunas no que diz respeito às pesquisas acerca das elites. A obra ajuda a sublinhar a notabilidade do Paradigma das Mobilidades: refletir sobre a maneira única e dispendiosa que a elite se move física, social e simbolicamente pelo mundo é ao mesmo tempo atentar para o alargamento da inequidade social. O livro reitera a ideia de que a vida móvel desses poucos depende do regime de imobilidade de muitos, demonstrando o quanto, nesses tempos, o movimento é também símbolo de distinção social. Nesse sentido, é de total importância atentar para a existência de uma rede de pessoas que trabalha para que *os poucos* possam se mover pelo globo com o mínimo de atrito.

Todos os artigos do livro apontam o quanto as mobilidades da elite são excessivas e dispendiosas. Com as questões ambientais estando cada vez mais em evidência, é possível que haja uma transformação no julgamento moral da vida móvel. Percebe-se também o quanto tais pesquisas estão centradas na Europa e na América do Norte. Ainda que as pesquisas com a elite sejam extremamente difíceis, seria pertinente analisar os multimilionários e a plutocracia no hemisfério sul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÜSCHER, Monika; URRY, John.; WITCHGER, Katian. *Mobile Methods*. Abingdon: Routledge, 2011.
- CARLTON, Eric. *The Few and the Many*. Farnham: Ashgate, 1996.
- LURY, Celia & WAKEFORD, Nina *Inventive Methods: The Happening of the Social*. Abingdon: Routledge, 2012.
- URRY, John. *Mobilities*. London: Polity, 2007.
- VEBLEN, Thorstein. *Conspicuous Consumption*. London: Penguin, 2005.

Recebido para publicação em: 26/08/2016. Aceito para publicação em: 18/09/2016.

Black Spectral Lives Matter

Tori Omega Arthur^a

MILES, Tiya. *Tales from the Haunted South: dark tourism and memories of slavery from the Civil-War era*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2015. 176 p.

Over the last few years, the United States has witnessed the rise of a collective of individuals working together to shed light on the ongoing struggles with racism and violence in the nation. In the wake of the deaths and brutalization of several people, the Black Lives Matter movement has sought to make clear that the residual affects of the transatlantic trading of Africans and racist oppression of black people still have a place within American society and culture. The election of Barack Obama as the first black President of the United States did not render racism dead. Issues of race and racism have arguably been more visible and acute because of the Obama family's historic occupation of the White House. In *Tales from the Haunted South*, Tiya Miles takes up the painful histories of enslaved black bodies in the United States and the spectral occupations of various houses in the South to interrogate a phenomenon that has virtually erased the atrocities of slavery and existences of those forced into the system of enslavement.

Miles explores the increasingly popular sensation of ghost tourism in the American South where tourists descend upon certain locations in search of the spirits supposedly inhabiting them. Each year, thousands of thrill seeking ghost hunters hoping to encounter ornery apparitions and suffering specters flock to plantations, cemeteries and burial grounds, and historic urban houses in Georgia, South Carolina, and Louisiana and are ushered into supernatural dream worlds supposedly teeming with long dead enslaved blacks. While this form of tourism may seem like an innocuous enterprise catered to those who find fun in being scared, Miles reveals that the stories routinely accompanying ghost tours misappropriate African American history for commercial gain. Tourists purchase tour tickets and even pay to stay in the homes overnight hoping to (or not hoping to) see ghosts. Subsequently, the horrors that many enslaved blacks endured, particularly enslaved black women who were victims of sexual oppression, are reinterpreted to elide the true nature of slavery and the Civil War era.

a Fellow in Ethnic Studies at Lawrence University in Appleton, Wisconsin

Employing her personal experiences touring supposedly haunted sites, Miles examines the ghost narratives at three southern locations to discern how the lives and afterlives of enslaved blacks are presented to the public. Miles devotes chapters to: 1) Molly and Matilda of the Sorrel-Weed House in Savannah, Georgia; 2) Madame Delphine Lalaurie's barbaric treatment of those enslaved in her Royal Street mansion in the French Quarter of New Orleans, Louisiana; and, 3) Chloe and Cleo of the Myrtles Plantation in St. Francisville, Louisiana. Each of these three substantive chapters unpacks the facts and fictions of the locations and the people who lived there during the antebellum period in United States history. Miles argues that these ghost tours and others throughout the South catalogue disturbing events of the past that have been eliminated from America's collective and conscious social memory, leaving behind mere fragments of the actual brutal lives of the formerly enslaved that are rationalized away and dismissed as unbelievable. What is real about these ghost tours is the sheer power of supernatural accounts to bolster a commercial industry. Miles makes clear that just as the lives of black enslaved people existed to increase the profits of their white owners, black spectral lives in modern day ghost tourism support the money making efforts of the mostly white owned businesses conducting the tours.

The major strength of the text is Miles's evocative writing. With a combination of a creative nonfiction style (I was not surprised to learn that Miles has published a novel.) and auto-ethnography, Miles literarily weaves the tales of the sites she visits with their history and her keen historical analysis. Her investigation of the Sorrel-Weed House and the story of the enslaved Haitian girl Molly's sexual relationship with owner Francis Sorrel and her mysterious hanging after the suicide of Sorrel's wife Matilda is in depth and fascinating. Molly and the Sorrel-Weed House are the backbone of the book. It is with this story that Miles's curiosity with the machinations of ghost tourism as a money making industry truly begins. Miles deftly shows that Molly's plight as an enslaved black woman locked in a brutal institution where her humanity and personal agency were routinely denied becomes a metaphor for how America feels about race and black people. Molly is a side show, an exotic spectacle whose existence during her life and afterlife is jeered and eventually discarded.

Another strength of the book is the notes section. Much of the academic muscle of the text is in the roughly forty-five pages of notes accompanying the primary narratives. The notes section offers additional analysis and a rich resource of texts where readers can acquire more information about America's antebellum history, race and gender in the South during the Civil War era, and the role of tourism in

American society. Also, in the notes, Miles informs the reader that she has opted not to emphasize theory in *Tales from the Haunted South*. Certainly, in this book where the author's personal experiences with ghost tours and the stories of the places she visits are most engaging, an overemphasis on theory would have made Miles's text pedantic and inaccessible to some readers. Instead, Miles has offered a highly accessible text that would be of interest to scholars, students, and those in the general public around the world with an interest in the histories of the American South and the Civil War and with transnational issues of race, racism, and the legacies of the transatlantic slavery in the black diaspora.

While Miles's evocative and often lyrical writing are strong, the text becomes repetitious at times. In chapters two and three where the reader learns of Madame Lalaurie, Chloe, and Cleo in Louisiana, the narratives fall under the weight of repetition. There, the writing is a bit strained in places (except in chapter three when Miles poignantly discusses the nuances of race, gender, and sexuality in a gay black male's tour of the Myrtles) and feels as if the author is trying to fill pages with words to make the manuscript book length. This strain is also apparent in the conclusion when Miles incorporates her experiences with African American heritage tours in the South. Though she briefly argues that these tours serve as a counterpoint to ghostly tales of sex and death, the analysis feels misplaced and would perhaps be better suited in another text that gives adequate space to the subversive work the people conducting these heritage tours are doing to include a more thorough view of African American life and culture during and beyond slavery in Southern history and overall American history for the touring public.

Perhaps the book's biggest misstep is the conflation of ghost tourism with dark tourism through much of the text. Though they are not synonymous, Miles offers cursory definitions of dark tourism and ghost tourism in the introduction and the two terms appear interchangeably through the major chapters. In the introduction, she defines dark tourism as "the exploration of death, disaster, and suffering through travel." (p. 10) Readers who are unfamiliar with key terms and concepts in tourism studies may not understand that while ghost tourism is a form of dark tourism, dark tourism is much more than ghost tourism and can consist of touring battlegrounds, prisons, concentration camps and other sites of massacres or genocide, sites of natural and man made disasters, etc. In the conclusion, Miles devotes time to a more in depth discussion of dark tourism that would have fit well with the overview given in the introduction. However, her focus on explaining the allure of ghost stories and tours is understandable considering that the tours result in the erasure of the lives of the black 'ghosts' in each location. The title

of the book could easily be *Tales from the Haunted South: **Ghost** Tourism and Memories of Slavery from the Civil War Era*.

Overall, Miles's book is a necessary inclusion in the study of black cultural tourism, which is a growing field of academic inquiry. In the last two decades, much of the work in black cultural tourism has focused on tourism as reclamation or the efforts of black travelers to visit important historical sites as a way of engaging with black history in the United States and abroad. Scholars like Kamari Maxine Clarke, Paulla A. Ebron, Saidiyah Hartman, and others have produced work that explores the experiences of African American descendants of the formerly enslaved traveling to the African continent to reconnect (or not) with their ancestral home. However, *Tales from the Haunted South* is a departure from this academic movement. Instead of focusing on the black traveler experience, Miles hones in on how specific sites that hold places in the global histories of slavery and the black people who once occupied and may still occupy those sites are commercialized for largely non-black travelers seeking to consume the exotic and invisible 'other.'

As stated, the text would be of interest to students, scholars, and the general public who (professionally and leisurely) study the American South, slavery, and the Civil War. For Brazilian readers, the book offers a comparative opportunity; those desiring to examine the parallel histories of slavery and the ways black people are remembered would be able to compare the racial traditions of Brazil and the United States. Indeed, the book should have a place on the shelf of anyone invested in uncovering the tragic accounts of enslaved blacks throughout the black diaspora whose lives and afterlives are devalued and/or commodified. Miles makes clear that these practices should be questioned not just for historical veracity, but also for their power to negate black lives in the past, present, and future. As scholars, artists, activists, and others continue to expose the contrivances of race and racism in the United States and around the world, the stories and arguments in Miles's captivating text remind us that not only do black lives matter, black spectral lives matter and should be honored and respected for the role they play in ensuring that black life, history, and culture is never forgotten.

In Memoriam: John Urry (1946-2016)

Bianca Freire-Medeiros

A última vez em que estive pessoalmente com John Urry foi no dia 10 de junho de 2012. Era o domingo que antecedia a abertura das atividades da Rio+20: Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável. John – ele fazia questão que evitássemos a formalidade dos sobrenomes e títulos – chegara no dia anterior como convidado do Fórum de Ciência, Tecnologia e Inovação. Ele estava muito entusiasmado com a possibilidade de discutir os argumentos que desenvolvera em *Climate Change and Society* (2011), livro que inaugura o que poderíamos chamar de sua “tetralogia pós-carbono”, composta ainda por *Societies Beyond Oil* (2013), *Offshoring* (2014) e *What Is the Future?* (2016). Nestas que foram suas obras derradeiras, John Urry assume, em definitivo, o papel de intelectual público, comprometido com a crítica ao capitalismo e seus excessos. Esse engajamento contra o neoliberalismo ganhara recentemente uma face institucional a partir da fundação do *Institute for Social Future*¹, um *think tank* voltado para a formulação de propostas comprometidas com “outros futuros” – não apenas possíveis, mas desejáveis – onde Urry atuou até a sua morte, em março deste ano.

John Urry viajou ao Brasil outras três vezes. Em maio de 2000, estive no Rio de Janeiro como palestrante convidado do seminário internacional “Limites do Imaginário”, organizado pela Universidade Candido Mendes em parceria com a Unesco. O evento reuniu “estrelas” do mundo acadêmico, como Fredric Jameson e Susan Buck-Morss, para discutir um tema relativamente novo àquela época: a globalização cultural e seus efeitos. Urry comparecia como o autor dos já clássicos *The End of Organized Capitalism* (1987, em co-autoria com Scott Lash), *The Tourist Gaze* (1990) e *Consuming Places* (1995). Se boa parte da reflexão acumulada até então sobre o capitalismo globalizado erguia-se tendo o tempo do trabalho e os arranjos produtivos como solo empírico, nesses três livros Urry voltava-se precisamente para o tempo do não-trabalho, encontrando em expressões negligenciadas, como o lazer e o turismo, um caminho para decifrar a globalização. Mas, em vez de optar pela reciclagem das ideias testadas e consagradas, Urry fez do evento no Rio um campo de provas para argumentos que seriam desenvolvidos a partir dos anos 2000 e para os quais irá, mais adiante, cunhar o termo “New Mobilities

1 Para os princípios que norteiam o instituto e seus objetivos, ver: <http://www.lancaster.ac.uk/social-futures/wp-content/uploads/2015/08/ISF-manifesto.pdf>

Paradigm” (PNM no acrônimo em português). Intitulada “*Inhabiting the Car*”², sua comunicação expõe o estranhamento diante do silêncio que as Ciências Sociais reservaram a uma das invenções mais exemplares de uma tecnologia globalizada e definidoras do estilo de vida do Século XX: o automóvel. Nesse sentido, o texto antecipa o debate que veremos detalhado no artigo publicado em parceria com Mimi Sheller³ naquele mesmo ano e que será por ele revisitado outro par de vezes⁴ já no contexto do PNM.

Na primavera de 2007, John Urry fez sua segunda viagem ao Brasil. Dessa vez seu destino foi Recife, onde participou como um dos oito conferencistas convidados pelo XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. A experiência o marcou duplamente: por um lado, alegrou-se com o enorme prestígio que “O Olhar do Turista”, na tradução publicada pelo SESC em 1999, havia alcançado entre os pares brasileiros⁵; por outro, o contraste entre a estrutura luxuosa da universidade privada que o recebera anos antes no Rio e a precariedade da Universidade Federal de Pernambuco lhe pareceu “obsceno”, para usar o exato adjetivo empregado pelo próprio John. Ex-aluno da tradicionalíssima Universidade de Cambridge, onde cursou a graduação em Economia (1967) e o doutorado em Sociologia (1972), não lhe era de modo algum estranha a ostentação acadêmica. Porém, jamais passou imperceptível a quem conviveu com John a sua aversão aos ambientes e posturas pomposos. Não surpreende, assim, que a estrutura mais democrática de acesso e a horizontalidade das relações de trabalho oferecidas pela Universidade de Lancaster, uma das “novas universidades” públicas fundadas nos anos 1960, o tenham conquistado. A surpresa talvez esteja em saber que justamente aquele que teorizou com tanto afincos as “vidas móveis” tenha passado toda a sua vida profissional na mesma instituição: em 1970, o recém-inaugurado Departamento de Sociologia ofereceu a Urry seu primeiro emprego como professor assistente; 46 anos depois, já consagrado com um dos cinco melhores do Reino Unido, o departamento de sociologia se despediu de seu “Distinguished Professor”.

2 Disponível em: <http://www.lancaster.ac.uk/fass/resources/sociology-online-papers/papers/urry-inhabiting-the-car.pdf>

3 Sheller, Mimi & Urry, John. “The city and the car” in: *International Journal of Urban and Regional Research*, 2000.

4 Especialmente no dossiê “Automobilities”, publicado em 2004 no periódico *Theory, Culture and Society*, e no livro *After the Car* (2009, em co-autoria com Kingsley Dennis).

5 Obviamente, cabe celebrar que “O Olhar do Turista” seja o principal texto de referência da sociologia do turismo no Brasil, mas não deixa de ser lamentável que siga sendo a única obra de John Urry disponível em português. Foge-me ao entendimento que sequer tenha havido interesse em traduzir a terceira edição, escrita em co-autoria com Jonas Larsen, sob o título *The Tourist Gaze 3.0*.

John Urry voltou ao Rio de Janeiro em setembro de 2011, dessa vez por conta do projeto “Emerging Middle Classes and Low Carbon Mobilities: Setting long-term foundations for transnational research”, que havia sido por nós desenhado em 2009, durante minha estadia no Center for Mobilities Research (CeMoRe), o grande núcleo de propagação do PNM que Urry e Mimi Sheller fundaram em 2003 e que, mais adiante, se ramificou em outras redes transnacionais como a *PanAmerican Mobilities e a Cosmobilities*. O financiamento da *British Academy* (ao qual se somaram, mais adiante, recursos da Faperj e da CAPES) permitiu que reuníssemos em dois eventos – o primeiro na Universidade de Lancaster (2010) e o seguinte no CPDOC da Fundação Getúlio Vargas – pesquisadores interessados em refletir sobre os modos pelos quais ambientes culturais, institucionais e infra-estruturais específicos podem reforçar, reproduzir, ou desestabilizar determinadas tendências de longo prazo nos regimes de mobilidade. Foram três dias intensos durante os quais a “mobilities gang”, como John carinhosamente nos batizou, foi provocada a responder, ou pelo menos se deixar inquietar, por uma indagação: o Brasil, sendo uma economia emergente, teria maior potencial para desenvolver sistemas de mobilidade sustentáveis do que as economias avançadas?

O episódio da Rio+20 marca, portanto, a última “viagem corpórea” – para usarmos sua tipologia – que John Urry fez ao Brasil. Isso não quer dizer, felizmente, que tenhamos visto a derradeira incursão dele entre nós. Enquanto escrevo este pequeno texto, em coro às centenas de vozes que vêm prestando homenagem póstuma a John Urry desde diferentes partes do mundo (ver <http://wp.lancs.ac.uk/john-urry/>), mais de cinco mil volumes que compunham seu acervo pessoal estão sendo empacotados pela Universidade de Lancaster na intenção de atravessar o oceano e encontrar pouso na Biblioteca Florestan Fernandes da FFLCH-USP. Fogem-me palavras para expressar o quanto me honra termos sido elegidos para assegurar a mobilidade das ideias de John Urry neste vasto Sul Global. Escolho, assim, encerrar evocando novamente aquele domingo em que dei início a estas notas. Na companhia de um casal de amigos em comum (e também sociólogos, Licia Valladares e Edmond Prétéceille), almoçamos juntos em minha casa e assistimos a uma partida da Eurocopa na televisão. Praticante assíduo do tênis de quadra – com quase 1,90m de altura, sobravam-lhe alcance e precisão – John não era exatamente um aficionado por futebol. Enquanto se desenrolava o jogo, eu tentava não me perder no vai-e-vem de assuntos variados, uma característica marcante das conversas com John. Sou incapaz de retrair na memória a avenida de temas que percorremos naquela tarde; lembro-me bem, contudo, de ele recomendar com entusiasmo a leitura de *Solar*, do inglês Ian McEwan, “primeiro romance

sobre mudança climática”, segundo a descrição sucinta e provocativa que ele me ofereceu. Assim que soube de sua morte, adquiri o livro e foi como se tivesse novamente John por companhia. Podia escutar sua risada franca enquanto lia as cômicas desventuras do cientista Michael Beard, o anti-herói misógino, trapaceiro e vaidoso de McEwan. Patologicamente egoísta, incapaz de qualquer sacrifício físico ou moral, Michael Beard encarna os pecados do capitalismo que levaram à crise em que o planeta se encontra. De uma generosidade ímpar, sem qualquer apego às deferências acadêmicas, sempre leal e comprometido com os princípios de um mundo mais justo, John Urry encarnou as virtudes capazes de fazer frente aos pecados de qualquer Michael, Michel ou Donald. Esse enfrentamento é necessário e urgente, dentro e fora da academia, porque os futuros, como John nos ensinou, são campos de disputa no presente e chegam cada vez mais depressa.

Recebido para publicação em: 20/11/2016. Aceito para publicação em: 01/12/2016.

Globalizando o olhar do turista¹

Globalizing the tourist gaze

John Urry

Tradução de Natália Otto^a

TURISMO E O GLOBAL

Em 1990, quando publiquei *O Olhar do Turista*² pela primeira vez, era mais difícil prever quão significativos se tornariam os processos que hoje chamamos de “globalização”. De fato, a internet havia acabado de ser “inventada” e não existia nenhum indicativo de como ela transformaria inúmeros aspectos da vida social, sendo absorvida mais rapidamente do que qualquer tecnologia anterior. E tão logo a internet começou a causar seu impacto, outra “tecnologia móvel”, o telefone móvel, transformou as práticas comunicativas “em movimento”. Portanto, a década de 1990, de modo geral, testemunhou uma notável “compressão espaço-temporal” à medida que as pessoas, ao redor do globo, se “aproximaram” por meio dos diversos desenvolvimentos tecnológicos. Para muitos grupos sociais, há, cada vez mais, uma “morte da distância” (CAIRNCROSS, 1997). Bauman, por sua vez, fala sobre a mudança de uma modernidade fixa e sólida para uma “modernidade líquida”, fluída e acelerada (2000).

Parte dessa sensação de compressão espacial emana dos rápidos fluxos de viajantes e turistas que se movem de um lugar a outro, especialmente de aeroporto a aeroporto. Em outra obra, estabeleci distinções entre viagens virtuais por meio da internet; viagens imaginativas por meio do telefone, do rádio e da televisão; e viagens corpóreas por meio da infraestrutura da indústria global de viagens (URRY, 2000). A quantidade de “tráfego” em todos esses exemplos se expandiu durante a última década. Não há evidências de que viagens virtuais e imaginativas estejam substituindo viagens corpóreas, mas há complexas intersecções entre os vários modos de viajar, que estão cada vez menos diferenciados entre si. A Microsoft pergunta: “Onde você quer ir hoje?”, e há maneiras independentes e diversas de chegar “lá”.

1 Originalmente publicado em: URRY, John. *Globalizing the Tourist Gaze*. Cityscapes Conference, Graz, 2001. Disponível em: <<http://www.lancaster.ac.uk/fass/resources/sociology-online-papers/papers/urry-globalising-the-tourist-gaze.pdf>>.

^a Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo.

2 (NT) Edição brasileira: URRY, John. *O olhar do turista*. 3^a ed. São Paulo: Studio Nobel, 2001

A viagem corpórea, em particular, adquiriu dimensões imensas e compõe o maior movimento de pessoas através de fronteiras nacionais da História. Devido a essa liquidez, as relações entre quase todas as sociedades ao redor do globo são mediadas por fluxos de turistas, e os lugares são reconfigurados como receptores de tais fluxos. Assim, há um processo onívoro de produção e “consumo de lugares” ao redor do mundo (cf. URRY, 1995). Componentes chave para a exibição de uma cultura global contemporânea incluem o *buffet* de hotel, a piscina, o coquetel, a praia (BOSKER; LENCEK, 1998), a sala de embarque do aeroporto (GOTTDIENER, 2001) e o bronzeado (AHMED, 2000).

Esse caráter onívoro pressupõe o crescimento de uma “reflexividade turística”, um quadro de disciplinas, processos e critérios que possibilitam que cada (e todo?) lugar monitore, avalie e desenvolva seu “potencial turístico” dentro dos padrões emergentes do turismo global. Essa reflexividade se preocupa em identificar a localização particular de um lugar dentro dos contornos geográficos, históricos e culturais que circundam o globo, e, especialmente, em identificar seu potencial material e seus recursos semióticos. Um dos elementos dessa “reflexividade turística” é a institucionalização dos estudos do turismo, de novas monografias, manuais, conferências exóticas, departamentos e periódicos (incluindo, na década de 1990: *International Journal of Tourism Research*, *Tourism Studies*, *Journal of Sustainable Tourism*, *Journeys*, *Tourism Geographies*). Há, também, diversas agências de consultoria conectadas a Estados, empresas, associações voluntárias e ONGs, tanto nacionais quanto internacionais. A emergência da “indústria do turismo” é bem capturada na figura surpreendente de Rupert Sheldrake, um antropólogo do turismo, no romance *Notícias do Paraíso*, de David Lodge³.

Essa reflexividade não diz respeito simplesmente a indivíduos e a suas possibilidades de vida, mas a um quadro de procedimentos sistemáticos, regularizados e avaliativos que possibilitam que cada lugar monitore, modifique e maximize sua localização na turbulenta ordem global. Tais procedimentos “inventam”, produzem, divulgam e circulam, principalmente por meio da televisão e da internet, lugares novos, diferentes, repaginados e relacionados a um nicho específico, bem como suas imagens correspondentes. A circulação dessas imagens contribui ainda mais para a ideia do “globo” (cf. FRANKLIN; LURY; STACEY, 2000).

Obviamente, nem todos os membros da comunidade mundial participam igualmente do turismo global. Ao lado dos turistas e dos viajantes globais, nos

3 (NT) Romance inglês publicado em 1991. Edição em português: LODGE, David. *Notícias do paraíso*. 4ª ed. Lisboa: Gradiva Publicações, 2005.

muitos “lugares vazios de encontro” ou “não lugares” da modernidade, como a sala de embarque do aeroporto, a rodoviária, o terminal ferroviário, o posto de serviço da estrada, o porto, entre outros, estão incontáveis exilados globais (MACCANNELL, 1992; AUGÉ, 1995). Eles estão fugindo da fome, da guerra, da tortura, da perseguição e do genocídio, à medida que a desigualdade social e econômica – e os deslocamentos populacionais que são sua consequência – se expandiu nos anos recentes, forçando muitas pessoas a se moverem.

Em um fenômeno significativo para o “olhar do turista”, uma série de desenvolvimentos está retirando o turismo das margens da ordem global, e mesmo da academia, para colocá-lo quase no centro deste emergente mundo da “modernidade líquida”. Primeiramente, infraestruturas turísticas têm sido construídas em lugares outrora impensáveis. Se, obviamente, a maioria das pessoas no mundo não são turistas globais, no sentido de serem visitantes, isso não significa que os lugares onde elas vivem e suas imagens de natureza, nação, colonialismo, sacrifício, comunidade e ancestralidade não sejam constitutivos de um voraz turismo global. Alguns destinos inesperados, que hoje estão significativamente implicados nos padrões do turismo global, incluem Alasca; Auschwitz-Birkenau; Antártica, especialmente no ano do milênio; a prisão Changi, em Cingapura; locais de ocupação nazista nas Ilhas Anglo-Normandas; Dachau; minas de carvão extintas; Cuba, especialmente sua herança “colonial” e “Americana”; Islândia; Mongólia; Monte Everest; o norte da Irlanda; Chipre do Norte, “ocupado” pela Turquia; Pearl Harbour; Rússia pós-comunista; Ilha Robben, na África do Sul; a “trilha do massacre” de Sarajevo; espaço sideral; Titanic; Vietnã; entre outros (cf. FOLEY; LENNON, 2000, sobre *dark tourism*; O'ROURKE, 1988, sobre “férias no inferno”). Em certos casos, tornar-se um destino turístico é parte do processo reflexivo por meio do qual sociedades e lugares se “inserir” na ordem global (ou se “reinsere”, como no caso de Cuba na década de 1990).

Paralelo a esse processo, há o crescimento do número de turistas vindo de diversos países, especialmente aqueles do “orient”, que outrora foram locais visitados e consumidos por pessoas do “ocidente”. A renda crescente de uma classe-média asiática (bem como as viagens estudantis e o turismo “mochileiro”) gerou um grande desejo de ver “por si mesmo” aqueles lugares do “ocidente” que parecem ter definido a cultura global. Hendry, por sua vez, descreve como vários parques repletos de aspectos “ocidentais” exóticos estão sendo construídos em diversos países da Ásia (2000). Ela chama esse fenômeno de “O Oriente Contra-Ataca”, uma exibição de características da cultura ocidental para que os asiáticos observem e exotifiquem, uma espécie de orientalismo reverso.

Ademais, muitos tipos de trabalho são, hoje, encontrados nos circuitos de turismo global. É difícil não ser afetado por um ou mais desses circuitos, que cada vez mais se sobrepõem a uma “economia de símbolos” geral e que se espalham pelos múltiplos espaços de consumo (LASH; URRY, 1994). Tais formas de trabalho incluem transporte, hospitalidade (incluindo o turismo sexual: CARTER; CLIFT, 1999), viagem, *design* e consultoria; a produção de “imagens” de locais turísticos globais, de ícones globais (como a Torre Eiffel), tipos icônicos (a praia global) e nacionais (as dançarinas de Bali); a midiaticização e circulação de imagens por meio da imprensa, da televisão, dos jornais, da internet, etc.; e a organização, por meio da política e das campanhas de protesto, a favor e contra a construção ou o desenvolvimento de infraestruturas turísticas.

Além disso, marcas globais poderosas e onipresentes estão circulando o globo (cf. KLEIN, 2000). Seu poder aparentemente fluído emana do fato de que as empresas mais bem-sucedidas das últimas duas décadas deixaram de lado a manufatura de produtos para se tornarem produtoras de marcas, gastando muito com publicidade, *design*, patrocínio e relações públicas. Tais marcas incluem muitas empresas envolvidas no ramo das viagens e do lazer: Nike, Gap, Easyjet, Body Shop, Virgin, Club Med, Starbucks, entre outras, que produzem “conceitos” ou “estilos de vida”. Elas são “libertadas dos fardos das lojas e da fabricação de produtos da vida real, essas marcas são livres para voar, menos como divulgadoras de bens e serviços do que como alucinações coletivas” (KLEIN, 2000, p. 22).

Assim, há incontáveis maneiras através das quais um grande número de pessoas e de locais é envolvido pelo vórtex do turismo global. Nesse sentido, não há duas entidades separadas, o “global” e o “turismo”, que têm algumas conexões externas uma com a outra. Ao contrário, elas são parte do mesmo quadro de processos complexos e interconectados. Desse modo, tais infraestruturas, fluxos de imagens e de pessoas, e práticas emergentes de “reflexividade turística” deveriam ser conceituados como um “híbrido global” que, juntos, possibilitam sua própria expansão e reprodução ao redor do mundo (URRY, 2000). Esse fenômeno é análogo à mobilidade de outros híbridos globais, como a internet, o transporte automotor, o mercado financeiro global, entre outros, que se espalham pelo mundo e reconfiguram o que é “global”.

INCORPORANDO O OLHAR

Em minhas obras, algumas vezes me referi a viagens como viagens corpóreas. Faça isso para enfatizar algo tão óbvio que às vezes é esquecido: que turistas que se movem de um lugar para o outro são compostos de corpos frágeis, que têm idade,

gênero e raça (JOKINEN; VEIJOLA, 1994). Esses corpos encontram-se com outros corpos, com objetos e com o mundo físico de maneira multissensorial. Assim, o turismo sempre envolve movimentos corporais e formas de prazer que devem ser centrais em qualquer sociologia dos diferentes tipos de turismo. Nesse sentido, o olhar do turista sempre envolve a relação entre corpos que estão em movimento, ainda que intermitente.

Assim, os corpos se exibem na encruzilhada entre sensações diretas do “outro” e diferentes paisagens de sentido (RODAWAY, 1994). Logo, os corpos navegam entre a sensação direta do mundo exterior, à medida que se movem corporalmente por ele (ou deitam-se, inertes, esperando para ser bronzeados), e paisagens de sentido discursivamente mediadas que simbolizam gosto social e distinção, ideologia e significado. Tais corpos, sentidos e sensíveis, preocupam-se com diversos tipos de *performances*. Eles não são fixos nem dados e necessitam de práticas específicas, especialmente para reforçar noções de movimento, natureza, gosto e desejo, por meio do corpo e para dentro do corpo. Há, portanto, complexas conexões entre as sensações corporais e as paisagens de sentido socioculturais, mediadas por discursos e por linguagem (cf. CROUCH, 2000, e MACNAGHTEN; URRY, 2000, sobre paisagens de lazer incorporadas). Esse fenômeno pode ser visto em grande parte das viagens tropicais, como as para o Caribe, onde os primeiros visitantes podiam provar novas frutas, sentir o aroma das flores, sentir o calor do sol, imergir o corpo no verde úmido da floresta, bem como ver novos cenários (cf. SHELLER, 2002).

O corpo sente à medida que se move. Ele é dotado de cinestesia, o sexto sentido que informa o que o corpo está fazendo no espaço, por meio de sensações de movimento registradas nas articulações, nos músculos, nos tendões, etc. O toque – dos pés no pavimento ou na trilha da montanha, das mãos na rocha ou no volante do carro – é especialmente importante para essa sensação de movimento, essa “mecânica do espaço” (GIL, 1998, p. 126; LEWIS, 2001). Diversas tecnologias e objetos mundanos facilitam essa cinestesia ao expandir a capacidade humana de sentir o mundo exterior. Há, assim, vários agrupamentos de pessoas, objetos, tecnologias e roteiros que, de maneira contingente, produzem o caráter durável e estável da mobilidade. Tais agrupamentos híbridos podem vagar pelos espaços rurais e pelas cidades, remarcando paisagens por meio do movimento.

Um dos efeitos das tecnologias móveis é a mudança na natureza da visão. As formas “estáticas” do olhar do turista, como a da “vista privilegiada da varanda”, enfocam as formas bidimensionais, as cores e os detalhes da vista que está diante de alguém, que pode se mover junto com os olhos (PRATT, 1992, p. 222). Esse olhar estático é capturado, de forma paradigmática, pela câmera fotográfica. Contras-

tando com esse fenômeno, ocorre o que Schivelbusch chama de “mobilidade da visão”, o panorama que passa rapidamente, a sensação de pressa multidimensional, a interconexão fluída entre lugares, pessoas e possibilidades (1986, p. 88; semelhante às imagens apressadas encontradas na televisão e no cinema). Portanto, há uma variedade de olhares turísticos: a vista passageira pelo vagão do trem, pela janela do carro, pela escotilha do navio, pela tela da câmera de vídeo (cf. LARSEN, 2001). Schivelbusch argumenta que “o viajante vê... por meio de um aparato que o move pelo mundo. A máquina e o movimento que ela cria se integram a sua percepção visual, logo, ele só consegue ver as coisas em movimento” (apud OSBORNE, 2000, p. 168).

A construção das ferrovias, no século XIX, foi importante para o desenvolvimento do olhar mobilizado. Do vagão do trem, a paisagem passou a ser vista como uma série rápida de panoramas emoldurados, uma “percepção panorâmica”, em vez de algo próprio para ser visto demoradamente, desenhado, pintado ou capturado de alguma forma (SCHIVELBUSCH, 1986). Nietzsche afirmou que “todos são como o viajante que conhece uma terra e seu povo pela janela do vagão” (apud THRIFT, 1996, p. 286). Nesse sentido, o estabelecimento da via férrea teve consequências particulares para o desenvolvimento inicial do turismo na América. Viajantes referiam-se especificamente a como a ferrovia aniquilou o espaço por meio de sua velocidade excepcional, que não era inteiramente percebida devido ao conforto do vagão do trem. Assim, a viagem ferroviária produziu uma enorme sensação de vastidão, de escala, de tamanho e de domínio da paisagem pela qual o trem passava velozmente (LÖFGREN, 2000, p. 3).

De modo semelhante, a vista pela janela do carro também teve consequências significativas para a natureza do “olhar de relance”, possibilitando que a materialidade da cidade e da paisagem fosse claramente apreciada (LARSEN, 2001). Em minhas outras obras, tratei de alguns momentos da história do transporte automotor, incluindo, na Europa entre guerras, uma espécie de “viagem pela vida e história de uma terra” (URRY, 2000). Uma classe média cada vez mais doméstica, confortável e segura dentro de seus *Morris Minors*⁴ “passou a viajar pela Inglaterra e a tirar mais fotos do que nunca” (TAYLOR, 1994, p. 122; cf. p. 136-145 sobre a “Kodaquização”⁵ da paisagem inglesa). Já nos Estados Unidos do pós-guerra, certas paisagens foram substancialmente alteradas para produzir um cenário “prazeroso para o motorista... usando a terra de modo que ela formasse ‘uma imagem atra-

4 (NT) Modelo de automóvel britânico lançado em 1948.

5 (NT) Referência à empresa multinacional de equipamentos fotográficos Kodak.

ente vista da estrada” (WILSON, 1992, p. 35). Desse modo, o Estado transformou a natureza em algo para “ser apreciado apenas com os olhos” (WILSON, 1992, p. 37). A vista da janela do carro significava que “quanto mais rápido nós dirigimos, mais plana a terra parece” (WILSON, 1992, p. 33).

No entanto, essa realidade corporal do movimento produz momentos intermitentes de proximidade física, de estar fisicamente no mesmo espaço de uma paisagem ou uma cidade, ou de estar em um evento ao vivo com seus amigos, família, colegas, parceiros, ou na companhia de “estranhos” desejáveis (todos esquiadores, ou todos com idades entre 18 e 30 anos e “solteiros”, ou todos jogadores de *bridge*). Nesse sentido, muitas viagens resultam de uma poderosa “compulsão pela proximidade” que as faz parecer absolutamente necessárias (BOLDEN; MOLOTCH, 1994). Diversos tipos de trabalho implicam viajar, graças à importância da conexão, da necessidade de se encontrar, de encorajar os outros, de sustentar uma rede de contatos. Estar lá por si mesmo é um momento crucial no turismo, quer esse local ocupe um lugar chave na indústria global de turismo, quer ele seja um lugar meramente comentado por um amigo. Os lugares precisam ser vistos pelas “próprias pessoas” e experimentados diretamente: conhecer a casa da infância de alguém, visitar um restaurante específico, caminhar ao longo do vale de um rio, escalar uma montanha ou tirar uma fotografia por si mesmo. Assim, uma copresença abrange os atos de ver, tocar, escutar, cheirar e provar um lugar específico (cf. URRY, 2000, sobre os múltiplos sentidos envolvidos nas mobilidades).

Um outro tipo de viagem ocorre quando um evento “ao vivo” deve ser visto, estando programado para acontecer em um momento específico. Exemplos incluem ocasiões políticas, artísticas, celebratórias e esportivas – estas últimas são especialmente “ao vivo”, já que seu desfecho (ou mesmo sua duração) talvez seja desconhecido. Cada um desses exemplos gera intensos momentos de copresença, seja no funeral da Princesa Diana, em um concerto da Madonna, em uma Exposição Mundial ou nas Olimpíadas de Sidney, em 2000. Esses são eventos que “não se pode perder” e que produzem enormes movimentações de pessoas em momentos muito específicos nas “cidades globais”, com o intuito de assistir tal evento “ao vivo” (cf. ROCHE, 2000). Roche descreve os megaeventos como “agrupamentos” sócio-espaço-temporais e ‘interruptores’ que.... canalizam, misturam e estabelecem novas rotas de fluxo global” (2000, p. 199). Eles são momentos espaço-temporais de condensação global, o que envolve de forma peculiar a intensa “localização” desses eventos globais em “locais únicos, devido ao fato de que eles são o palco de eventos únicos”. Tais lugares, portanto, “têm o poder de se transformar de lugares

mundanos... em ‘cidades sede’ especiais, que passam a ocupar um novo e distinto nicho dentro do turismo global” (ROCHE, 2000, p. 224).

Tamanha copresença quase sempre implica viajar para outros lugares, a fim de chegar aos locais visualmente diferentes para assistir a um evento ao vivo, para escalar uma montanha específica, para vagar “sozinho como uma nuvem”, para fazer *rafting*, para pular de *bungee jump* e etc. Essas práticas corporalmente definidas são encontradas em “espaços de lazer” especiais e específicos, geográfica e ontologicamente distantes de locais domésticos e profissionais. De fato, parte da atratividade desses lugares, onde os corpos podem ser corporalmente livres, aparentemente “naturais” ou rejuvenescidos, está no fato de que eles são sensorialmente distintos das rotinas e dos locais cotidianos. Nesse sentido, Ring descreve de forma muito interessante como os Alpes foram desenvolvidos, durante o século XIX, para ser um espaço especializado onde o cavalheiro inglês podia se sentir propriamente vivo (2000).

Esses locais envolvem “aventura”, ilhas de vida resultantes de uma intensa excitação corporal, vinda de corpos em movimento, os quais encontram seu complexo caminho no tempo e no espaço (cf. LEWIS, 2001, sobre o “aventureiro” escalador de rochas). Algumas práticas sociais envolvem resistência corporal, por meio da qual o corpo estabelece uma relação de fisicalidade com o mundo exterior. No final do século XVIII, quando caminhar foi estabelecido como um ato de resistência, a “liberdade” da estrada e o desenvolvimento da caminhada por lazer eram atos modestos de rebelião contra as hierarquias socialmente estabelecidas (JARVIS, 1997). De modo semelhante, o “turismo de aventura” extremo na Nova Zelândia demonstra formas de resistência física ao trabalho e ao cotidiano (cf. CLOKE; PERKINS, 1998). Já o desejo hedonista de adquirir um corpo bronzeado se desenvolveu por meio de uma resistência à ética protestante, à domesticidade das mulheres e à “recreação racional” (cf. AHMED, 2000).

Até aqui, abordei o corpo do ponto de vista do corpo que olha ou do corpo que se move. Mas o turismo é, com frequência, uma questão de ver outros corpos ou de ser um corpo a ser visto, de seduzir visitantes com habilidades, charme, força, sexualidade, etc. Nesse sentido, Desmond nota como são comuns as exibições corporais nas indústrias turísticas (1999). O corpo em movimento é, frequentemente, aquilo que é olhado, à medida que uma “corporalidade espetacular” se torna cada vez mais característica do turismo global. O corpo performático na dança se tornou comum, como os guerreiros dançarinos Maori, as cerimônias de dança de Bali, o samba brasileiro e a Hula havaiana.

Esses exemplos envolvem o que MacCannell chamou de “etnicidade reconstruída” e “autenticidade encenada” (1999, 1973). Na exibição do corpo na Hula, visões específicas do corpo feminino, meio branco e meio indígena, estão disponíveis ao consumo visual. Essas danças parecem ser “apresentações reais”, seu caráter atraente emana da impressão de um encontro não mediado, de uma exibição genuína de uma tradição antiga, em vez de algo feito meramente para o visitante. Assim, essas apresentações de dança se tornam símbolos do que a audiência turística acredita que elas sejam.

Em alguns casos, as danças são símbolos tão poderosos que suas apresentações se tornam o símbolo dominante da cultura em questão. Assim, nas culturas Maori e havaiana, a dança é a cultura, sobrepondo-se a qualquer outra simbologia e sendo reconhecível em todo o mundo. Desmond traça a história racial e de gênero da construção da dançarina de Hula, do início do século passado até o momento atual, em que 6 milhões de visitantes por ano são atraídos ao Éden naturalista que é simbolizado pela exibição da dançarina de Hula “natural”. Esse lugar-imagem se tornou globalmente reconhecido e incansavelmente recirculado (1999).

UM MUNDO MÓVEL

Na seção anterior, demonstrei que há interconexões muito poderosas entre “turismo” e “cultura” em um mundo móvel (cf. ROJEK; URRY, 1997). Não apenas os turistas viajam, mas também o fazem os objetos, as culturas e as imagens. Igualmente, parece haver uma “cultura móvel” mais geral, emanando de uma “compulsão pela mobilidade”. *Questions of Travel*, de Kaplan (1996), captura bem essa cultura da mobilidade. A família “estendida” da autora estava localizada em vários continentes. Assim, viagem e turismo, para ela, eram “inevitáveis, indisputáveis e sempre necessários por motivos ligados à família, ao amor, à amizade e ao trabalho” (1991, p. ix). O que está implícito aqui é que é direito de uma pessoa viajar, já que viagens são parte essencial da vida. As culturas se tornaram tão móveis que se acredita que os cidadãos contemporâneos (não só americanos!) têm o direito de se deslocarem entre lugares e culturas. Ademais, se membros de um domicílio estão sempre em movimento, as distinções entre o lar e o estrangeiro perdem seu poder. Assim, as culturas implicam e necessitam de diferentes e extensivas formas de mobilidade. Nenhuma cultura, no entanto, se iguala ao recente Festival Hindu Kumba Mela, em Allahabad, na Índia, em 24 de janeiro de 2001. Este foi provavelmente o maior número de pessoas a já terem se deslocado para um único lugar em um breve período de tempo; de 30 a 50 milhões de hindus de todo o mundo foram às margens do Ganges.

De fato, ser parte de uma cultura quase sempre envolve viajar. Nesse sentido, viagens que desenvolvem e sustentam culturas têm diferentes formas. Há viagens a locais sagrados de uma cultura; a locais onde estão textos importantes, escritos ou visuais; a lugares onde eventos significativos ocorreram; para ver indivíduos relevantes ou seus registros documentais; e para ver outras culturas, a fim de reforçar os próprios laços culturais do viajante.

A importância da viagem para a cultura – e como as culturas, em si mesmas, viajam – pode ser vista a partir da nacionalidade. A narrativa nacional de um país é central nesse processo. Histórias nacionais contam uma história de pessoas passando pela História, que frequentemente começa no início dos tempos (BHABHA, 1990). Muito dessa história, de suas tradições e ícones, terá sido “inventada” e resultará tanto de esquecer o passado quanto de recordá-lo (McCRONE, 1998). O final do século XIX na Europa foi um período de notáveis invenções de tradições nacionais. Na França, por exemplo, o Dia da Bastilha foi inventado em 1880, *La Marseillaise* se tornou o hino nacional em 1879, e 14 de julho foi designado feriado nacional em 1880; Joana d’Arc foi tirada da obscuridade pela Igreja Católica apenas na década de 1870 (McCRONE, 1998, p.45-46). A ideia da “França”, de modo mais geral, foi sendo expandida “por um processo semelhante à colonização, por meio da comunicação (estradas, ferrovias e, sobretudo, jornais), de modo que, ao final do século XIX, a cultura popular e a cultura de elite se uniram” como resultado de diversas mobilidades (McCRONE, 1998, p. 46). A produção em massa de monumentos públicos da nação também foi um elemento chave nesse processo, especialmente na Paris reconstruída – monumentos para os quais as pessoas viajavam, dos quais elas falavam e que compartilhavam por meio de pinturas, de fotografias, de filmes e da indústria de turismo europeia.

O papel nacionalista das viagens, bem como seu caráter de participação coletiva, se iniciou com a Grande Exposição no Crystal Palace, em Londres, em 1851, o primeiro evento turístico nacional. Embora a população britânica fosse de apenas 18 milhões, a Exposição recebeu seis milhões de visitantes, muitos dos quais utilizaram as novas ferrovias para visitar a capital da nação pela primeira vez. Na segunda metade do século XIX, megaeventos similares ocorreram na Europa, com audiências de 30 milhões de pessoas ou mais (ROCHE, 2000). Já na Austrália, a Exposição Internacional Centenária ocorreu em Melbourne, em 1888, e acredita-se que dois terços da população australiana compareceram (SPILLMAN, 1997, p. 57). Assim, visitantes domésticos e estrangeiros puderam confirmar os feitos e as características da Austrália. Ainda, a fundação de museus nacionais e o desenvolvimento de artistas, arquitetos, músicos, dramaturgos, romancistas,

historiadores e arqueólogos nacionais são particularmente importantes na genealogia do nacionalismo.

Além disso, o período recente assistiu à emergência de um palco global público no qual quase todas as nações devem aparecer, para competir e se mobilizar como espetáculo e para atrair um grande número de visitantes. Países tomam esses lugares especificamente a partir de megaeventos como as Olimpíadas, a Copa do Mundo e as Exposições (HARVEY, 1996). A existência desses eventos internacionais, cuja premissa é o turismo em massa e o cosmopolitismo, significa que a identidade nacional está cada vez mais sendo concebida em termos de uma localização em um palco global. É esse palco que facilita viagens corpóreas e imaginativas aos megaeventos da ordem global, especialmente às “Olimpíadas e exposições na ascensão da cultura global” (ROCHE, 2000).

Ainda, para muitas culturas, viajar depende do cruzamento de fronteiras nacionais. Domicílios em países em desenvolvimento, por exemplo, adquirem altos padrões de mobilidade quando sua renda aumenta. Nesse sentido, a proliferação das “diásporas globais” estende o escopo, a extensão e o significado de todas as formas de viagem para as famílias que vivem à distância. Diz-se em Trinidad e Tobago que alguém só se torna um verdadeiro “Trini” quando viaja para o exterior. Em torno de 60% das famílias nucleares têm pelo menos um membro vivendo em um país estrangeiro (MILLER; SLATER, 2000). Ong e Nonini demonstram a importância da mobilidade pelas fronteiras no caso da massiva diáspora chinesa, a qual se acredita que compreenda de 25 a 45 milhões de pessoas (1997). Clifford resume:

populações dispersas, uma vez separadas de sua terra natal por vastos oceanos e barreiras políticas, cada vez mais se encontram em relações fronteiriças com seus antigos países, graças a uma ida e volta possibilitada pela tecnologia moderna de transportes, pela comunicação e pela migração para fins de trabalho. Aviões, telefones, fitas cassetes, câmeras de vídeo e mercados de trabalho móveis reduzem distâncias e facilitam o tráfego em duas vias, legal e ilegal, pelos lugares do mundo (1997, p. 247).

Essas viagens diaspóricas também são abertas em termos de temporalidade. Diferentemente do turismo convencional, baseado em uma distinção clara entre o “lar” e o “estrangeiro”, o viajante diaspórico com frequência não têm fronteiras temporárias claras, visto que uma atividade tende a fluir para a próxima.

CONCLUSÃO

A globalização trouxe à tona importantes reconfigurações do olhar turístico, tanto para os corpos sempre em movimento, que param intermitentemente, quanto para os corpos imobilizados que se encontram em alguns desses “estranhos encontros” da nova ordem mundial. Tais encontros envolvem níveis excepcionais de “não interação” ou de anonimato urbano, especialmente dentro das curiosas “cidades muradas” conhecidas como aeroportos (GOTTDIENER, 2001, p.34-35).

Houve uma mudança massiva de um olhar do turista mais ou menos singular, próprio do século XIX, para a proliferação de incontáveis discursos, formas e incorporações do olhar do turista, à medida que múltiplos olhares se tornaram centrais para a cultura global, assolando todos os lugares em sua incrível insurreição. Há, então, inúmeras mobilidades, físicas, imaginativas e virtuais, voluntárias e coercitivas.

Ademais, há muito menos “turismo”, em si, que ocorre em tipos específicos de espaço-tempo; há o “fim do turismo”, dentro de uma “economia de símbolos” generalizada. Ainda, há cada vez mais similaridades entre os comportamentos que são “domésticos” e os que são “estrangeiros” (cf. ARGAWAL, BULL, SHAW, 2000, p. 282). Locais turísticos se proliferam ao redor do globo à medida que o turismo se torna massivamente midiaticizado, enquanto locais cotidianos são recriados de maneira “turística”, do mesmo modo que ocorre com muitos ambientes temáticos. A mobilidade é cada vez mais central para as identidades dos jovens, para aqueles que são parte de diásporas e para os muitos relativamente ricos e aposentados que podem viver em movimento. A “reflexividade turística” leva quase todos os locais – não importa quão “tediosos” – a conseguir desenvolver algum nicho de localização dentro dos rodopiantes contornos da ordem global emergente (cf. PARR, 1999, sobre a espetacular coleção de cartões postais sem graça).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGARWAL, Sheela; BULL, Paul; SHAW, Gareth. Tourism consumption and tourist behaviour: a British perspective. *Tourism Geographies*, v. 2, p. 264-89, 2000.
- AHMED, Sara. *Strange Encounters*. Londres: Routledge, 2000.
- AUGÉ, Marc. *Non-Places*. Londres: Verso, 1995.
- BAUMAN, Zygmunt. *Liquid Modernity*. Cambridge: Polity, 2000.
- BHABHA, Homi. *Nation and Narration*. Londres: Routledge, 1990.
- BODEN, Deirdre; MOLOTCH, Harvey. The compulsion to proximity. In: BODEN, Deirdre; FRIEDLAND, Roger (org.). *Now/Here: time, space and modernity*. Berkeley: University of California Press, 1994, p. 257-86

- BOSLER, Gideon; LENCEK, Lena. *The Beach: The History of Paradise on Earth*. Londres: Secker and Warburg, 1998.
- CAIRNCROSS, Frances. *The Death of Distance*. Londres: Orion, 1997.
- CARTER, Simon; CLIFT, Stephen (org.). *Tourism, Travel and Sex*. Londres: Cassell, 1999.
- CLIFFORD, James. *Routes*. Cambridge: Harvard University Press, 1997
- CLOKE, Paul; PERKINS, Harvey. Cracking the canyon with the awesome foursome: representations of adventure tourism in New Zealand. *Environment and Planning D. Society and Space*, v. 16, p.185-218, 1998.
- CROUCH, David (org.). *Leisure/Tourism Geographies*. Londres: Routledge, 2000.
- DESMOND, Jane. *Staging Tourism*. Chicago: University of Chicago Press, 1999.
- FOLEY, Malcolm; LENNON, John. *Dark Tourism*. Londres: Continuum, 2000.
- FRANKLIN, Sarah; LURY, Celia; STACEY, Jackie. *Global Nature, Global Culture*. Londres: Sage, 2000.
- GIL, José. *Metamorphoses of the Body*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998.
- GOTTDIENER, Mark. *Life in the Air: Surviving the New Culture of Air Travel*. Lanham: Rowman and Littlefield, 2001.
- HARVEY, Penelope. *Hybrids of Modernity*. Londres: Routledge, 1996.
- HENDRY, Joy. *The Orient Strikes Back: A Global View of Cultural Display*. Oxford: Berg, 2000.
- JARVIS, Robin. *Romantic Writing and Pedestrian Travel*. Londres: Macmillan, 1997.
- JOKINEN, Eeva; VEIJOLA, Soile. The body in tourism. *Theory, Culture and Society*, v. 6, p. 125-151, 1994.
- KAPLAN, Caren. *Questions of Travel*. Durham: Duke University Press, 1996.
- KIRSHENBLATT-GIMBLETT, Barbara. *Destination Culture: Tourism, Museums and Heritage*. Berkeley: University of California Press, 1998.
- KLEIN, Naomi. *No Logo*. Londres: Flamingo, 2000.
- LARSEN, Jonas. *Tourism Mobilities and the Tourist Glance: the 'Tourist Gaze' in Motion*. Dept of Sociology, Lancaster University, 2001. Manuscrito não publicado.
- LASH, Scott; URRY, John. *Economies of Signs and Space*. Londres: Sage, 1994.
- LEWIS, Neil. *The climbing body: choreographing a history of modernity*. 2001. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade de Lancaster, Lancaster, 2001.
- LODGE, David. *Paradise News*. Londres: Secker and Warburg, 1991.
- LÖFGREN, Orvar. *On Holiday: a history of vacationing*. Berkeley: University of California Press, 2000.
- MACCANNELL, Dean. Staged authenticity: arrangements of social space in tourist settings. *American Sociological Review*, v. 79, p. 589-603, 1973.

- _____. *Empty Meeting Grounds*. Nova Iorque: Routledge, 1992.
- _____. *The Tourist*. Nova Iorque: Schocken, 1999.
- MACNAGHTEN, Phil; URRY, John. Bodies of Nature. *Body and Society*, v. 6, p. 1-202, 2000.
- MCCRONE, David. *The Sociology of Nationalism*. Londres: Routledge, 1998.
- MILLER, Daniel; SLATER, Don. *The Internet*. Londres: Berg, 2000.
- ONG, Aihwa; NONINI, Donad (org.). *Ungrounded Empires*. Londres: Routledge, 1997.
- O'ROURKE, Patrick J. *Holidays in Hell*. Nova Iorque: Atlantic Monthly Review, 1988.
- OSBORNE, Peter. *Travelling Light. Photography, travel and visual culture*. Manchester: Manchester University Press, 2000.
- PARR, Martin. *Boring Postcards*. Londres: Phaidon Press, 1999.
- PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes*. Londres: Routledge, 1992.
- RING, Jim. *How the English Made the Alps*. Londres: John Murray, 2000.
- ROCHE, Maurice. *Mega-Events and Modernity*. Londres: Routledge, 2000.
- RODAWAY, Paul. *Sensuous Geographies*. Londres: Routledge, 1994.
- ROJEK, Chris; URRY, John (org.). *Touring Cultures*. Londres: Routledge, 1997.
- SCHIVELBUSCH, Wolfgang. *The Railway Journey. Trains and Travel in the Nineteenth Century*. Oxford: Blackwell, 1986.
- SHELLER, Mimi. *Consuming the Caribbean*. Londres: Routledge, 2002.
- SPILLMAN, Lynette. *Nation and Commemoration*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- TAYLOR, John. *A Dream of England. Landscape, Photography and the Tourist's Imagination*. Manchester: Manchester University Press, 1994.
- THRIFT, Nigel. *Spatial Formations*. Londres: Sage, 1996.
- URRY, John. *Consuming Places*. Londres: Routledge, 1995.
- URRY, John. *Sociology Beyond Societies*. Londres: Routledge, 2000.
- WILSON, Alexander. *Culture of Nature*. Oxford: Blackwell, 1992.

Caminhos para a pesquisa sociológica

Paths towards sociological research

Ana Carolina Trevisan Camilo Ferreira^a, Allan Herison Ferreira^b, Roberta de Oliveira Soares^c

PAUGAM, Serge (Org.) *A pesquisa sociológica*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

ASPECTOS GERAIS DA OBRA

O livro *A pesquisa sociológica*, publicado em português em 2015 pela Editora Vozes para a *Coleção Sociologia*, com tradução de Francisco Morás, é uma obra coletiva sobre a prática de pesquisa em sociologia, coordenada pelo sociólogo francês Serge Paugam¹ e lançada em 2010 sob o título *L'enquête sociologique*. Sua estrutura reflete um curso sob a forma de seminário ministrado na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS), liderado por Paugam e Cyril Lemieux, entre 2005 e 2009.

Cada capítulo ou lição traz a contribuição de outros dezoito autores – em sua maioria participantes desse mesmo seminário – que dividem com o leitor suas experiências de campo, apontamentos e conteúdos apresentados em palestras e em sala de aula sobre o processo de produção de conhecimento com base na pesquisa empírica em sociologia. Trata-se, portanto, não de um manual de metodologia de pesquisa sobre uma abordagem específica, mas de uma oportunidade de aprendizado e contato com um conjunto das técnicas e métodos mais usados na pesquisa empírica. Na medida em que se avança em cada lição, é possível perceber a preocupação própria ao autor com a forma de apresentar cada conteúdo e de envolver o “leitor-aluno”, de modo a supri-lo com instrumentos indispensáveis para a obtenção do que Paugam definiu como “habilidade sociológica”: um conhecimento preciso sobre as diversas técnicas disponíveis na disciplina, aliado ao discernimento para escolher a melhor técnica de acordo com o tema-alvo da pesquisa.

a Graduada em Psicologia (Universidade Mackenzie) e Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. Atualmente, é mestranda em Sociologia pela Universidade de São Paulo e membro do ImaRgens/LAPS – Iniciativa para o Audiovisual em Ciências Sociais.

b Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. Mestrando em Sociologia na mesma instituição e membro do ImaRgens/LAPS – Iniciativa para o Audiovisual em Ciências Sociais.

c Graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, atualmente é mestranda em Sociologia na mesma instituição.

1 Serge Paugam é Diretor de Estudos da EHESS - École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, França. No primeiro semestre de 2016, apresentou o curso *Work and Social Bonds in the twenty-first century capitalism* como professor convidado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo.

O percurso proposto pelo coordenador do curso e do livro permite ao leitor compreender as especificidades da pesquisa sociológica, bem como conhecer uma ampla gama de técnicas de coleta de dados, diferentes modos de apresentação dos resultados de pesquisa e métodos de análise. São dicas práticas, relatos de experiências, respostas a certos dilemas e reflexões sobre o engajamento e a função do sociólogo em seu meio, dentre outras questões importantes para a composição de um bom repertório, capaz de elevar as chances de sucesso na realização do trabalho de pesquisa em sociologia e em outras áreas das ciências sociais.

O livro é dividido em quatro partes, que Paugam define em sua introdução como elementos essenciais de uma pesquisa sociológica: “A postura sociológica”, “As técnicas de pesquisa”, “Os métodos de análise” e “A restituição de resultados”. Essas etapas, além de conduzirem os leitores à postura que se espera de um pesquisador, desde as técnicas de que dispõem para viabilizarem seus projetos, até os métodos de análise dos dados coletados e de como melhor apresentá-los, abrem também generosas “janelas” que permitem um contato inicial com os temas e campos de trabalho visitados ou conduzidos pelos autores da obra.

A leitura do livro não precisa, necessariamente, percorrer a ordem dos capítulos, embora a sequencialidade, em especial da primeira parte, permita aos interessados ter acesso a uma boa revisão de conceitos abordados nas disciplinas de métodos de pesquisa em sociologia dos cursos de graduação e pós-graduação, além de uma aproximação, ou reaproximação, às questões metodológicas que cercam a prática do pesquisador. As demais partes podem ser lidas seletivamente de acordo com o tema de interesse da pesquisa que se almeja conduzir. Persiste, no entanto, a recomendação da leitura de todas as lições propostas, especialmente quando se procura a introdução dos temas a novos pesquisadores.

ASPECTOS GERAIS SOBRE REFERÊNCIAS UTILIZADAS NA OBRA E O UNIVERSO DE PESQUISA DE SEUS COLABORADORES

Na obra em questão, a relação entre os autores clássicos da disciplina e as pesquisas mais recentes ocorre de modo equilibrado, dando aos leitores um panorama do que os autores dos capítulos estão produzindo em seus respectivos trabalhos de pesquisa. Tem-se contato com técnicas avançadas de pesquisa empírica, aplicadas e desenvolvidas por pesquisadores de diferentes institutos e equipes ligadas à EHESS. São alguns destes grupos: a Equipe de Pesquisa sobre Desigualdades Sociais (ERIS), dirigida por Paugam, e que conta também com a colaboração de autores de capítulos do livro, dentre eles Cécile van de Velde,

Florence Maillachon, Isabelle Parizot, Jean-Marie Firdion e Pascale Dietrich;² e outros institutos, como o Laboratório Interdisciplinar de Estudos da Reflexividade (LIER), o Centro de Estudos Sociológicos e Políticos Raymond Aron (CESPTRA), o Centro Maurice Halbwachs (CMH), o Centro de Estudos dos Movimentos Sociais (CEMS), o Centro Europeu de Sociologia (CSE) e a Escola Normal Superior (ENS).

Cada capítulo-lição oferece cuidadosas orientações e indicações de caminhos teóricos e práticos a serem tomados do ponto de vista metodológico e técnico. Permite, também, que o leitor se familiarize com o modo pelo qual este ou aquele professor busca aplicar tais conhecimentos em suas próprias áreas e, ainda, que se tenha contato com as principais referências por eles mobilizadas em suas atividades de pesquisa. Reunir material de aulas e seminários de pesquisadores ligados à EHESS permite que o leitor tenha, em um único volume, além dos conceitos e técnicas que formam o eixo central do livro, um panorama da pesquisa realizada nessa instituição francesa, dando a sensação de leitura leve, como a de uma revista.

Desde o primeiro capítulo é possível perceber o tom didático e minucioso do livro, que pode ser visto tanto como uma série de degraus a serem galgados antes de se lançar em uma pesquisa, quanto como mapa com definições do papel do sociólogo e dos objetivos que lhe são pertinentes, a serem esquadrihados de acordo com os objetivos do jovem pesquisador. Encontram-se, ainda, orientações sobre o que evitar e o que esperar na etapa de concepção do objeto de pesquisa, bem como instruções detalhadas sobre como elaborar um projeto – tudo isso permeado por excertos de obras de autores clássicos que ilustram pontos específicos, seguidos da análise dos colaboradores do livro. Nessa medida, tem-se a impressão clara de se estar sentado à frente do professor experiente que parece intuir sobre as angústias de seus alunos e antecipar as suas dúvidas. Já o pesquisador mais experiente poderá ver expressos no livro dilemas semelhantes aos de suas vivências no campo.

CONTEÚDO E ORGANIZAÇÃO DAS PARTES E CAPÍTULOS DO LIVRO

A primeira parte, intitulada *A postura sociológica*, traz três lições e discute aspectos fundamentais relacionados à escolha do objeto e à definição do problema de pesquisa, além de observações sobre as alternativas e limites com os quais os sociólogos se deparam quando constroem ou delimitam seu objeto de estudo, processo que Serge Paugam chama de modo de objetivação. Esse bloco se estende como um tapete vermelho a alunos e jovens pesquisadores que, na busca pela

2 Passaram também pelo ERIS outros colaboradores da obra, como Mari Loison, Manoela Roupnel, Mirna Safi e Sébastien Chauvir.

especialização em métodos e técnicas específicos, correm o risco de deixar em segundo plano elementos centrais da pesquisa sociológica. Um exemplo de como a linguagem do livro busca facilitar a aproximação com o leitor é dada por Cyril Lemieux, na lição dois. Nela, o autor afirma que o sociólogo deve formular um enigma que demanda uma resposta empírica, com o objetivo de “tornar enigmático o mundo social que habitamos” (p.35). Mais do que apresentar cuidados técnicos e metodológicos, em toda a primeira parte é possível observar verdadeiras dicas de como tornar o trabalho de pesquisa mais interessante ao público que hoje extrapola os limites do ambiente acadêmico.

A segunda parte traz sete lições sobre as técnicas de pesquisa e suas aplicações na prática. As lições desse bloco podem ajudar o pesquisador a buscar uma melhor relação entre sua questão sociológica e os sujeitos e materiais de seu campo, evitando, por exemplo, que a falta de cuidado e planejamento nos diferentes momentos de sua atividade de pesquisa acabem por prejudicar os resultados finais do trabalho. Nesse sentido, na lição quatro, “Construir uma amostra”, Jean-Marie Firdion lembra que as pesquisas estatísticas são hoje fatores que causam grande impacto e que exercem muita influência sobre o público que delas se abastece nas mais diversas áreas do conhecimento formal e informal. O cuidado com a qualidade do material que se produz por meio dos métodos estatísticos precisa, portanto, ser redobrado ao longo de todo o processo, desde os momentos iniciais de planejamento da pesquisa e de sua operacionalização, até a entrega de seu resultado, com especial atenção para a etapa de análise, que é quando se tende a fazer uso dos resultados para construir generalizações.

A terceira parte explora métodos de análise do material coletado em campo. Na lição onze, “O raciocínio etnográfico”, Stéphane Beaud e Florence Weber defendem o uso da etnografia, que elas mesmas classificam como sendo um método legitimado em antropologia e etnologia, mas que ainda encontra resistência na sociologia. As autoras do capítulo enfatizam a importância da etnografia para a pesquisa sociológica, uma vez que ela possibilita ao pesquisador não só se ater a apresentar aspectos de caráter *holista* – termo destacado pelas autoras ao referirem-se tanto aos modelos da vertente quantitativa durkheimiana, quanto da vertente estrutural-funcionalista marxista (p.188) –, mas também produzir narrativas que ajudem a aproximar o público dos resultados de sua pesquisa. A oportunidade de contato com o raciocínio etnográfico da lição onze não só permite que a abordagem etnográfica possa ser melhor empregada no trabalho de pesquisa, mas também ajuda a calibrar a sensibilidade dos leitores em relação à abordagem quantitativa trabalhada na lição doze, “O raciocínio estatístico em sociologia”. Nesse

capítulo, Marion Selz demonstra que a estatística precisa ser melhor compreendida para ser melhor utilizada. A partir disso, a autora aconselha tratar o tema “sem fórmulas matemáticas” (p.202), voltando-se especialmente para os cuidados com o processo de planejamento e preparação para o uso desse tipo de técnica, como a construção dos dados e a elaboração de questionários, execução das estatísticas e interpretação dos resultados gerados. Se, por um lado, os capítulos que constituem essa terceira parte trazem o mesmo tom de acolhimento ao jovem pesquisador ou ao “leitor-aluno” visto nas duas primeiras partes, por outro, o trazem de maneira mais diluída, permitindo ao mesmo tempo uma maior objetividade no modo de abordar os métodos de análise empregados na pesquisa sociológica. Isso pode ser observado, por exemplo, na lição dezesseis, “Interpretar as redes sociais”, na qual Olivier Godechot, a partir de um mesmo exemplo, apresenta técnicas de análise das redes sociais: afinal, como ler um gráfico de rede e compreender as estruturas topológicas da rede, e como analisar a formação das relações e considerar os efeitos da rede sobre os comportamentos? Isso permite que sejam aprofundadas questões abordadas em momento anterior do livro, como no capítulo nove (parte II), em que Florence Maillouchon defende o uso da análise de redes.

A quarta e última parte, “A restituição dos resultados”, apresenta as últimas três lições do livro e se propõe a refletir sobre a escrita sociológica e, por conseguinte, sobre a comunicação decorrente da produção sociológica. Autores de capítulos de partes precedentes reaparecem, aqui, para apresentar os cuidados aos quais o pesquisador deve estar atento na etapa final da realização de seu projeto. Não adotar uma postura omissa em relação às pessoas com as quais conviveu e se relacionou durante seu trabalho de campo é uma das preocupações apresentadas nesta parte do livro. Outro aspecto destacado é a busca pelo máximo de precisão em sua escrita, adotando a postura de primar pela clareza, conforme se observa no capítulo dezoito, “A escrita Sociológica”. Já no capítulo dezenove, “O sociólogo e as mídias”, Cécile van de Velde mostra que o trabalho, em prol de maior qualidade no uso de informações sobre a sociedade, gera efeitos não somente em forma de resultados acadêmicos, mas também em melhorias na vida prática das pessoas. A autora considera que a mídia, nas últimas décadas, tem tido cada vez maior importância na prática sociológica. O sociólogo pode ser considerado perito pela mídia e participar não apenas da esfera acadêmica, mas também da midiática. Nesse sentido, do ponto de vista ético, van de Velde defende a importância da reflexão feita pelo sociólogo não só enquanto cientista, mas também como cidadão que produz conhecimento para além das fronteiras acadêmicas, atuando, assim, para uma melhoria na qualidade dos debates públicos. Esta quarta parte do livro

apresenta aos leitores possibilidades de atuação dos pesquisadores em ciências sociais que nem sempre são observadas ou levadas adiante. O alerta feito pelos autores em relação a esses “pontos cegos” do trabalho de pesquisa soam como um convite para que jovens pesquisadores ocupem espaços pouco explorados e que contribuam na expansão dos atuais limites do campo de atuação em pesquisa sociológica.

É possível afirmar que se trata de uma obra de muitas *urgências*, mas que são tratadas numa *levada* que respeita o perfil e o ritmo do público a que se destina. A edição publicada pela Editora Vozes tem uma boa impressão e de fácil manuseio e leitura – talvez seja prudente comentar que há erros tipográficos na obra, mas que não atrapalham a leitura do livro, assim como não foram observados trechos que apresentassem maiores dificuldades de compreensão que pudessem levar a um questionamento ou desabono da tradução da obra. O texto frequentemente nos exorta, afirmando que *urge* que se proceda “deste” ou “daquele” modo, enfatizando necessidades e riscos reservados à pesquisa sociológica; porém, por outro lado, não se omite em apresentar possibilidades revigorantes e os macetes de trilhas já pisadas por quem experimentou trajetórias similares às que os leitores estão enfrentando ou estão prestes a enfrentar. Os autores demonstram, ao longo da obra, estar cientes de que costuma ser complexa a passagem dos conhecimentos teórico-metodológicos para a prática efetiva de pesquisa. Isso pode ajudar a explicar as ricas passagens que compartilham sobre suas trajetórias, as quais poderão proporcionar aos leitores mais atentos o aproveitamento dessas orientações sutis com o mesmo respeito que tendem a ter por modelos, métodos e técnicas já consagradas, que também são apresentadas neste livro.

A Meg Igreja Hillsong no Brasil: a constituição de um campo religioso transnacional entre o Brasil e a Austrália

Hillsong arrives in Brazil: building a transnational religious field between Brazil and Australia

Cristina Rocha^a

Resumo O Brasil é o maior país pentecostal do mundo e é sede de várias meg igrejas. No entanto, a meg igreja australiana Hillsong escolheu a cidade de São Paulo para estabelecer uma de suas filiais em 2016. Neste artigo investigo as conexões transnacionais que propiciaram a chegada da Hillsong no Brasil. Defendo que a intensa globalização das últimas duas décadas (particularmente as novas tecnologias de informação e comunicação) e o desejo de fazer parte do “Primeiro Mundo” tiveram papel fundamental na presença da meg igreja no imaginário dos jovens cristãos brasileiros, o que eventualmente levou a igreja a estabelecer uma filial no país. Em particular, analiso a existência de um campo religioso transnacional entre Austrália e Brasil. O conceito de campo religioso transnacional leva em conta a maneira como instituições religiosas globais afetam a vida cotidiana dos imigrantes, daqueles que ficam para trás e daqueles que retornam.

Palavras-chave Hillsong; Transnacionalismo; Globalização; Brasil; Austrália.

Abstract *Brazil is the largest Pentecostal country in the world and is home to several megachurches. However, the Australian megachurch Hillsong chose the city of São Paulo to establish one of its branches in 2016. In this article I investigate the transnational connections that led to the arrival of Hillsong in Brazil. I argue that the intensification of globalization processes of the past two decades (particularly new Information and Communication Technologies), and a desire to be part of the Global North played a key role in the presence of the megachurch in the imagination of young Christian Brazilians, which eventually paved the way for the megachurch to be established in the country. In particular, I analyze the existence of a transnational religious field between Australia and Brazil. This concept accounts for the way global religious institutions affect the everyday life of immigrants, those who stay behind, and those who return.*

Keywords Hillsong; Transnationalism; Globalization; Brazil; Australia.

a Antropóloga, pesquisadora do Australian Research Council e diretora do Centro de Estudos de Religião e Sociedade na Western Sydney University, Austrália. É também editora da revista *Journal of Global Buddhism* e da coleção *Religion in the Americas*, da editora Brill.

INTRODUÇÃO

Na última década, a megaigreja australiana Hillsong tornou-se um fenômeno global. Após estabelecer filiais bem-sucedidas em muitas cidades europeias, tais como Londres, Estocolmo, Paris, Amsterdã, Barcelona, Berlim, e até na Cidade do Cabo na África do Sul, estabeleceu-se nos EUA, quando os dois filhos de Brian Houston, o pastor sênior da igreja, abriram filiais em Nova Iorque e Los Angeles em 2011 e 2014. Em 2015, a Hillsong partiu para a conquista da América do Sul. A fim de fundar uma filial em Buenos Aires, o casal de pastores australianos filhos de pais argentinos, Chris e Lucy Mendez, mudou-se para a cidade em julho de 2015. Em novembro do mesmo ano, a Hillsong Buenos Aires abriu suas portas. Entretanto, desde sua chegada a Buenos Aires, Chris Mendez também começou a viajar por todo o Brasil para preparar o terreno para a implantação da filial na cidade de São Paulo, que finalmente começou a funcionar em outubro de 2016.

Em São Paulo, muitos jovens brasileiros estavam ansiosamente à espera de uma chamada para se voluntariar na igreja. Muitos deles haviam estudado no International Leadership College, o seminário da Hillsong em Sydney. Outros eram fãs da Hillsong United, a banda da igreja que várias vezes percorreu o país em turnê e é famosa nos círculos evangélicos. Há anos estes jovens imploravam à igreja e à banda para virem para o Brasil – pessoalmente, durante shows da banda, ou nas redes sociais. Com efeito, uma ex-vocalista e compositora da Hillsong me disse que a banda tinha apelidado a insistência com que os jovens brasileiros pediam para a banda retornar ao Brasil e para a igreja abrir uma filial no país de “o efeito venham para o Brasil”.

Assim, desde fevereiro de 2015, quando foi divulgada a notícia de uma futura filial em São Paulo, houve um frenesi de mensagens e fofocas nas redes sociais brasileiras e até mesmo na mídia secular, que apelidou a Hillsong de “a igreja de Justin Bieber”, depois que o cantor começou a frequentar a filial de Nova Iorque. Em maio de 2015, quando o site oficial da Hillsong São Paulo no Facebook anunciou a primeira noite de informações sobre a igreja numa casa de shows nos Jardins, um bairro de classe média alta de São Paulo, o site foi inundado por comentários e perguntas. Muitos indagavam se o evento seria pago e se necessitavam reservar lugar, confundindo a noite de informações com um show da banda. O evento lotou rapidamente e uma segunda sessão de informações foi organizada para a mesma noite. Alguns meses mais tarde foi anunciada mais uma noite de informação e a igreja novamente teve que marcar duas sessões seguidas. Quando em maio de 2016 o pastor sênior, Brian Houston, compareceu a uma destas noites, as filas na porta do Áudio Clube, onde se realizaria o evento em São Paulo, começaram a se formar

três horas antes da hora marcada. Muitos haviam viajado de diversas partes do país para o evento. Naquela noite duas mil pessoas conseguiram entrar e três mil ficaram de fora. Todos esses eventos foram organizados por uma equipe brasileira local composta de ex-alunos do seminário da Hillsong e um grupo crescente de voluntários treinados por eles. No palco, os pastores australianos eram sempre auxiliados por líderes da equipe local, que traduziam suas explicações sobre a igreja e suas pregações.

Enquanto isso, o anúncio de que a Hillsong estava chegando ao país causou tanto rebuliço em círculos evangélicos brasileiros que o pastor Chris Mendez iniciou uma estratégia de relações de boa vizinhança. Ele começou a viajar por todo o Brasil para se reunir com pastores locais, pregar em suas igrejas e assegurar-lhes que a Hillsong não pretendia atrair os jovens de suas congregações. Cuidadoso, ele sempre afirmava o mesmo nas noites de informação, em suas visitas a outras igrejas e em entrevistas na mídia. Por exemplo, durante a primeira noite de informação em maio de 2015, Mendez disse:

Não estamos vindo para São Paulo achando que a igreja seja uma resposta para alguma coisa. A resposta é Jesus. Uma igreja como a Hillsong, que é muito conhecida – muitos de vocês estão aqui porque conhecem nosso grupo de louvor – empolga as pessoas. Mas se você está plantado em outra igreja, por favor, não deixe sua igreja porque a Hillsong está vindo para São Paulo. A melhor coisa que você pode fazer para o Reino de Deus é continuar plantado. A Palavra diz: “Aqueles que estão plantados na casa de Deus irão florescer”. Não estamos vindo para construir uma igreja que vai tirar cristãos de outras igrejas; estamos vindo para construir uma igreja onde o perdido possa ser salvo em uma cidade com milhões de habitantes (NOVAES, 2015).

Como podemos ver, Mendez estava preocupado em desviar o foco da Hillsong para Jesus e, ao fazê-lo, reafirmar o valor de outras igrejas brasileiras (não tão “modernas”) como um caminho igualmente válido para Jesus. Mas o fato de que Mendez teve que fazê-lo com tanta frequência mostra o imenso apelo e celebridade da “marca” Hillsong, que já fazia parte do imaginário da juventude cristã brasileira antes da igreja chegar ao país. Como uma igreja australiana pôde se tornar tão conhecida e reunir tantos “fãs” no Brasil, o maior país Pentecostal do mundo e que possui suas próprias megaigrejas (FREESTON, 2001, 2004; MARIANO, 2010)? Porque tantos jovens brasileiros viajam para a Austrália para estudar no International Leadership College da Hillsong e participar de seus cultos e conferências?

Neste artigo investigo as conexões transnacionais que tornaram possível a chegada da Hillsong ao Brasil. Igualmente, analiso como um *campo religioso transnacional* entre Austrália e Brasil está sendo criado. Este conceito dá conta de como instituições religiosas globais afetam a vida quotidiana dos imigrantes, daqueles que ficam para trás e daqueles que retornam. É importante notar que este campo religioso transnacional entre Austrália e Brasil é circular: os fluxos partem de ambos os polos e movem-se nas duas direções. Se jovens e pastores brasileiros vão a Sydney para frequentar e aprender com a Hillsong, a própria igreja agora está chegando ao Brasil com suas práticas, crenças, rituais e estratégias.

Meu argumento é que a fascinação pela Hillsong é uma consequência de uma assimetria de poder entre o Norte e Sul Globais. Neste artigo demonstro que a intensa globalização das últimas três décadas e um desejo de ser parte do Norte Global têm um papel fundamental na vontade de muitos jovens de classe média brasileiros de viajar para a Austrália e frequentar a Hillsong. No imaginário destes jovens, o status da Austrália como uma nação de “Primeiro Mundo” sobrepõe-se a “marca” da Hillsong, construída como “competente, confiável, eficiente e bem sucedida” (RICHES, 2010, p. 149). Como tal, a Austrália e a Hillsong ofereceram a estes jovens a oportunidade de se tornar cosmopolita, algo intensamente desejado pela classe média brasileira (ROCHA, 2006). Ao frequentar ou estudar na Hillsong podem aprender inglês, conhecer australianos e outros estrangeiros e viver um tipo de pentecostalismo que é global, divertido, emocionante e mais ligado à cultura jovem do que o pentecostalismo no Brasil. Mais ainda, é uma oportunidade de frequentar uma igreja frequentada por celebridades estrangeiras.

Nesta pesquisa, utilizo material coletado durante três anos de trabalho de campo multi-situado na Austrália e no Brasil. Na Austrália, fiz observação participante semanalmente nos cultos e *connect groups*¹ da Hillsong frequentados por brasileiros. Também participei de duas conferências da megaigreja em Sydney e entrevistei tanto brasileiros que estudavam no College como aqueles que apenas frequentavam os cultos de domingo e os *connect groups*. Além disso, fiz entrevistas com a vice-diretora e os professores do College. No Brasil, participei de cultos de igrejas ligadas à Hillsong (seus pastores haviam participado das conferências em Sydney ou haviam estudado no College) e entrevistei pastores e jovens que haviam estudado no College ou frequentado a megaigreja e que haviam retornado ao país.

1 *Connect groups* são pequenos grupos de pessoas que fazem parte da igreja e se reúnem semanalmente ou quinzenalmente na casa de um líder não só para estudar a bíblia, mas também para apoiar uns aos outros, e sentir-se em família.

Neste artigo, uso pseudônimos para todos os entrevistados para garantir sua privacidade, a não ser para o pastor Chris Mendez, pois ele é uma figura pública.

A COMUNIDADE BRASILEIRA NA AUSTRÁLIA

Desde o início do século XXI, a Austrália tornou-se um destino privilegiado para os brasileiros de classe média urbana. Em sua grande maioria, eles são jovens entre 20 e 30 anos, que vão ao país para estudar inglês e posteriormente tentam a residência permanente (CCBV, 2016; DUARTE, 2005; ROCHA, 2006, 2008, 2009, 2013, 2014; WULFHORST, 2011, 2014). A cultura de praia e surf da Austrália, a segurança nas ruas, a língua inglesa, a economia forte, o status de primeiro mundo e a possibilidade de trabalhar legalmente meio-período e de conseguir residência depois dos estudos são diferenciais que atraem os jovens brasileiros para a Austrália². Atestando sua posição de classe e idade, é de se notar que a maioria destes jovens não se refere ao processo de mudança para a Austrália como “imigração”, mas sim como “fazer intercâmbio”, isto é, um rito de passagem, uma aventura em que eles se tornam adultos. Com efeito, esta é a primeira vez em suas vidas que vivem fora da casa dos pais e do Brasil e muitos aprendem a cozinhar, limpar a casa, fazer um orçamento mensal e trabalhar na Austrália. Acima de tudo, os resultados de minha pesquisa mostram que o que estimula a viagem é um desejo de se tornar parte do “Primeiro Mundo” (ROCHA, 2006, 2008, 2009, 2013, 2014).

Um número preciso de brasileiros na Austrália é difícil de ser calculado, pois diferentes órgãos de governo estimam números díspares. Por exemplo, o censo australiano estimou uma população de 11.404 brasileiros em 2011, mas naquele mesmo ano o Ministério da Educação do governo australiano estimou um total de 15.285 estudantes brasileiros no país (AEI, 2011)³. Além disso, um levantamento realizado pelo Ministério de Relações Exteriores do governo brasileiro avaliou haver 27.000 brasileiros na Austrália em 2015 (MRE, 2015) e, em 2016, o cônsul geral do Brasil em Sydney estimou a população brasileira no país em 70.000, calculando o número de passaportes emitidos, títulos de eleitor transferidos, cidadãos registrados e visitas ao consulado.

Com certeza, sabemos que o Brasil foi o sexto país com maior número de estudantes na Austrália, com 17.267 alunos matriculados em 2015, atrás apenas da China, Índia, Vietnã, Coreia e Malásia. Desse total, 11.971 estudantes tinham entre

2 Os Estados Unidos, um polo tradicional de imigração de brasileiros, não permite que estudantes trabalhem legalmente. O único outro país que permite o trabalho de estudantes é a Irlanda e por isto há um número crescente de jovens brasileiros rumando para lá.

3 Uma explicação para a menor população de brasileiros encontrada pelo censo é que brasileiros são relutantes completar os formulários do censo devido a uma desconfiança generalizada em relação ao aparato de estado (DAMATTA, 1984; HESS; DAMATTA, 1995; SALLAS; BEGA, 2007). Soma-se a isto o fato de que uma grande parte deles não é residente permanente e assim não se dá conta da necessidade de responder ao censo.

20-29 anos de idade e 3.141 tinham entre 30-34 anos de idade (DET, 2015). Claramente, esta é uma população jovem. Além disso, quase a metade eram mulheres (47,5 %), o que mostra que esta imigração não é de uma família nuclear, onde o homem sai do país primeiro para preparar o terreno para uma futura imigração da esposa e filhos. A maioria deles já tem ensino superior ou trancou a matrícula da universidade para ir à Austrália. Eles viajam principalmente para estudar inglês e utilizam agências de intercâmbio para planejar a viagem. De fato, em 2015 o Brasil era, depois da China, o segundo maior país por número de estudantes no setor de cursos intensivos de inglês para estrangeiros (ELICOS, English Language Intensive Courses for Overseas Students). Depois de um período de estudos de língua, eles se matriculam em escolas vocacionais (VET, Vocational Education and Training), para poder permanecer no país e na esperança de serem “patrocinados” por seus chefes e tornarem-se residentes permanentes. O fato de terem educação universitária, poderem viajar no exterior e pagar por cursos de inglês e vocacionais mostra que estes jovens pertencem à classe média no Brasil. Mas além de praias, língua inglesa e vida sem criminalidade, a Austrália também tem a sede mundial da megaigreja Hillsong.

A MEGAIGREJA HILLSONG

A Hillsong é um fenômeno evangélico mundial. A igreja foi fundada pelo casal neozelandês Brian e Bobby Houston em 1983 num bairro de classe média baixa ao noroeste de Sydney. Atualmente, a Hillsong é a maior igreja do país com mais de 30.000 pessoas frequentando suas filiais em todo o país nos fins de semana. É uma igreja pentecostal que faz parte da Assembleia de Deus na Austrália, hoje chamada de “Igrejas Cristãs Australianas”. Sua missão é trazer pessoas para dentro da igreja, pois acredita que a partir daí elas se converterão e se transformarão ao serem “trabalhadas” pelo Espírito Santo. Para realizar sua missão, a Hillsong usa uma linguagem híbrida, secular e religiosa. Assim, ela é uma igreja “descolada”, onde os cultos são shows de rock em salas escuras, com telões, luzes, câmeras. Os pastores têm tatuagens, falam informalmente e, como a congregação, se vestem à moda *hipster* (jeans rasgados, camisetas compridas cortadas na manga, jaquetas de couro, colares e botas). Muitas vezes, música secular é tocada no saguão da igreja, onde há um café e uma loja vendendo os últimos livros do pastor sênior e sua esposa e de outros pastores estrangeiros famosos, CDs das bandas, DVDs dos cultos, camisetas com dizeres cristãos, e outras lembrancinhas (cadernos, canetas, bolsas, etc.). Também organiza encontros e festas em bares e *pubs* para os jovens da congregação e para novatos se inteirarem da igreja. A Hillsong possui

logotipo, lema, missão e publica um relatório financeiro anual como qualquer outra empresa que preza a transparência. Seu seminário ensina liderança, usando linguagem e conteúdo vindos de cursos de teologia e administração de empresas. Ela lidera uma rede global de igrejas e pastores, a “Hillsong Network”, que recebe seus materiais didáticos, treinamento e estratégias *online*, através de *webinar*, e durante suas conferências.

Mas o carro-chefe que tornou a pequena igreja fundada em 1983 em uma megaigreja global foi o sucesso extraordinário de sua banda de louvor Hillsong United, que já ultrapassou a marca de 16 milhões de álbuns vendidos no mundo. Suas músicas estão traduzidas em várias línguas e são cantadas em igrejas em todo o mundo. Sua fama é tão grande que, em 2015, ela recebeu o Billboard Music Awards de melhor artista cristão. Em 2016, enquanto a igreja abriu um canal de TV nos Estados Unidos e lançou um aplicativo para celulares, a banda foi tema do documentário “Hillsong: Let Hope Rise”, dirigido por Michael Warren, um diretor de cinema de Hollywood conhecido por seus filmes sobre músicos americanos como Nicki Minaj e Jay-Z. A estreia do filme foi nos moldes hollywoodianos: os integrantes da banda, pastores e outras personalidades cristãs eram filmados e entrevistados enquanto entravam no cinema por um tapete vermelho. Tudo era transmitido em tempo real pelo site da Hillsong no Facebook para milhões de pessoas no mundo todo. Isto mostra seu cuidado com o marketing, seu foco em novas tecnologias, culturas de celebridade e juventude e seu apelo global.

A HILLSONG NO BRASIL: FAMOSOS E FÃS

Como em outras partes do mundo, a Hillsong chegou ao Brasil pela primeira por meio de sua música gospel. Após a explosão mundial da música “Shout to the Lord” e do álbum com o mesmo nome, gravados pela vocalista Darlene Zschech com a banda Hillsong United em 1994, Ana Paula Valadão e sua banda Diante do Trono gravaram a versão brasileira do álbum, que denominaram “Aclame ao Senhor”, no ano 2000. Logo, outras bandas gospel brasileiras começaram a traduzir e gravar álbuns inteiros de músicas da Hillsong United, enquanto igrejas locais frequentemente faziam suas próprias traduções para serem cantadas na igreja. Por sua vez, os jovens destas igrejas disseminaram estas músicas, mostrando CDs e DVDs da Hillsong para seus amigos. A partir de 2006, Darlene Zschech e a banda Hillsong United começaram a fazer turnês pelo país e a participar dos shows da “Marcha para Jesus”, um evento evangélico global anual que acontece em várias cidades do Brasil, sendo que o maior atrai em média três milhões de pessoas em São Paulo. Neste interim já havia fã-clubes da banda no Brasil e muitas comunidades

de fãs nas mídias sociais, primeiro no Orkut (como, por exemplo, a comunidade “Eu Amo a Hillsong”) e depois no Facebook.

Muitos dos jovens que eu entrevistei haviam ido a estes shows como adolescentes depois de ouvir fitas ou CDs da banda dados a eles por seus amigos e membros da família. Disseram-me que isto despertou a vontade de ir para a Austrália. Paula é um bom exemplo disso. Aqui ela explica como descobriu sobre a Hillsong:

Uma coisa que me influenciou muito foi a Hillsong mesmo, a gente conheceu a Hillsong eu tinha 10, 11 anos. A minha prima chegou um dia em casa com um CD que ela copiou de um filho de um pastor que ela conheceu. Aquele CD “Shout to the Lord”, que eu lembro até hoje. Aliás, aquela época vinham poucos CDs para o Brasil, acho que veio esse e depois começou a vir outros, né? E aí a gente ouviu as músicas e foi uma experiência muito marcante pra mim. Eu não entendia o inglês ainda da letra, mas eu fui captada de alguma forma, com louvor, com a adoração. Depois de conhecer a Hillsong, era só Hillsong [que eu tocava] o dia todo. E a gente reconheceu algumas músicas que a gente cantava na igreja em português, que a gente nem sabia que era versão. Então a gente falou assim: “Nossa, então essa igreja já tem as músicas que a gente canta!”. Então ela já é referência há muitos anos e a gente nem sabia!

Depois disso, Paula e sua prima pesquisaram sobre Hillsong na Internet e descobriram que na verdade era (não só uma banda), mas uma igreja na Austrália. Ela começou a procurar outros CDs, mas era muito difícil encontrá-los porque eram importados. Alguns meses depois, ela finalmente encontrou e comprou um DVD da Hillsong em uma loja cristã em São Paulo. O DVD explicava sobre a igreja, incluía pregações de Brian Houston e mostrava cenas dos cultos e eventos de jovens. Os pais de Paula eram pastores e ela começou a pensar que poderia transformar sua igreja. Ela me contou: “[Eu vi que] Os próprios jovens compunham, gravavam CDs, a gente começou a ver aquilo como um sonho, um sonho de Deus, um sonho ministerial pra nossa igreja!”.

O impacto que a Hillsong teve em sua vida foi tão grande que ela começou a estudar inglês aos 12 anos de idade, para que pudesse um dia viajar para a Austrália, estudar no College da Hillsong e trazer o que ela aprendeu para a sua igreja. É de se notar que Paula mistura seu amor pela Hillsong e pela Austrália, usando a palavra “fã” nas suas instâncias:

Eu tinha todos os DVDs da Hillsong. E na internet eu pesquisava a Austrália toda, eu tinha várias fotos, eu tinha estudado já a cultura, os costumes deles, curiosidades de lá, os animais exóticos. *Já tinha estudado praticamente tudo da Austrália, eu virei fã, fã mesmo.* (risos) *Aquelas fãs adolescentes. Toda adolescente tinha um ídolo de cantor assim? O meu era a Hillsong, eu era fã.* Sabia os nomes dos integrantes, e aí eu e minha prima pesquisávamos tudo na internet, na época era mais *Myspace* que era a rede social, até os perfis deles no *Myspace* a gente via! Eu acompanhava os perfis, onde eles iam fazer show, quantos anos eles tinham, a família, que aí eu descobri que o Joel era filho do pastor Brian!

Quando a banda finalmente veio a São Paulo em 2006, ela e a prima foram ao show: “Chegamos cedo, ficamos na frente, e aí todos os integrantes que vieram a gente sabia quem eram, os nomes [...] Que nem fã que vai ver a banda que a gente gosta”. No ano seguinte, Darlene Zschech deu um show no Rio, e ela e alguns amigos fizeram a viagem de 5 horas de ônibus de São Paulo ao Rio de Janeiro no dia do show e voltaram para casa na mesma noite. É significativo que a internet desempenhou um papel importante para elas se conectarem com outros jovens brasileiros que também amavam a banda. Paula disse:

No Orkut tinha as comunidades. E aí tinha essa comunidade da Hillsong, que vários brasileiros iguais a mim, que tinham esse *sonho*, ficavam trocando conversas nas comunidades. Inclusive, depois dos shows, a gente fazia encontro com o pessoal do Orkut no show. E a gente foi ampliando amigos, *amigos em comum que também sonhavam em ir para a Austrália, que gostavam da Hillsong.*

Mais uma vez, Paula sobrepõe a Austrália e a Hillsong, transformando as duas num sonho. A fim de realizar este sonho, aos quinze anos começou a trabalhar para economizar dinheiro para a viagem. Finalmente, quando fez dezenove anos, em 2009, partiu para a Austrália.

Claramente, aqui podemos ver o papel da cultura jovem e de celebridade na atração de Paula e outros jovens brasileiros pela Hillsong e Austrália. A cultura da celebridade é uma parte importante do marketing da Hillsong e é algo que necessita ser administrado cuidadosamente. De acordo com Wagner (2013, p. 22):

A estrutura transnacional da Hillsong dita que deve usar imagens de massa mediatizadas e tornar seus músicos celebridades para comunicar seus valores de forma eficiente. No entanto, deverá fazê-lo em um contexto cristão evangélico

em que só Jesus é “famoso” e celebridades são muitas vezes vistas com desconfiança. A “celebridade” de seus músicos, portanto, deve ser gerida com cuidado. Para fazer isso, a Hillsong promove seus valores e a sua mensagem através de um grupo de líderes de adoração bem conhecidos que também fazem parte do círculo restrito da igreja. Darlene Zschech, talvez a mais conhecida líder de louvor da Hillsong, é associada com a marca Hillsong – ela e a igreja estão indissoluvelmente associadas uma com a outra⁴.

A cultura da celebridade é ainda mais potente quando chega em inglês (a língua franca da globalização) e em fluxos que partem dos países desenvolvidos para aqueles em desenvolvimento. Peggy Levitt (1998, p. 927) cunhou o termo “remessas sociais” para descrever “ideias, comportamentos, identidades e capital social que fluem dos países de recepção (de imigrantes) para os países que enviam imigrantes”. Ela argumenta que

O impacto das remessas ocorre em função de diferenças de tamanho e de poder entre os países de envio e recepção de imigrantes. Alguns destinatários serão mais receptivos às remessas porque eles querem ser “ricos” e “modernos” como aqueles países de recepção de imigrantes (LEVITT, 1998, p. 940).

Essa é uma das razões pelas quais, para muitos jovens brasileiros, ir à Austrália para participar do culto ou da conferência da Hillsong ou estudar em seu College torna-se “um sonho”. Um ex-estudante brasileiro do College da Hillsong que hoje reside em Sydney notou este fascínio em seu blog chamado Brasil-Austrália:

No Brasil há um imenso deslumbramento em relação à Hillsong. Criou-se até uma espécie de idolatria à igreja, ao louvor e até a alguns pastores e cantores, idolatria esta em nenhum momento incentivada pela igreja e que praticamente não existe aqui. Com este deslumbramento muitos brasileiros decidem vender o carro, pegar dinheiro emprestado com o pai, tio e avô e vir pra cá fazer um dos cursos do seminário da Hillsong (STRAZZERY, 2011).

Antônio, hoje pastor de uma igreja brasileira em Sydney, entende bem esta situação. Músico, sempre foi fã da banda United. Quando foi à Austrália pensava

4 Atualmente Darlene Zschech já saiu da banda, mas os novos integrantes, particularmente a vocalista Taya Smith e o guitarrista Joel Houston, filho dos pastores sêniores, são igualmente famosos.

em estudar inglês e tinha um sonho de tocar na Hillsong. Logo que chegou começou a frequentar a megaigreja. Como muitos outros brasileiros, fez o teste de música para tocar no culto e estava na fila já há bastante tempo esperando o chamado. Quando perguntei o que ele sentiu quando foi à Hillsong pela primeira vez, ele respondeu: “Eu acho que 90% dos brasileiros que entram lá, choram na primeira vez. Porque acho que é meio emocionante. E nem é tanto assim do cristianismo, em relação a Deus...”. Na análise bastante acurada de Antônio, a emoção que os brasileiros sentem não irrompe por estarem numa igreja com Deus, mas no lugar com o qual tanto sonharam. Ela está relacionada à aura da Hillsong, por chegarem ao fim da peregrinação e finalmente estarem presentes na sede autêntica da igreja. A razão para isto é certamente a cultura de celebridade associada à Hillsong. Na entrevista ele diz que a Hillsong é tão presente no imaginário brasileiro, que outras igrejas estão copiando a igreja australiana: “Mas hoje em dia tem igrejas imitando a Hillsong, até o logotipo! Tudo, a maneira de falar, de agir. Então eles usam o estilo de roupa, o estilo de tocar, tudo igual”.

Em meu trabalho de campo no Brasil constatei este fato. Por exemplo, a igreja Lagoinha de Belo Horizonte, uma das maiores do Brasil, mudou seu logotipo, pintou as paredes da igreja de negro e instalou luzes de casa de show para iluminar a plataforma (o palco) num esforço consciente para se assemelhar à Hillsong. A Brasa Church, de Porto Alegre, é administrada e frequentada por jovens que se vestem e tocam músicas de louvor semelhantes às músicas da Hillsong. Vemos a influência da língua inglesa já no fato de se denominar “Church”, não igreja. A Igreja no Cinema (INC) de Curitiba, igualmente administrada e frequentada exclusivamente por jovens, faz seus cultos em cinemas de shopping centers da cidade e também se espelha na Hillsong. Seus pastores frequentemente participam da conferência anual da Hillsong em Sydney. Quando perguntei a Antônio o porquê desse desejo de copiar a igreja australiana, ele respondeu:

Acho que a palavra *cool* é que resume mais ou menos essa situação, acho que o brasileiro começou a ver: “Pô tem um negócio *cool*, tem um negócio moderno lá fora.” E então juntou o *cool* com igreja né, uma igreja moderna, uma igreja *cool*.

Aqui vemos como a posição do Brasil como país do Sul Global e um desejo de modernidade que parece estar localizada no Norte Global influencia qual o tipo de Pentecostalismo importamos. É de se notar que este é um pentecostalismo importado pela classe média, com cultos desprovidos de rituais ostensivamente “mágicos”, tais como glossolalia e cura, e centrado na emoção do louvor e no amor de Jesus

e para com o próximo (KOEHRSEN, 2016). Apesar da sua heterogeneidade interna, poderíamos dizer que esse setor da sociedade valoriza a educação e a cultura e o consumo de bens do Norte Global como um caminho para a mobilidade social e cosmopolitismo. Assim, aspiram adquirir capital cultural (BOURDIEU, 1986) ao aprender inglês, vestir-se, tocar e cantar como os jovens da megaigreja australiana.

Tendo isso em mente, fica claro por que o status da Hillsong no Brasil foi reforçado quando a megaigreja estabeleceu filiais nos Estados Unidos. Sabemos que os brasileiros se preocupam em se inteirar e copiar as novas tendências norte-americanas. Após Justin Bieber e outras celebridades começarem a participar dos cultos de igreja em Nova York e Los Angeles, celebridades brasileiras também começaram a fazer o mesmo e postar suas experiências para seus fãs em tempo real nas mídias sociais. Um bom exemplo é o jogador brasileiro David Luiz. Quando jogava para o Chelsea, ele se converteu e foi batizado na Hillsong de Londres. Depois que foi contratado pelo Paris Saint-Germain, ele frequentou a filial de Paris. Desde sua conversão ele tem postado fotos e comentários de suas atividades na igreja regularmente nas mídias sociais para seus fãs no Brasil. Outras celebridades locais, as amigas Bruna Marquezine (uma atriz de novela da rede Globo e ex-namorada do jogador de futebol Neymar) e Stephannie Oliveira (modelo e filha do ex-jogador de futebol Bebeto) também visitaram a Hillsong quando foram a Los Angeles. Durante o culto elas postaram vídeos e fotos no Instagram para seus fãs (CHAGAS, 2014).

A DIFÍCIL READAPTAÇÃO NO RETORNO

Em entrevistas, os jovens brasileiros que estudaram ou serviram na megaigreja australiana sempre me contam de sua frustração quando retornam ao país e tentam mudar suas igrejas. Geralmente isso ocorre porque, em contraste com a Hillsong, a maioria das igrejas pentecostais brasileiras é bastante conservadora, sua congregação contém mais famílias do que jovens, e os pastores são mais velhos e dão pouca ou nenhuma autonomia aos jovens na administração da igreja e dos cultos. Além disto, elas não estimulam uma cultura jovem durante os cultos. Por exemplo, as igrejas brasileiras são bem iluminadas com paredes brancas; os cultos são longos, com uma duração de até três horas; os pastores e congregação vestem-se formalmente e não possuem tatuagens ou *piercings*; não se pula e dança na igreja; a pregação é voltada para a congregação mais velha.

Por outro lado, na Hillsong, a igreja é tipicamente um teatro escuro, os cultos são mais curtos (exatamente de noventa minutos) e há muito entretenimento. Como mencionei anteriormente, os cultos são quase que um show de rock (com

luzes coloridas no palco, câmeras que filmam a plateia e a banda e transmitem estas imagens em telas enormes em tempo real, pessoas dançando, pulando e filmando a banda com seus telefones celulares) e há videoclipes extremamente profissionais (contendo as novidades da igreja e testemunhos) entre o louvor, oferta e pregação. Os pastores e a congregação usam roupas informais e pregam em um estilo informal, com grande interação com a congregação. Muitas igrejas brasileiras também dão um lugar especial para rituais de cura, exorcismo e glossolalia, o que não ocorre na Hillsong durante o culto, pois seu foco é na música de louvor e no uso da bíblia para guiar os fiéis no dia a dia.

Como resultado dessas diferenças, Roberto (que estudou por três anos no College) me disse em uma entrevista que, dos seus trinta amigos que haviam retornado após servir ou estudar na Hillsong, apenas três ou quatro ainda frequentavam igrejas. Seus amigos explicavam ter saído de suas igrejas desta maneira: “É porque ainda não encontrei uma igreja que é como eu”; “Eu tive problema com o meu pastor”; “Eu voltei para minha igreja e não foi nada como eu queria e agora estou meio perdida”; “Estou indo a igrejas diferentes aqui e ali”. Outro estudante que entrevistei, que havia retornado ao Brasil, confirmou isto quando ele me disse: “[Quando voltei] os jovens [estavam] abandonando a igreja. Estava um desastre a igreja, estava todo mundo indo embora porque a igreja estava chata. Parecia igreja de velho”. Mas além desta falta de foco na cultura de juventude, Roberto mencionou outro elemento importante para explicar a frustração dos retornados: “Eles querem a *perfeição* que existe lá, mas não encontrarão em nenhum outro lugar”.

EXCELÊNCIA, PERFEIÇÃO E O PRIMEIRO MUNDO

Todos os entrevistados observaram que eles ficaram impressionados com a “excelência” da Hillsong. Excelência é parte do *branding* da megaigreja. Riches (2010) demonstrou que uma característica-chave da marca Hillsong é sua associação com a ideia de excelência. Além disso, em sua pesquisa sobre a Hillsong em Londres, Wagner (2013) demonstrou que esta ênfase na excelência associada à marca foi tão bem sucedida que as pessoas que frequentavam os cultos da Hillsong na cidade esperavam encontrar excelência musical e técnica. Wagner (2013, p. 107) explica que:

Embora a superprodução da Hillsong e igrejas similares tenha sido criticada como excessiva, a igreja responde dizendo que, para os participantes que experimentam a mais alta qualidade de produção de mídia em suas vidas cotidia-

nas, nada menos do que este nível de produção será considerado amador e vai distraí-los do culto.

Excelência e perfeição são caras para os brasileiros, pois eles as associam com o mundo desenvolvido. Por outro lado, eles associam o Brasil com uma cultura do jeitinho (DAMATTA, 1991), de burlar leis, fazer as coisas pela metade, sem cuidado. Muitos brasileiros desejam deixar esta atitude para trás quando eles chegam à Austrália, pois sentem que esta é uma das causas do subdesenvolvimento de seu país. A Hillsong talvez possa ajudá-los nessa tarefa. Seguir regras, ser responsável e dar o melhor de si são coisas que eles aprendem ao servir na megaigreja e estudar no College. Patrícia, que estudou no College por um ano e hoje retornou à igreja dos pais, acha que essas qualidades negativas estão tão arraigadas na cultura brasileira que elas seriam um obstáculo para o estabelecimento da Hillsong no Brasil:

[Na Hillsong] eles têm uma mentalidade que é a “gringa”, uma mentalidade de excelência no serviço, de comprometimento, uma mentalidade de que se você pega uma coisa para fazer, você tem que fazer bem feita, tem que dar satisfação do que você está fazendo. Isso é uma cultura que no exterior você tem e lá eles têm muito forte, eles ensinam aos alunos isso. Eu aprendi isso lá e tentei trazer um pouquinho para cá, só que o brasileiro não é assim. Ele quer ir ao cinema no domingo à noite; ele não vai ligar para o líder dele e falar “hoje eu não posso ir por causa disso, já conversei com o fulano que vai me substituir.” Não, ele falta. Chega na hora não tem ninguém lá. A Hillsong tem esses processos muito certinhos, daí vai chegar um monte de gente sem treinamento e não vai funcionar do jeito que eles querem, por isso que eu acho que eles estão demorando para abrir.

Marcos, outro jovem que está no momento estudando no College e está encarregado de ajudar os alunos brasileiros recém-matriculados, me disse que ele tinha uma lista com dez conselhos para eles:

Tentei fazer uma sessão de cultura, do tipo “o que precisamos mudar aqui”. Foi muito legal porque eu passei para eles de uma forma engraçada, mas seriam os “10 mandamentos brasileiros no College.” Eu falei “número 1: seja amigo do seu despertador, nada de horário brasileiro aqui. Se a aula é às 14h30min, esteja lá às 14h25min. Esteja 5 minutos antes, não atrase, até porque é cultura australiana também. Para a gente é socialmente aceitável você estar 5 ou 10 minutos atrasado”. Aqui não, é desrespeitoso. Então não chegue atrasado.

Em suas falas, Patrícia e Marcos sobrepõem as culturas da Austrália e da Hillsong. As duas são vistas como parte do mundo desenvolvido e possuem valores que os brasileiros necessitam aprender para tornarem-se também desenvolvidos. Tal como a Hillsong, a Austrália muitas vezes é idealizada no Brasil como um país perfeito e os seus cidadãos como cumpridores da lei por fazerem parte do Norte Global. Esta tendência começou após os Jogos Olímpicos de Sydney, em 2000, quando Austrália entrou pela primeira vez no imaginário brasileiro. Desde então o país está cada vez mais presente em reportagens e imagens positivas que circulam no Brasil. Estas imagens são criadas tanto por brasileiros na Austrália (nas redes sociais) e pela mídia brasileira, quanto pelo governo australiano. Por exemplo, já em 2002 a Folha de São Paulo publicou uma reportagem sobre brasileiros na Austrália. Uma das seções foi intitulada “Tudo funciona em Sydney, até o trânsito” e o repórter explica como não há engarrafamentos na maior cidade da Austrália. Certamente esta é uma construção derivada de um desejo pelo que o Brasil não possui: organização. Engarrafamentos são ocorrências comuns em Sydney e o transporte público é, de certa forma, pior do que em São Paulo (Sydney baseia-se em um sistema de ônibus e trens, e só agora está construindo seu metrô).

Por sua vez, o governo australiano tem feito um marketing forte para vender sua indústria de educação e turismo no Brasil. Ele organiza feiras anuais de educação que percorrem todo Brasil. A campanha de marketing empregada associa o sistema de educação “excelente” da Austrália com um estilo de vida descontraído e, para isto, usa imagens de suas praias, do interior (o chamado *outback*) e das grandes capitais. Nos últimos anos, também tem organizado um festival anual artístico em várias capitais. A embaixada australiana também seduz brasileiros, promovendo uma imagem positiva da Austrália em seu site do Facebook. Em suas postagens em português, a embaixada afirma continuamente que o país é um dos melhores lugares do mundo para se viver, com uma expectativa de vida excepcional e mostra lugares turísticos no país. É compreensível que o governo australiano faça este marketing, pois educação e turismo são bastante importantes para a sua economia⁵. Quando estas duas percepções idealizadas – da megagreja e da Austrália – se sobrepõem, há uma forte atração que leva os brasileiros a desejarem

5 De acordo com o jornal australiano Financial Review, “As estatísticas mais recentes reforçam a posição da educação como o terceiro maior produto de exportação da Austrália (depois de carvão e minério de ferro), bem como sua posição como maior exportadora de serviços. Exportações do turismo também cresceram fortemente em 2015, em até 11%, e chegaram a US \$15,8 bilhões, conforme os dados do ABS [Australian Bureau of Statistics]. Dados do Ministério da Educação demonstram que havia aproximadamente 650.000 estudantes internacionais estudando na Austrália em 2015, um crescimento em 10% em comparação com o ano anterior” (Dodd, 2016).

ir para o país. Viajar a Sydney e ser capaz de servir ou estudar com cantores que são famosos em uma igreja da moda torna-se então um “sonho”.

UM CAMPO RELIGIOSO TRANSNACIONAL

Podemos ver a formação de um *campo religioso transnacional* entre os dois países nos fluxos de ideias e pessoas que descrevi aqui. Para Levitt e Schiller (2004, p. 1009), campos sociais transnacionais são “um conjunto de várias redes de relações sociais interligadas, através do qual ideias práticas e recursos são desigualmente trocados, organizados e transformados”. O conceito de campo religioso transnacional auxilia-nos a entender como instituições religiosas globais afetam o cotidiano dos migrantes, daqueles que ficam para trás e daqueles que retornam. Um campo religioso transnacional é circular, ao invés de ser de uma mão só. Como argumentou Sheringham (2013, p. 141), “as práticas religiosas dos imigrantes [...] na verdade borram as fronteiras entre o ‘aqui’ e ‘lá’, entre ‘raízes’ e ‘rotas’, entre o social e espiritual e são enviados em ambas as direções dentro de um espaço transnacional religioso”.

Novas tecnologias da informação e comunicação (downloads de música, vídeos no YouTube, DVDs, CDs, redes sociais, blogs, o aplicativo da Hillsong), reportagens da mídia religiosa e secular, traduções de músicas por bandas brasileira cristãs famosas e a divulgação boca a boca ajudam a divulgar a Hillsong no Brasil e transformar a banda e a igreja em celebridades. Este status de celebridade leva muitos jovens cristãos brasileiros a sonhar em ir para a Austrália e estudar no Hillsong College. Para isto mudam suas vidas: eles pesquisam sobre o país e a igreja na internet, entram para comunidades de fãs nas redes sociais, se matriculam em cursos de inglês e começam a trabalhar para poupar dinheiro para a viagem.

Como outros imigrantes, uma vez que estão na Hillsong, eles aprendem uma cultura que vai mudar sua visão de mundo. A Hillsong é mais liberal no modo de vestir, no comportamento, incluindo beber, e até na teologia. Seus lemas: “Bem vindo a casa” e “Venha como estiver”, são testemunhos desse desejo e dessa liberalidade. Para a megaigreja, isso facilita a entrada da pessoa na igreja e uma vez que ela o faça, o Espírito Santo se encarregará de mudar seu comportamento. Os estudantes entrevistados me disseram que a megaigreja é também mais centrada no amor e Jesus do que dinheiro e posses deste mundo, se comparada com as igrejas no Brasil. Quando os brasileiros postam suas fotos e experiências no Facebook, Instagram e blogs, e quando eles retornam ao Brasil e tentam aplicar o que aprenderam na Austrália, tornam-se vetores de remessas religiosas. Suas

negociações com os pastores de suas Igrejas brasileiras e são exemplos de como os processos de encontro entre o global e o local ocorrem.

Robertson cunhou o conceito de glocalização para entendermos este encontro. Segundo ele a glocalização implica na dialética entre “a particularização do universal e a universalização do particular” (1992, p. 178). Nestas negociações dos retornados com suas igrejas e pastores vemos “como as tensões entre o local e o global acontecem levando à construção de identidades, práticas, visões de mundo e formas de organização híbridas” (VÁSQUEZ; ROCHA, 2013, p. 21). Ao adotar e adaptar às condições locais algumas das práticas (agora globais) que estes retornados aprenderam na Hillsong, e as quais circulam globalmente dentro de mídia eletrônica e tradicional, essas igrejas brasileiras se tornam também híbridas.

CONCLUSÃO

Neste artigo investiguei os processos transnacionais que possibilitaram que a megaigreja australiana Hillsong abrisse uma filial em São Paulo. A posição periférica do Brasil na ordem mundial faz com que muitos brasileiros admirem e copiem o que vem dos países mais centrais, especialmente aqueles de língua inglesa. A intensificação dos processos de globalização nas últimas duas décadas fez com que o contato entre o Brasil e os centros metropolitanos produtores de cultura se tornasse mais acentuado. A Hillsong, com sua ênfase na cultura jovem e de celebridade, seu uso intenso de novas tecnologias de comunicação e informação, sua associação com a ideia de excelência e seu uso da língua inglesa, seduz jovens de classe média brasileiros. No imaginário desses jovens, a fascinação com a Hillsong se sobrepõe à admiração que existe no Brasil pela Austrália, vista como um país jovem, multicultural e tropical como o Brasil, mas que, no entanto, faz parte do “Primeiro Mundo”. Por sua vez, o governo australiano também cria e estimula este imaginário de excelência em relação ao país, pois suas indústrias de educação e turismo dependem dele.

Assim, ir à Austrália e estudar no College ou frequentar os cultos da Hillsong tornam-se um sonho. Lá estes jovens têm a possibilidade de aprender a ser modernos (ao seguir o relógio e tornarem-se responsáveis) e cosmopolitas (ao aprender a falar inglês e fazer amizade com jovens do mundo inteiro). Entretanto, o retorno ao Brasil é tão ou mais penoso que para outros imigrantes, pois a igreja brasileira, que antes lhes oferecia uma comunidade e sentido de pertença, agora se torna um local hostil. Estes jovens voltam animados para mudar suas igrejas, mas os pastores não compreendem este desejo e não aceitam muitas de suas sugestões.

Com vimos, as diferenças entre a Hillsong as igrejas pentecostais no Brasil são grandes e estes jovens acabam por sair de suas igrejas.

A chegada da Hillsong em São Paulo em outubro de 2016 e a tendência em copiar ideias e estratégias bem sucedidas dos países do Norte Global talvez transforme este cenário. Algumas igrejas pentecostais brasileiras já estão adotando certas características da megaigreja australiana, tais como o foco nos jovens e no culto espetáculo. Resta saber se isto é apenas uma mudança superficial ou se as transformações serão mais profundas, abrindo espaço para um pentecostalismo de classe média que não foca tanto no comportamento dos fieis e não faz uso abertamente no culto de rituais que não se adequam à sensibilidade de classe média (como exorcismos, falar em línguas, rituais de cura) (KOEHRSEN, 2016). Sem dúvida, podemos afirmar que o crescente fluxo de pessoas, ideias e práticas entre o Brasil e a Austrália, aqui analisado, demonstra a construção de um campo religioso transnacional entre os dois países que dará frutos significativos no campo religioso brasileiro num futuro próximo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AEI. “Student Enrolment Data 2011”. *Australian Education International*. Disponível em: https://internationaleducation.gov.au/research/International-Student-Data/Documents/INTERNATIONAL%20STUDENT%20DATA/2011/2011Dec_0712.pdf. Acesso em: 21 de agosto de 2012.
- BOURDIEU, Pierre. “The Forms of Capital.” In: *Handbook of Theory and Research in the Sociology of Education*. Westport, CT: Greenwood Press, 1986, p. 241-258.
- CCBV (Conselho de Cidadãos Brasileiros em Vitória). “O Brasileiro em Victoria, Austrália”. Relatório de Pesquisa. Melbourne: 2016.
- CHAGAS, Tiago. “Convertida? Bruna Marquezine vai a culto da Hillsong in Los Angeles acompanhada da modelo Stephannie Oliveira”. *Gospel Mais*, 20 de agosto de 2014. Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/bruna-marquezine-hillsong-stephannie-oliveira-70546.html>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2016.
- DAMATTA, Roberto. *O Que Faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- . *Carnivals, Rogues, and Heroes: An Interpretation of the Brazilian Dilemma*. Indiana: University of Notre Dame Press, 1991.
- DET (Department of Education and Training). “International Student Numbers 2015”. Research Snapshots. Fevereiro de 2016. Disponível em: <https://internationaleducation.gov.au/research/Research-Snapshots/Documents/Student%20Numbers%202015.pdf>. Acesso em: 10 de abril de 2016.

- DODD, Tim. "Education revenue soars to become Australia's \$20 billion export". *Financial Review*, Sydney, 3 de fevereiro de 2016. Disponível em: <http://www.afr.com/news/policy/education/education-revenue-soars-to-become-australias-20-billion-export-20160203-gmke3k#ixzz47Yr4uqD2>. Acesso em: 3 de maio de 2016.
- DUARTE, Fernanda. "Living in 'the Betweens': Diaspora Consciousness Formation and Identity among Brazilians in Australia". *Journal of Intercultural Studies*, n. 26, p.315-335, 2005.
- FRESTON, Paul. *Evangelicals and Politics in Asia, Africa and Latin America*, Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- _____. "The Transnationalisation of Brazilian Pentecostalism: The Universal Church of the Kingdom of God". In: CORTEN, André ; MARSHALL-FRATANI, Ruth (Orgs.) *Between Babel and Pentecost: Transnational Pentecostalism in Africa and Latin America*. London: C. Hurst & Co, 2001, p. 196-215.
- HESS, David J.; DAMATTA, Roberto. *The Brazilian Puzzle: Culture on the Borderlands of the Western World*. New York: Columbia University Press, 1995.
- KOEHRSEN, Jens. *Middle-Class Pentecostalism in Argentina: Inappropriate Spirits*. Leiden: Brill, 2016.
- LEVITT, Peggy. "Social Remittances: A Local-Level, Migration-Driven Form of Cultural Diffusion". *International Migration Review*. n. 32, p. 926-48, 1998.
- LEVITT, Peggy; SCHILLER, Nina. "Conceptualising Simultaneity: A Transnational Social Field Perspective on Society". *The International Migration Review*, n. 38, p. 1002-1039, 2004.
- MARIANO, Ricardo. "Império Universal". *Folha de São Paulo*, Caderno Mais, São Paulo, 5 de fevereiro de 2010, p. 4.
- MRE (Ministério das Relações Exteriores). "Estimativas populacionais das comunidades brasileiras no Mundo, 2014 (números atualizados em 28/08/2015)". *Brasileiros no Mundo*. Disponível em: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/estimativas-populacionais-brasileiras-mundo-2014/Estimativas-RCN2014.pdf>. Acesso em: 30 de maio de 2016.
- NOVAES, Luana. "Hillsong Church São Paulo poderá ser inaugurada no início de 2016". *Guiame*, 13 de maio de 2015. Disponível em: <http://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/hillsong-church-sao-paulo-podera-ser-inaugurada-no-final-de-2015.html>. Acesso em: 13 de março de 2016.
- RICHES, Tanya. *Shout To The Lord! Music and change at Hillsong: 1996-2007*. Dissertação (mestrado). Australian Catholic University. Sydney, 2010.
- ROBERTSON, Roland. *Globalization: Social Theory and Global Culture*. London: Sage, 1992.

- ROCHA, Cristina. "Two Faces of God: Religion and Social Class in the Brazilian Diaspora in Sydney". In: KUMAR, Pratap (Org.) *Religious Pluralism in the Diaspora*. Leiden: Brill, 2006, p. 147-160.
- _____. "The Brazilians in Sydney". *The Dictionary of Sydney/ Sydney Journal*, n. 1, p. 79-80, 2008.
- _____. "Conexiones Sur-Sur: Vivir entre Australia y Brasil". In: SOLÉ, Carlota et al. (Orgs.) *Nuevos Retos del Transnacionalismo en el Estudio de las Migraciones*. Barcelona: Ministerio de Trabajo e Imigración, p. 113-127, 2009.
- _____. "Transnational Pentecostal Connections: an Australian Megachurch and a Brazilian Church in Australia". *Pentecostudies*, n. 12, p. 62-82, 2013.
- _____. "Triangular Circulation: Japanese Brazilians on the move between Japan, Australia and Brazil". *Journal of Intercultural Studies*, n. 35, p. 493-512, 2014.
- SHERINGHAM, Olivia. *Transnational Religious Spaces: Faith and the Brazilian Migration Experience*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2013.
- SALLAS, Ana; BEGA, Maria. "Juventude, Cultura e Política". Apresentado no 13º Congresso Brasileiro de Sociologia, Recife, 29 de maio a 1 de junho, 2007.
- STRAZZERY, Jerry. "Hillsong College". *Brazil-Australia Blog*, 11 de setembro de 2011. Disponível em: <http://www.brazilaustralia.com/hillsong-College>. Acesso em: 13 de setembro de 2011.
- VÁSQUEZ, Manuel; ROCHA, Cristina. "Introduction: Brazil in the New Global Cartography of Religion". In: VÁSQUEZ, Manuel; ROCHA, Cristina (Orgs.) *The Diaspora of Brazilian Religions*. Leiden: Brill, 2013, p. 1-42.
- WAGNER, Thomas J. *Hearing the Hillsong Sound: Music, Marketing, Meaning And Branded Spiritual Experience at a Transnational Megachurch*. Tese (doutorado). Royal Holloway University of London. Londres, 2013.
- WULFHORST, Cristina. *Intimate Multiculturalism: Blurring Boundaries between Brazilians and Australians in Sydney*. Tese (doutorado). Western Sydney University, Sydney, 2011.
- _____. "The Other Brazilians: Community Ambivalences among Brazilians in Sydney". *Journal of Intercultural Studies*, n. 35, p. 475-492, 2014.

Confiança e complexidade social em Niklas Luhmann

Trust and social complexity in Niklas Luhmann

Rodrigo Mota^a

Resumo O problema da complexidade social era considerado por Niklas Luhmann uma questão fundamental da sociologia. Sua Teoria dos Sistemas Sociais visa, no fundo, explicar de que forma lida a humanidade com esse problema que cresce desde o advento da modernidade. Nesse contexto, a confiança se mostra como um importante mecanismo de redução de complexidade. Em um mundo onde se multiplicam as escolhas, faz-se necessário o uso de um mecanismo que nos ajude a pré-selecionar tais escolhas e alivie-nos da quantidade necessária de informações para que possamos agir. A confiança faz com que, mesmo sem estarmos plenamente informados sobre uma situação ou pessoa, possamos agir baseando-nos no que já conhecemos, em nossa própria história, no passado que já é complexidade reduzida. Este artigo pretende expor e problematizar o estudo de Luhmann sobre esse tema, relacionando-o com o pioneirismo de Georg Simmel e a algumas contribuições posteriores.

Palavras-chave Confiança; Complexidade; Luhmann; Simmel; Teoria dos Sistemas Sociais.

Abstract *The problem of social complexity was considered by Niklas Luhmann as the fundamental problem of sociology. His Theory of Social Systems aims in explaining in what way mankind deals with this problem that grows since the arrival of modernity. In this context, trust shows itself as an important mechanism for the reduction of complexity. In a world where choices multiply, it becomes necessary the use of a mechanism that help us to pre-select those choices and relieves us on the necessary amount of information to act. Trust allows us to act, even when we don't have enough information about a situation or a person, based on what we already know, our own history, past that already is complexity reduced. This article intends to expose Luhmann's study on this matter, relating it to Georg Simmel's pioneer approach and later contributions.*

Keywords *Trust; Complexity; Luhmann; Simmel; Social Systems Theory.*

a Doutorando em Ciências Sociais e mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco e Especialização em Filosofia Contemporânea pela Universidade Católica de Pernambuco.

INTRODUÇÃO

A teoria social produzida por Niklas Luhmann (1927-1998) é monumental, não apenas pela tentativa de estabelecer um novo paradigma nas ciências sociais, mas também pela sua dimensão física, já que Luhmann produziu nos seus trinta anos de atividade como pesquisador aproximadamente 60 obras, uma média de dois livros por ano. Além dessa grandeza numérica existe a singular interdisciplinaridade da sua *Systemtheorie*. Enquanto outras teorias, inclusive a do seu mentor Talcott Parsons, buscavam esta interdisciplinaridade em disciplinas vizinhas, como a psicologia e a economia, Luhmann foi da biologia à cibernética, sempre preocupado com inovações conceituais que pudessem clarear o entendimento dos fenômenos sociais. Nessa imensa obra científica, Luhmann escreveu sobre diversos temas relevantes para a sociologia, dentro do contexto da sua Teoria dos Sistemas Sociais Autopoieticos. A partir de 1984 ele inicia, com o livro *Soziale Systeme (Sistemas sociais)*, uma série de obras sobre os mais diversos sub-sistemas sociais (*Die Wirtschaft der Gesellschaft [A economia da sociedade]*, *Die Wissenschaft der Gesellschaft [A ciência da sociedade]*, *Das Recht der Gesellschaft [O direito da sociedade]*, *Die Kunst der Gesellschaft [A arte da sociedade]*), até culminar no maior de todos os sistemas sociais, a própria sociedade, em *Die Gesellschaft der Gesellschaft (A sociedade da sociedade)*.

A complexidade da teoria de Luhmann só perde para a complexidade da própria sociedade, característica que é “exatamente o que constitui sua sensibilidade empírica para com a inter-relação entre organizações e sociedade na sociedade hiper-complexa de hoje” (HOLMSTRÖM, 2007, p. 255, em livre tradução). Uma análise detalhada desta teoria exige pelo menos um livro extenso, como os que Luhmann costumava escrever. Como neste trabalho meu foco será dirigido às suas ideias sobre a *confiança*, me limitarei aos elementos da sociologia luhmanniana relevantes a este tema. Dado que o livro sobre esse assunto foi publicado pela primeira vez em 1968, ou seja, no início da carreira de Luhmann como sociólogo, se percebe que muitos elementos relevantes em obras posteriores ou não estavam presentes ou não estavam devidamente maduros, como, por exemplo, a relação entre a estrutura social e a semântica, e a ausência de uma definição mais clara sobre o que viria a ser definido por ele como *meios de comunicação simbolicamente generalizados (Symbolisch generalisiert Kommunikationsmedien)*, conceito este que se observa bem desenvolvido na sua obra sobre o amor, de 1982, *Liebe als Passion (Amor como paixão)*, além da própria ideia de *Autopoiesis*, fundamental na *Systemtheorie* de Luhmann, mas que não se encontra presente nesta obra sobre a confiança. A ausência de algum destes conceitos deve ser justificada considerando os limites a

que está sujeito este trabalho, fazendo-se necessária uma maior ênfase e espaço ao “problema dos problemas”, que se relaciona diretamente com a confiança: a *complexidade*.

A SOCIOLOGIA COMO TEORIA DOS SISTEMAS SOCIAIS E A COMPLEXIDADE

Na década de 1960, Niklas Luhmann estudou uma temporada em Harvard onde conheceu o sociólogo Talcott Parsons e sua teoria *estrutural-funcional*. Foi sob a influência de Parsons que Luhmann começou a desenvolver a sua própria teoria social, numa espécie de “reforma” da teoria parsoniana. Dentro desta reforma a principal crítica dizia respeito à falta de mobilidade estrutural da sociedade nesta teoria, posto que o estrutural-funcionalismo “pré-ordena o conceito de estrutura ao conceito de função” (LUHMANN, 2005, p. 73). Dessa forma, “a teoria estrutural-funcional priva-se [...] da possibilidade de problematizar estruturas e de indagar em geral o sentido da formação estrutural, de acordo com o sentido da formação sistêmica” (LUHMANN, 2005, p. 74). Por isso, Luhmann propõe uma teoria funcional-estrutural, na qual o ponto de referência seja a diferença entre o ambiente (*Umwelt*) e o sistema, que no caso específico da sociologia é o *sistema social*.¹

A identidade do sistema é formada por essa relação dentro/fora. O ambiente “não pode apreender-se como sistema, porque não tem nenhum ‘fora’, frente ao qual ele se delimite” (LUHMANN, 2005, p. 76). Essa separação, fundamento da teoria de Luhmann, não era possível enquanto se definia o sistema como um todo constando de partes sem referência a um ambiente. Este novo rumo foi oferecido pela fenomenologia de Edmund Husserl (enorme influência no pensamento luhmanniano), “sobretudo graças à distinção entre identidade significativa e intentável e horizonte de toda a vivência, que tornou possível definir o mundo como horizonte universal” (LUHMANN, 2005, p. 76). Pela ausência de um “fora”, o ambiente não encontra sua existência em si ameaçada; diferentemente dos sistemas, a existência deste não é problemática. Neste caso, “o mundo torna-se problema”, não sob o ponto de vista do seu ser, mas sob o ponto de vista de sua complexidade. Por complexidade deve aqui se entender “a totalidade dos acontecimentos possíveis. [...] O conceito de complexidade designa sempre uma relação entre sistema e mundo, nunca um estado do ser” (LUHMANN, 2005, p. 77).

1 “Por sistema social deve aqui entender-se uma conexão de sentido das ações sociais, que se referem umas às outras e se podem delimitar de um ambiente de ações não pertinentes” (LUHMANN, 2005, p. 75).

Um dos principais distanciamentos da teoria dos sistemas de Luhmann em relação à teoria estrutural-funcionalista de Parsons, para melhor posicioná-la num contexto mais amplo da teoria social, é em relação à unidade elementar da sociologia. Para Parsons, essa unidade era a ação social; para Luhmann, a comunicação².

Para a teoria dos sistemas autopoieticos, apenas a comunicação é uma séria candidata à posição de unidade elementar do processo auto-referencial básico dos sistemas sociais. Apenas a comunicação é necessariamente e inerentemente social; a ação não é. Mais ainda, ação social implica comunicação, implica ao menos a comunicação do significado da ação ou da intenção do ator [...]. E acima de tudo, comunicação não é um tipo de ação porque ela sempre contém um significado muito mais rico do que expressar ou apenas mandar mensagens. [...] A perfeição da comunicação implica a compreensão, e compreensão não é parte da atividade do comunicador e não pode ser atribuída a este. Por isso, a teoria dos sistemas sociais autopoieticos requer uma revolução conceitual na sociologia: a troca da teoria da ação pela teoria da comunicação como caracterização do nível operativo elementar do sistema. A relação entre ação e comunicação tem de ser revertida (LUHMANN, 1990, p. 06, em livre tradução).

Neste contexto, o conceito básico da sociologia se torna o *sentido (Sinn)*. Como complexidade é definida por “a totalidade dos acontecimentos possíveis”, se pressupõe aos sistemas sociais um redutor de complexidade fundamental, um mecanismo básico que faça uma pré-seleção das possibilidades. Esse redutor comunicativo é o sentido, que

[...] constitui-se apenas no horizonte do mundo como identidade com referência realizável a outras possibilidades. Sentido é seleção *a partir* de outras possibilidades; é portanto, ao mesmo tempo, referência *a* outras possibilidades. O donde da seleção, a complexidade reduzida, permanece preservado no sentido. [...] O sentido serve para a apreensão e redução da complexidade do mundo e, só assim, serve para a orientação da vivência e da ação (LUHMANN, 2005, p. 79).

2 A comunicação “luhmanniana” consiste na síntese de três seleções: Notificação (*Mitteilung*), Informação (*Information*) e Compreensão (*Verstehen*). “Se fala em comunicação quando *Ego* compreende que *Alter* notificou uma informação” [Tradução minha de “*Man spricht Von Kommunikation, wenn Ego versteht, daß Alter eine Information mitgeteilt hat*”] (BARALDI et al, 1997, p. 89).

Os sistemas sociais também possuem essa função de apreensão e redução da complexidade. “Servem para a mediação entre a extrema complexidade do mundo e a capacidade muito menor, dificilmente alterável por razões antropológicas, do homem para a elaboração consciente da vivência” (LUHMANN, 2005, p. 80). A partir da relação desses sistemas com o ambiente, a relação dentro/fora, os sistemas sociais estabelecem suas fronteiras, onde o interno possui sentido, excluindo assim as possibilidades (os possíveis outros sentidos) que ficaram para além dessas fronteiras. Dentro desses sistemas, os indivíduos agem com alguma liberdade, mas essa liberdade está limitada como se houvesse um menu de opções pré-determinadas. Em teoria, se poderia fugir dessas opções pré-selecionadas, mas isso seria como uma pessoa perguntando as horas à outra e esta outra respondendo que o céu está muito bonito. A comunicação não se realiza. Mesmo a pré-seleção realizada pelo sentido não encerra o problema da complexidade. As possibilidades restantes ainda são imensas (na metáfora que acabei de fazer, seria como se o menu ainda fosse muito extenso). Além do mais, há um paradoxo envolvido nesta operação: “a comunicação envolve simultaneamente redução de complexidade (pela seleção) e aumento de complexidade (ao introduzir informação no sistema)” (COHN, 1998, p. 08). Por isso, um sistema pode ser bem menos complexo do que seu ambiente, mas ainda assim a complexidade dentro dele ser enorme.

Graças à sua complexidade peculiar, um sistema pode, cada vez mais, introduzir em si problemas do ambiente, dar-lhes uma versão diferente, muitas vezes incomparável, e criar assim um marco de referência simplificado para a inserção, consciente ou inconsciente, de técnicas de resolução de problemas internos ao sistema [...]: há diferentes problemas de substituição para a complexidade, na dimensão temporal, sobretudo o problema da *existência*; na dimensão objetiva, o problema da *escassez* e, na dimensão social, o problema da *dissensão*. O mais corrente entre eles é o *problema da existência*. [...] A questão da existência deve pôr-se sempre num horizonte temporal a limitar e referir-se a um sistema determinado (LUHMANN, 2005, p. 85-86).

Em relação às estruturas sociais, a teoria sistêmica de Luhmann é bem mais flexível do que a teoria estrutural-funcionalista. Para Luhmann, esta diferença está no fato de que sua teoria não considera a diferença entre estrutura e processo como o “firme e o fluido”, como fazia a teoria parsoniana. Nesta nova teoria “as estruturas são apenas relativamente firmes e também se podem alterar” (LUHMANN, 2005, p. 90). A estrutura é vista ainda como fornecedora de sentido para o complexo

através de códigos de significações, sendo assim, portanto, seletiva e não apenas diretiva (e diretiva justamente por seu sentido informativo). “Em certo sentido, toda estrutura assenta, pois, na ilusão – na ilusão acerca da verdadeira complexidade do mundo” (LUHMANN, 2005, p. 92). Faz-se necessária a distinção entre as estruturas do ambiente, onde a complexidade do mundo é apreendida e reduzida; e as estruturas dos sistemas, que apreendem e reduzem a complexidade dos sistemas.

A análise das estruturas sistêmicas tem, neste contexto, a primazia, porque delas depende que estruturas mundanais serão possíveis para um sistema. Concepções, como a de um tempo objetivo, *aberto* ao futuro, de um contexto causal do mundo em princípio infinito ou de um ser-sujeito de *todos* os homens são possíveis só em sociedades bastante complexas, porque evidenciam a dimensão temporal, a dimensão física e a dimensão social como muito complexas. [...] Os sistemas sociais adquirem uma estrutura sistêmica que vai além da situação e definem fronteiras do sistema, mediante a generalização das expectativas para o comportamento peculiar ao sistema (LUHMANN, 2005, p. 93).

Esta generalização das expectativas é, como será observado mais adiante, uma das principais características da confiança e, como esta (e provavelmente por essa razão), possui a mesma função: a redução da complexidade. Essa generalização determina o comportamento que é normal e o que não o é dentro do sistema, ou seja, do que é possível e o que não é. “Esta escolha prévia do possível no sistema ocorre no plano da expectativa, e não da ação imediata, porque só assim se pode transcender a situação, na antecipação do futuro” (LUHMANN, 2005, p. 94). A referência de onde o sistema adquire essas generalizações é obtida fundamentalmente de duas formas: história e organização. A primeira dessas formas – a *história recordada* – “é, porventura, o meio mais importante, pelo menos um meio indispensável, de redução da complexidade. O passado já não tem mais possibilidades. É complexidade reduzida” (LUHMANN, 2005, p. 98). Os indivíduos tomam como referência para as suas ações, as ações passadas, já ratificadas e providas de consenso. Neste sentido, o passado adquire um valor simbólico do que é o correto. A segunda dessas formas de adquirir generalizações é a *organização*:

[que] sob este ponto de vista, é o equivalente funcional da história, embora nunca a possa substituir. A organização fornece uma generalização congruente de expectativas em virtude de estabelecer o reconhecimento de determinadas expectativas como condição para se ser membro de um sistema. [...] A organi-

zação pode criar certezas novas, sem história e, de acordo com o famoso dito de Kirchmann, reduzir a lixo, de uma penada, bibliotecas inteiras, mas isto só mediante decisões que se tornam história nos sistemas sociais organizados e nunca se podem alterar de uma só vez (LUHMANN, 2005, p. 99).

Para seguir com a redução da complexidade, os sistemas complexos desenvolvem uma diferenciação interna em subsistemas. Cada um destes subsistemas possui suas próprias generalizações de expectativas de comportamento específicas, mas, ao mesmo tempo, todos os subsistemas são interdependentes e frequentemente causam perturbações quando ultrapassam suas fronteiras e penetram em outros subsistemas. Não se esgotam os exemplos da intromissão do sistema econômico no sistema político e vice-versa. Políticos se comunicando através do dinheiro e empresários através do poder político. Devido aos evidentes problemas gerados por essas invasões, “a preservação de uma certa autonomia dos sistemas parciais é uma exigência inevitável das sociedades altamente complexas, e que se deve repetir ainda nos seus sistemas parciais mais complexos” (LUHMANN, 2005, p. 102).

É fundamental entender, principalmente para este trabalho, o processo básico de redução de complexidade, a qual “tem lugar, de modo inevitável, no decurso do tempo mediante o traslado do futuro, que ainda está aberto nas suas possibilidades, para o passado imutável” (LUHMANN, 2005, p. 105). Para Luhmann, o problema fundamental da sociologia é a complexidade e a conseqüente tentativa humana de reduzi-la. Com isto em mente, este sociólogo alemão observou como um elemento fundamental do cotidiano humano, a *confiança*, consiste exatamente em um mecanismo de redução de complexidade.

UM MECANISMO DE REDUÇÃO DA COMPLEXIDADE SOCIAL

Com a complexidade social como problema fundamental, Luhmann publica, em 1968, o livro *Vertrauen: Ein Mechanismus der Reduktion sozialer Komplexität* (Confiança: um mecanismo de redução da complexidade social) na tentativa de oferecer uma definição clara do que é o fenômeno da confiança, utilizando sua nascente *Systemtheorie* como ponto de vista.

Luhmann afirma que “são caos e medo paralisante as únicas alternativas à confiança” (LUHMANN, 2000b, p. 01, em livre tradução). O fator fundamental para o qual se faz necessária a confiança entres os indivíduos é a imprevisibilidade do comportamento dos *outros*. Esta imprevisibilidade foi conceituada por Parsons e retomada por Luhmann através do teorema da “dupla contingência” (*double*

contingency em Parsons; *doppelte Kontingenzen* em Luhmann), conceito necessário para dar conta da possibilidade de interação entre os indivíduos, e da possibilidade da própria ordem social. A consciência desta dupla contingência é uma forma direta de os indivíduos vivenciarem a complexidade social, e por isso se fazem necessários mecanismos que diminuam estas contingências, pré-selecionem as possibilidades de ações dos indivíduos e, conseqüentemente, reduzam a variedade de comportamentos esperados possíveis. “Através da existência de um alter ego, o ambiente dos seres humanos torna-se o mundo da humanidade” (LUHMANN, 2000b, p. 08, em livre tradução).

Contingência, neste contexto luhmanniano, significa a possibilidade de qualquer seleção dentre as múltiplas possíveis, deixando outras escolhas abertas. Esta contingência não significa dependência mútua, mas a seleção entre diversas alternativas por dois sistemas psíquicos autônomos, num movimento circular que produz indeterminância. É por este processo de dupla contingência que a interação se torna sistema social. Neste ponto, a solução para este problema fundamental da dupla contingência difere entre os dois autores. Para Parsons, a interação seria garantida pelo compartilhamento de normas e valores, numa mesma herança cultural. Havia aí uma certa presunção de consenso, colocando muita ênfase na socialização dos indivíduos. Já em Luhmann, a dupla contingência passa a ser vista como um problema constantemente renovado, em cada interação, o que insere uma instabilidade básica nos sistemas. Para o sociólogo alemão, não há consenso e, portanto, a solução não está nas normas compartilhadas, mas requer comunicação e sua ordenação através da formalização em sistemas e meios de comunicação simbolicamente generalizados. “O sistema regula a insegurança, pois ele [...] estrutura as possibilidades de comunicação” (BARALDI et al, 1997, p. 39, em livre tradução). Esta comunicação acaba, no entanto, por inserir novas contingências e, portanto, nova complexidade à interação. “A condição de dupla contingência inicia comunicação e essa comunicação inevitavelmente constitui um sistema social como uma rede de seleções reciprocamente significativas – o que reproduz o mesmo problema de dupla contingência” (VANDERSTRAETEN, 2002, p. 88, em livre tradução).

CONFIANÇA E TEMPO

A problemática da confiança possui uma relação direta com o *tempo*. “Quem demonstra confiança, antecipa o futuro. Ele age como se o futuro para ele fosse mais seguro” (LUHMANN, 2000b, p. 09, em livre tradução). Da mesma forma que outros mecanismos de redução da complexidade, alguns já citados em páginas

anteriores, a confiança utiliza generalizações de comportamentos baseados na experiência prévia do sistema ou do indivíduo. Isso ocorre tanto para influenciar as ações dos indivíduos, quanto para compreender as ações dos outros indivíduos e formar expectativas sobre as possíveis reações destes em relação às ações daqueles. Estas generalizações são jogadas nas expectativas das ações futuras, tentando tornar este futuro esperado em presente real.

O passado já é complexidade reduzida. É evento já realizado, escolha já feita e aceita. Por isso o passado serve como referência para as ações futuras. “Nos mundos confiados, o passado domina o presente e o futuro. No passado, não existem mais ‘outras possibilidades’” (LUHMANN, 2000b, p. 23, em livre tradução). Através deste processo, essa dimensão temporal da confiança dissolve o problema da ação inesperada, ocultando assim a contingência social. Dessa forma, a constituição de sentidos num mundo confiável torna-se anônima. “A essa forma de constituição anônima correspondem como meios de comunicação a verdade e como estilo notório a familiaridade” (LUHMANN, 2000b, p. 21, em livre tradução). Por isso, a confiança só é possível neste mundo familiar. Aquele sistema ou indivíduo que cumpre com os comportamentos esperados, torna-se mais previsível, portanto, mais seguro na vista dos outros, torna-se familiar. Da mesma forma, quem costuma romper com as convenções sociais torna-se “insegurança”, imprevisível. Essa familiaridade é um pressuposto para a confiança e também para a desconfiança, já que o familiar não é necessariamente algo favorável ou desfavorável. “Familiaridade, neste sentido, possibilita expectativas relativamente seguras e com isso também uma absorção de riscos permanecidos” (LUHMANN, 2000b, p. 22, em livre tradução). Estas expectativas, como acaba de ser dito, são apenas relativamente seguras. Aí entra uma característica comum em mecanismos de redução da complexidade social: a *indiferença*. Indiferença em relação às possíveis decepções. Nos processos de redução de complexidade, a complexidade é, de certa forma, ignorada, para que se possa agir *como se* esta não existisse.

No ato de confiar a complexidade do mundo futuro é reduzida. O agente cheio de confiança se engaja como se no futuro só houvessem algumas determinadas possibilidades. Ele define seu presente futuro num futuro presente. Ele faz aos outros seres humanos a oferta de um determinado futuro em um futuro comum, que não segue se resignando ao passado comum, mas que ao invés disso abrange algo novo. Familiaridade e confiança são, portanto, meios complementares de absorção de complexidade, e, como passado e futuro, atados um ao outro (LUHMANN, 2000b, p. 24, em livre tradução).

CONFIANÇA E RISCO

Um elemento fundamental da confiança é que ela pressupõe *risco*. De acordo com Luhmann, “cada vez mais situações perigosas são consideradas não, como em formas societais antigas, como o resultado da natureza, de Deus ou do destino, mas como o resultado de decisões” (LUHMANN *apud* HOLMSTRÖM, 2007, p. 258, em livre tradução), as quais impõem ao sujeito que decide responsabilidade pelas possíveis consequências. Uma ação baseada na confiança tem de ter a possibilidade da ruptura da confiança maior do que as vantagens obtidas através dela. Sem esse risco, torna-se apenas *esperança*. “Confiança reflete contingência, esperança elimina contingência” (LUHMANN, 2000b, p. 29, em livre tradução). A confiança tem de poder ser “enganada”, nunca são oferecidas informações suficientes para se agir com total segurança. Confiança é, “como percebeu *Simmel*, uma mistura de saber e não saber” (LUHMANN, 2000b, p. 31, em livre tradução). Por essa razão, Luhmann percebe que, no processo de confiança, muitas informações são encobertas.

O mundo objetivo possui uma complexidade muito maior do que o sistema; ele abarca mais possibilidades [...]. O sistema interpreta o mundo de forma seletiva, encobre a informação que ele recebe, reduz a complexidade externa do mundo em um perímetro onde ele possa orientar-se com significado, ganhando assim possibilidades estruturadas de experiências e comportamentos próprios. A redução pode ocorrer intersubjetivamente e segue assim para um conhecimento, que é socialmente garantido e, portanto, vivenciado como “verdadeiro”. Nesses casos o sistema substitui informações externas por informações internas, por exemplo, por premissas estruturadoras do próprio processamento das experiências que ele já aprendeu. (LUHMANN, 2000b, p. 39, em livre tradução).

A inteligência humana seleciona as informações aparentemente mais relevantes e as reinterpreta da maneira que lhes conferirá sentido. Este processo deixa várias lacunas na compreensão da experiência, que são preenchidas por elementos estruturais abstratos, dando uma aparência mais segura à existência. Através desses elementos, o sistema posterga decisões, ganhando tempo e possibilitando a ação imediata. Dessa forma, mesmo sem informações concretas anteriores ao momento onde a confiança aparece como necessária, se pode confiar. Por essa razão, Luhmann escreve que “confiança é informação encoberta, consiste em que o confiador, em certos contornos, já sabe, já está informado, mesmo quando não possui densidade suficiente, não completamente, não fiável” (LUHMANN, 2000b, p. 40, em livre tradução).

Em sociedades mais simples, nas quais as pessoas se conhecem umas as outras em uma medida muito maior do que nas sociedades complexas, a confiança aparece como norma e a desconfiança como transgressão à boa vivência social. Nestes casos, confiança e justiça não se separam. “O desconfiado, sob tais circunstâncias, não pode dar expressão aos seus sentimentos e apreensões, sem se isolar socialmente” (LUHMANN, 2000b, p. 42, em livre tradução). Já nas sociedades modernas complexas, a separação entre confiança e justiça é inevitável e, portanto, os riscos são individualizados. Não existe decisão livre de riscos, além do que, “no mundo moderno não decidir é, claro, também uma decisão” (LUHMANN, 1993, p. 27, em livre tradução). Neste sentido, as garantias mais concretas, que dão um ar de proteção à situação na qual o indivíduo que confia se encontra, jazem na ideia de que o indivíduo, objeto da confiança, deseje, por qualquer razão, o prolongamento do relacionamento e, portanto, tema as sanções implícitas para a ocasião em que este deseje quebrar a confiança daquele. Algo esclarecedor desta situação é o exemplo utilizado por Russell Hardin (2004) quando trata da confiança como interesse encapsulado. Hardin usa um momento da obra “Os Irmãos Karamazov” do escritor russo Fiódor Dostoiévski, no qual o personagem Dmitry Karamazov conta a história de um tenente coronel que se envolve em um esquema de corrupção com um mercador chamado Trifonov. O tenente coronel emprestava uma soma substancial do dinheiro administrado por ele à Trifonov, e este retornava com a quantia mais o lucro, retirada, naturalmente, sua parte. Hardin nos conta que enquanto o relacionamento seguia com ambos lucrando, o tenente coronel podia confiar tranquilamente em Trifonov, e este nele (HARDIN, 2004, p. 02). Certo momento, o tenente coronel foi substituído do seu comando. Logo em seguida, pediu para Trifonov o retorno das 4500 rublas que tinha lhe emprestado, recebendo uma negativa deste, já que tal “negócio” nunca havia existido. A ideia de Hardin, que se liga a esta de Luhmann, é que a confiança entre estes dois homens só se mantinha pelo desejo de ambos em continuar com o relacionamento. Naturalmente, essa ideia da garantia de um ambiente de confiabilidade através da duração dos relacionamentos pode e deve ser estendida ao sistema social inteiro. De acordo com Luhmann,

[...] em contextos sociais que são estruturados dessa maneira, a saber, através da otimização da relativa duração dos relacionamentos, dependência mútua e um momento de imprevisibilidade, se encontra um solo fértil favorável aos relacionamentos de confiança. Aí domina a lei do reencontro. Os participantes devem sempre poder se olhar nos olhos novamente (LUHMANN, 2000b, p. 46, em livre tradução).

CONFIANÇA E LIBERDADE

Para o desenvolvimento dos relacionamentos pessoais de confiança é exigido, primeiramente, que as ações sejam vistas como pessoais (LUHMANN, 2000b, p. 51). Para serem vistas como pessoais, os sujeitos das ações têm de ter liberdade para agir. A liberdade de ação dos indivíduos é o que torna a vida social ainda mais contingente, por consequência, mais complexa. É a clássica ideia da preocupação com a imprevisibilidade das ações dos outros indivíduos. O próprio Luhmann comenta que esta imprevisibilidade, quando foi analisada por Thomas Hobbes, se observou como uma solução para o problema da figura do Estado autoritário, o Leviatã. (LUHMANN, 2000b, p. 07). Com isto em mente, podemos compreender as experiências fracassadas do fascismo, do comunismo e do corrompimento da confiança nos países que sofreram sob estes regimes que cortaram a liberdade dos indivíduos e tentaram eliminar essa imprevisibilidade dos comportamentos e ações. Particularmente no caso do leste europeu, como demonstra Piotr Sztompka na sua obra “*Trust: A Sociological Theory*” (1999), a “*cultura de bloco*” uniformizante teve como efeito a extrema desconfiança no público e a confiança cega na esfera privada. Estes exemplos evidenciam a ligação entre liberdade e confiança. Liberdade esta que traz responsabilidade. Responsabilidade das pessoas sobre as suas escolhas, sobre os seus atos. Liberdade que transforma a ação em ação pessoal, “a qual se arca pessoalmente com a responsabilidade” (LUHMANN, 2000b, p. 51, em livre tradução).

Vimos acima que um indivíduo ou sistema é familiar se seu comportamento for o comportamento aceito como tendo sentido. Disto, Luhmann percebe algo que Simmel (1992) também havia percebido: “que o estranho não confiável goza de mais liberdade e pode agir mais desprevenido” (LUHMANN, 2000b, p. 82, em livre tradução), pois, por já não estar sendo digno de confiança, não necessita manter as convenções. Um indivíduo permanece como confiável quando mantém ao mesmo tempo sua *auto-representação* (*Selbstdarstellung*) como familiar. Neste sentido, um indivíduo poderia até ganhar confiança através de uma auto-representação falsa, mas ele só pode manter esta confiança se mantém também essa representação. “Confiança se acumula como uma espécie de capital que abre mais possibilidades às ações de maior alcance, mas também deve ser utilizada e cuidada continuamente” (LUHMANN, 2000b, p. 84, em livre tradução). Dessa forma, nessa submissão às condições de confiança, o indivíduo ou sistema mostra que busca ganhar confiança.

Isto se refere não mais a que o outro permaneça o que é, mas que ele continue com sua auto-representação e se sinta conectado pela história da sua auto-repre-

sentação. Na medida em que essa reflexividade se torne consciente, também se tornará a confiança pessoal uma variante da confiança sistêmica. [...] Apenas essa forma da confiança pode tornar consciente a função da confiança, a função da redução de complexidade frente à liberdade dos outros seres humanos, e assim encontrar uma orientação. [...] O alicerce de toda confiança é a representação do seu próprio *self* como uma identidade social, construída em interações e correspondente ao ambiente (LUHMANN, 2000b, p. 80, em livre tradução).

Luhmann faz o alerta de que isso não significa de forma alguma um conformismo. O conformismo de papéis, ao contrário, não oferece muita ocasião a essa auto-representação. Para ser visto como um *self* é preciso aceitar expectativas estranhas, não simplesmente se adaptar.

CONFIANÇA, REFLEXÃO E DESCONFIANÇA

As ordens sociais complexas exigem que os mecanismos cognitivos dos indivíduos se tornem mais reflexivos. Estes mecanismos reflexivos, quando se institucionalizam, aumentam o potencial de complexidade que essa ordem social pode suportar. “Enquanto na confiança pessoal reflexividade é um fenômeno excepcional, a confiança sistêmica ergue-se em cima de que os outros também confiem e que essa comunhão de confiança se torne consciente. [...] A base racional da confiança sistêmica está na confiança do outro” (LUHMANN, 2000b, p. 92, em livre tradução).

É fundamental entender que *confiança* e *desconfiança* são dois lados da mesma moeda. São equivalentes funcionais, e, portanto, se deve escolher entre um ou outro. Ambos reduzem a complexidade social, só que enquanto a confiança o faz mirando expectativas positivas no seu objeto, a desconfiança observa essas expectativas como negativas. Enquanto a confiança induz a cooperação entre os indivíduos, a desconfiança torna o seu objeto algo ruim, algo a ser combatido. Por essa razão, por essa cautela com o inimigo, a desconfiança perde frequentemente sua consciência, tornando-se rotina, principalmente nas relações impessoais. Dessa forma, a desconfiança produz simplificações, pois se torna fortemente dependente de apenas poucas informações. “Expectativas negativas são muito complexas para a desconfiança, pois elas pouco excluem. [...] Confiança, por outro lado, é psicologicamente o caminho mais leve” (LUHMANN, 2000b, p. 94, em livre tradução). Nas relações pessoais, a desconfiança é transformada em comportamento desconfiado. O desconfiado pode desejar mostrar sua insatisfação, se deseja que o relacionamento continue. O objeto dessa desconfiança normalmente se recusa a observar

em si as causas dessa atitude e geralmente responde também com desconfiança. “A desconfiança tem, pois, uma tendência inerente de se ratificar e fortalecer na relação social – [...] [tendência] a qual Merton, sob a designação ‘*self-fulfilling prophecy*’, dedicou um clássico ensaio” (LUHMANN, 2000b, p. 98, em livre tradução).

A DISPONIBILIDADE E A RACIONALIDADE DA CONFIANÇA

Para estar preparado para receber confiança, um sistema ou um indivíduo necessita dispor de segurança interna. “Logo, o problema da disposição para confiança consiste não de um acréscimo de segurança sob diminuição adequada de insegurança; ele está, ao contrário, em um acréscimo de insegurança sustentável ao custo de segurança” (LUHMANN, 2000b, p. 104, em livre tradução). Uma forma de garantir essa disposição está em outro elemento de redução de complexidade: o afeto sentimental a determinados objetos ou pessoas. Um exemplo fundamental disso é a forma básica de aprendizado sobre a confiança em todos os seres humanos, a fixação sentimental do bebê em relação aos pais. A necessidade humana de se apegar a outros torna o sentimento uma base para relacionamentos de confiança, mesmo quando o sentimento não está exatamente presente. Outra forma de disposição para confiar está na própria autoconfiança do indivíduo em relação à sua auto-representação como alguém confiável. “Quem confia se representa como alguém cujo Ser está disposto a presentear confiança” (LUHMANN, 2000b, p. 109, em livre tradução). Em todos os casos, esta disponibilidade depende muito também de fatores estruturais do sistema, algo como a *cultura da confiança* da teoria de Piotr Sztompka (1999).

No final da sua obra sobre a confiança, Luhmann tenta esclarecer a racionalidade desta. Confiança, de acordo com ele, não é um meio escolhido para um determinado fim. Não se insere em um modelo de cálculo meio/fim. Esses modelos de cálculo são, na verdade, equivalentes funcionais da confiança, já que estes também pretendem reduzir a complexidade social. Mas sob o ponto de vista da sua função de redutora de complexidade, a confiança é racional. Sem ela, apenas formas simples de cooperação humana seriam possíveis, se alguma sequer fosse. A confiança aumenta o potencial de ação de um sistema social. “Através da confiança, um sistema ganha tempo, e tempo é a variável crítica na construção de estruturas sistêmicas mais complexas” (LUHMANN, 2000b, p. 117). Da mesma forma, é racional a desconfiança como proteção frente à uma insegurança muito grande. A confiança é bem mais rapidamente transformada em insegurança do que o contrário. Daí a analogia ética que diz que “a confiança deve ser a regra e

a desconfiança a exceção, que na dúvida a confiança ganhe a preferência, mas deixando espaço para a desconfiança” (LUHMANN, 2000b, p. 119, em livre tradução).

CONCLUSÃO

Na obra de Luhmann observei como a confiança está ligada ao problema fundamental da existência humana, que, por sua vez, também é um problema fundamental da sociologia: a *complexidade*. A extrema complexidade frente à limitada capacidade do conhecimento humano nos faz desenvolver mecanismos para podermos tolerar esta contingência, para assim podermos agir e exercitar nosso desejo de viver. A confiança se manifesta sob diversas formas na vida humana: ela pode estar presente tanto nas nossas relações mais íntimas quanto nas nossas relações com figuras abstratas como as instituições e organizações sociais. Ela traz o passado bem-sucedido para as expectativas de um futuro mais seguro, menos complexo, fazendo, normalmente, com que esta profecia se auto-realize, mas tendo sempre presente a possibilidade de que o contrário ocorra. Colocamos cobertas nas contingências para não as enxergar e dessa forma podermos agir com menos receio. Se isto não for possível, invertemos os pólos e mostramos toda nossa insatisfação através da desconfiança.

A confiança é como a *dádiva*, ela não pode ser exigida, ela é oferecida e, depois de aceita, exige que seja respeitada, preservada e retransmitida. A confiança é racional, à sua maneira, como é racional a ideia de que se todos formos confiáveis, sem o intermédio de entes superiores tentando forçar a retirada da contingência, nossa existência se tornará mais prazerosa, pois nosso leque de possibilidades de ação será maior, sem que com isto limitemos as ações dos outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARALDI, Claudio; CORSI, Giancarlo; ESPOSITO, Elena. *GLU : Glossar zu Niklas Luhmanns Theorie sozialer Systeme*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997.
- COHN, Gabriel. As diferenças finas: de Simmel a Luhmann. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 13, n. 38, 1998. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300003&lng=en&nrm=iso>
- GAMBETTA, Diego (org.). *Trust: Making and Breaking Cooperative Relations*. Oxford: Basil Blackwell, 1988.
- HARDIN, Russell. *Trust*. Cambridge: Polity Press, 2006.
- HARDIN, Russell. *Trust and Trustworthiness*. New York: Russell Sage Foundation, 2004.
- HOLMSTRÖM, Susanne. Niklas Luhmann: “Contingency, risk, trust and reflection”. *Public Relations Review*, Vol. 33: 255–262, 2007.

- LUHMANN, Niklas. *Essays on Self-Reference*. New York: Columbia University Press, 1990.
- LUHMANN, Niklas. "Familiarity, Confidence, Trust: Problems and Alternatives". In: GAMBETTA, Diego (org.) *Trust: Making and Breaking Cooperative Relations*. Oxford: Basil Blackwell: 94-107, 2000a.
- LUHMANN, Niklas. "Sociologia como teoria dos sistemas sociais". In: SANTOS, José Manuel (org). *O pensamento de Niklas Luhmann*. Universidade da Beira Interior, 2005
- LUHMANN, Niklas. *Soziale Systeme: Grundriß einer allgemeinen Theorie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1994.
- LUHMANN, Niklas. *Risk: A Sociological Theory*. Berlin & New York: Walter de Gruyter, 1993.
- LUHMANN, Niklas. *Vertrauen: ein Mechanismus der Reduktion sozialer Komplexität*. Stuttgart: Lucius und Lucius, 2000b.
- SANTOS, José Manuel (org). *O pensamento de Niklas Luhmann*. Universidade da Beira Interior, 2005.
- SIMMEL, Georg. *Soziologie: Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1992.
- SZTOMPKA, Piotr. *Trust: A Sociological Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- SZTOMPKA, Piotr. "Trust, Distrust and Two Paradoxes of Democracy". *European Journal of Social Theory*, v. 1, n. 1, p. 19-32, 1998.
- VANDERSTRAETEN, Raf. Parsons, Luhmann and the Theorem of Double Contingency. *Journal of Classical Sociology*, Vol. 2 (1), p. 77-92, 2002.

LISTA DE PARECERISTAS *AD HOC* DO VOLUME 23

Alexandro Henrique Paixão	UNICAMP, Campinas, SP
Bernardo Lazary Cheibub	UFU, Niterói, RJ
Brenda Carranza	PUC, Campinas, SP
Daniela Vieira dos Santos	UNICAMP, Campinas, SP
Guilherme Leite Gonçalves	UERJ, Rio de Janeiro, RJ
Jefferson Agostini Mello	USP, São Paulo, SP
João Paulo Bachur	IDP, Brasília, DF
José Antonio Segatto	UNESP, Araraquara, SP
Julio Roberto Groppa Aquino	USP, São Paulo, SP
Laurindo Dias Minhoto	USP, São Paulo, SP
Leonardo dos Passos Miranda Name	UNILA, Foz do Iguaçu, PR
Luciana Maria de Aragão Ballestrin	UFPel, Pelotas, RS
Massimo Bonato, doutor em Sociologia	USP, São Paulo, SP
Maria Alice de Faria Nogueira	Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ
Márcia Azevedo de Abreu	UNICAMP, Campinas, SP
Palloma Valle Menezes	FGV, Rio de Janeiro, RJ
Pedro Alcides Robertt Niz	UFPel, Pelotas, RS
Rita de Cássia Marchi	FURB, Blumenau, SC
Tânia Mara Cruz	UNISUL, Tubarão, SC
Verena Hitner Barros	doutora em Estudios del Desarrollo, CENDES, Caracas, VEN

Comissão Editorial

Plural - Revista de Ciências Sociais do
Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP
Av. Prof. Luciano Gualberto, 315. CEP 05508-900 – São Paulo
São Paulo - Brasil
E-mail: plural@usp.br / Site: <http://revistas.usp.br/plural>